CENTENÁRIO DE PETRÓPOLIS

VOL. IV

116 C

TRABALHOS



DA

COMISSÃO DO CENTENÁRIO

P. M. P.
Diretoria de Educação e Cultura
1 9 4 1

981.532
P 497e
0.4
ex.3

MUSEU IMPERIAL
Divisão de Documentação
Histórica
672
60

PREFEITURA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS

COMISSÃO DO CENTENÁRIO

Ativaram-se sobremaneira, os trabalhos da COMISSÃO DO CENTENÁRIO DE PETRÓPOLIS, *no decorrer de 1941. Para facilitar a tarefa, o presidente Magalhães Bastos estabeleceu a criação de várias Sub-Comissões, e reuniões plenárias todo o último sábado de cada mês. Foi aprovado o Plano Geral das comemorações centenárias. Várias iniciativas teem sido elaboradas pelas Sub-Comissões, e à medida que vão sendo aprovadas seguem para o exame e decisão final do exmo. sr. Prefeito, que, na pessoa do dr. Cardoso de Miranda continuam a merecer todo o estímulo e apoio.*

Petrópolis, 2 de Dezembro de 1941.

ALCINDO SODRÉ

Secretário Geral

CORRÊAS

FUTUROSA LOCALIDADE DO MUNICÍPIO DE PETRÓPOLIS SITUADA EM FAVORAVEL POSIÇÃO ENTRE AS SERRAS DA ESTRELA E DOS ÓRGÃOS

RESENHA DE SUAS ORIGENS E DE SUA EVOLUÇÃO

ANTÔNIO MACHADO
(JOÃO FERNANDES)

da Academia Petropolitana de Letras, da Comissão do Centenário de Petrópolis, do Instituto Histórico de Petrópolis.

REVISTO E ANOTADO POR *LOURENÇO L. LACOMBE*

Um trabalho como este dispensa apresentação ; ela está contida no próprio nome do autor : *Antônio Machado*. Um nome que é um símbolo. Ninguem melhor para escrever a história de Corrêas, da qual era conhecedor e apreciador como nenhum outro. E era exatamente de extranhar o fato de não a haver publicado... Porisso, como quem encontra uma coisa muito procurada, deparei, inesperadamente, entre papeis seus, (a mim confiados pela gentileza cativante da Exma. Viuva Machado) com o manuscrito desta monografia. Eram perto de 150 folhas de almasso, onde se alinhavam coladas, corrigidas e anotadas as suas melhores crônicas referentes ao assunto.

À primeira vista pareceu-me um trabalho pronto para imprimir. Tanto que, com a devida vênia de sua Depositária, propuz-me encaminhá-lo à Comissão do Centenário para a imediata publicação. Depois de um exame e leitura demorada, concluí carecer o trabalho revisão e anotações, dispondo-me logo a fazê-los.

Quero explicar assim, qual foi minha colaboração, profanando esse trabalho de Machado, que ora sái impresso. Em primeiro lugar achei justo retirar o pseudônimo com o qual assinava o livro, substituindo-o pelo seu próprio nome. A seguir alterei um pouco a ordem dos capítulos, reunindo os assuntos um pouco dispersos. Como o livro fosse destinado a auxiliar a conclusão das obras da Capela de Corrêas, vinha o pseudônimo seguido apenas do seguinte título : «*Da Comissão Construtora da Igreja de Nossa Senhora do Amôr Divino*». De fato, foi Machado membro eficientíssimo da Comissão incumbida de levantar a Igreja de Corrêas, neste trabalho despendendo o melhor de seus esforços, já despertando energias para essa cruzada de fé, já doando (e que doação !) o altar, a ima-

gem e alfaias históricos da casa onde morava, incorporando assim, definitivamente, essas preciosidades ao patrimônio do lugar.

A cláusula «*destinando-se todo o resultado pecuniário da edição a auxiliar a conclusão do interessante santuário*» tornava impossivel a publicação deste trabalho pela Comissão do Centenário. A família Machado, por sua vez, não podia, no momento, correr os riscos de uma edição por conta própria. Assim, num entendimento havido entre a Comissão do Centenário e a Exma. Viuva Machado, ficou resolvido o impasse: a desistência da cláusula ideada por Antônio Machado.

A obra manuscrita aqui apresentada traz a data de 1932; tornava-se porisso necessário atualizar certos pontos, o que foi feito, sem alterar em nada a feição do escrito

Machado, um mestre da história petropolitana nunca publicou um livro! Deixou porém, colecionados seus trabalhos na imprensa, anotados e modificados, completando assim dois volumes certamente esperando vê-los impressos. Impediu-lhe este sonho a morte prematura. Sái, porisso, seu primeiro livro, com sinais evidentes de profanação, o que, infelizmente, não poude ser evitado. A obra, porém, não foi absolutamente alterada.

Corrêas, agosto, 1939
LOURENÇO L. LACOMBE

PREFÁCIO de Antônio Machado



este livro publicado sob os auspícios da comissão incumbida da construção da igreja de Nossa Senhora do Amor Divino, de Corrêas, destinando-se todo o resultado pecuniário da edição a auxiliar a conclusão do interessante santuário.

Enfeixam-se, aqui, aumentadas e corrigidas, várias croniquetas devidas a um vago joão-fernandes, às quais a «Tribuna de Petrópolis» proporcionou há tempos, generosamente, animadora acolhida.

Registrando assuntos que se prendem à vida antiga e contemporânea de Corrêas, baseiam-se as narrativas no estudo da parca tradição já publicada, em duas «reminiscências de família», manuscritas, em vários documentos forenses que ao escrevinhador foi dado compulsar, na observação própria, e nas informações de algumas pessoas fidedignas.

Trabalho sem arte literária, representa apenas o nobre esforço de quem pretende prestar a homenagem da sua gratidão ao aprazivel recanto fluminense, a cujo clima privilegiado deve, abaixo de Deus, o estar ainda vegetando neste vale de lágrimas.

Dezembro de 1932.

CAPÍTULO I

RIO DA CIDADE

A estrada geral de Minas teve o itinerário seguinte no território que formou o município de Petrópolis: subindo pela serra da Estrela, atravessava o sítio do Córrego Seco e descia ao do Itamaratí, transpondo o rio deste nome por uma ponte de madeira; atravessando a Samambaia seguia o vale do Piabanha, lado direito, beirando os sítios do Corrêa e da Ponte; no Corrêa vadeava o rio Morto; ao termo do sítio da Ponte, cruzava o Piabanha por outra ponte de madeira e continuava à margem esquerda, beirando os sítios de Bom Sucesso, Manga Larga, Magé (atual bairro La Roque), Itaipava (atual herdade Smith de Vasconcelos), Sumidouro e Pedro do Rio; neste ponto abandonava o Piabanha fazendo a escalada para o Alto Pegado, de onde descia para os vales do Secretário e do Fagundes, limite do nosso município. Havia ponte sobre o rio Secretário.

Vencido o Fagundes, tambem por uma ponte de madeira, tomava a estrada o rumo da vila de Paraíba do Sul. O traçado obrigava a uma única travessia do Piabanha e evitava a dos afluentes Bom Sucesso e Santo Antônio.

Nesse percurso, tinha a estrada mineira algumas variantes de importância. No fim do sítio da Ponte, depois de transposto o Piabanha, um caminho investia por Bom Sucesso, prolongava-se pelo vale do rio Araras, e bifurcava-se: num

ramo que vencia a serra de Maria Comprida e, pelo sítio da Rocinha, chegava ao do Fagundes e entroncava na estrada normal que conduzia à vila de Paraíba ; e noutro ramo, bem mais longo, que contornava a Maria Comprida e reunia-se ao caminho que procedia da Taquara, caminho este que rompia por Marcos da Costa chegando à margem do Paraíba, no lugar denominado Ubá, depois de atravessar Santa Catarina e Patí do Alferes. Da estrada que subia por Bom Sucesso divisavam-se, distantes, as edificações do Rio da Cidade, grande fazenda fundada pelos primeiros colonisadores das nossas latitudes, núcleo de onde partiu evidentemente o surto das propriedades circumvizinhas. As terras ainda hoje conhecidas por esse nome confinavam com a Engenhoca, o Carangola, o Inglês, Araras, Bom Sucesso ; e, pelo leito do Piabanha, com o Corrêa e a Ponte.

E' interessante registrar a origem do nome extravagante do rio da Cidade que, nascendo acima da fazenda Inglêsa, desagua no Piabanha, unido ao rio Araras. Na serra do Facão, onde hoje está a fazenda Inglêsa, existia na antiguidade numerosa povoação de índios, banhada pelo tal rio. Tão grande era o aldeiamento, que os primeiros brancos e africanos o consideravam a cidade, em relação às tabas menores que se estendiam nos sertões circunvizinhos.

A enorme propriedade agrícola Rio da Cidade, embora não atravessada pela estrada geral de Minas, teve contudo seu território cortado por alguns caminhos vicinais por onde transitavam tambem viajantes e cargueiros da capitania central. Do sítio do Itamaratí, pelo Carangola, ou do sítio da Samambaia, um ramal abria comunicação para a fazenda Rio da Cidade, atravessando-a de um lado ao outro e reunindo-se ao caminho de Bom Sucesso que dava trajeto tanto para Ubá como para a Paraíba. O atalho deve ter tido certa preferência ; mas em princípios do século passado não estava mais em uso sinão para os habitantes das fazendas locais.

Monsenhor Pizarro, todavia, na visita diocesana que nessa época fez à freguesia, chegou a acreditar que essa comprida variante que fazia a ligação da atual Cascatinha com a ponte do Fagundes sempre por dentro das fazendas Rio da Cidade e Araras, sem passar pelos atuais povoados de Corrêas, Itaipava e Pedro do Rio, — tenha sido o primitivo traço da estrada dos mineiros. Ainda hoje seguindo-se pelo Carangola se poderá ir quasi em linha reta até à Maria Comprida.

Outras estradas públicas existiam ainda : a que escalava as nossas alturas pela serra da Taquara, em chegando ao sítio já então denominado Duas Pontes, dirigia-se ao Bingen e ao Inglês. Do Bingen, um caminho demandava Ubá, travessia do Paraíba, recebendo em certo ponto o ramal que do Piabanha subia por Bom Sucesso e Araras. Do Inglês, um ramal descia até ao Rio da Cidade, de onde poderia tomar o rumo da vila de Paraíba. Tropeiros havia, porém, que em vez de seguirem pelo Inglês para o Fagundes, via Rio da Cidade, preferiam atravessar o Córrego Seco e tomar a estrada geral que descia por Quissamã e Itamaratí. Todos esses caminhos que encurtavam a jornada porque evitavam o vale do Piabanha e a ascenção do Alto Pegado, tornavam, entretanto, a marcha muito penosa quando chegava o momento de vencer as veredas alcantiladas por trás da Maria Comprida afim de chegar à Rocinha e ao Fagundes

Como ponto de passagem de caminhantes entre Minas e a Estrela ou a Taquara, ainda em 1844 existiam no Rio da Cidade grandes ranchos e uma venda. Há uns quarenta ou cincoenta anos a casa da fazenda, desprezada, entrára a desmoronar. Hoje apenas uns seis tocos de esteios de jacarandá-cabiuna, que não foram arrancados, fincados, como estão, a alguns metros de profundidade, assinalam o sítio onde esteve a construção precursora das históricas vivendas coloniais que ainda subsistem, ostentando sobre a criação de Pe-

trópolis uma anterioridade de cêrca de uma centúria. No local da antiga séde da fazenda, a Companhia Brasileira de Energia Elétrica montou, há quasi quarenta anos, uma sub-estação, em ligação com as usinas de Alberto Torres, que utilizam as quédas do Piabanha e do Fagundes. Ali vieram cruzar-se com os seus, os poderosos cabos condutores da Light, vindos das usinas da Ilha dos Pombos, no Paraíba. A Brasileira, precisando aumentar sua capacidade de energia, desdobrou há cêrca de doze anos essa sub-estação, dotando-a de grande aparelhagem, formando a estação de entroncamento, intermediária entre as duas emprezas, de modo que a força possa ser fornecida reciprocamente, quando seja preciso.

Com a moderna aparelhagem, a C. B. E. E. dispendeu cêrca de oito mil contos de réis. «*O estabelecimento, verdadeiro monumento ao desenvolvimento da eletricidade*, — informa um jornal de Petrópolis de 1930 — *é uma sub-estação de socorro destinada a funcionar em casos de emergência. E' um posto de entroncamento feito de comum acôrdo entre a C. B. E. E. e a Light and Power, que fornecerá as energias de suas usinas da Ilha dos Pombos ou Ribeirão das Lages no caso de vir esta a faltar em Alberto Torres. Tem por fim exclusivo assegurar um serviço perfeito, pois que essa sub-estação transformadora tem uma capacidade de socorro de 6.000 k. w.*»

A imensa região do Rio da Cidade produzia outróra, em grande escala, a cana, a mandioca, o arrôs, o café, o milho; «as árvores frutíferas, em suas produções, não invejavam a abundância, nem a grandeza e o gosto das frutas produzidas na Europa». Mais tarde, atravessaram as terras do Rio da Cidade um período largo de abandono, aproveitadas apenas em alguns pastos, enquanto se praticava a derrubada de ár-

vores para fazer lenha ou carvão. Novo impulso está entretanto animando agora o antigo logarejo. Ali se estão estabelecendo situações agrícolas que prometem prosperar e já se encontra um bom número de excelentes casas de moradia.

CAPÍTULO II

A LENDA DO TIRADENTES

Várias localidades atravessadas por estradas que ligavam o território de Minas à capital do vice-reino, outorgam se a honra de terem estado em contacto com Tiradentes, na última e desastrosa viagem que o legendário mineiro fizera com o intuito de aliciar companheiros e induzir os regimentos cariocas à rebelião. Alimentando o piedoso sentimento de agasalhar o herói na hora do infortúnio, a imaginativa simples do roceiro, conhecendo apenas de oitiva os fastos da Inconfidência, tem inventado lendas, qual delas menos segura da realidade. Não admira, aliás: a Itália, a Espanha, Portugal, disputam ainda a glória de haverem sido berço do Descobridor da América...

Em Teresópolis vive na crença do povo a versão de que, pelo caminho que atravessava, de ponta a ponta, a fazenda dos Órgãos, passara Tiradentes no meio da escolta, que o conduzia para o suplício da forca na metrópole brasileira. A estrada de Teresópolis comunicava apenas o vale do Paraíba com Magé; não se ligava entretanto à estrada de Vila Rica...

Itaguaí pretende por sua vez a glória de ter dado pousada ao mártir nacional. Ele teria pernoitado na atual ci-

dade, acorrentado ao porão da grande residência que ali tiveram os padres jesuitas. A escolta viajára pela estrada da serra que promanava do vale do Piraí; e dirigia-se ao Rio, onde o Inconfidente ia ser executado.

Itaguaí, Teresópolis, não tiveram, evidentemente, ensejo de acolher o glorioso mártir sob a alfombra de suas árvores ou o této hospitaleiro de seus albergues...

Em Corrêas tambem o inolvidavel herói teria passado prisioneiro. Nesse futuroso subúrbio de Petrópolis existe, à beira da estrada que estabelecia contacto com Minas, uma hercúlea gameleira que, já no primeiro decênio do século passado, despertava a admiração e o comentário dos viajantes. A árvore gigantesca, então em pleno viço, poderia perfeitamente cobrir de sombra, sob a circunferência de sua copa, quando o sol a pino, a quatrocentas pessoas. Cem anos mais de vida despojavam-na da maior parte de seus ramos. Reduzida, várias vezes amputada, evidencia hoje sua decrepitude no tronco carcomido e em galhos carunchados e ôcos, onde se estabeleceu numerosa colônia de morcegos. E' conhecida pelo nome de «Figueira de Tiradentes».

Formou-se desde velhos tempos a lenda de que na famosa árvore, da mesma raça daquela em que se enforcou o apóstolo maldito, estivera preso, de pulsos nas algemas, o precursor da Independência, quando seguia escoltado para o local do patíbulo...

Ainda a 27 de Janeiro de 1930 um dos mais lidos jornais do Rio estampava excelente gravura da árvore lendária, fazendo-a acompanhar da seguinte legenda: «A secular figueira de Corrêas, onde, rezam as crônicas da História, foi amarrado Tiradentes, quando de sua prisão, na Inconfidência...

E o bom povo da roça, romanticamente inventivo, vai

acreditando que o Tiradentes viajou prisioneiro e transitou por três estradas ao mesmo tempo...

Esses equívocos se desfazem, entretanto, facilmente, porque o itinerário de Tiradentes ficou perfeitamente assinalado nos autos da devassa. Pelos interrogatórios se conhece que em dois pontos de paragem o patriota prégou abertamente os ideais da pátria independente: no sítio da Varginha (Queluz de Minas) e no sítio das Cebolas, que é hoje um distritito de Paraíba do Sul e ficou situado nas raias do município de Petrópolis. De Cebolas, o rumo natural seria chegar à atual cidade de Petrópolis e descer até ao arraial da Estrela pelas montanhas do mesmo nome ou ao arraial do Pilar pelas montanhas da Taquara. Chegado ao sopé das serras, foi pelo caminho terrestre que o alferes Tiradentes se transportou ao Rio, carregando a bolsa com as ferramentas roceiras de sua profissão odontológica e a alma transbordante de sonhos de uma pátria livre. Uma das tradições ainda viva em Jacarépaguá é o fato de que por ali passou, na viagem de propaganda revolucionária, o alferes revoltoso que dias depois havia de cair nas garras de Luís de Vasconcelos para chamar a si, estoicamente, perante a alçada, toda a responsabilidade da conjura. Até há poucos anos ainda se erguia no largo do Campinho um vetusto edifício colonial, de dois pisos, com escadaria ao lado; na parte térrea funcionavam por último uma venda e uma oficina de ferrador. Era um casarão histórico, que o povo olhava com respeito, porque servira de pousada, certa noite, ao primeiro soldado da liberdade brasileira...

Em quadras maviosas que compoz nas masmorras da Cadeia Velha, Gonzaga, o doce bardo de Vila Rica, descre-

veu, com o pensamento sempre cheio da sua Marília, a estrada das nossas montanhas, por onde teria sempre transitado. Ensinou-a a um «*sonoro passarinho*» pedindo-lhe que voasse à presença da sua amada e lhe dissesse todos os tormentos que estava suportando :

«Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o Porto da Estrela,
Sobe à serra, e se cansares,
Descansa num tronco dela.

Toma de Minas a estrada,
Na Igreja Nova, que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme à Vila Rica.» (*)

Pela estrada da margem do Piabanha teria, forçosamente, transitado a força militar que escoltou os conspiradores de Ouro Preto, envolvidos nas malhas da devassa, enquanto Tiradentes era preso no Rio. Ao tronco da figueira de Corrêas pernoitariam acorrentados os companheiros do proto-mártir da liberdade brasileira ; e a casa dos fazendeiros, que a cincoenta metros eleva sua massa imponente, teria agasalhado respeitosamente os comandantes da escolta.

Manteve-se na alma popular a recordação do episódio ; os tempos fizeram surgir a variante de que àquela árvore estivera amarrado o próprio Tiradentes. A ela não esteve acorrentado o corpo estuante de vida e palpitante de patriotismo do Inconfidente ; mas sem dúvida à sua sombra teriam pernoitado os surrões contendo o corpo inanimado da grande vítima, carregado em lombo de burro e dividido em pedaços

(*) *Igreja Nova* era então o nome de Barbacena (Manoel Bandeira — «Guia de Ouro Preto» pg. 140).



A Figueira de Tiradentes



A Figueira de Tiradentes

que foram sendo pregados em postes, nos sítios de maior povoação, e naqueles em que o «infame réo» pregara seus «abominaveis projetos» com «pérfido ânimo» e «escandalosa ousadia».

Por ocasião das grandes homenagens que a população de Petrópolis prestou, em Janeiro de 32, à memória dos fundadores da «rainha das serras», o consagrado estilista Carlos Maul proferiu um dos mais brilhantes discursos pronunciados durante as solenidades. Pertencem à vibrante oração as seguintes palavras :

«*Bem perto daqui descansou, numa das suas excursões misteriosas, o Conspirador Glorioso, o que morreu em holocausto ao sonho da independência republicana ; lá está ainda, em Corrêas, braços abertos, na eternidade da sua juventude, a figueira brava que deu sombra ao herói e mais tarde viu o regresso de um fragmento do seu corpo esquartejado para escarmento dos ideólogos que se atrevessem a bemquerer a liberdade.*»

Um braço do mártir esteve exposto em Cebolas, recanto fluminense indicado nominalmente no vereditum da alçada. A histórica localidade, por um decreto de 1896, passou a denominar-se Santa Ana de Tiradentes.

A lendária árvore, que suporta heroicamente os ultrajes do tempo, tem sido objeto de várias superstições impressionantes. Moradores antigos das redondezas asseguram que, antigamente, a sombra trágica de Tiradentes, metido no camisolão dos condenados, ali aparecia, na hora das doze badaladas, a arrastar pelo chão a corda presa ao pescoço...

Muito se tem escrito sobre a árvore que abrigou Tiradentes.

Num estudo sobre «O Café em Petrópolis», de autoria do Dr. Alcindo Sodré, publicado a 15 de Outubro de 1927 em edição do «O Jornal» consagrada à comemoração do bi-centenário da introdução do cafeeiro no Brasil, encontramos os períodos seguintes, que nos dão notícia da referência mais remota relativamente à árvore lendária de Corrêas: «Por esse recanto vem a passar, em 1809, John Mawe, o primeiro estrangeiro que escreveu sobre o Brasil, com permissão e auxílio de D. João VI para visitá-lo pelo interior, na zona das minas diamantíferas. Em Corrêas, o viajante celebra a existência de enorme figueira onde repousava mais tarde o brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos, quando em 1823 seguia para Goiáz, onde devia assumir o comando das armas, — essa mesma figueira que velara por uma noite o sono agitado de Tiradentes, que levava para a Côrte a incumbência patriótica da libertação.. »

O marechal Cunha Mattos deixou a seu respeito o seguinte depoimento, no «Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas Gerais e Goiáz»: «No terreiro da fazenda do Padre Corrêa existe uma belíssima e tão copada árvore, que ao meio dia pode cobrir de sombra a um batalhão.»

Ficava a figueira bem em frente ao solar; um de seus galhos, aberto sobre a estrada mineira, estendia-se a consideravel distância e suas pontas aproximavam-se muito da igrejinha, levantada junto à casa. Guardou o povo memória de um caso sucedido há uns cincoenta e tantos anos. Certo domingo, terminada a missa, indo todos os assistentes para o adro, divisaram trepado a esse galho, olhando para a igreja, um enorme bugio de que, nos morros afastados, viviam ainda vários grupos. O bicho, espantado, fugiu aos saltos, servindo

o episódio para dizer-se que o macaco fôra assistir tambem à missa...

De artigo subordinado ao título «Corrêas é a verdadeira Suiça brasileira», publicado no «O Imparcial» de 27 de Dezembro de 1923 e escrito pelo jornalista Adalberto Luiz Coelho, destacamos as seguintes linhas: «A fantasia do povo do logar concorre para a formação de lendas, tão da índole da nossa gente simples e boa. Uma das principais e mais arraigadas em seu espírito é a que se prende a uma anosa figueira que existe fronteira ao hotel D. Pedro. Diz-se que junto a essa árvore esteve amarrado e algemado Tiradentes quando veio de Minas, para ser julgado no Rio de Janeiro, passando ali a noite ao relento...» Mas não se limitam a essa, as mentirolas em torno da velha gameleira. A quanto forasteiro por ali aparece e se interessa um pouco pelas cousas locais, costuma o povo referir a legenda, cada qual a seu modo, entremeiando-a de petas descabeladas.

Já ouvimos estrangeiro ilustrado, aqui residindo há muitos anos, contar uma história complicada segundo a qual, junto à figueira, os sequazes sanguinários arrancaram um braço ao desventurado Tiradentes! O homem ouvira certamente dizer que em Cebolas fôra exposto e enterrado um braço do proto-mártir da Independência e entendeu de emprestar à sua narrativa um desfecho mais impressionante...

Humberto de Campos, em crônica saída no «O Cruzeiro» de 26 de Abril de 1930, «As árvores teem alma», publicou o seguinte: «No vilarejo de Corrêas, adiante de Petrópolis, próximo ao casarão que abrigou, pouco depois da Independência, a majestade itinerante de Pedro I, há, com os seus magros braços levantados para o céo, uma velha figueira cuja sombra teria agasalhado, segundo rezam as lendas, o alferes Joaquim José da Silva Xavier, idealista que pagou com a vida o sonho da emancipação nacional. Segundo se infere da tradição oral, vinha o alferes manietado, das prisões de

Vila Rica, sob a guarda de soldados impiedosos, com destino ao Rio de Janeiro, para responder aqui pelo crime de conspiração contra a metrópole. Viajava a pé, com aquela mesma cabeleira e aquela mesma camisola branca fixada pelas pinturas e pelas estátuas patrióticas, ferindo os pés heroicos pelos ásperos caminhos da terra. Ao anoitecer, a escolta fazia alto. E ao mártir, cansado, coberto de barbas, de suor, de sangue e de poeira, era facultado, como único repouso, permanecer amarrado ao tronco da árvore sob cuja fronde a comitiva militar se aquartelava, Um dos pontos de parada teria sido nas terras pertencentes, ou que viriam a pertencer ao Padre Corrêa, junto à figueira que lá se levanta, a uma centena de metros da estrada União e Indústria. A História, que é menos irmã do que sogra da Poesia, contesta gravemente essa possibilidade. Tiradentes não foi preso em Minas Gerais, mas no Rio de Janeiro. A lenda foi destruída...»

Vem a propósito referir tambem o que em tempos nos foi dado ouvir de certo cavalheiro, dogmático e vaidoso, dirigindo-se a um grupo de senhoras, num dos caramanchões do hotel D. Pedro: «Imagine-se a selvageria daqueles tempos antigos! Enquanto Pedro I aqui nesta casa banqueteava-se escandalosamente com a Marquesa de Santos, o pobre Tiradentes amargava uma noite tempestuosa, acorrentado àquela figueira, maltratado pela tropa sem piedade!» Ignorava o homenzinho que ao tempo em que o alferes de cavalaria da polícia de Minas foi preso, em Maio de 1789, e logo recolhido à fortaleza da ilha das Cobras, ou quando às 11 1/2 da manhã de um sábado, 21 de Abril de 1792, sentindo o nó do baraço, padeceu «morte natural para sempre», ainda nem sonhava em vir ao mundo o estouvado rebento bragantino...

Carlos Maul, em correspondência publicada na «A Tribuna» de Santos, de 8 de Janeiro de 1928, intitulada «Um arrabalde de Petrópolis com mais de duzentos anos — A árvore

que abrigou Tiradentes e a casa que hospedou Pedro I», assim se expressou: «Doze quilômetros separam a princesa da Serra desse logarejo paradoxal, misto de modernidade e de antigualha. Há duzentos e tantos anos as fazendas margeavam a estrada real que comunicava, através de Minas e Estado do Rio, o litoral com o sertão grosso. Em Corrêas existia uma propriedade com solar opulento e igreja para o culto. Hoje ainda isso tudo lá está, conservado, com limpeza e comodidade, abrigando os forasteiros.

A casa que lembra a velha residência de monges tem as características do estilo colonial, o mesmo sucedendo com o templo. E a figueira que deu sombra a Tiradentes numa das suas jornadas ao Rio de Janeiro é uma inspiradora de lendas, cada qual a mais curiosa e menos próxima da verdade histórica. Para uns essa árvore serviu até de patíbulo ao mártir da Independência; para outros foi ali que a soldadesca de D. Maria torturou o prisioneiro. Mas a história da figueira é diversa. Tiradentes devia tê-la desfrutado quando tocou na fazenda próxima, pouso obrigatório dos viajantes do interior. E porque na memória popular ficou gravado esse fato, os tempos se encarregaram de acrescentar-lhe outro aspéto até modificar-lhe completamente a fisionomia. Van Genep explicaria o fenômeno com as suas teorias da formação das lendas, e Menendes y Pidal mostraria como da realidade se desdobram variantes fantásticas que vão parecer novas realidades diferentes da que lhes deu origem».

Os Drs. Escragnolle Dória e Afranio Peixoto consagraram tambem referências à figueira que recorda a legenda imortal de Tiradentes.

Nenhuma árvore, por certo, no Brasil, já inspirou tão abundante bibliografia, na sugestão do seu aspéto e da sua tradição, como a figueira lendária de Corrêas. Bem merecia

ela a consagração de uma placa, honrando-a com a inscrição que atestasse ao forasteiro e aos vindouros o culto que as gerações lhe têm dedicado.

Petrópolis ostenta uma grandeza apreciavel nas belas árvores de espécies variadas e estatura gigantesca, com antiguidade de alguns séculos, que se nos deparam a cada passo.

Árvores que o acumular dos anos não conseguiu ainda abater e que a marcha do progresso não precisou por enquanto derrubar.

Testemunhas guardando as façanhas dos ousados pioneiros que sangraram os pés abrindo as ínvias picadas que serviriam de norte às modernas rodovias ; que ouviram há trezentos anos o reboar dos borés de tamoios e tupinambás e viveram o bastante para ouvir o fonfonar super-civilizado da nossa época.

Quantas delas conservam um pedaço de história comovente, a quantas delas estão ligadas reminiscências de adoravel encanto !

À entrada do povoado de Corrêas, garboso jequitibá, nascido quasi no leito do Piabanha, tem as proporções de catedral e devéras impressiona pela soberba altivez de seu porte e pela luxuriante cabeleira verde-gaio.

Mais para dentro ergue seu vulto majestoso a veneravel árvore que evoca o generoso mártir da Inconfidência e que tanto fala à nossa imaginação pelas tradições que rodeiam o seu passado longínquo.

Logo adiante salientam-se duas árvores famosas, irmãs gêmeas e rivais, distanciadas por uma dezena de metros, am-

bas bem à margem do Piabanha, as quais, pela misteriosa particularidade que apresentam, já há noventa anos desafiavam a competência dos doutos.

Suas raizes-tentáculos formam troncos enormemente desenvolvidos que vários homens não abarcam.

O ôco de uma dessas raizes, quando a fazenda entrára em declínio e naquele ponto tudo era mato, tornára-se o «habitat» de enorme jararaca, bravia e perigosa, que à noite saía a vitimar cachorros, vacas e caprinos, e durante muitos anos foi o terror das redondezas.

Nunca poude ser pegada; e conta a lenda que, um dia, grande enchente do rio arrastou-a para distantes paragens.

O que singularisa as duas árvores é que não obedecem à mesma lei de renovação marcada pela natureza.

Quando uma amarelece e declina, a outra como que recebe alento para só perdê-lo alguns mêses depois.

No outono, apenas uma deixa cair as folhas; e na entrada da primavera elas lhe renascem cheias de vigor.

A outra só no fim do inverno começa a despojar-se da folhagem e sua galhada só entra a reverdecer nos fins da primavera.

Apenas no verão elas se irmanisam, aureoladas ambas de igual vegetação.

Data de 1844 a seguinte notícia inserta pelo professor Vicente Pereira de Carvalho Guimarães no tomo 1° do seu «Romanceiro Brasílico»: «Tratarei de um fenômeno vegetal que talvez por bem poucos tenha sido observado.

Existem no grande terreno da fazenda do Padre Corrêa duas vistosas gameleiras cuja história a tradição tem conservado. Tendo-se feito mister construir um curral de vacas, há já muitos anos, trouxeram para fazer uma cerca diversas estacas, entre as quais existiam por acaso duas de gameleira; fincadas todas, só estas duas rebentaram enraizando, e removendo-se tempos depois o curral, a mão do tempo foi lançan-

do por terra todas as outras, ficando as duas com seus rebentos crescidos; até aqui nada de extraordinário, é a história de muitas outras.

Porém estas duas árvores irmãs, plantadas de estaca, sem intenção, ao mesmo tempo, recebendo alimento de um mesmo torrão, porque não ficam mui longe uma da outra, estas duas árvores teem outonos diferentes e diferentes primaveras, isto é, quando as folhas amarelecidas e sêcas de uma cáem por terra, cobre-se a outra de folhas novas, ostenta toda a força de vegetação; acontece raramente que ambas secam e florescem ao mesmo tempo, porém isto é só num ano; no seguinte desencontram-se e continuam assim por muitos.»

Não provém o fenômeno da composição do terreno ou do clima, que são iguais para ambas; vem infalivelmente da diversidade de sexos. São evidentemente macho e fêmea, constituindo casal que não combina...

Em todo o caso, que o digam os sábios da escritura que segredos são esses da natura. (*)

(*) Até bem poucos anos ainda se podia observar esse interessante e singular fenômeno. A ancianidade das árvores, e o local em que se encontravam, fez com que tombasse um dos gigantes, existindo hoje sómente uma dessas históricas figueiras. (L. L. L.)



A sobrevivente do casal de gameleiras à margem do Piabanha

CAPÍTULO III

CAPELAS HISTÓRICAS

Corria a éra histórica da fundação da cidade do Rio de Janeiro quando João da Motta, assentando a sua vivenda na imensa concessão de terras que obtivera ao fundo da baía, levantou tambem, em um campo fronteiro ao mar, uma pequena capela em homenagem à velha devoção portuguesa da Senhora da Piedade. E assim se estabeleceu a extensa paróquia de Magé. Decorria mais de um século quando, no distrito de Inhomirim, o zelo religioso dos colonos erguia um santuário consagrado à mesma invocação de N. S. da Piedade, criando-se, com o novo templo, a paróquia de Inhomirim. Mais tarde, no interior da baixada, estabelecia-se, em favoravel margem do Inhomirim, o porto da Estrela, que viria a ser entreposto de importância extraordinária, repleto continuamente de centenares de tropas cargueiras e embarcações veleiras.

Em 1747, num sítio sobranceiro à povoação que se desenvolvia em torno do ancoradouro, Simão Botelho, possuidor de vasta sesmaria nas redondezas, edificou a primeira capela filial da freguesia, dedicando-a à devoção da Senhora da Estrela.

Anos depois, junto das altas montanhas, outra capela se fundava. Antônio Freire Roboredo, com provisão de 15 de Julho de 1760, construía, em terras da raiz da serra que se-

riam de futuro a fazenda e o arraial do Fragoso, a ermida que recebeu a invocação de N. S. da Conceição. Criou-se ainda a capela de N. S. do Rosário, no sítio da Taquara, tambem autorisada para o culto público.

Ao norte do Iguassú, na fazenda do Jaguaré, existia a capela pública de N. S. das Neves.

No porto sobre o rio Pilar erguia-se, ao fundo do povoado, a capela de N. S. do Pilar, pertencente à freguesia de Iguassú, que se fundara sob a invocação, ainda, da Senhora da Piedade.

A igreja do Pilar resiste ainda aos rigores do tempo, guardando recordações da época histórica em que o grande Monte Alverne, ouvido pela côrte do primeiro reinado, ali prégou alguns de seus memoraveis sermões. Acha-se hoje situada à margem esquerda da rodovia Rio-Petrópolis. Entregue aos cuidados dos reverendos padres franciscanos de Petrópolis, conserva os mesmos altares, de madeira, decorados a ouro, as mesmas imagens dos tempos primitivos.

A' sombra da imensa cordilheira dos Órgãos três paróquias existiam: Magé, Inhomirim e Iguassú, dedicadas ao mesmo patrocínio.

Povoavam-se as terras da planície, multiplicavam-se os sítios de roça e os campos de criação. Povoava-se por seu turno a região serrana, onde o agricultor, conquistando o sertão, intensificava diferentes culturas e estabelecia os fundamentos de prósperas fazendas. Mas esses povos disseminados nas montanhas, pela longitude excessiva da igreja paroquial, viviam sem cumprir os santos sacramentos e sem se congregarem para os atos públicos de sua crença; o sentimento religioso se expandia apenas na reza do terço praticado quotidianamente perante os oratórios das fazendas.

O território de Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim estendia-se do mar até às barrancas do Paraibuna.

Na virada da serra da imensa freguesia, em terras florescentes situadas a umas vinte milhas do alto para o interior, estavam estabelecidos Manoel Antunes Goulão e sua mulher Ana do Amor de Deus. Não passavam ainda de florestas ínvias as terras de cima da serra, das quais se divisava a grande baía que abrigava os caravelões com a bandeira azul e branca, — esse território opulento de matas, rico de horizontes, abundante de águas, que por singular anomalia receberia o batismo de um *córrego* considerado *seco* durante a época invernosa.

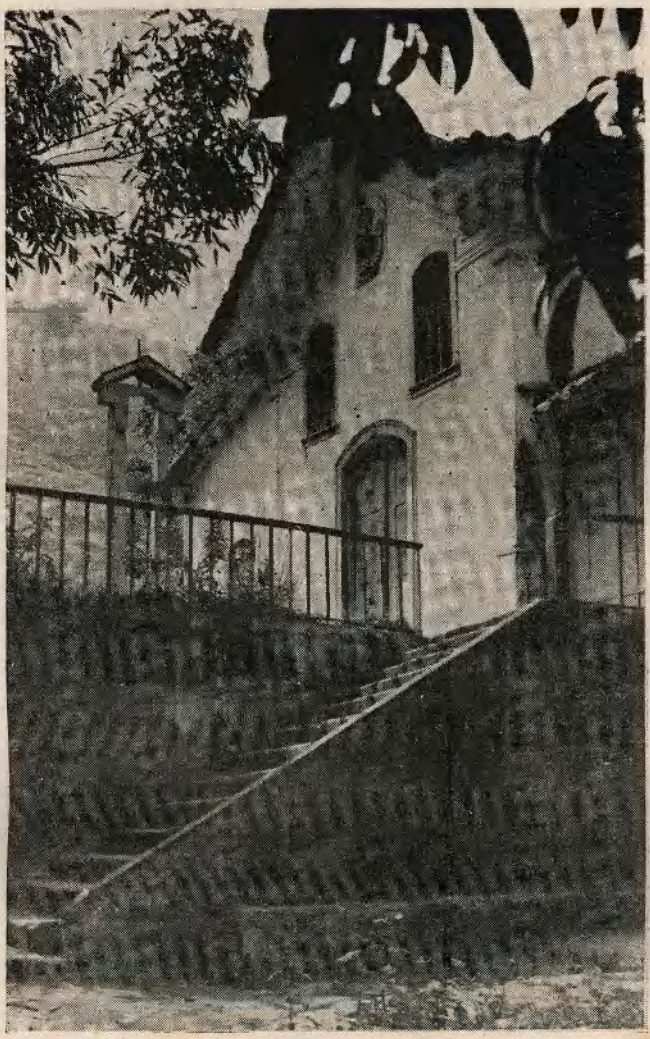
Manoel Antunes Goulão requereu licença para construir uma capela com a faculdade de usar a pia batismal; tomaria a Santa Virgem por padroeira, sob a invocação do Amor de Deus. A cerimônia do benzimento, vibrante de júbilo e fervor, realizou-se em manhã luminosa de primavera. Solenizava-se a primeira igreja levantada nas regiões amáveis da cordilheira em que vivemos. De longe, de sítios mui distantes, acorreram peregrinos a compartilhar de tão justo regosijo. Ouvia-se então pela primeira vez, no distrito da serra, a palavra do sacerdote. E a igreja do Divino Amor santificou na lei do matrimônio um sem número de ligações ainda não legitimadas, batizou muitos rapazes de dez anos e mais, tranquilizou consciências que desde longo tempo viviam aflitas e remordidas por falta de confissão.

Teve igualmente a regalia de guardar Jesus Sacramentado. O suntuoso altar, de madeira burilada, restaurado ultimamente nos seus elementos decorativos, apresenta ainda, mais talvez do que naquela época afastada, o aspéto inconfundivel que se grava na memória visual como só o conseguem as obras de verdadeira beleza artística. Ele exterioriza a devoção do Espírito Santo, possuindo em ponto grande os símbolos da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade: a

pomba que representou a purificação pelo batismo e as línguas de fogo que nos iembram a evangelisação da humanidade.

A imagem de Nossa Senhora do Amor Divino é ainda hoje, e sê-lo-á sempre a padroeira da terra a que seus antigos devotos ligaram o nome de seus maiores. Talhada num só bloco de pesadíssima madeira, essa admiravel figura de Maria, alem de revelar-se precioso exemplar de estatuária, de uma perfeição de detalhes inimitavel, nos oferece tambem o encanto de várias lendas recolhidas da tradição mais antiga. Seu modelo exprime graciosa alegoria: a Virgem sustendo sobre o seio a pomba, fórma visivel que tomou o Espírito Santo para descer sôbre Jesus à margem do Jordão. A Santa Missa ali se realizava aos domingos e dias santificados com assistência dos senhores e dos escravos das fazendas que formaram depois a maior parte do nosso município; nas festas anuais do Espírito Santo, romeiros e romeiros viajavam em peregrinações exaustivas a depositar suas préces aos pés da santa milagrosa.

Durante certo tempo foi a Capela do Amor de Deus a conservar no redil da religião todo o distrito montanhês, até que Manoel da Costa Guimarães, na sua fazenda do Secretário, banhada pelo rio das Pedras, braço do Fagundes, e onde havia grande casa, levantou ama capela, de Nossa Senhora da Lapa, com provisão de 29 de Abril de 1763. O bispo D. Frei Antônio do Desterro Malheyro lhe concedeu tambem o uso da pia batismal. No sítio da Cebola, banhada pelo ribeiro desse nome, ponto de paragem de tropas, existira rústica ermida especada na encosta de um morro e que por sua má construção ameaçava ruir. O espírito religioso dos moradores estava a exigir a construção de uma igreja condigna. E Caetano Borges da Costa, Francisco Gonçalves Teixeira, Domingos da Costa e outros, requereram licença para a ereção de um outro templo. Obtida a provisão a 1 de Setem-



Fachada da Capela da Fazenda do Padre Corrêa

bro de 1769, levantaram o primeiro esteio no dia 21 de Fevereiro de 1770 e o último no dia 5 de Março seguinte. Ficou o templo edificado junto ao engenho da fazenda e consagrado à Senhora Sant'Ana. Não teve a principio as prerrogativas de culto público ; só no ano de 1784 o Visitador Manoel Henrique Mayrink lhe facilitou a graça do uso de pia batismal e a de ter sacrário durante o tempo quadragesimal. No sítio do Sardoal assentava-se a capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, com provisão de 28 de Julho de 1773. Fundou-a Pedro da Costa Lima, que três anos consumiu na sua construção e lhe instituiu um patrimônio de 250 braças de terras de testada, com uma légua de sertão. Foi benzida a 22 de Junho de 1776 ; só ficou hábil, porém, para a celebração do culto, com a provisão de 19 de Dezembro de 1777. A fama de milagres devidos ao padroeiro grangeou para Matosinhos memoravel popularidade. Para ali se encaminhavam romarias incontaveis de devotos e ainda em nossos dias recebe o santuário numerosas peregrinações na ocasião das suas festas anuais. No arraial da Paraíba existia uma antiga e maltratada capela em homenagem a N. S. da Conceição ; sua decadência se assinalou pelos tempos adiante. Teve a longínqua matriz de N. S. da Piedade de Inhomirim sete capelas filiais, erguidas todas à beira da estrada dos Mineiros. As da planície, consagradas à Senhora da Estrela, da Conceição e do Rosário ; as da região alta, à N. S. do Amor Divino (em Corrêas), à N. S. da Lapa (em Secretário) e à Senhora Sant'Ana e Bom Jesus de Matosinhos, no atual município de Paraíba do Sul. Longos anos se conservou inalterada a freguesia de Inhomirim, até que a Resolução de 25 de Novembro de 1815 a desmembrou, instituindo a paróquia de São José da Serra, com séde no sítio do Rio Preto, passando a pertencer-lhe as capelas fundadas no distrito serrano. Da fundação da paróquia foi encarregado o padre Manoel Moreira de Souza Firmo, que iniciou o exercício de suas funções paroquiais em um

simples oratório, por não haver capela alguma no local. A nova freguesia passou pouco depois a ser denominada, pelo povo, de S. José do Rio Preto.

As igrejas de Matosinhos e de Cebolas foram elevadas a curato : no sítio do Fagundes, onde havia ranchos de tropas e casa de fazenda com oratório particular, criava-se um curato tambem, em benefício do povo circunvizinho. Das macróbias capelas da antiga freguesia de São José, apenas as de Cebolas e de Corrêas, restauradas embora várias vezes, conservam a fisionomia primitiva, os mesmos ornatos, todos os aspétos arquitetônicos de sua recuada construção. (*)

(*) Com a construção da nova igreja de Corrêas, foram para lá transportados o altar histórico e a imagem centenária, sendo colocado em seu lugar outro altar tambem secular, o da capela da fazenda de Olaria, que se levantava no local onde existe hoje a séde da fazenda S. Manoel. (L. L L.)

CAPÍTULO IV

QUEM FORAM OS CORRÊAS

Dos documentos, muitos de real valor, cujo paradeiro não se conhece, que pertenciam ao arquivo da fazenda dos Corrêas, um, felizmente, o tempo não fez desaparecer; justamente um traslado do foral das terras dadas de sesmaria, doação confirmada por D. José I em 22 de Setembro de 1763. Achado importante, esse, que nos permitimos transcrever integralmente:

«Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, Comendador da Ordem de Cristo, e do Conselho de Sua Majestade, Mestre de Campo, General de seus Exércitos, Governador e Capitão e Capitão General das Capitanias das Minas Gerais e Rio de Janeiro, Presidente do Tribunal da Relação da mesma cidade, Principal Comissário e Plenipotenciário do mesmo Senhor para divisão dos limites da América Meridional. — Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que atendendo a me representar por sua petição Manoel Antunes Goulão, morador na Freguesia de Inhomirim, caminho das Minas, que achando-se com escravos com que possa trabalhar, o fazia por mercê em terras alheias, por não as ter próprias; e porque tinha notícia de que nas cabeceiras das terras da fazenda chamada Rio da Cidade para a parte do Nascente se achavam uns sobejos de

terras devolutas e sem dono, que confrontavam da parte do Sul com a data que foi de Manoel Ferreira de Abreu, e era hoje do Padre Domingos Barbosa, e da outra banda com as terras que foram dadas ao Capitão Francisco Muniz e Antônio Serveira Gularte ; e sendo visto o seu requerimento, em que foi ouvido o Senado da Câmara desta Cidade, a quem se não ofereceu dúvida, nem ao Provedor da Fazenda Real e Procurador da Coroa e Fazenda, a quem se deu vista : Hei por bem dar de sesmaria, em nome de Sua Majestade, em virtude da Ordem do dito Senhor de quinze de Junho de mil setecentos e onze, ao dito Manoel Antunes Goulão meia légua de terras em quadra por sobejos na parte acima declarada, e com as confrontações referidas, sem prejuizo do direito que alguma pessoa tenha a elas, com declaração de que as cultivará, e mandará confirmar esta minha Carta por Sua Majestade dentro de dois anos, e não o fazendo se lhe designará mais tempo ; e antes de tomar posse delas, as fará medir e demarcar judicialmente, sendo para efeito notificadas as pessoas com quem confrontar ; e será obrigado a fazer os caminhos de sua testada com pontes e estivas aonde necessário for ; e nestas terras não poderão suceder em tempo algum pessoas Eclesiásticas, Igrejas ou Religiões, e, sucedendo, será com o encargo de pagar dizimos, ou outro qualquer que Sua Majestade se lhe impuzer de novo. E não compreenderá esta data veeiros ou minas de qualquer gênero de metal que nela se descobrir, reservando-se tambem os páus reais ; e faltando a qualquer das ditas cláusulas, por serem conformes às ordens de Sua Majestade e às que dispõem a Lei e o Foral das Sesmarias, ficará privado desta. Pelo que mando ao Ministro, ou Oficial de Justiça, a quem o conhecimento dela pertencer, dê posse ao dito Manoel Antunes Goulão das referidas terras na

fórma acima declarada. E por firmeza de tudo lhe mandei passar a presente por mim assinada e selada com o sinete de minhas armas, que se cumprirá como nela se contém. Dada nesta Cidade de São Sebastião. Rio de Janeiro, em 12 de Novembro de mil setecentos e sessenta. João de Souza e Melo, Oficial da Secretaria do Governo a fiz, e a subscrevi por impedimento de moléstia do Secretário dele. Conde de Bobadela.»

Da «Relação das Sesmarias da Capitania do Rio de Janeiro», publicada na «Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro», tomo LXIII, destacamos o seguinte assentamento: «Manoel Antunes Goulão, 1500 braças em quadra, nas cabeceiras da fazenda chamada Rio da Cidade, caminho de Minas, freguesia de Inhomirim, em 11 de Novembro de 1760».

A pequena gleba de montes e planícies, a que o sesmeiro Goulão déra o nome de Posse, nem por ser pequena em relação às suas vizinhas deixou de vir a ser a mais importante de todas, alguns anos depois. A estrada de Minas atravessava-a em toda a sua extensão. Fazia frente para o rio Piabanha, margem direita. Pelos flancos confinava com a fazenda da Samambaia e com o sítio da Ponte, um pouco abaixo da Várzea do Urubú, local em que se acha instalada a estação de Nogueira. Onde esteve edificado o Derby Petropolitano faziam divisas quatro fazendas: de um lado do Piabanha a Samambaia com o Corrêa, do outro lado a Engenhoca com a Olaria.

Mais tarde foram acrescentadas à fazenda da Posse as terras, de extensão mais ou menos igual, da fazenda da Ponte, — nome tirado de uma ponte de madeira, serventia da estrada mineira sobre o Piabanha. Exatamente no mesmo

ponto a estrada de ferro Grão-Pará atravessou o rio com os seus trilhos. O sítio da Ponte possuía tambem casa de morada, de boa construção, muito bem localisada em uma elevação. Em fins do século XVIII já o nome de Posse caíra em desuso ; nos roteiros do caminho de Minas estavam as terras assinaladas com os nomes de sítio da Ponte e sítio de Manoel Corrêa. Uma carta topográfica da Capitania do Rio de Janeiro, mandada levantar pelo vice-rei do Estado do Brasil e executada pelo engenheiro João Jorge Lobo no ano de 1778, já consagrava, no local da antiga fazenda de Goulão, o nome de Manoel Corrêa. Passou esta fazenda a ser conhecida como sítio do Padre Corrêa, até que ficou sendo o local do Corrêa e por fim o povoado de Corrêas. Uma frase de Monsenhor Pizarro deixa compreender que o Goulão dava tambem às suas terras da Posse o nome de Santo Antônio do Rio Morto.

Ana do Amor de Deus herdara para o casal a propriedade do Rio da Cidade, situada ao lado das terras de seu marido, com o Piabanha de permeio, e onde já desde muitos anos se erguia a casa solarenga.

O venerando casal, tendo tido apenas uma filha, foi entretanto o tronco de numerosa descendência composta de médicos, bachareis, sacerdotes e lavradores, de posse das melhores terras da região. Faltando-lhe prole varonil, não pôde o patriarca eternisar o nome, privilégio conseguido entretanto pela esposa, Ana do Amor de Deus, que instituiu a devoção do Amor Divino, ou do Amor de Deus, perpetuada indefinidamente. Transmitiu o nome às gerações o casal constituído por Manoel Corrêa da Silva e Brites Maria da Assunção Goulão, êle lusitano, chegado ao Brasil aí por 1750, ela o rebento único do matrimônio de Manoel Antunes Goulão. Esse casal, prosperando, já possuidor das fazendas Corrêa e

Rio da Cidade, adquirindo ou fundando a fazenda da Samambaia, que se ligava ao Corrêa, e em seguimento a esta as de Santo Antônio e da Arca, deixou uma propriedade latifúndica que começava na confluência do Itamaratí e Piabanha e, na direção do Nascente, terminava nas alturas dos Órgãos. Seus descendentes criaram as fazendolas da Olaria, desmembrada do Rio da Cidade, e da Engenhoca, em terras do Retiro. Todas essas propriedades tiveram seus dias gloriosos; os frutos de seu solo, exportados para a metrópole brasileira, proporcionaram riquezas grandes e sucessivas.

Há muito tempo, todas elas, despresadas e por fim retalhadas, perderam as características de fazendas; quatro ostentam ainda, porém, no estilo primitivo, as amplas e lendárias residências senhoriais, que parecem não ter fim, desafiando a natural curiosidade de conhecermos o passado cheio de grandeza que as rodeia.

Existe uma «tradição de família», manuscrita, onde se encontra a seguinte versão: «O tronco de nossa família, no Brasil, foi o casal chamado «casal português» constituído pelo Sr. Manoel Corrêa da Silva e D. Brites Maria da Assunção Goulão, que aqui chegaram, de Portugal, em 1714, e foram se estabelecer como lavradores na freguesia de Inhomirim, hoje de Petrópolis».

Concorda esse documento em que do referido casal era filho, entre outros, o Padre Antônio Thomaz de Aquino Corrêa. Se em 1714 aqueles patriarcas já existiam e estavam casados, como poderia o Padre Corrêa, seu primogênito, aparentar, em 1817, uns 60 anos, conforme registrou o sábio viajante Carlos Frederico Martius ? — «o proprietário era um homem dos seus 60 anos, muito jovial e ativo ..». Casados

já em 1714, não é de acreditar que quarenta e tantos anos depois ainda tivessem filhos...

Tivemos ocasião de copiar dos autos de uma intrincada questão de limites a seguinte peça, de 1851, firmada pelo sacerdote que exercia o vicariato de Petrópolis, a qual para aqui trasladamos a título de curiosidade:

«Ilmo. Sr. Juiz Municipal. Diz o cônego Luiz Gonçalves Dias Corrêa que a fazenda denominada «Corrêa», sita em serra acima deste termo, e ora propriedade de D. Maria Inês Marques de Sá, antigamente propriedade de Manoel Corrêa da Silva e sua mulher D. Brites Maria da Assunção, avós maternos do Suplicante; que D. Brites tendo sobrevivido a seu marido não deu partilha aos respectivos herdeiros, que por morte de D. Brites (cerca do ano de mil e oitocentos) teve logar o inventário e partilha do patrimônio total do casal, que por essa partilha (cerca do ano mil oitocentos e dois) coube à herdeira D. Maria Brígida da Assunção, mãe do Suplicante, a fazenda da «Samambaia» com mil braças de frente e três mil de fundos, servindo de peão o rio Piabanha», etc.

Do consórcio de Manoel Corrêa da Silva e Brites Maria da Assunção Goulão houve os seguintes filhos, nascidos uns no Rio da Cidade e outros no Corrêa; e conforme o uso dominante, herdado dos europeus, tomaram por último uns o nome paterno, e outros o materno: Padre Antônio Thomaz de Aquino Corrêa Goulão; Dr. Agostinho Corrêa da Silva Goulão; Dr. Luiz Joaquim Corrêa da Silva; Arcângela Joaquina da Silva Goulão; Maria Brígida da Assunção Corrêa. Uma outra filha, a mais velha, cujo nome as tradições perde-

ram, teve trágica morte, no verdor dos anos, por envenenamento com flores de plantas medicinais no próprio dia de suas núpcias. Romance comovente, sucedido na fazenda do Rio da Cidade, tão vivo se conservou de geração a geração que o vulgo ainda hoje o rememora.

.....

O sol, pela manhã, trouxera a ventura e a esperança àquela casa. Casava-se a linda Sinhá-moça, a mais mimosa dona daqueles sertões risonhos, com o mais guapo oficial do exército reinol destacado na Colônia. Boa, alegre, generosa, ela e suas irmãsinhas Arcângela e Maria eram o ídolo da pretalhada e a alegria daquele lar feliz.

Seus irmãos, um, o mais velho, vinha de regressar de longínquo seminário, consagrado sacerdote ao serviço da Igreja; mais dois outros, lá estavam no Reino a concluir humanidades.

O altar engalanado, ao centro a imagem dedicada ao culto do Amor Divino. Ante aquele santuário, — há quantos anos! — uniram-se para sempre seus avós maternos, ambos descansando já no seio do Senhor, muito velhinhos, primeiro êle, depois ela, a boa avósinha que a acalentara tantas vezes e que por suas próprias mãos lhe bordara um lenço, mimo primoroso para quando fosse moça e chegasse o dia feliz de se casar. Ali tambem se uniram seus pais, que ainda mourejavam a aumentar riquezas, senhores já de tantos bens e tão orgulhosos daquele grande dia. Agora chegara a sua vez, unia-se a seu príncipe encantado, másculo de corpo e enérgico de espírito.

Os esponsais firmariam uma união transbordante de risos e esperanças. A linda sinhá-moça, radiante de alegria, ultimava os atavios para as solenidades do altar.

Entre as peças e os adornos do enxoval, notara a ausência de prenda indispensavel, o lenço da avósinha, e corre a

procurá-lo. Procura, procura infrutíferamente. Depara, por fim, em compartimento acanhado, longe das pessoas da casa, com velha cômoda fóra já de serventia. Forceja e abre, descuidosa, o emperrado gavetão, fechado desde muito. E sucedeu a fatalidade, rápida, fulminante. Jato venenoso, tonteira súbita, fá-la cair de borco, embriagada pelo cheiro viroso que dali se desprende. No móvel fatídico guardavam-se flores sêcas de espongeira, de emanação mortífera. Já a vida se lhe esvaía, quando os seus a encontraram; e a formosa princesa dos sertões, na hora em que devêra transpor alegremente o limiar de uma nova vida retirava-se trágicamente para o seio tenebroso da morte. As flores de noivado convertiam-se em flores mortuárias. O sol, que entrára com a alegria e a esperança, retirava-se deixando o luto e a desesperação. O noivo, José da Cunha Barbosa, com a alma em crepe, despede-se da vida militar. Regressa à pátria, de onde volta, decorridos tempos. Dedíca-se à carreira comercial.

Deus, porém, determinara a sua volta ao lar de que o infortúnio o afastara; e, passados anos, ele vem a consorciar-se com a segunda irmã do Padre Corrêa.

A próspera fazenda, a antiga propriedade da família, entrara em decadência; foi a que primeiro se desmembrou...

....

Os dois doutores cursaram a Universidaee de Coimbra e tiveram desiguais diretrizes. Luiz Joaquim considerou-se filho da pátria comum; terminados os estudos, deixou-se ficar em Portugal, sem vontade de revêr seu país de nascimento. Em Portugal constituiu família e ali desfrutou posições vantajosas. Pertenceu ao Colégio Real das Ordens e lecionou na

Academia de onde fôra aluno, regendo as cadeiras de Leis. Morreu longevo, na pátria de seu pai. Seu irmão Agostinho por lá ficou alguns anos ; mas afinal volveu aos lares pátrios a fazer vida na terra em que nascera. Êle e o irmão padre tornaram-se agricultores.

CAPÍTULO V

A CAPELA DE CORRÊAS

Consoante a tradição, o culto do Amor Divino praticou-se originariamente na fazenda Rio da Cidade, ante simples oratório particular. Manoel Antunes Goulão, quando obteve suas terras, já estaria casado com uma filha dos proprietários daquela fazenda; sua esposa consagrava no nôme a devoção do Amor de Deus e ambos teriam difundido o culto a outras glebas do Piabanha.

Monsenhor José de Souza de Azevedo Pizarro e Araujo, «Memórias Históricas do Rio de Janeiro», livro 4, pag. 261, registrou o seguinte: «Para alem da serra da Estrela existem as seguintes capelas: 1a., a de N. S. do Amor de Deus, construida por Manoel Antunes Goulão em sítio proximo ao rio que chamam da Cidade, com provisão de 29 de Outubro de 1749. Benzida a 29 de outro mês semelhante, de 1751, teve faculdade para usar de pia batismal em benefício dos moradores de todo o distrito sobre a serra, a quem era impraticavel o recurso à Matriz, pela aspereza dos caminhos e longitude excessiva». Concluiu Henrique Raffard, «Jubileu de Petrópolis», que a capela pública, sob a invocação do Amor de Deus, fôra edificada no território da referida fazenda. Estando ela construida no território de Corrêas, daí surgiu tambem a suposição de que, primitivamente, todas as terras

desde o Itamaratí até Pedro do Rio tinham o nome de Rio da Cidade.

Goulão só obteve a sua concessão territorial em 1760 e ao requerê-la confessava-se com escravos e sem terras, tendo pedido as que ficavam ao lado da fazenda Rio da Cidade. Se se criou em 1751, nesta fazenda, uma capela pública dedicada ao Amor de Deus, não devia ter sido levantada por Manoel Antunes Goulão. Pizarro foi menos feliz, na estimativa de distâncias. Mencionou, por exemplo, que a séde do Rio da Cidade ficava a cinco léguas da do Corrêa, quando o intervalo pouco excederia de cinco quilômetros. Cumpre tambem assinalar um detalhe interessante: Pizarro, em 1820, pluralizava o nome da fazenda do Corrêa, hábito que entretanto só se generalizou há uns trinta ou quarenta anos para cá.

A antiga igrejinha de Corrêas ficava à margem da estrada de Vila Rica, servida por larga escada de cantaria, e franqueada quotidianamente aos forasteiros. E'lícito admitir que se Tiradentes pernoitava ao relento, abrigado à frondosa figueira brava, em suas descidas ao Rio de Janeiro; se não recebia guarida dos proprietários da fazenda, pelo menos teria frequentado a igrejinha do Amor Divino.

Muitos atos do Inconfidente definem bem o fundo religioso que fortalecia seu caráter. Ele fôra sempre veemente devoto do Espírito Santo.

Nos conciliábulos de Vila Rica mais de uma vez se batera na demonstração de sua crença e por voto seu o escudo da ideada república deveria constar de um triângulo simbolizando a Santíssima Trindade.

A formosa imagem de N. S. de Corrêas teria sido como que refrigério ao abrasamento em que se consumia a alma de crente e de patriota do ardoroso caudilho; e êle teria supli-

cado confiantemente ao Espírito Santo que fizesse triunfar os arrojados ideais da conspiração e dispensasse a graça de iluminar o caminho dos conjurados, pioneiros da missão sagrada da liberdade, como ao apêlo dos doze apóstolos do ideal cristão lhes transmitia os dons com que, separados na distância e unidos na fé, suportaram os duros transes de sua cruzada pelo mundo.

E o ideal da pátria triunfou. Mas seus apóstolos sofreram tambem os transes mais angustiosos e tiveram a palma do martírio, condenados às torturas do degredo nas costas d'África.

E se o Salvador, que era o Filho de Deus e tinha a certeza da resurreição e do reino dos céus, sofreu com resignação admiravel a paixão dolorosa, confirmando o seu apostolado com o sacrifício da cruz por amor da humanidade, o mísero Tiradentes, que não era um santo e não tinha a segurança de recompensas na outra vida, sofreu a execução da fôrca por amor da pátria, e nos deixou o exemplo de três longos anos de indizível martírio suportados com serenidade verdadeiramente evangélica.

Em 1823 o marechal Cunha Mattos, hóspede cinco dias da fazenda, deixou escrita a seguinte referência no diário de viagem, que mais tarde publicou: «Ao lado da casa do Padre Corrêa existe uma belíssima capela com perfeitas imagens de santos e um lindo presépio».

Este presépio, armado em local engenhosamente preparado, possuia dimensões que excediam do vulgar. Está hoje completamente desmantelado, mas os que ainda o viram completo atestam que era de efeito surpreendente, representando com todos os pormenores o lugar sagrado onde nasceu Jesus; a agreste colina em cujo dorso estendia-se o casario rústico

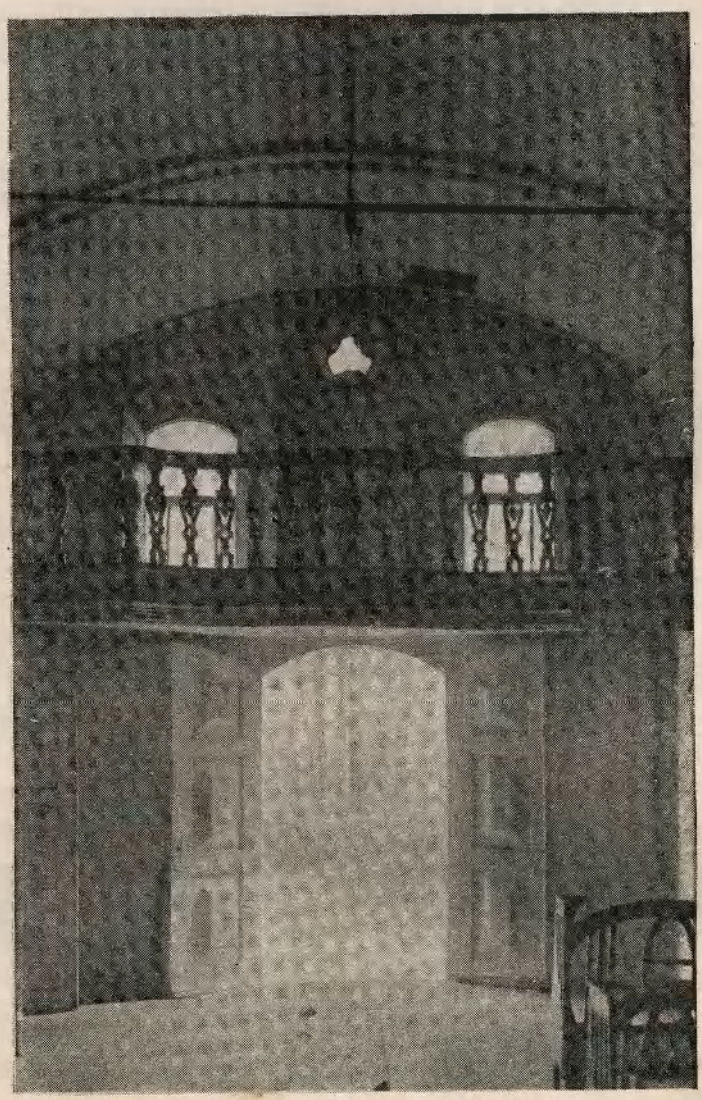
do povoado, a gruta lendária abrigando a sagrada família e anjos de asas abertas prosternados diante do menino Deus.

E bois, asnos, e pastores com seus rebanhos de carneiros, e ao longo dos caminhos, peregrinos montados em camelos, vendo-se tambem os magos quasi no termo da jornada, guiados pela estrela resplendente. Essas numerosas figuras, de gesso e de madeira artisticamente talhada, foram aos poucos tomando destino ignorado. (*)

Em 1923, O Imparcial, que se publicava no Rio de Janeiro, estampando interessante reportagem sobre Corrêas, assim se referiu à velha casa da fazenda e sua igrejinha: «Deu o nome ao lugar a família dos Corrêas, influente no primeiro reinado, cujo solar, construído há muito mais de cem anos, foi transformado em hotel. E' o Hotel D. Pedro, único no lugar, dirigido pelo sr. Antônio Machado. Nesta casa, cuja solidez desafia o perpassar dos tempos, esteve hospedado D. Pedro I, tendo nela convalescido de grave enfermidade a princeza Paula. D. Pedro I quiz comprar o edifício, terrenos e benfeitorias. Não poude, porém satisfazê-lo D. Arcângela, irmã do célebre Padre Corrêa, por existir o compromisso de guardar na família as tradições e relíquias desta propriedade, bem como as da capela junto, tendo como padroeira Nossa Senhora do Amor Divino. As relíquias da capela são consideradas como de inestimavel valor pelos missionários que em visita aos templos do interior do Brasil, se

---

(*) Em trabalho que publicamos, em 1938 na *Rev. do Serviço do Patrimônio Hist. e Artístico Nacional,* ainda nos referimos a este presépio. Depois disso, foram suas peças tomando rumo ignorado, até desaparecer de todo. Hoje só existe o nicho, a atestar seu tamanho pouco vulgar. (L. L. L.)



Interior da Capela da Fazenda do Padre Corrêa

teem ali demorado. Nessa igreja D. Pedro I e Família, saindo de seus aposentos, que se comunicavam com ela, costumavam assistir aos oficios religiosos. A prática da missa na velha capela do antigo solar dos Corrêas não foi abandonada em nossos dias. A digna esposa do proprietário do Hotel D. Pedro, auxiliada por outras senhoras da localidade, faz celebrar aos domingos e dias santos esse ato de religião que é assistido por todos os hóspedes desse estabelecimento e pela população de Corrêas».

O erudito Dr. Escragnolle Dória, o insigne cronista que, à feição de Capistrano, produz dispersivamente, relegando sua opulenta produção ao túmulo das colunas efêmeras dos jornais, fez, em 1926, uma curta temporada de repouso em Corrêas. Na «Revista da Semana» de 24 de Abril do mesmo ano estampou apreciavel estudo sob o título «Capelas de fazenda», ilustrando-o de excelentes fotografias, uma, muito nítida, da velha capelinha do Amor Divino, sobre a qual escreveu: «Ainda há pouco, viajando, teve alguem ensejo de passar por antiga fazenda, mais ou menos tal e qual a deixou a escravidão, embora apropriada a outros mistéres. Quasi tudo é ali outróra, as salas espaçosas, os largos soalhos para séculos, os quartos amplos, sobretudo a capela, recinto pequeno, silencioso, de meia-luz, ao fundo do qual surge altarmór antigo e único, porém cuidado, vestido de alva toalha, Nossa Senhora no lugar de honra, imagens de santos formando-lhe côrte de respeito. Numa das paredes laterais certa abertura, o lugar do presépio, restos dele entre côtos de velas, um dos reis magos inclinado sem vertigem sobre um carneiro de madeira, de lanugem vermelha e incortavel. Na parede oposta avultada cruz e Cristo nela pregado».

Carlos Maul, personalidade das mais brilhantes nas várias modalidades das belas letras, pena sempre fulgurante no jornalismo, na poesia, na história, na sociologia, assim exteriorisou, em crônica saída no «O Imparcial» de 5 de Janeiro de 1928, as impressões recebidas do velho templo de Corrêas: «Da propriedade dos Corrêas ficou um casarão de dois pisos, qualquer coisa de residência monástica, com longos corredores sombrios através de uma fila de celas. Ao fundo, a capela é um documento arquitetônico de raro valor, principalmente pelos detalhes da sua ornamentação rigorosamente obedecendo ao estilo colonial. Os degráos do altar, as grades do côro, as rosáceas da frontaria com um desenho interessante, são peças que dizem da arte e do senso da beleza naqueles tempos recuados em que o Brasil amanhecia. A conservação, o asseio, não tiraram a essas relíquias o característico de antiguidade. Parece que por ali ainda erram as sombras veneráveis dos que escreveram com o seu sangue, o seu martírio, as suas atitudes intrépidas, as páginas mais gloriosas da nossa história nas duas últimas centúrias».

No veterano santuário colonial, evidentemente depositário da mais veneravel das imagens que se cultuam em Petrópolis, praticavam-se regularmente todos os atos religiosos, — missas, batisados e casamentos.

Nos mêses de Maio realizavam-se quotidianamente as cerimônias glorificando a doce Mãe de Jesus, num ambiente de verdadeira fé, enchendo-se a capelinha de fieis, todas as noites, e ostentando esplendente ornamentação, com muitas flores e luzes em derredor da Santíssima Virgem. Culminavam as práticas do mês com a coroação solene da excelsa Mediadora.

A tradicional capela deixou, porém, desde meiados de 1932, de prover ao culto público. Fazia bastante tempo, alimentavam os moradores católicos o desejo de possuírem um templo moderno, em sítio próprio, de facil acésso, e em condições de corresponder ao desenvolvimento que a localidade tem tido; a capelinha, alem de acanhada para abrigar os fieis, em número sempre crescente, era apenas semi-pública, instalada em terreno particular, de desmembramento impraticavel.

Em 1924 cogitou-se mais sériamente do empreendimento, procurando-se congregar e realizar as gerais aspirações.

O Bispado de Niterói chegou a baixar portaria criando a comissão promotora da construção; mas impecilhos vários surgiram, e o entusiasmo, promissor a princípio, acabou esfriando.

A 20 de Maio de 1928 fundava-se em Corrêas a «Irmandade do Espírito Santo e de Nossa Senhora do Amor Divino» com o desígnio de promover anualmente as comemorações do mês mariano, reverenciando a imagem da Padroeira, que representa tambem a Virgem do Espírito Santo, e de realizar os festejos populares nos domingos em que o mundo católico comemora o episódio bíblico da descida do Espírito Santo sobre os Santos Apóstolos.

O resultado pecuniário das festas desse ano e do seguinte, promovidas no parque do Hotel D. Pedro, reverteu em favor da pobreza, aplicado na distribuição de carne, pão e roupas para o frio a cerca de seiscentas crianças necessitadas.

Em 1930 foi a construção de um novo templo posta novamente em fóco, patrocinada por aquela Irmandade, que iniciou o movimento prestigiada por toda a população. As festas que promoveu então em honra de seu orago, no mesmo sítio em que até ali as realizara, já o foram em benefício das pri-

meiras obras ; e a 17 de Agosto ainda desse ano realizava-se a festividade para lançamento da pedra básica da sagrada construção.

Informava então a «Tribuna de Petrópolis» : «A igreja de Corrêas, que se assinalará, tanto no seu aspéto externo como interno, pelas linhas de uma severa sobriedade, terá dez metros de largura por vinte de comprimento e cinco metros de pé direito, sendo o této abobadado ; e conterá, alem da capela mór, um altar lateral, o batistério, o côro (acima do pórtico), a sacristia e dependências menores. As pessoas que hoje visitarem o local poderão já apreciar as bases do edifício, que será igual ao da igreja de Santa Cecília doada pela Companhia Imobiliária Kosmos à Mitra Metropolitana, que a converteu na Matriz de Braz de Pina. A construção será em estrutura de cimento armado. Está orçado o total da igreja em cerca de oitenta contos de réis.

Defrontando a União e Indústria, com a Leopoldina, a Estrada Mineira e o Piabanha de permeio, a posição do terreno apresenta aspéto agradavel ; tem merecido elogios de todos os visitantes. A quem viaja pela União, a igreja ficará inteiramente à vista num percurso de cêrca de um quilômetro. Ela ficará bem de frente para a entrada do Parque São Manoel. Do átrio da igreja teremos sempre ante os olhos um panorama admiravel, com verdejante cadeia de montes a recortar o fundo da paisagem, enquanto montanha do Canavial, mais à frente, oferece o encanto das suas encostas pontilhadas de moradias luxuosas ; e até onde a vista alcança, ao longo da estrada de rodagem, os jardins dão a idéia de enormes e garridas cestas carregadas de flores. Os que tomaram a peito efetivar o velho ideal católico de Corrêas, não desconhecendo embora o muito que é preciso realizar, estão certos de poderem levar a construção a seguir, sem prejudi-

ciais intermitências, tão habituais são esses milagres quando dependem somente do concurso e da vontade do povo. A igreja de Braz de Pina foi edificada em 279 dias. Corrêas, porém, só com o dobro desse tempo poderá ostentar o vulto altivo da Igreja do Amor Divino a desafiar a curiosidade e a admiração dos viajantes, endereçando para o céo a torre majestosa onde um relógio badalará as horas e o som festivo dos sinos saudará as regiões infinitas».

Tratava-se de uma realização em marcha, que seguiria até à sua completa finalidade, encaminhada por intrépidos batalhadores, cada qual mais dedicado à causa que abraçara, porfiados cada qual em demonstrar maior espírito de abnegação, maior soma de desinteresse, maior dose de alheiamento a atitudes injustas e apreciações esmorecedoras. O terreno patrimonial da nova igreja passou a ser o recinto dos muitos festivais que se fizeram com o fim de angariar recursos para o prosseguimento das obras. Avançaram estas com segurança tal, que a 24 de Maio de 1831, por ocasião dos festejos do Espírito Santo, inaugurava-se a cobertura do edifício, em cujo âmbito foi celebrada a primeira missa.

Voltemos à «Tribuna de Petrópolis»:

«Há nove meses iniciava-se oficialmente a construção que seria custeada pela generosidade pública e que o auxílio divino havia de tornar esplendorosa realidade em tão curto praso.

Estão as paredes esboçadas, todo o této forrado, o côro pronto, o telhado concluído, com calhas e platibandas.

Na rotunda, encontra-se hoje, ainda que provisoriamente, a veneranda imagem padroeira local de quasi

duzentos anos e que em breve para ali voltará definitivamente. Ao alto do edifício, na sua frontaria, ergue-se, de hoje para sempre, a velha cruz de ferro que existia sobre o frontal da antiga matriz de Petrópolis.

Não houvesse um interregno de quasi cinco mêses nas suas obras, não houvesse esse período de quasi inatividade geral que começou com Outubro e foi até à terminação das moratórias, e a igreja estaria, por certo, prestes a concluir-se ; mas podia-se contar com todas as eventualidades, menos com o agravamento das dificuldades que já nos assoberbavam antes daquele mês histórico... Todavia, o êxito alcançado, parcial, mas ainda assim, admiravel, dentro de uma situação tão anormal como a que vimos vencendo, dá a melhor demonstração do estímulo que a tentativa logrou no seio da população, ao mesmo tempo que torna bem patentes as energias daquele núcleo e as imensas possibilidades de que será capaz. Essa é bem uma das provas de que a localidade se agita, de que há animação entre o seu povo, que é ativo, unido e esforçado.»

Mais três mêses decorridos e inaugurava-se a torre, de onde o repique alviçareiro dos sinos assinalava outra etapa fulgurante de uma jornada ainda em meio, mas cujo termo seria alcançado, através dificuldades grandes, é certo, mas sempre transponiveis, para bem atestar os sentimentos de religiosidade, de tenacidade e coesão de um povo tão devotado ao progredir de sua terra.

Recorramos de novo ao noticiário da imprensa :

«Há um ano precisamente a cidade recebia a noícia de que em Corrêas se iniciava a construção de um

elegante templo católico. A empreza se apresentava, talvês à maioria, inviavel no momento. Vivíamos um período de apreensões, falava-se muito na possibilidade de acontecimentos muito graves... Todavia, os elementos católicos da localidade, sobranceiros ao desânimo e ao pessimismo, atacaram as obras com decisão e podem apresentar hoje vitoriosa a cruzada em que de corpo e alma se empenharam.

A nova igreja ainda não está terminada, é bem de ver; contudo, um ano depois de lançada a pedra inicial, no mesmo sítio em que assistíramos a uma missa campal que solenisava o começo das obras, o templo já se apresenta altaneiro, concluído nas suas obras externas, mostrando-nos no tôpo da sua torre uma formosa cruz que é um lábaro a anunciar a vitória de um período eficaz e honesto de trabalho, de altruísmo e de fé.

Dentro de algum tempo estará o edifício coberto de hera em toda a roda. A planta de sua construção obedeceu ao desenho da matriz de Braz de Pina, que por seu turno reproduziu o modelo de uma igreja da Holanda. Exibe esta a fachada, as paredes e grande parte da torre recobertas de hera, enquanto na igreja do futuroso subúrbio da Leopoldina prevaleceu o gosto das paredes lisas e nuas. A de Corrêas será, assim, igual ao modelo originário, integrando-se no distintivo sempre verde das paragens que vai patrocinar. Muitos lamentam que o santuário, edificado em terreno plano e raso, tenha perdido muito do belo efeito panorâmico que apresentaria se estivesse em planalto do morro que lhe fica por trás, com escadaria ou lances de estrada que conduzissem a seu átrio. Essa colocação prejudicou um tanto a imponência do edifício, embora lhe tivesse facilitado terreno sem ondulação apropriado para se reali-

zarem as festividades ao ar livre. A comissão construtora atendeu porém prudentemente a disposições que dizem intimamente com necessidades privativas do povoado. Cada terra tem suas peculiaridades, que muitas vezes escapam aosestranhos... Aquele clima de paraiso, recomendado por sumidades médicas, motivo de sedução dos que sentem as pernas frouxas e a respiração dificil, se confere à localidade fóros honrosos de Suissa brasileira, concorre tambem para que a uma boa parte de sua população estejam vedados os exercícios de alpinismo, mesmo em pequena escala. E quem não sobe morro tambem gosta de ir à missa... A localisação foi, por isso, criteriosamente feita, e a igreja impressiona, da mesma forma, agradavelmente, situada como ficou à frente de uma topografia montanhosa de aspéto aprazivel.»

Ao solenizar-se o transcurso do segundo aniversário das obras iniciais, a 28 de Agosto de 1932, animou-se o elegante povoado de Corrêas numa tocante vibração de religiosidade ; o templo, sóbrio mas confortavel, com muita graça, muita luz, muito ar e excelente acústica, abria-se solenemente ao culto público, passando a ser, de então por diante, o abrigo da população de Corrêas nas suas horas de devoção coletiva· Fôra aproveitado o altar que pertencia à antiga capelinha e que representa admiravel exemplar de obra em talha, correspondendo à justa exigência para continuar a ser o pouso de eleição de Nossa Senhora do Amor Divino, que naquele trono, iluminado e florido, exerce um apostolado que vem de muito longe e de onde continuará a ser vista e de todos venerada, derramando sobre os fieis, por todo o sempre, os benefícios da sua graça.



Imagem de N. S. do Amôr Divino

Ainda uma vez recortemos trechos da «Tribuna de Petrópolis:

«Corrêas registrou um de seus maiores dias; ali se realizou, realçada com solenidades excepcionais, a entrega ao culto público da igreja de Nossa Senhora do Amor Divino. O acontecimento ficará indelevelmente memoravel nos fastos religiosos do futuroso recanto de Petrópolis. Avultadíssimo foi o número de visitantes, entre os quais se encontravam todas as classes sociais e que compareciam a partilhar da satisfação reinante no seio da população. A' tarde, concorrido cortejo processional movimentava-se em direção à modesta igrejinha que acabava de perder as prerrogativas exercidas durante quasi dois séculos. Não mais tangeria seu macróbio sino desafinado... Fornecêra já ao novo santuário o venerando altar, a patriarcal cômoda da sacristia e a nobre mesa eucarística; cedia agora a excelsa Padroeira de Corrêas, bem como outras relíquias sagradas pela tradição.

Em pouco regressava a extensa procissão conduzindo em andores artisticamente ornamentados as imagens do Sagrado Coração de Jesus, São José e Nossa Senhora do Amor Divino que o povo se habituara a venerar no pequeno santuário agora abandonado.

Crianças, em grande número, figurando serafins de asas brancas, formavam guardas de honra em torno das imagens.

A entrada triunfal das venerandas relíquias em sua residência definitiva obedeceu a cerimônias que tiveram o caráter de apoteose. Fileiras de anjos e de virgens abriam alas desde o pórtico até ao altar, que se achava desprovido de imagens, ostentando apenas um lindo crucifixo; e a passagem de cada uma se assinalava por um

côro de harmonias que se prolongava até ao momento em que iam sendo colocadas em seus logares de honra.

Ao receber a Padroeira no alto de seu trono, achava-se uma falange de graciosos querubins, elevando ao céo comoventes cânticos de gloria à Senhora do Amor Divino, proclamando o nome e as virtudes da gloriosa santa que ali ficava, entre flores naturais e velas acesas, exposta para sempre à adoração dos fieis, radicando-se cada vez mais no espírito religioso das gerações.

Inúmeras foram as referências de elogio para o perfeito acabamento do edifício e para o bom gosto na escolha das diferentes peças inauguradas, tendo o imponente altar causado a admiração de muita gente.

Muito apreciada foi igualmente a combinação de cores das vidraças.

Não se acha a igreja concluida de todo ; necessário se torna provê-la ainda da pavimentação, do altar lateral, do púlpito e batistério.»

A capela de Corrêas poderia ter sido dedicada a uma outra invocação. Vários moradores pugnaram pela escolha de Nossa Senhora das Vitórias. Outras pessoas se empenharam pela invocação de Santa Teresinha do Menino Jesus, a quem os brasileiros tributam a devoção mais ardorosa. Alem de que, a adoção de um culto universalmente generalizado proporcionaria facilidades sem conta aos cidadãos devotados que se propunham a construir a igreja. A devoção antiga possuia, contudo, raizes profundas na alma popular. Foi religiosamente conservada. E os correienses continuam exercendo o culto mais antigo de todos os que se praticam em Petrópolis. Ante a Nossa Senhora de Corrêas dobraram o

joelho grandes homens e míseros escravos, capitães-mores e tropeiros. As súplicas de várias gerações se encaminharam aos céos por sua intercessão. No seu longo padroado, tem infundido a milhares e milhares de crentes o alívio de aflições e a esperança da saude.

Tiradentes ter-lhe-ia implorado, esperançoso, que fizesse triunfar os arrojados ideais da pátria. Pedro I e Maria Leopoldina ante ela se prosternaram, pedindo melhoras para a saude abalada de uma filha.

Continuasse a augusta imagem isolada no santuário da fazenda e fatalmente se diluiria o culto do Amor Divino de Maria.

Os soberbos bairros que constituem os mais próximos distritos de Petrópolis estão se transformando de modo lisonjeiro, dando-nos idéia de pequenas cidades florescentes onde o casario moderno e confortavel vai substituindo as construções arcaicas. A histórica morada dos Corrêas não resistirá tambem às exigências do progresso. Um dia, alguem, com decisão e recursos, a substituirá por um edifício em harmonia com a estética e o renome do logar. Desaparecido o casarão, com ele desaparecerá a capelinha em que foi rezada a primeira missa sob o céo petropolitano. E a imagem do Amor Divino seria jogada para um canto ou emigraria para outras paragens que não saberiam compreender a grandeza e o esplendor de sua história. Salvou-a, porém, o sentimento do passado. Ela continuará na suavíssima missão de prodigalizar um pouco de conforto espiritual a quantos a procuram, ao mesmo tempo que irá refletindo as veneraveis reminiscências da Corrêas que ficou para traz.

E quando, da velha casa de fazenda e da sua igrejinha abandonada, nada mais restar alem da recordação, a imagem do Amor Divino, a que um gesto de beleza espiritual assegurou pelos tempos afóra um domínio que vem dos tempos do Brasil-Colônia, passará a ser o único elo que transmitirá irre-

sistivelmente, às gerações vindouras, toda a ardente piedade de seus devotos de outróra e de seus entusiastas de hoje.

Há ainda um aspéto muito curioso a salientar. Entre os milhares de altares levantados no Brasil em honra de Maria Santíssima, nenhum existe de Nossa Senhora do Amor Divino. E não será de certo temerário aventurar-se que em qualquer ponto do mundo, entre as invocações que a tradição aponta à veneração católica, não se encontra ainda a do Divino Amor da incomparavel santa. Na significação do culto, como no simbolismo da fórma, não tem similar. Sustendo ao peito o emblema do Espírito Santo, reproduz, mais do que qualquer outra imagem, a doce Virgem de Nazaré na condição sublime de Esposa Imaculada do Espírito Santo, concebendo por sua obra e graça, o Salvador.

Um dia a formosa igreja do Amor Divino será elevada a Matriz, quando se criar a Paróquia de Corrêas. E dia chegará tambem em que Corrêas, a joia do 2º distrito, que já tem situação tão destacada na vida do município, se constituirá naturalmente, pelo seu desenvolvimento, pela sua ascendência, em séde de um novo distrito de Petrópolis.

Corrêas é a terra de um passado honroso a que está felizmente assegurado infalível e promissor futuro.

CAPÍTULO VI

A FAZENDA DE SANTO ANTÔNIO

Agostinho Corrêa da Silva Goulão, regressando à pátria, doutor em jurisprudência, tornou-se individualidade de certo relevo na cêna social do reino unido e primeiro reinado. Dedicou-se ao magistério, à política e à agricultura; e em todos os mistéres viveu cercado de simpatia, provocada por sua índole tolerante e sua inteligência e cultura. Prestou serviços à causa nacional, trabalhando no sentido de ver realizada a Independência. Foi professor de filosofia e retórica no Rio de Janeiro, e, eleito deputado como representante da província fluminense, coube-lhe fazer parte da Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império, que se reuniu em 1823 para estabelecer os fundamentos do nosso direito constitucional. Gozou da amizade de D. Pedro I; e embora de fórma moderada, não cessou de intervir em política até aos tempos da Maioridade. Desde princípios do século, quando enfim a nossa pátria, com a abertura dos portos, abria as portas à civilização, o irmão do Padre Corrêa, seguindo-lhe o exemplo, se constituira lavrador de largo descortino; e sua propriedade veio a ter organização das mais completas no seu tempo. Chamou-se originàriamente a «fazenda da Soledade». Banhada pelo rio Santo Antônio, que se fórma no alto das matas do Batata, vertentes dos Órgãos, e desagua na mar-

gem direita do Piabanha, generalizou-se o nome de «fazenda de Santo Antônio». Mas há mais de meio século vem sendo geralmente tratada por «fazenda do Fialho».

Os cereais, o café, a cana de açúcar, tiveram ali cultivo desenvolvido ; a exportação foi consideravel e proporcionou recompensa valiosa. Fez-se muito rico o fazendeiro-doutor. A' margem da estrada de Teresópolis avista-se à direita a séde da antiga propriedade. Seu território, vasto e feraz, encontra-se dividido em florescentes sítios de agricultura e de pastoreio, do distrito de Itaipava. Existem, entretanto, grandes áreas devolutas, dotadas de condições topográficas de raro encanto, servidas por incontestaveis virtudes climatéricas, e naturalmente destinadas a se converterem ainda em retiros admiraveis de repouso, de cura e de recreio.

A tranquila morada solarenga, cuja construção remonta a cento e muitos anos, tem recebido melhoramentos que a transformaram em vivenda dotada de todas as comodidades indispensaveis à vida atual. Conservada como está, a velha residência senhorial poderá resistir ainda a séculos.

O ilustre dr. Antonino Fialho, conhecendo e apreciando o valor do que possue, tudo melhorou sem quebra das caraterísticas primitivas ; e o austero edifício, com os seus amplos salões, as suas portadas, os seus ornatos, as suas colossais longarinas, é ainda o solar evocativo, ostentando as marcas inconfundíveis do Brasil de antanho. Nele subsiste a capelinha, bem conservada, mantendo rigorosamente os aspétos da arte religiosa do século 18, ainda com as suas primeiras imagens, de madeira inteiriça, sobresaindo a padroeira, Nossa Senhora da Soledade, preciosa relíquia sagrada pela tradição. O interessante santuário já teve em priscas éras o privilégio de prover ao culto público, realizando-se ali todos os atos religiosos da região. Aos fundos da morada, na casa do engenho, que nos aparece rodeada de lendas de assombrações, ainda se encontra, na localisação primitiva, o velho

sino português que diariamente exercia a função de regular as horas de eito e de rancho da escravaria. Os escombros do grande engenho derruido pelo longo abandono, com esteios que parecem mastros de navios capitâneas, os restos dos enormes alambiques de aguardente, instalações hoje reduzidas a montão de destroços e que tanto impressionam pelas proporções, são vestígios que bem demonstram a atividade e a grandeza que tiveram os domínios do dr. Agostinho Goulão.

Foi uma das mais bonitas e rendosas situações montanhezas. Cortava-a o caminho que partia de Manga Larga, no vale do Piabanha, e subia à freguesia de Santo Antônio do Paquequer, na serra dos Órgãos.

Por esse caminho viajaram a cavalo, em 1870, a Princeza Isabel e o Conde d'Eu, que foram visitar o ilustre Barão de Escragnolle, coronel do Exército Brasileiro. Possuia este linda fazenda no logar atualmente conhecido por Quebra-Frasco e que é considerado, pela uniformidade do clima, a Corrêas de Teresópolis.

Enquanto os príncipes seguiam por essa estrada, o Imperador alcançava o mesmo destino viajando, tambem a cavalo, pela estrada tropeira que subia por Magé. Na propriedade Escragnolle passaram os imperiais visitantes alguns dias de repouso.

A fazenda de Santo Antônio ficava situada a poucos quilômetros da estrada geral de Minas. Seguindo o mesmo traço da estrada mineira, passou mais tarde a União e Indústria. A comunicação entre a fazenda e a União, que há uns trinta anos ainda se chamava o caminho do Gregório, não ugia ao typo das nossas estradas de animais, sem nivelamento e sem escoamento; transformou-se porém em bela estrada cons-

truida no molde das estradas de rodagem, graças à iniciativa e exclusivamente à bolsa do dr. Antonino Fialho. Esse antigo caminho percorrido pelos Condes d'Eu é hoje a estrada para automoveis «Itaipava-Teresópolis». Inaugurou-a o rei Alberto da Bélgica, acompanhado dos presidentes Epitácio Pessoa e Raul Veiga.

Da varanda da vetusta casa remoçada divisa-se ao longe o chapadão de um morro, onde antigamente houvéra uma igreja e onde ainda se percebem ruinas que assinalam a existência de um cemitério. Aquele campo santo, hoje mataria grossa, está desprezado desde remota época ; passou a servir à região o cemitério criado no Sumidouro, perto de Pedro do Rio, por fim tambem abandonado, quando, há uns quarenta anos, se transformou em necrópole o campo que havia aos fundos da capelinha da antiga fazenda de São José do Piabanha, convertida na linda Itaipava dos nossos dias. Grossos pés de arvoredo ramalhudo nasceram dentro das covas do cemitério desprezado e dão sombra às ossadas de vários Corrêas veneraveis. O Padre Corrêa ali dorme o sono eterno. Ainda ali se distingue, carcomida, desconjuntada mas intacta, a morada de pedra de Agostinho Goulão. Está coberta por uma lage que tem, cravado, um argolão de ferro, e possuia inscrição que não mais se consegue ler. O cônego Luiz Corrêa, o primeiro vigário que teve a nossa freguesia, ali repousa tambem, sepultado dentro da ermida, entre a porta de entrada e o supedâneo do altar.

Agostinho Goulão morreu matusalênico, depois dos noventa anos, algum tempo após a fundação de Petrópolis, em 1848. Tinha um profundo fervor religioso. E anos antes da hora que póde tardar mas nunca falha, emquanto não era satisfeita a vontade do Senhor, já êle cuidava calmamente dos

aprestos da última viagem; mandára fabricar o próprio caixão funerário de madeira de ébano embutida, guardando-o atraz do pequeno altar da ermida do cemitério. Aos domingos, ouvida a missa por todos os escravos, com o nonagenário à frente, tomado o santo sacramento da comunhão, o candidato ao outro mundo mandava retirar o caixão do esconderijo e êle mesmo se empenhava na tarefa de arejar e espanejar o derradeiro leito... Percorrendo o longo caminho da existência sem prender-se ao matrimônio, não deixou Agostinho Goulão descendência legítima. Legou terras da Tapéra a uma escrava de nome Isabel e um sítio banhado pelo córrego do Carvão a uma outra de nome Júlia; e a propriedade da fazenda a um certo Gregório José Teixeira, provavelmente seu filho natural. Sucessivos donos conheceu a importante propriedade, emquanto suas lavouras entravam em decadência. Pertencia a fazenda de Santo Antônio à firma Mauá & Cia. quando o comendador Francisco José Fialho, tabelião no Rio, a arrendou. Uns dez anos depois, declarada a falência da casa comercial do grande brasileiro Irineu Evangelista de Souza, o comendador adquiriu a propriedade de Santo Antônio, em 1878, ao liquidatário, o Banco do Brasil, pelo ínfimo preço de dezesseis contos de réis. O comendador Fialho, grande proprietário na capital do país, possuía, entre outros, quasi todo o território onde hoje se estendem os bairros do Leme e Copacabana.

Radicando-se em Petrópolis, foi dono tambem de uma imensidade de terras no município; só naquela região possuía três fazendas, que se ligavam, cada qual maior: Arca, Bemfica e Santo Antônio. Morou o comendador muitos anos com sua família na velha casa vinculada à história dos Corrêas. O imortal Visconde de Taunay, que se dava muito com êle, devia ter pousado na fazenda, numa ocasião em que por ali passara afim de visitar o Barão de Escragnolle, seu tio.

No arquivo de Santo Antônio existiu o original de uma

missa de «requiem» composta pelo insigne compositor carioca padre José Maurício Nunes Garcia e dedicada por este ao seu amigo dr. Agostinho Goulão, — no verso da qual o ilustre Taunay escrevera os dados biográficos do antigo mestre de filosofia que naquela casa veneranda passara mais de meio século de existência. Documento duplamente precioso, pelos escritos que encerrava, pelo merecimento dos autógrafos, de duas das nossas glórias mais autênticas.

Veterano morador das redondezas, mãos trêmulas de idade e grossas de trabalho, costumava recordar velharias curiosas da fazenda de Santo Antônio. O Conde d'Eu mais de uma vez pousou na casa de morada do comendador Fialho; o príncipe visitava com frequência a Colônia Alpina, ou Fazenda do Governo, que ficava nas vertentes da serra dos Órgãos, para os lados de Santa Rita.

Há alguns anos ainda se encontravam de pé as paredes da igrejinha do cemitério, em cujo âmbito existira em tempos mui remotos um ninho de urubús. Daquele local, em alto de morro, oculto pelo arvoredo, afastavam-se, temerosos, os roceiros, porque entes invisíveis despejavam pedras sobre os afoitos que tentassem se aproximar.

Da colônia de urubús restava um sobrevivente, que muito de relance era visto saltar de árvore em árvore, gordo, gigantesco e agressivo. Não se afastava nunca de seu recanto, sentinela montando guarda aos velhíssimos sarcófagos, encarnação de alguma alma penada em permanente concílio com os habitantes do outro mundo.

De uma feita, fôra encontrada na necrópole abandonada

uma placa de prata com inscrição que celebrava a existência em um só sepulcro de um casal que morrera no mesmo dia...

O nosso informante, que envelhecera no serviço pesado da lavoura, conhecera, quando ainda rapaz, a besta «Lonanca», na qual costumava montar o velhinho Agostinho Goulão e que merecera esse nome porque mancava um pouco...

CAPÍTULO VII

A FAZENDA DA OLARIA

O Rio da Cidade, em época de que não há memória, se desdobrou em duas fazendas distintas, levantando-se casa comum de moradia, em magnífica situação, nas proximidades das habitações do Corrêa, Engenhoca e Samambaia. A pitoresca herdade, que mereceu o título de «fazenda da Olaria» e ultimamente o de «fazenda São Manoel», como a batisou o dr. Oscar de Teffé, está hoje convertida no bairro mais chic da localidade que se conhece pelo nome genérico de Corrêas. Logo à sua entrada, à margem da União e Indústria, ficava a lagoa denominada Lago Maior, de águas sempre correntes, escoando para o Piabanha. Naquele ponto funcionara uma olaria, daí nascendo o batismo que o sítio conservou por tantos anos. O contínuo consumo da matéria prima determinou a escavação em que assentava o leito da lagôa ; facilmente formaram-na, encaminhando para ali as águas de um riacho que fazia funcionar a engenhoca de fazer aguardente que havia mais acima.

Não iniciara ainda Petrópolis o episódio da sua colonização e já a fazendola da Olaria, convertida em uma espécie de estância de veraneio, atravessava um dos períodos mais interessantes de sua história. Residiam os seus proprietários habitualmente na Côrte, à rua da Quitanda n. 195, — o casal de Antônio José Moreira Guimarães, dono de sólida casa importadora e comissária, e Ana Leocádia da Cunha Barbosa.

O Rio compreendia então apenas uns duzentos mil habitantes e os atuais arrabaldes, quasi deshabitados, eram ainda matagais. Só em 1855 mudaram-se os Moreira Guimarães, constantes já de vários matrimônios, para uma das primeiras ruas que se abriam no largo das Laranjeiras e onde durante muitos anos só existiram as chácaras da família e o Colégio das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo.

D. Ana Leocádia nascera a 9 de Junho de 1791 na paróquia de Santa Rita, do Rio de Janeiro, filha de José da Cunha Barbosa e de D. Arcângela, irmã do Padre Corrêa. Revelou-se sempre de alma generosa, inteligência brilhante e vivacidade encantadora. Seu marido nascera a 24 de Agosto de 1790, em Portugal, na freguesia de São Pedro dos Fins do Torno, filho de Manoel Moreira e Mariana Martins Guimarães. Consorciaram-se a 29 de Outubro de 1818.

Era êle um homem verdadeiramente bondoso, distinto, brincalhão, de uma probidade meticulosa, que vindo para o Brasil tentar a vida já na idade de 23 anos, em pouco tempo ocupava lugar saliente na sociedade; comerciante, possuia tambem uma propriedade agrícola, em Rezende, a fazenda do Tacoaral, e ostentava a patente de capitão da Guarda Nacional.

Êle faleceu em 1846, no Tacoaral; ela em 1872, no Rio de Janeiro. Sempre o sexo forte a fraquejar primeiro...

Desse casal memoravel houve os seguintes filhos cujos descendentes, dignos e respeitaveis, timbraram sempre em honrar a comum estirpe: — dr. Antônio José Moreira Guimarães, médico no Rio de Janeiro. — Maria Domiciana, esposa de seu primo dr. José da Cunha Barbosa, alto funcionário do Império, diretor da Secretaria da Justiça e Conselheiro de Estado. — Luiza Joaquina, casada com o comendador Francisco da Rocha Miranda, do alto comércio do Rio; dêste consórcio houve, entre outros, a sra. d. Luiza de Miranda van Erven, esposa do dr. João van Erven, de cujo matrimônio

descendem o sr. Henrique van Erven e a sra. d. Laura van Erven de Figueiredo Araujo. — Conselheiro dr. José Agostinho Moreira Guimarães, progenitor, entre outros, do dr. Horácio Moreira Guimarães. — Ana Leocádia, casada com o comendador Manoel da Rocha Miranda, figura de relevo no comércio do Rio; deste casal é filho, entre outros, o sr. Fernando da Rocha Miranda. — Maria Teresa de Jesus, que se finou aos onze anos de idade. — Mariana Angélica, que se casou com seu primo José Cândido Monteiro de Barros, falecendo ainda jovem. — Comendador Manoel José Moreira Guimarães, pai do sr. Diogo Moreira Guimarães.

Os primitivos Moreira Guimarães costumavam passar em sua bucólica propriedade serrana apenas a temporada de verão, gozando assim anualmente a vida rústica e a vida da cidade. Cultas e salientes personalidades da Capital, seus convivas, invadiam a Olaria, a gozar o conforto da hospitalidade e os ares balsâmicos da serra. Ali se introduziram maneiras de sociedade, saraus, passeios, uma animação social de que perduravam no correr do tempo as recordações mais agradaveis. Divertimentos favoritos eram as excursões venatórias a excelentes refúgios de animais de caça, situados em matas relativamente próximas. Ficou desse tempo a reminiscência de um episódio que não resistimos ao prazer de relatar.

Corria o verão de 1845. Muito cedo, ainda na meia claridade do amanhecer, ia já animada a movimentação no terreiro da fazenda. Pagens, pressurosos, arreiavam cavalgaduras, acondicionavam farneis da matalotagem e munições de caça. Todos na casa madrugaram e vão surgindo aos poucos, prazenteiros, na varanda ampla, já prontos para a

partida. Alguns rapazes mais afoitos, ansiosos por galopar, andam já a experimentar o passo de seus ginetes em rápidas carreiras. Naquela manhãzinha de Janeiro iriam todos, os da família e vários hóspedes, passar uns dias fóra, na fazenda de Santo Antônio, opulentos domínios do dr. Agostinho Goulão, tio de d. Ana Leocádia, um velhinho teso que na glória dos seus noventa anos sustinha ainda os hábitos de galanteria da mocidade ruidosa, transcorrida em Lisboa, na côrte peralvilha de D. Maria I, onde o seu aprumo e a sua liberalidade causaram sensação... Da Olaria, contornando a montanha que a dividia dos Corrêas, a cavalgata atravessaria o Piabanha por uma ponte velha, passaria tambem pela estiva do Pai Amaro e, chegando à Vargem do Urubú tomaria a estrada do Palmital, passando pelo Buraco dos Porcos e o Calembe, para chegar então ao terreiro de Santo Antônio; e prosseguindo, se internariam os excursionistas na floresta bruta, nas vertentes da serra dos Órgãos. São matas povoadas de caça de pêlo, caça grossa. Micos e barbados andam ali aos bandos. A rapaziada antegosa os prazeres da excursão; voltariam com os seus sacos repletos de coelhos, cotias, jacús, macucos, nambús e jacutingas. E' o divertimento predileto dos que passam a maior parte do tempo na Côrte. Alguns se dispõem a montear veados, caitetús e capivaras. Os de mais sorte poderão talvês exibir ainda aos amigos, em triunfo, a pele de alguma jaguatirica, abatida em lance de coragem e destreza

Estão já todos reunidos, garbosos nos trajes de caçadores, de espingarda a tiracolo, destemidos nas atitudes e projetos. São vinte e tantas pessoas e ali estão todos os jovens Moreira Guimarães: as senhoras, já todas casadas, à exceção da caçula, ainda nas suas quinze primaveras. Dos rapazes, o mais velho, vinte e seis anos risonhos, já doutor em medicina, com um promissor futuro na sua frente; um outro, ainda estudante de direito em São Paulo, gozando as

férias no seio da família ; e o benjamim da família, o Manduca, no estouvamento dos seus quatorze anos.

Quasi todos já montados, dava d. Ana Leocádia o impulso para alcançar a séla, quando assoma à varanda uma mucama, exclamaudo muito aflita. «Ih ! minh'ama, entrou em casa um passarinho, um exagêro de grande e de exquistio. Só vendo que maravilha !» A senhora deteve-se ; e como se encaminhasse para a escada, muitos excursionistas a seguiram, desejosos de verem tambem o pássaro estupendo. Era um curioso tipo desconhecido na região, de impressionante roupagem em que se misturavam os matizes mais variados e vivos. Durante uns dez minutos diligenciaram aprisioná-lo ; um cérca daqui, outro dali, e o estranho pássaro, às tontas, atravessando cômodos e corredores, acabou alcançando uma janela e desapareceu no espaço. D. Ana Leocádia esperava os rapazes na varanda, pensativa, uma ruga a denunciar-lhe a forte tensão do espírito : «A visita deste inocente intruso despertou-me um pressentimento inexplicavel, — lhes disse ela. E' um animal desconhecido nestas bandas, que aparece no momento em que partimos. Não sei como dizer-vos ; sinto porém instintivamente que vai suceder uma desgraça. Alguma coisa de muito extraordinário nos deve acontecer.» E foi apreensiva, com a quasi certeza de um próximo desgosto, que d. Ana Leocádia se dispoz à viagem ; e em pouco a caravana apontava do outro lado da montanha, descendo na direção da ponte e apreciando a sorridente paisagem dos Corrêas com o Piabanha lá em baixo correndo volumoso e veloz, transbordante quasi, enquanto o horizonte se iluminava gradualmente. Viram então que se encaminhava em sentido contrário, alcançando primeiro a ponte, uma récua de mais de vinte bestas, presas umas às outras, vergando sob o peso da carga. Os excursionistas sopearam seus cavalos afim de esperar que o comboio atravessasse a ponte. E quando a tropa, em fila, cobria toda a ponte, ocor-

reu o acontecimento trágico : ouviu-se o estalar surdo da madeira e a ponte abateu de súbito, atirando todos os passantes ao abismo das águas. A caravana, testemunha horrorisada do sinistro, atirou-se para a frente no anseio natural de socorrer as vítimas no difícil transe. Houve extrema confusão. A carga perdeu-se toda e verificou-se a morte de homens e animais, tragados na correnteza. E o sol já ia alto quando retrocederam, tomados de grande angústia, desfeito o passeio magnífico ; e o dia decorreu pesado de tristeza.

... E d. Ana Leocádia, sempre que relatava o caso doloroso, rematava assim as suas recordações: «Aquela avesinha estranha, com a sua visita, retardou de alguns minutos a nossa ida, o bastante para não alcançarmos a ponte primeiro que os tropeiros. E não sofremos por isso o golpe terrivel da fatalidade. Eu tive o preságio da desgraça. São coisas do acaso, foi o destino que nos poupou ao infortúnio, não duvido ; mas deixem-me a ilusão de que aquele pássaro intruso veio trazer-nos um recado enviado pelo Céo».

Acompanhemos porém o desenrolar da história do atual bairro Serrador.

A aprazivel estância, residência predileta de José Cândido Monteiro de Barros, passou a pertencer-lhe em 1872. Alugou-a, entretanto, pouco depois, ao dr. Carreira, que ali montou e manteve por algum tempo um internato destinado à educação de meninas denominado «Escola do Coração de Maria». Por essa época, na casa da Engenhoca, que passara tambem a pertencer a José Cândido, morava o seu íntimo amigo João van Erven, de nacionalidade holandesa, respeitado e apreciado por seu espírito culto, coração bondoso e inteireza de caráter.

Possuira o velho van Erven uma fazenda nas margens

do Calçado, atualmente 5° distrito, denominada Bella Esperança, de onde se transferira para a Westphalia, criando ali uma situação pastoril que o seu esforço e grande tirocínio faziam selecionar e prosperar. Aconteceu porém que, em noite de um temporal fortíssimo, aluiu, em grande massa, a parte do morro sob cujo sopé se alinhavam as senzalas e os currais. Ocasionou o desmoronamento as mais desastrosas consequências. Todo o rebanho pereceu, soterrado, — vitimados tambem muitos escravos. Nenhum dano sofreu a moradia, que ainda existe, servindo de residência ao Cortume Hispano-Brasil. Não continuou porém João van Erven a trabalhar em sítio tão ingrato. Mudou-se para a Engenhoca, onde se dedicou não só à criação de gado como à lavoura. Nos últimos tempos passou-se para o sítio da Olaria; e ali faleceu, aos 72 anos, a 8 de Abril de 1875, o tio-avô dos atuais van Erven. O local da lagôa, à entrada do parque São Manoel, conservava ainda o nome de Olaria de Telha, por causa da fabricação que ali havia deste artigo. Nesse ponto, em casa que ainda existe, posto que muito modernizada, morava Manoel José Moreira Guimarães, — o comendador Manduca, como geralmente o tratavam. O comendador tivera casa de comércio no Rio de Janeiro, exercera muitos negócios, mas não o bafejara a fortuna e viera por fim experimentar tambem a indústria de tijolo. Inteligente, afavel, prestativo, despretencioso, não havia quem, privando com êle, não se sentisse logo seu amigo. Por ali se deixou ficar mesmo depois que passou a ocupar em 1883 o cargo de secretário da Câmara, que acumulava com o de bibliotecário municipal, percebendo o ordenado de 50$000, no tempo em que a renda anual de todo o município atingia a pouco mais de trinta contos de réis.

Sucedeu-o no cargo o major Ricardo Narcizo da Fonseca. Tendo, o comendador, nascido a 6 de Outubro de 1831 faleceu a 18 de Novembro de 1898, no Rio de Janeiro.

Por essa época, do outro lado do Piabanha, uum sítio da Samambaia, ficava a moradia de João Cardoso de Lemos, que o vulgo conhecia pelo nome bastante curioso de Rabo de Veado, e sua esposa Ana Luiza Cardoso, que descendia dos Corrêas. D. Ana Luiza Corrêa Cardoso finou-se a 6 de Julho de 1898. Dos filhos do matrimônio, citaremos os seguintes: Deolinda, Belarmina, Júlia, Adélia, casadas todas com portugueses; Luiz, falecido em Minas, quasi terminado o curso na Escola de Medicina; João, que seguindo para o Paraguai, alistado no Batalhão de Voluntários, ali morreu em combate, com as divisas de tenente; Augusto, oficial do Exército; Antônio, comerciante e lavrador; Joaquim, comerciante e funcionário; e o mais novo, o sr. major Ricardo Cardoso de Lemos.

No sítio da Grota-Funda, conhecido tambem pelo nome de Bela Vista, morava d. Deolinda, primeira filha do casal de João Cardoso e esposa do comerciante José Monteiro de Siqueira Carvalho. Tiveram uma filha apenas, d. Amélia, que se casou com Jerônimo Ferreira de Oliveira. Houve alguns filhos do consórcio, entre eles o professor sr. Joaquim Bento Ferreira de Oliveira. Estava Jerônimo Ferreira de Oliveira estabelecido com a venda que havia à entrada do povoado de Corrêas, ao lado do posto de muda de animais das diligências. Sucedera a seu irmão João Ferreira de Oliveira, que adquirira o negócio de José Maria Côrtes Real, um vendeiro de longas barbas patriarcais que tinha a antonomásia de Zé da Ponte. Devia porém o estabelecimento sua fundação a Vitorino Afonso Pereira Ramos, anteriormente moço de cocheira da União e Indústria e mais tarde lavrador abastado, proprietário das fazendas Campo da Grama e Boca de Fogo, em Hermogênio Silva. Longos anos manteve Jerônimo Ferreira de Oliveira o seu negócio de mantimentos e bebidas. Nesse modesto balcão de um armazem da roça, primeira casa de negócio de Corrêas, dois caixeirinhos, individualidades hoje

respeitaveis em nosso meio, fizeram, em épocas diferentes, o aprendizado de sua frutuosa carreira no comércio; os srs. Joaquim Zeferino de Souza e Jeronymo Ferreira Alves, sobrinho do dono do estabelecimento.

D. Deolinda, viuva de José Monteiro, veio a ser a segunda esposa de José Cândido Monteiro de Barros. Em 85 mudou-se este, que morava em Olaria, para a casa da Engenhoca, onde passou os últimos anos de sua vida.

Segundo as tradições, recebeu a Olaria duas vezes a honra da visita imperial. De uma feita, quando ali funcionou o colégio de meninas dirigido por d. Leonor Maria Corrêa de Sá e Benevides de Queiroz Carreira, filha do gentilhomem José Maria Corrêa de Sá e Benevides, veador de S.M., e de d. Leonor Saldanha da Gama, dama honorária de D. Teresa Cristina. O Imperador conhecera a bondosa professora quando esta ainda menina, nas visitas que costumava fazer à propriedade rural que seus leais servidores possuiam em Jacarépaguá. Voltou o Imperador mais tarde à Olaria, em visita ao major José Cândido, moço-fidalgo da Casa Imperial. Merecera este tambem a visita de outras personagens da família reinante.

Nos princípios da República esteve a propriedade arrendada a Leopoldo Figueira, turfman conhecido como proprietário de belos cavalos de corridas. Ali instalou uma coudelaria de animais de puro-sangue, quando já funcionava nas vizinhanças o Derby Petropolitano fundado por Juca Rocha. Fazia tambem criação de bestas e outros animais. Sub-arrendára a maior parte dos pastos à firma Egallon & Sampaio, que nos pitorescos rincões da fazendola estabeleceu um entreposto de gado para o córte. Esta firma se organizara como

concessionária do Matadouro Municipal e compunha-se de um veterinário francês e do sr. coronel Antônio José Alves Sampaio.

As suaves encostas, os aprazíveis vales pontilhados hoje de vistosos palacetes, adornados de belezas diversas, eram então currais de engorda de gado, mangueiras de porcos e campos de criação cercados de táboas de tapinhoan e de arame farpado.

A esse tempo rebentava a Revolta da Armada chefiada pelo contra-almirante Custodio José de Melo. Rebentavam tambem explosões de patriotismo por todos os cantos do país.

A guarda-nacional fôra chamada a auxiliar o Exército na defeza da ordem; e a mocidade petropolitana dispoz-se tambem a combater pela causa da consolidação da República. Na casa da Olaria, detentora de tantas tradições, aquartelava-se uma legião de patriotas, a segunda seção da guarda nacional do Município. Esse batalhão recrutado entre o povo miudo, composto de inexperiente rapaziada que conhecia apenas as espingardas de caça, adestrou-se com entusiasmo para a defeza da legalidade e estabilização do regime; portou-se com galhardia no desempenho de sua espinhosa missão, embora tenha ficado a lembrança de que muito «voluntário» bradara resolutamente: «das duas, uma: ou mato ou morro!» e nas matas distantes ou no píncaro dos morros a copa das árvores se convertia em této hospitaleiro.

O Estado maior na comarca de Petrópolis fôra confiado a personalidades que dispunham de positiva ascendência popular: José Cândido Monteiro de Barros, coronel, comandante em chefe; dr. Paulo Francisco da Costa Viana, tenente-coronel; José Henrique Thyne Land, major ajudante de ordens; Albino José do Amaral, major secretário; Joaquim

Pacheco, major quartel-general; dr. Francisco da Cunha e Souza, major cirurgião-mór. Dividia-se a guarda nacional em tres batalhões de infantaria, cada um deles com quatro companhias, o 21º aquartelado na cidade, o 56º na Olaria e o 57º em Pedro do Rio. Comandava o batalhão da cidade o tenente-coronel Francisco Inácio da Silveira, o primeiro cidadão que se dedicou em Petrópolis ao comércio de leilões públicos.

O comando superior do batalhão de Corrêas estava confiado a Leopoldo Figueira, investido no posto de tenente-coronel; Antônio Joaquim da Rocha Tinoco era o major-fiscal; José Antônio Portugal o capitão-ajudante; tenente-quartel-mestre, Joaquim de Oliveira Chagas; tenente-secretário, Joaquim de Oliveira Maia; capitão-cirurgião o dr. Gabriel José Pereira Bastos.

O comando das companhias do 56 pertencia aos capitães: Alfredo José Corrêa Lima, Joaquim Gonçalves da Mota, Antônio Carlos de Magalhães e José Lopes de Castro. Dirigia este último a segunda companhia. Apenas êle sobrevive aos seus colegas de comando. Sempre esforçado e generoso, o peito aberto a todos os entusiasmos, — Deus o conserve com vida e saude por dilatados anos.

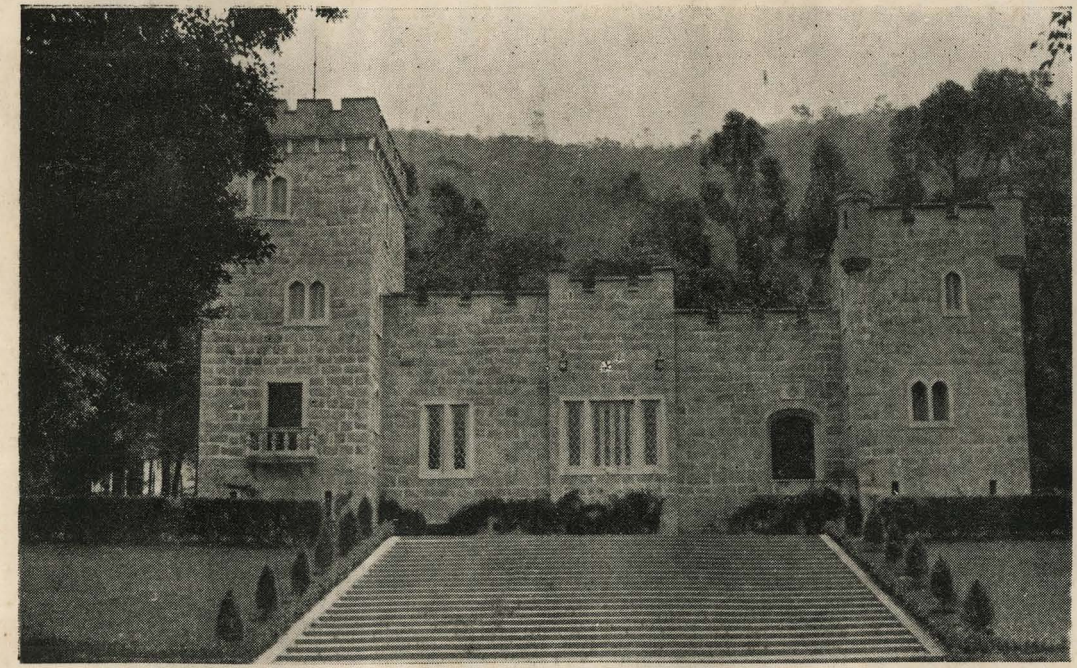
Pertenciam tambem à oficialidade do 56 os seguintes alferes e tenentes: Paulino Carlos de Magalhães, Luiz Pereira Bastos, Joaquim Zeferino de Souza, Joaquim Ferreira de Oliveira, José da Cruz Seabra, Mário Alfredo da Silva, Ricardo Cardoso de Lemos, Manoel Carlos de Magalhães, João Amâncio de Souza, Estevam Afonso Labatier, Euclides da Cunha Louzada, Luiz José de Faria, João Machado da Costa, Antônio Francisco de Oliveira, Cristóvão Cândido Fragoso, Augusto Vitorino Coelho, Camilo de Lelis Ferreira, José Antônio Soares, José Vieira Cristo Júnior, João Anastácio Vieira, Joaquim Cardoso de Lemos.

A fazenda da Olaria passou a pertencer ao dr. Gabriel José Pereira Bastos, genro do coronel José Cândido Monteiro de Barros. Vendeu-a o dr. Gabriel Bastos a Vitório Pereira Nunes. Alberto Guimarães de Azevedo comprou-a mais tarde. Vendeu-a este por trinta e oito contos ao dr. Oscar de Teffé. O novo proprietário transformou por completo o sítio a que a topografia ondulada e a abundância de vegetação proporcionam aspétos encantadores. Fez derrubar a antiga moradia, que, acaçapada e desgraciosa, mas confortavel e sólida, ostentava todos os motivos típicos da época colonial.

Levantou no mesmo ponto um outro domicílio, edificado de pedra, em estilo de castelo irlandês — interessante construção servida por extensa e larga escadaria e situada ao longo de um túnel de bambús. Com os seus torreões e suas paredes cobertas de trepadeiras, o elegante edifício consegue realizar um pouco a ilusão de um remoto passado medieval que somente seus autênticos modelos europeus realizam verdadeiramente...

Êle se impõe à nossa admiração pelas linhas majestosas, pelo caráter da sua arquitetura ; faltam-lhe porém os estigmas do tempo e os vestígios que nos façam lembrar a grandeza histórica que só a outra casa possuia...

O dr. Oscar de Teffé aumentou a nova residência de uma variedade de objetos antigos e raros, de primorosos móveis de vários estilos e épocas, de verdadeiras maravilhas de adorno. Dotou igualmente o local com diversas obras de arte, imponente fonte luminosa, vasta piscina, estátuas de mármore, pavilhões. Formou bosques e aformoseou as matas. Construiu excelente raia de corridas de cavalos, que chegou a funcionar com animais de raça. Pouco tempo porém o aprazivel sítio lhe serviu de residência. Arrendou-o, com todos os pertences, e algum tempo depois vendeu-o, por seiscentos contos de réis, à Companhia Brasil Cinematográfica, que se preparou para ali estabelecer uma colônia cine-



O *Castelo São Manoel* levantado exatamente no ponto onde se erguia a Casa da *Fazenda da Olaria*

matográfica no gênero das que existem na Norte-América, construindo diversas casas que seriam para alojamento de artistas, e projetando a construção de um hotel. Pretendeu contratar George Walsh e Tom Mix para servirem de instrutores. A auspiciosa realização, porém, apresentava-se difícil; e Francisco Serrador, embaraçado e absorvido por múltiplos negócios, foi adiando-a para tempos mais favoraveis. Começou a Empreza dedicando-se à exploração de terrenos. Demarcou todo o sítio, dividindo-o em lotes.

Edificou novas casas, nos pontos mais afastados, afim de valorizar as áreas mais ingratas. Abriu novas estradas, muito bem feitas, que vão, encosta acima, subindo em voltas até ao cimo das montanhas. Ao lugarejo afluiu grande número de compradores de terrenos. Todas as casas que havia foram vendidas facilmente. Novas construções se fizeram; e o território se transformou em um núcleo de confortaveis residências, ajardinadas e floridas, colocadas à margem de alamedas ensombradas de eucaliptos e ficus-benjamina.

Quem viu a antiga fazendola em 1910, aproximadamente, e a revê hoje, por certo não a reconhece, tão transformada está; e o progresso já conseguido nos dá bem idéia do adiantamento que apresentará daqui por uma duzia de anos o formoso arrabalde de Corrêas.

O projeto de uma cidade cinematográfica continúa, entretanto, a ser um lindo sonho...

Da desaparecida fazenda da Olaria resta ainda um móvel, de pesada madeira falquejada a formão, — o altar da capelinha que consagrava o culto de Nossa Senhora da Conceição.

Quando foi lançada em 1930 a pedra fundamental da igreja do Amor Divino, com a solene presença do Bispo de

Niterói, noticiava a «Tribuna de Petrópolis» pela pena de seu noticiarista de Corrêas: «Será celebrada pelo eminente D. José Pereira Alves festiva missa em regosijo pela inauguração oficial das obras; e a pomposa cerimônia, realizando-se no templo luminoso e augusto da natureza, terá por altar um venerando e amplo oratório de fazenda, armado precisamente no ponto onde ficará erguido o altar-mór da nova igreja. Êle ostentará no seu nicho a formosa imagem de Nossa Senhora do Amor Divino, que terá confirmado na localidade o patrocínio que vem exercendo há quasi duas centúrias. Ante o vetusto movel, em que se observa facilmente a marca de várias restaurações, curvar-se-à logo mais a população em peso de Corrêas. Não se engalana pela primeira vez para servir a uma alta excelência eclesiástica o tôsco santuário que está a carregar o peso de uma idade que deve vir de éras muito distantes. Há cerca de sessenta anos era ainda o lindo altar da casa da Olaria, demolida para dar logar ao Castelo São Manoel; nessa ocasião celebrou ante êle ofícios religiosos outra dignidade episcopal, D. Benevides, bispo de Mariana».

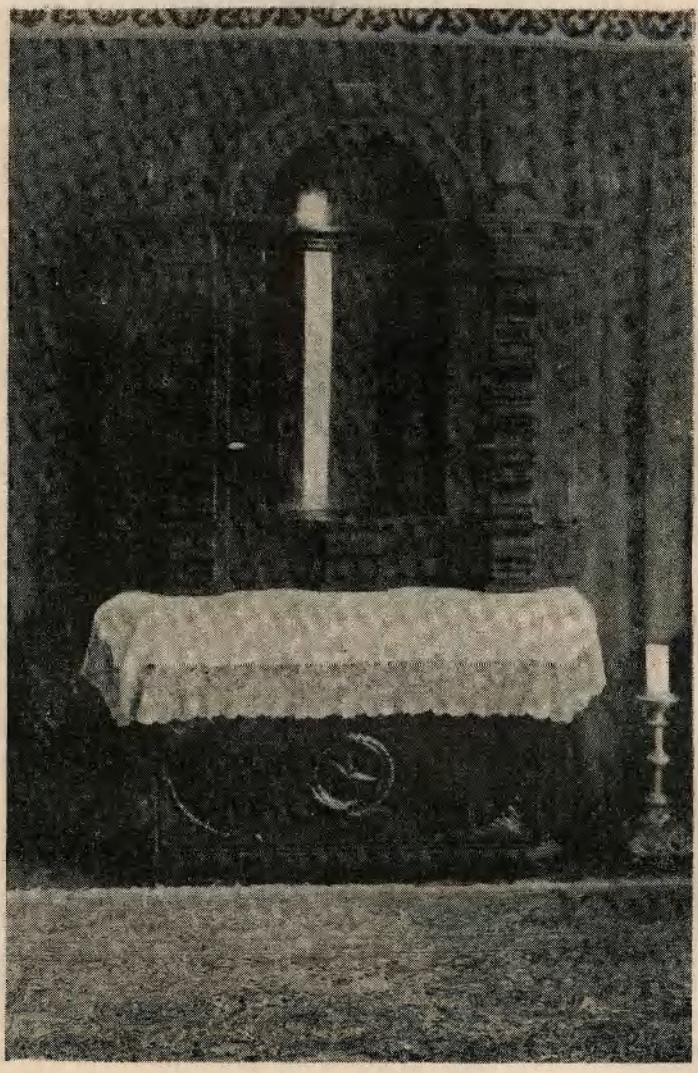
O episódio se refere ao tempo em que na Olaria funcionava o colégio de meninas, pertencente a d. Leonor Carreira. Entre os vários irmãos desta senhora, que exerceram, todos êles, funções de relevo no magistério, na política e na administração, contava-se o padre Antônio Maria Corrêa de Sá e Benevides. Tendo este passado uma temporada na fazendola, dizia missa diáriamente na capelinha da Conceição, com assistência da meninada... D. Benevides, sagrado bispo em 1877, sucedeu em Mariana a D. Viçoso.

A pequena capela da Olaria foi destruída anos antes da demolição da casa. Seu único altar passou para uma casa que se construira no terreno do Gongo Chôco, na qual morou o primeiro dr. Gabriel José Pereira Bastos. Por aquele curioso nome de origem africana conhecia-se o local onde se

ostenta hoje a suntuosa chácara da família Bento Borges da Fonseca. Terreno então muito montanhoso, dali saiu todo o aterro necessário ao nivelamento do prado de corridas criado por Juca Rocha, cuja área possuía trechos com enormes depressões. Demolida a antiga moradia para dar logar ao atual palacete, passou o oratório para a casa conhecida por «Chalet». Ultimamente dali saiu para ficar provisóriamente na igreja que estava sendo construída, servindo nos dias de festa. Hoje, completamente restaurado, encontra-se, definitivamente, na igrejinha da antiga fazenda de Corrêas.

Era médico o dr. Gabriel Bastos ; figura das mais distintas da sociedade de Petrópolis, impondo-se à estima e ao respeito de quantos com êle privavam. Era filho do cidadão de igual nome que, ao falecer, ocupava o cargo de tabelião do 2º ofício, cartório que pertencera a João Cordeiro de Carvalho.

O dr. Gabriel Bastos faleceu em Fevereiro de 1910, vítima de lamentavel desastre, perdendo com êle, as classes pobres, um grande amigo.



O altar da capela da *Fazenda da Olaria*

O altar da capela da Fazenda de Olaria

CAPÍTULO VIII

A FAZENDA DA SAMAMBAIA

Três filhos resultaram do consórcio de Pedro Gonçalves Dias e Maria Brígida da Assunção, a mais nova irmã do Padre Corrêa : — Brígida Maria, que se casou com o oficial de cavalaria José Cândido Fragoso ; Luiz, eclesiástico e lavrador ; Tomás, agricultor tambem. Tantos herdeiros rendera o matrimônio quantas propriedades rústicas possuía o casal : Samambaia e Arca, herdadas pela esposa e situadas nos dois extremos dos domínios de seus antepassados ; e Retiro, trazida ao matrimônio pelo esposo. Do nome dos dois filhos se originaram os subtítulos desta última fazenda : «Retiro de São Tomás e São Luiz». Maria Brígida Corrêa Gonçalves Dias sobreviveu alguns anos ao marido e faleceu em 1829 na sua herdade da Samambaia.

O padre Luiz Gonçalves Dias Corrêa exerceu o curato, criado em 1844, do segundo distrito de São José do Rio Preto, a que Petrópolis, ainda simples fazenda, pertencia. Fundando-se a esse tempo a povoação germânica, coube-lhe pastorear espiritualmente os alemães católicos, como vigário da Freguesia de São Pedro de Alcântara de Petrópolis, que se criou em 1846.

Estimado e respeitado de católicos e protestantes, revelou-se bom auxiliar e amigo de Júlio Koeler, de credo religioso diferente. Conservou as honras de vigário da vara e da freguesia até morrer, embora nos últimos anos as funções do cargo fossem desempenhadas por outros sacerdotes.

Fez parte do cabido do bispado do Rio de Janeiro. Fa-

leceu a 1º de Dezembro de 1854 na sua fazenda da Samambaia, onde sempre viveu.

O professor Frederico Damcke, seu íntimo nos primeiros anos da fundação de Petrópolis, de religião protestante, escreveu a seu respeito, três anos depois de sua morte: «Viverá sempre no coração dos homens de bem que tiveram a fortuna de conhecê-lo», acrescentando: «Honra à memória do digno prelado!»

A título de curiosidade, destacamos os seguintes períodos de seu testamento, feito de próprio punho, aprovado e encerrado em 4 de Dezembro de 1844 e aberto dez anos depois:

> «Dei liberdade aos meus escravos Guido e à sua mulher Lucinda, pretos africanos, igualmente a seu filho Abrão, e tambem a Emerenciana e a Getúlio, cujas cartas se acham registradas no cartório do Tabelião Castro, de cuja liberdade plena só poderão gozar depois de minha morte, pois é especificada essa cláusula nas mesmas cartas. Por minha morte deixo tambem libertos os meus escravos Gil e sua mulher Damiana, Reginaldo e sua mulher Claudina, com a condição de servirem a meus herdeiros por espaço de dois anos, findos os quais esta declaração lhes servirá como cartas de liberdade passadas por mim, se em minha vida não as tiver passado. Deixo em legado aos meus libertos Abrão e à sua mulher, se a tiver, a Getúlio e Emerenciana, se já estiverem casados, o usofruto do terreno, casas, pomar e bemfeitorias que existem do córrego dos Agriões até à Grota Funda, onde acaba o pomar ora existente, de cujas terras e bemfeitorias só poderão possuir o usofruto, emquanto vivos forem.»

A fazenda de Belmonte, ou Samambaia, nomes que simultaneamente possuía, ficava reclinada na cadeia de montes da margem direita do Piabanha, a partir da confluência deste rio com o do Itamaratí e a morrer no rumo dos Corrêas, perdendo-se o limite dos fundos, morros acima, muito longe, nas grandes pedreiras de encostas escarpadas e inacessiveis do Caxambú.

No sítio onde se encontram os dois rios, no lugar que era denominado Rumo da Samambaia, foi colocado em época antiquíssima o Marco das Carrancas, que é ainda hoje geralmente mencionado.

Em 14 de Agosto de 1854 procedeu-se oficialmente ao reconhecimento da sua posição, quando de uma medição de terras compradas ao Itamaratí pela Casa Imperial, em cuja escritura êle foi pela primeira vez designado ; estiveram presentes à cerimônia não só o vendedor Joaquim Carneiro de Mendonça como o dr. Bernardino Alves Machado, vice presidente da Câmara Municipal da Vila da Estrela servindo de juiz municipal. No rumo das novas terras imperiais havia uma cruz aberta numa pedra, trabalho curioso que denotava ter sido feito havia muitos anos ; na mesma pedra cravaram então uma chapa metálica amarela, de um palmo em quadro, tendo aberta a seguinte legenda : «Imperial Fazenda de Petrópolis 1854», chapa que tempos depois caiu. O Marco das Carrancas tem sido sempre o ponto de partida dos engenheiros para as suas medições de terras das divisas de Petrópolis para baixo.

Demasiado montanhosa, quasi não possuia Belmonte planícies ou campos aráveis, não passando sua várzea de uma faixa sinuosa, uma tira que se estendia por mil braças, orlada pelo sopé dos montes e o rio.

Em mil setecentos e tantos, o fundador da propriedade, fervoroso devoto de sua pátria, ao levantar o domicílio solarengo na aba da montanha impôs-lhe o nome suave de Bel-

monte, que lhe soaria sempre como a palavra propícia a fazer reviver a embaladora ilusão do vilarejo onde nascera e que lá ficara situado em ameno vale escondido entre as serranias da sua Beira, o canteiro mais florido do seu jardim da Europa à beira-mar plantado. E Belmonte foi o nome legal, que figurava nos roteiros e constava dos documentos. Contra o batismo oficial, contudo, prevaleceu desde remoto tempo o apelido que o povo, no seu senso prático, lhe aplicára e que acabou radicando-se definitivamente.

A família Miranda Pinto, dona da fazenda durante vinte anos, teve propósito de mudar o nome criado pelo uso, chegando a registrar a propriedade, em 1880, com o nome de «Bela-Vista»; mas o velho termo de Samambaia continuou predominando e mais uma vez vencendo.

Samambaia, por serem certamente terrenos que se deixariam invadir pela planta tida como padrão de terra sem a constituição suficiente para dar força às lavouras, o que aliás acontecia com as terras mais acima, imprestaveis para muitas culturas, onde nem mesmo o capim se cultivava. Entretanto, se a Belmonte não se podia ajustar inteiramente a expressão feliz «em se plantando, dar-se-á nela tudo», a verdade é que ali se praticou em regular escala a produção de frutas e houve grandes lavouras de cereais e legumes; e a atividade de seus proprietários levou-os a experimentarem o cultivo do cereal essencial à subsistência, o trigo, embora a produção de tão precioso artigo não chegasse a prosperar. Em Setembro de 1817 o dr. Johan Emmanoel Pohl, de passagem para Minas, verificou que a fazenda colhia mandioca, milho, algodão, bananas, pêssegos, marmelos e outras frutas, alegrando-se sobretudo de ver ali plantações de trigo. Notara o viajante ilustre que o trigo era muito atacado pelos pássaros...

Existiam pomares de marmelos e pêssegos que deveriam conter mais de cinco mil pés e que ficavam espalhados no sítio do Caroatá, bastante acima da séde da fazenda, na bacia

de Alcobaça, nome tambem de um logar de Portugal... E desde o cimo dos montes até às beiras que davam para o rio, à parte um ou outro pequeno sítio frutífero, os terrenos cobriam-se de viçosos milharais e canaviais e plantações de mandioca. Sendo a fazenda atravessada de ponta a ponta pela estrada de Minas, um de seus maiores negócios, até à abertura da União e Indústria, consistia no fornecimento de milho, aguardente e forragem de animais, negócios que davam muito interesse, sendo tambem notavel o comércio de farinha de páo e de fubá. Com o advento da estrada de rodagem, o valor econômico da propriedade decaiu ; aliás, tendo experimentado várias culturas, nunca chegou a Samambaia a ter uma produção permanente, intensiva, que proporcionasse grandes riquezas. O cônego Luiz Corrêa, seu mais duradouro proprietário, teve hipotecadas as terras, os escravos e as tropas ; e suas dívidas não o abandonariam até ao fim da vida.

Com os povoados invadidos pelos povoados de Cascatinha e Corrêas, está a antiga fazenda reduzida há muitíssimos anos a uma chácara, simples moradia de campo. A seu propósito escreveu o dr. Henrique Kopke Júnior, em 1896, a seguinte notícia : «Os terrenos em geral argilosos, são de pouca fertilidade ; já esgotados na sua maior parte, não teem atualmente cultura alguma nem existe neles indústria explorada. Entretanto, bem cuidados, prestam-se à formação de pastagens e à cultura de cereais e de produtos de pequena lavoura, tais como : batatas, legumes, hortaliças, frutas, principalmente marmelos, pêssegos, maçãs, figos, uvas, etc., de que outróra possuiu abundantes pomares. O clima é de salubridade invejavel. Possuindo águas abundantes e de grande altura, presta-se à exploração de indústrias que dependam de boas aguadas ; esses terrenos são banhados pelo lado do poente, na sua testada, pelo rio Piabanha, são atravessados pela estrada de tropas «mineira» e são cortados no centro pelo córrego da Samambaia em uma pequena parte do seu

curso, pelo córrego da Lage, de águas excelentes, pelo pequeno córrego dos Agriões e pelo riacho da Grota Funda, quasi na sua divisa ao norte. Cortados pela estrada de ferro Leopoldina, são esses terrenos servidos pela estação de Cascatinha, que deles dista dois quilômetros aproximadamente.»

A Samambaia tem a emoldurar-lhe as paisagens um conjunto caprichoso de montes, do qual se destacam o arrogante penhasco que uns denominam a pedra de Uricanan e outros a pedra do Salta-Veado, e as duas volumosas montanhas da Gloria.

Humberto de Campos celebrou há tempos, em primorosa crônica, a decrépita figueira existente na Samambaia, bem à margem da antiga estrada tropeira, e que exibe aos passantes as suas raizes seculares, corpulentas, fundas mas já desfalecentes, e levanta melancólicamente os braços vacilantes para os ares. Ela deve ser da mesma éra da árvore veneranda dos Corrêas, sua irmã de raça, e em torno da qual correm lendas tão interessantes quanto desconformes com a verdade ácerca da passagem do mártir glorioso da Inconfidência. E Humberto de Campos fantasia, imaginando que a da Samambaia tambem aguardaria o valoroso caudilho «para dar-lhe o agasalho transitório dos seus ramos e receber, como a outra, o seu abraço de despedida»; e, admirando-as, exclama, sempre imaginoso e original: «E as duas figueiras, impondo-se ao respeito humano, permanecem de pé, acariciadas pelo sol e insultadas pelos grosseiros ventos serranos. Quem sabe, mesmo, se as lendas sobre Tiradentes não foram sussurradas aos homens pelas duas figueiras, as quais, com essa mentira, quizeram, apenas, ver-se respeitadas pelo machado sacrílego dos antigos lenhadores da serra?»

Quando o cônego Luiz se transferiu desta para melhor vida, passou a ser proprietário da Samambaia o sr. João

Cardoso de Lemos, já então casado, desde mais de dez anos, com dona Ana Luiza da Assunção, que ali nascêra.

Com o correr do tempo, a Samambaia foi se retalhando em cinco porções distintas: — a região fronteira ao Itamaratí, adjudicada em 1863 a João Antônio Xavier, pertencente hoje uma parte à Companhia de Tecidos Petropolitana e a outra parte a diversos; — a parte principal, com a residência senhorial, vendida à viuva d. Ana Gregorio de Miranda Pinto, baroneza de São Vicente de Paulo, e seu filho José Pereira de Miranda Pinto, por nove contos de réis, conforme escritura de 28 de Janeiro de 1871, notando-se que só a casa ancestral valeria hoje algumas vezes essa soma; a parte seguinte, até ao lacrimal dos Agriões, ao dr. Dídimo Agapito da Veiga Júnior, terreno que a baroneza tambem acabou adquirindo, em 6 de Novembro de 1875, constituindo-se então possuidora de uma herdade que era a região mais apreciavel da antiga fazenda; — o sítio entre o córrego dos Agriões e o córrego da Grota Funda, nunca vendido, pertencente hoje ao sr. Ricardo Cardoso de Lemos; — o sítio da Grota Funda, atual Bela Vista, no extremo da fazenda com a dos Corrêas, que coubera por herança materna a d. Deolinda Cardoso Monteiro, a qual, enviuvando, vendeu-o ao dr. Bernardo da Gama Souza Franco, em Março de 1891. Souza Franco, grande proprietário no Pará, exercia a função de juiz na capital do país e teve residência na Grota Funda durante vários anos. Pertence hoje o sítio à viuva do coronel Domingos de Souza Nogueira, sra. d. Maria de Freitas Nogueira.

Durante quasi todo o domínio dos Miranda Pinto, a Samambaia esteve arrendada ao criador e lavrador José Inocêncio de Oliveira Matos.

Achava-se muito maltratado o vetusto solar do século 18 quando o dr. Horácio Moreira Guimarães, advogado nos auditórios do Rio de Janeiro, e sua senhora d. Ana Moreira Guimarães, adquiriram a propriedade aos herdeiros da baroneza

de São Vicente de Paulo, todos moradores em Campos, em 14 de Agosto de 1891, por dezesete contos de réis. O novo proprietário rejuvenesceu o edifício com inteligentes reformas, que proporcionaram à moradia um cunho confortavel e simples, sem destruir os puríssimos caraterísticos do estilo colonial. Modificou todo o interior, encanou águas, instalou serviço de esgotos, criou jardins, arborisou os arredores, dando enfim à Samambaia a feição que tem hoje, de um recanto do paraizo.

Conta uma tradição que a casa da Samambaia particulariza-se por um detalhe interessante, por certo de grande raridade e que merece ser divulgado : sendo construída de páo a pique, como de resto todas as do seu tempo, um dos esteios mestres, dos que ficam do lado da capela, não é enterrado. Era árvore viva, um pé de braúna muito direito que existia no local escolhido para a construção ; descascaram-no, aparelharam-no, e ali ficou, morto-vivo, exercendo sua definitiva função sem ter saído do logar.

A linda capelinha está construida num ângulo da casa e aberta para a grande varanda, de modo que os fieis, quando em número excessivo, poderiam assistir dali às cerimônias divinas. Nada mais resta dos ornamentos antigos ; o aspéto interior da capela foi inteiramente modernizado pelos atuais proprietários.

O altar esculpido em madeira e trabalhado por mão de artista encontra-se atualmente na capela da Congregação das Irmãs Angélicas de Teresópolis e em seu logar foi colocado um altar de último modelo, fabricado pela Casa Gelli.

Não se diferençavam, na fórma como nos detalhes, os altares das capelas de Corrêas, da Samambaia e de Santo An-

tônio, consagrados ao Espírito Santo, ornados todos êles com os emblemas da Terceira Pessoa da Trindade ; suas imagens padroeiras representavam, porém, diferentes cultos da celestial Mãe de Jesus. A da Samambaia, primorosa obra de talha, reproduzia Nossa Senhora da Conceição. Autêntica relíquia, foi, apezar disso, destronada, passando atualmente a exteriorizar a invocação da igrejinha uma imagem de Cristo Redentor, com um dístico contendo as palavras sagradas : «Adveniat Regnum Tuum».

Teve a Samambaia sua época de maior brilho durante os vinte e tantos anos em que, invariavelmente, de Dezembro a Junho, ali se reuniam as várias famílias ligadas ao ramo Moreira Guimarães. A deliciosa estância de vilegiatura, graças ao trato aprimorado de seus proprietários, ao círculo dilatado de suas relações, acolheu então o que de mais seleto havia na alta sociedade, enchendo-se de alegrias e festas os seus salões, realizando-se ali faustosas recepções.

Improvisavam-se pic-nics que se realizavam nos próprios sítios pitorescos da fazenda, lautos banquetes ao ar livre onde se sentavam muitas vezes mais de quarenta pessoas. O dr. Horácio Guimarães e sua senhora possuíam a virtude de agradar a todos, o segredo especial de conseguirem que seus convivas se sentissem inteiramente à vontade ; e aquele bucólico retiro, considerado um novo seio de Abraão, tal o ambiente de cordialidade que ali se respirava, teve como hóspedes, visitantes de um dia uns, demorando-se temporadas outros, os expoentes dos vários ramos do saber, — o conselheiro Tomás Coelho, o magistrado Guimarães Natal, os financistas Joaquim Murtinho e Leopoldo de Bulhões, o jurisconsulto Carlos de Carvalho, o erudito Capistrano de

Abreu, o médico Marcos Cavalcante, o presidente Nilo Peçanha, o marechal Hermes da Fonseca, o general Lauro Muller, e muitos outros.

Hoje a aprazivel mansão de veraneio pertence ao dr. José Eduardo de Macedo Soares, que a adquiriu há uns quinze anos, por cem contos de réis, tendo o dr. Horácio reservado a chácara de baixo que passou a pertencer à sua cunhada e prima d. Luiza Miranda van Erven, viuva do dr. João van Erven, e conservando para si ainda algum terreno. E' interessante assinalar o gráo de valorização que atingiu, e a fascinação que exercia aquela paradisíaca morada, recordando-se o fato de, há alguns anos, ter o dr. Macedo Soares recusado vendê-la a importante capitalista por seiscentos contos de réis.

Na Samambaia, a 2 de Março de 1905, faleceu o dr. José Agostinho Moreira Guimarães, sobrinho-neto do Padre Corrêa, pai do dr. Horácio Moreira Guimarães, tio do sr. Fernando da Rocha Miranda e tio-avô do sr. Henrique van Erven.

Homem de real valor, caráter inteiriço, de quem a pátria mereceu assinalada soma de serviços, foi exemplo de probidade.

Primo em segundo gráo do cônego Januário da Cunha Barbosa, seu professor de filosofia, chegou quasi a ordenar-se; resolveu porém afastar se da vida eclesiástica, e, então com vinte anos, seguiu para São Paulo, matriculando-se na Academia de Direito. Ali brilhou com os esplendores da sua inteligência numa época em que brilharam talentos como os de José Bonifácio, José de Alencar, Silveira de Souza, Justino de Andrade e tantos outros. Nascido a 25 de Outubro de 1824, no Rio de Janeiro, formou-se em direito em 1850, casando-se a 10 de Novembro de 1851 com d. Cândida Augusta dos Santos. Foi sucessivamente deputado provincial

do Rio de Janeiro, diretor de Instrução Pública da Província até 1854, consultor jurídico da pasta do Império quando chefe do Gabinete o conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, até 1859.

Foi o primeiro Diretor Geral do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, cargo que exerceu durante algumas dezenas de anos ; a sua opinião era solicitada e acolhida pelos vários titulares da pasta, de modo que se dizia, como do Visconde de Cabo Frio no Ministério do Exterior, que o verdadeiro ministro era êle.

Aposentou se por doente em 1888, tendo servido ininterruptamente 38 anos na administração do país. Não tendo querido seguir a carreira religiosa, teve porém uma vida rica de virtudes e o pensamento sempre alumiado por Deus. Finou-se aos 81 anos. Acabara de almoçar jovialmente, brincando com as netinhas, quando sentiu-se incomodado com uma forte dor no peito e duas horas depois estava morto. Dêle disse Artur Azevedo, ao prantear-lhe a morte : «Era um homem extremamente afavel que tinha meiguices na voz e no olhar, — um olhar fundo, inteligente, perscrutador, coado através do cristal de uns óculos de míope».

Fôra agraciado pelo Governo brasileiro não só com a dignidade do Conselho como com as comendas da Rosa e de Cristo e o título de Barão de Guimarães. O Governo francês, em atenção à sua importante obra «O Brasil na Exposição de Paris», lhe conferira a grande comenda da Legião de Honra.

Tudo fez para não adotar o nome nobiliárquico, que sua índole democrática repelia ; e só usou o título porque o Imperador se mostrára ressentido. Ainda assim, foi sempre mais conhecido pelo nome de conselheiro José Agostinho.

CAPÍTULO IX

A FAZENDA DA ENGENHOCA

A Tomás Gonçalves Dias Goulão coube a propriedade do Retiro, cujas terras não chegaram a ter produção apreciavel, cobertas apenas de magníficas florestas, e onde nem casa de habitação havia.

O imenso território só começou a ser considerado quando aberta a estrada de rodagem para Juiz de Fóra, flanqueando-o de ponta a ponta. Fazia limites com as terras imperiais, começando um pouco abaixo do síiio onde foi construido o Matadouro Municipal.

Tomás Goulão construira, porém, na parte situada no extremo posterior de suas terras, a fazendola da Engenhoca, com uma linda casa admiravelmente posta em outeiro ; e as redondezas prosperavam em excelentes lavouras e vergeis frutíferos. A moradia possuia ao lado e aos fundos extensos pomares em que sobresaiam muitas árvores de cravo da Índia e chá chinês.

Esse nome de engenhoca derivou de avantajado monjolo, que ficava por trás da casa e que, num baque compassado e surdo, trabalhava com o peso da água do ribeirão que desce do Catitú e desagúa no Piabanha.

Ainda em vida de Pedro I, que já não detinha entretanto a coroa imperial, sendo seus procuradores no Brasil a firma Samuel Felipe & Cia., Tomás Goulão arrendou a fazenda do Córrego Seco pelo tempo de nove anos, a começar de 22 de

Julho de 1832. Êle teria deslocado para as novas terras boa parte de sua escravaria, afim de realizar produção bastante para cobrir os encargos do arrendamento, do qual todavia desistiu vencidos menos de três anos.

Não estão vinculados por aforamento as áreas da Samambaia e da Arca. Tomás Goulão, porém, precedendo a Casa Imperial, constituiu em senhorio, em 1840, as terras de suas fazendas Retiro e Engenhoca, subsistindo ainda a obrigação de fóros.

Em 1872 o acúmulo dos anos o arrebatou ao número dos vivos. Falecera sem testamento e em estado de solteiro, sucedendo-lhe nos bens a irmã octogenária.

Tomás Goulão fôra agraciado pela Corôa com as insígnias de Cavaleiro da Ordem de N. S. Jesus Cristo.

Homens antigos, que por aí andam e sabem narrativas de aventuras interessantes, recordam-se ainda do velho Tomás Goulão, que era baixo de corpo, pessoa excelente, agradavel, benevolente. Chegára áquela idade sem conhecer as responsabilidades decorrentes do matrimônio; talvez por isso mesmo, não passava de um refinado apreciador do belo sexo...

Velhinho já, inofensivo, de pernas frouxas, mãos trêmulas e gengivas murchas, não se conformava no entanto com o viver apenas de recordações, — e seu olhar denunciava bem o fogo a lhe tostar a alma, que se mantinha moça. Êle costumava explicar, muito a sério, que estava um pouco usado, mas velho, não...

Bom cavaleiro nos risonhos tempos, conservava ainda o gosto dos passeios a cavalo, quando já trôpego e reumático. Possuía uma burrinha branda de gênio e muito afeiçoada, e que merecia confiança principalmente por ser velhota tambem. O perseverante cavaleiro não dispensava tambem a companhia de um pagem, de nome Antônio Alfaiate, que o ajudava a montar na veterana mula; e dava diáriamente o seu giro,

antes do sol aquecer, a passear a sua avançada esclerose, de escudeiro ao lado. Ora, certa vez, o veneravel Tomás Gonçalves Dias Goulão apanhou naturalmente uma indigestão, teve durante a noite as suas ansias aumentadas pelo alarmante uivar da canzoada, e a parca inexoravel, com a horrenda foice, entendeu que afinal já era tempo de cortar-lhe o débil fio; e quando raiou a madrugada já aquela alma estroina andava, errática e indecisa, a indagar se podia tomar pela vereda estreita e deserta que conduz à mansão da paz eterna ou se deveria atirar-se à larga avenida intensamente transitada que vai ter ao sombrio local das caldeiras e espetos. Deu-se então um caso positivamente singular: aos primeiros alvores do dia foram encontrar a burrinha de pernas esticadas, na chácara que havia ao lado da morada. Morrera com uma expressão de calma absoluta e parecia verdeiramente dormir... Fiel burrinha! Quiz servir ao amo ainda na longa jornada ao outro mundo!

A casa da Engenhoca não tinha as dimensões de ultimamente. Foi bastante ampliada pelo coronel José Cândido, que construiu tambem um formoso santuário, fixado ao lado da moradia como a montar-lhe guarda. Era colocada à margem da União e Indústria, que é entretanto de construção muito posterior. Aos fundos estende-se, em terrenos acidentados, o bairro do Catitú composto de pequenos lavradores portuguêses ou descendentes de primitivos colonos de Petrópolis; confina o lugarejo com terras do Carangola e Rio da Cidade.

A capelinha possuia por padroeiro uma imagem de Jesus Cristo, peça de inapreciavel valor artístico que se acha hoje, por oferta da exma. viuva Edwiges de Queiroz, no santuário das Carmelitas Descalças, do Rio de Janeiro.

A velha casa da fazenda já teve bastante animação em seu redor e nos lembra muito o Brasil de outros tempos. Quando pertencente ao dr. Edwiges de Queiroz, genro de José Cândido, e que a teve como residência durante mais de uma vintena de anos, foi frequentada continuamente por individualidades nos postos de maior destaque. O Marechal Hermes, o general Pinheiro Machado, foram seus assíduos visitantes. Na interessante capelinha ainda em 1922 se celebraram, durante todo o mês de Maio, as festividades marianas, com abundância de flores e de luzes e muita afluência de fieis. Tempos depois instalava-se na casa veterana a Pensão Engenhoca, que se sustentou durante poucos anos. Moradia e templo, envelhecidos e desprezados, acabaram sofrendo o golpe demolidor da picareta para em seu lugar surgir moderno palacete a remoçar o local. Pertencem, bem como os terrenos adjacentes, ao dr. Valois Souto, que pouco acima do local da tradicional morada levantou o suntuoso Sanatório de Corrêas.

CAPÍTULO X

A FAZENDA DA ARCA

Lá para as bandas onde já se caraterisam as primeiras ondulações da cordilheira dos Órgãos, havia uma propriedade agrícola constituída desde o tempo dos colonizadores portuguêses. Ficava em região de matas espessas, bastante longe do caminho por onde transitavam os tropeiros, os cavalarianos del-rei e as caravanas de aventureiros em demanda do eldorado das Minas Gerais. Chamava-se a «Arca de Noé». O desbravador lusitano que a fundára, cansado que estaria de correr mundos e de assistir ao dilúvio de impiedades e vícios em que se afogava a humanidade, ao firmar pé nas terras da sua sesmaria, diante das colinas verdes, sob o céo escampo e azul a dulcificar-lhe a alma, imaginara descoberto o seu Ararat; — vencidas as vicissitudes do mar revolto da existencia como o famoso barco do patriarca, ao pousar nos montes da Armênia, dominara quarenta dias furiosos de tormenta, vencera o cataclismo da inundação universal. E as suas terras receberam esse nome bíblico que ainda serve para designá-las. Da velha fazenda perduram hoje recordações apenas, umas consagradas pela história, outras derivadas simplesmente da fábula. O solar que aí havia, uma grande casa assobradada, tivera qualquer cousa de análogo com os castelos dos velhos tempos feudais. Ela fôra fortificada e defendida por pequenos canhões de bronze e possuia

torreões de onde a vista dominava os arredores e de onde os arcabuzes facilmente conteriam os inimigos.

Dizem no ainda hoje os antigos moradores da região, transmitindo o testemunho de seus antepassados. E o solar, a que as fortificações davam uma feição medieval, foi tambem, como os castelos da velha Europa, um viveiro de assombrações. Contam que aquilo tudo pertencera em éras recuadas a um senhor sem piedade, esgrouviado e áspero, de palidez sinistra e olhar mortiço, tão máu que lhe cresciam chavelhos como aos bodes e ao diabo. E o desgraçado, para trazê-los sempre bem rentes, recorria constantemente a um hábil e fiel serralheiro que nunca se apartava de seus domínios. Praticava o excomungado quotidianas atrocidades e nada havia sagrado para êle. Trocára certa vez uma imagem milagrosa da igrejinha da Arca por um lote de seis bestas. As bestas foram morrendo uma a uma; dentro de poucos dias estrebuchava a última do lote...

Protetor de facínoras, era orgulhoso, pérfido e rancoroso, o terror em fórma de gente; suas vinganças culminavam em perversidade. Tão irascivel e feroz que diariamente, por prazer, supliciava os pobres cativos. Moía-os à pancada e enterrava-os ainda semi-vivos num campo que ficava visivel da casa da fazenda.

Em cada cova plantava um pé de bananeira; e o plantio se desdobrava e os elegantes arbustos balançavam ao vento as compridas folhas como gigantescos leques e pendiam ao peso de alentadas pencas de dourados frutos.

Um dia, por vontade do demônio, dá a macacôa no maldito, que escabuja e morre! Trataram os seus de prepararlhe o enterro; fizeram-lhe o caixão. Aquele corpo, porém, não tivera uma alma cristã, e não teria tambem as honras e a proteção da terra. Já há muito tempo deixara de estrebuchar e continuava sem o frio e a rigidez da morte. Raiara a aurora, passara o dia, avizinhava-se o anoitecer, — e o corpo

não esfriava. Resolveram os parentes, mesmo assim, enterrá-lo. Quando conduziam o caixão, sentiram-no diminuir de peso, e, abrindo-o, não encontraram o defunto, que fôra substituido por um tôco de bananeira. E divisaram ao longe quatro caborés de tez avermelhada e olhos fagulhando como carvões acêsos, que suspendiam o corpo do excomungado e afundavam com êle no coração da noite, conduzindo-o diretamente, por certo, aos abismos onde sofrem os condenados os suplícios do fogo. Transidos de susto, enterraram o caixão no campo-santo negro. A alma do miseravel, presa de satanaz, ficára condenada a vagar enquanto o corpo não se libertasse das caldeiras do inferno. Isto vive ainda na memória do povo, sempre propensa ao exagero... Contam-se ainda outras histórias extravagantes girando todas em torno da velha casa desaparecida e que mesmo recentemente não desalojara os seus fantasmas familiares, convertida até ao fim em ninho de sortilégios e visões. Seus sucessivos moradores abandonaram-na em pouco tempo e compraziam-se em dar curso às mais curiosas versões. Ninguem podia ali dormir sossegado. Mal fechavam a casa, faziam-se sentir estranhos fenômenos, pancadas, assobios, rolar de madeiras, um pandemônio arrepiante.

Na extensa senzala existiam, há muito sem serventia, quinze esbarrondados pilões; era bater meia noite e começava ali dentro a barulheira em pancadas certas: «bão-quiti-bão» até raiar o dia. Retiraram dali os velhos pilões enfeitiçados e queimaram-nos; mas as pancadas, compassadas e surdas, continuaram a despertar a noite, sacudindo com mais força as paredes da senzala... Uma vez os moradores ouviram distintamente, tarde da noite, o rodar de carruagens; sobressaltados, abriram a janela e, mudos de espanto, viram à claridade do plenilúnio uma enfiada de carriolas atravessando ao longe por cima de uma pedreira onde só mesmo cabras poderiam equilibrar-se...

O último proprietário, não podendo viver na casa endemoninhada, construiu um pouco adiante um novo domicílio, deixando que a obra do abandono fosse esboroando a casa velha e o pequeno templo católico que se erguia ao lado. Mas um parente seu quiz mostrar valentia e animou-se uma vez a pernoitar na casa assombrada, propondo-se acabar de uma vez com os encantamentos. Cara lhe saiu a afoiteza. La pelas tantas, sua cama começou aos boléos, de um lado para o outro; chegaram-lhe aos ouvidos soturnas vozes e terrificantes ameaças e o corajoso, sem pinga de sangue, a muito custo pôde bater em retirada e nem quer ainda hoje que se lhe fale na aventura. Havia uma porteira presa de estranho sortilégio: ninguem podia girá-la na hora das doze badaladas, do dia ou da noite; precisamente nesses momentos, seus gonzos não cediam nem mesmo à força de esconjuros.

Referem tambem as tradições que os obuzes da fazenda da Arca estavam com as bocas sempre prontas a vomitar metralha. São os antigos que o atestam; e que ainda puderam reconhecer as bases em que as peças estavam assentadas... Que episódios porém teriam determinado essa fortificação? Porque uma defeza vigilante, disposta a manter os atacantes à distância? Estariam os fazendeiros sujeitos à investida de íncolas ferozes? Ou os assaltantes seriam bandoleiros que costumassem assolar impiedosamente o sertão, talando os campos, varejando os celeiros, saqueando as arcas?

Coubera a José Cândido Fragoso e sua mulher Brígida Maria Corrêa Fragoso, já possuidores da fazenda de Bemfica, limítrofe da Arca, a herança desta última.

José Cândido, vindo ao mundo na cidade do Rio de Janeiro a 18 de Dezembro de 1787, era filho do capitão José Rodrigues Fragoso, português nascido na vila de Alcobaça, e

de Isabel Cândida Fragoso, natural do Rio de Janeiro. Muito jovem abraçara a carreira das armas, na qual parentes seus lusitanos muito se haviam distinguido.

El-rei D. João VI, reconhecendo os méritos de José Cândido Fragoso, nomeou-o, em 12 de Outubro de 1818, capitão da 6a. Companhia do Regimento de Cavalaria de Milícias n. 5 da Província do Rio de Janeiro. Dotado de um caráter em que os sentimentos de candura deviam pesar mui levemente, êle se destacou sempre por uma intrepidez sem limites. O imperador D. Pedro I, por ato de 19 de Outubro de 1823, guindou-o à sua Imperial Guarda de Honra.

De compleição robusta, rosto cheio e rosado, calva de fronte a fronte, a sobrar nos lados o cabelo que faltava no cimo, êle sobresaía garbosamente nos dias de grande gala, empertigado no uniforme de dolman ofuscante de brancura a realçar a faixa azul, as dragonas e botões amarelos e a gola encarnada que ostentava em prateado as armas imperiais; e o seu físico marcial dizia bem o que lhe ia na alma: uma destemidez a toda a prova, que era o que mais agradava ao imperante. No seu novo cargo permaneceu cêrca de cinco anos.

Por esse tempo o banditismo campeava infrene em nossas montanhas. Andavam as estradas inseguras. Celebrisava-se a quadrilha de ladrões que habitava de preferência os sertões da Paraíba, capitaneada pelo terrível bandido Antônio José Ferreira Guimarães. Seu nome, só em ser pronunciado, causava calafrios aos tropeiros achegados ao brasido dos ranchos e às famílias reunidas à noite no remanso dos lares. As queixas chegavam à Côrte desenhando a cores sombrias os riscos a que estavam expostas a fazenda e a vida, e os embaraços que seriam criados ao intercâmbio entre o interior e o litoral. José Cândido, preso à vida palaciana, sopeava a custo os ímpetos de um temperamento formado para mais altos feitos. Alem disso, interessava-lhe de perto o im-

portante e momentoso problema. Nascido à beira-mar, nestas serras entretanto passara o melhor de sua mocidade. Aqui se casara. Aqui vivia a maior parte de sua família. Eram parentes seus ou de sua mulher os proprietários de quasi todas as fazendas da serra. A Arca lhe pertencia. Possuindo já a fazenda do Novo Jardim, criada por êle, pertencia-lhe tambem o Engenho de Santo Antônio de Bemfica; comprára-o aos herdeiros de sua avó materna d. Paula Gomes da Conceição, viuva de Bento Lopes da Cunha Velho.

A fazenda de Bemfica é hoje o populoso recanto do município, pertencente ao distrito de Itaipava, onde prospera notavel núcleo operário em torno da Fábrica de Tijolos e Telhas, a Cerâmica Santo Antônio, que é sem dúvida uma das melhor aparelhadas que possuímos no país.

Por essa ocasião, em 1828, foi criado o Distrito de Paz na freguesia de São José do Rio Preto, que pertencia então ao Termo da Vila de São Pedro de Cantagalo, com jurisdição sobre territórios que formam atualmente parte do município de Paraíba do Sul e quasi todo o de Petrópolis.

Foi José Cândido Fragoso eleito para desempenhar as árduas funções de primeiro magistrado do novo juizado, cargo que exerceu durante quatro anos até surpreendê-lo a morte, quando o Termo de São José do Rio Preto fôra transferido já à Vila da Paraíba do Sul. O Córrego Seco, a nossa radiosa Petrópolis, a que hoje São José pertence como seu longínquo e importante 5º distrito, pertencia nessa ocasião à Paraíba, fazendo parte do distrito de São José. Sustentára sempre o capitão Fragoso que se o Governo lhe facultasse forças, munições e carta branca, facil lhe seria limpar as serras de malfeitores, dos que faziam do crime profissão e dos escravos refugiados nos quilombos que se davam tambem ao latrocínio e despojavam os viandantes quando podiam atacá-los de improviso.

Os pelotões bem municiados da quadrilha de Antônio

Guimarães, operavam em toda a zona, tanto nas estradas que passavam pelos Órgãos e desciam até Magé, como nas que vinham pela Paraíba ; e surgiam no Patí, na Pampulha e em outros sítios de paragem. Ora desciam às terras da Sapucáia, apareciam nos povoados à margem do grande rio, ora invadiam as terras de Minas. Assaltavam os ranchos e as pousadas, tiroteavam, carregavam valores e animais ; muitas vezes, de conluio com escravos das fazendas, penetravam nas moradias, violentavam, saqueavam, matavam, e fugiam incorporando ao bando os negros infieis. Mas os carabineiros do major Fragoso conseguiam vitórias sobre vitórias e já andavam os bandos desfalcados de seus melhores cabeças. De perseguição em perseguição, armando sortidas, seguindo pistas, combatendo e prendendo, Fragoso ausentava-se dos seus dias e dias e lá ficavam indefesas a esposa estremecida e a linda filha única, que recebera na pia batismal os nomes de Adelaide Guilhermina, as duas prendas bem amadas expostas à vindita dos miseráveis. A audácia deles chegaria a ponto de assaltarem a casa e se apoderarem daquelas frágeis criaturas para transformá-las talvez em refens. Daí a necessidade de guarnecer sua morada de forças militares, com sentinelas vigilantes. E essa é a história que justifica a versão, ainda do domínio popular, segundo a qual a Arca, em certo período de sua história, tivera algo de parecido com as praças fortes.

Há sempre um fundo de verdade nas lendas, por mais extravagantes...

A caçada continuava a render ; e de quando em quando lá seguia para o cárcere da Paraíba mais um bandido de pulsos nas algemas e escolta à retaguarda.

Da estratégia e pertinácia do major Fragoso muito já lucrava a tranquilidade pública. Talvez então julgassem-no

deshumano, como si se pudesse ter piedade dos desalmados salteadores, criminosos de roubos e assassínios. Talvez realmente muita vez êle tivesse se isentado de formalidades, e os mais perigosos facínoras, aprisionados, conduzidos para o depósito da Arca, teriam sido passados honrosamente pelas armas, em vez de seguirem para a cadeia à espera do castigo ignominioso da forca. Talvez houvesse, ao fundo da fazenda, ao pé das bananeiras, muitas cruzes enfileiradas... E a lenda foi crescendo e desfigurando os fatos...

O famoso bandoleiro Guimarães continuava, porém, a ser a preocupação das milícias provinciais. Déstros, valentes, bem armados, só êle e sua corja resistiam, sobressaltando ainda a região com as suas façanhas.

Empenhava-se tenazmente o chefe da repressão em apertar-lhe o cêrco, quando um dia o astucioso cabecilha, acompanhado de pouquíssimos companheiros, consegue iludir a vigilância e alcança a província de Minas. Consideraram-se limpas as estradas. José Cândido Fragoso, porém, não se sentia à vontade, aguilhoado pelo fracasso de ter deixado escapar a presa mais importante.

Aconteceu que o arrogante capitão de ladrões, dos bosques que lhe serviam de asilo, mandou a seu incansavel perseguidor ameaças de que voltaria à Paraíba...

O caráter voluntarioso de José Cândido não lhe permitiu sofrer o insolente desafio. Partiu no encalço do bandido afim de batê-lo no seu esconderijo. Fére-se renhido fogo E' derrubado para sempre o infame criminoso, mas o denodado major não resiste, tambem, aos ferimentos; seu cadaver lá ficou e d. Brígida não chegou a rever o esposo...

Exterminára-se o banditismo organizado nas serras e a vida entrava de novo em sua normalidade.

Tombava o major Fragoso aos 45 anos de idade. Foi isto em 1832. D. Brígida manteve-se viuva e cultuou a memória do esposo durante 42 anos, até cerrar os olhos à luz da

vida, velhinha, muito velhinha... A jovem filha do casal, Adelaide Guilhermina, ingressava, pelo matrimônio, em 1843, na mais notavel família de Minas, os Monteiro de Barros, muito proeminentes pelo saber, pelo prestígio dos cargos que exerciam, pela fortuna, pela fama.

A tradição oral, que procuraremos reproduzir sem exageração, assim transmite o romance que se segue:

Residia a viuva do major José Cândido Fragoso em sua fazenda de Bemfica, linda propriedade agrícola que se ajustava ao nome, situada à margem do caminho que descia dos Órgãos; e desvelava-se na educação de sua filha, que, uma menina ainda, já se prenunciava entretanto esplêndida mulher, no desabrochar das suas treze primaveras. Elegante, voluntariosa, montava bem a cavalo, gostava de correr, tinha a pontaria certeira nas caçadas, apreciava as fastidiosas preleções do velho tio Agostinho Goulão sobre história, retórica e filosofia, mas brincava ainda com bonecas e não queria saber de namorados. Sucedeu que ao cair de uma tarde melancólica, estando ambos na varanda, enquanto os escravos, de ferramenta ao ombro, regressavam do eito, viram que transpunha a porteira um guapo cavaleiro, seguido de dois pagens, e que, aproximando-se, descoberto, saudou-as respeitosamente. Procedia de uma das fazendas que ficavam no alto da cordilheira, onde passara uns dias de repouso; e dirigia-se à Côrte, jornadeando por veredas que mais pareciam carreiros de cabritos. Receiava que só noite fechada alcançasse o primeiro ponto de pousada. A hospedagem lhe foi, com prazer, oferecida; e o forasteiro tratado com fidalguia. Chamava-se José Maria Monteiro de Barros, fizera seu curso acadêmico na Universidade de Coimbra, exercia funções no desembargo do Paço e era filho do Visconde de Congonhas

do Campo, Lucas Antônio Monteiro de Barros, desembargador na época da Independência e o primeiro presidente do Supremo Tribunal de Justiça, quando criada em 1829 a mais alta côrte que é hoje o Supremo Tribunal Federal. José Maria fôra já casado, enviuvara fazia pouco.

Durante o serão, amistoso e longo, em que o dr. José Maria e d. Brígida Fragoso conversaram à grande sobre antepassados ilustres, aventuras heroicas e feitos romanescos, Adelaide Guilhermina foi estonteante na vivacidade dos gestos, no chiste dos comentários, radiosa de graça e de candura. Quando já tarde, se recolheram, considerava-se êle um viuvo recente e transtornado, um magistrado de cabeça à roda e coração aos saltos, inteiramente rendido aos encantos daquela mocinha de pouco mais de treze anos... E se estes acontecimentos se passaram no outono, como reza a história, acertaremos afirmando que pelos meiados do inverno já Adelaide Guilhermina era dona de casa, possuia enteados e mais um marido apaixonado que tinha mais do dobro da sua idade e não sabia o que inventar para satisfazer todos os seus caprichos. Morando o casal no Rio de Janeiro, passou d. Brígida a viver mais solitária ainda, nos seus domínios da serra; mas exultante por terem as coisas caminhado tão à feição dos seus desejos, muito orgulhosa pela união à sua família do nome ilustre dos Monteiro de Barros. Se estes contavam cavalheiros e damas que se enobreceram em serviços à pátria, à religião e à coroa, os Corrêas e os Fragosos por seu turno ostentavam os mesmos títulos e todas essas famílias eram recebidas no Paço com respeito e honrosa consideração. Adelaide Guilhermina era feliz; nas cartas que escrevia à mãe, enquanto dava notícias do enxoval destinado ao próximo bébé, fazia ainda referências ás suas bonecas de solteira. Quiz a adversidade, porém, estender a sua asa negra sobre o casal venturoso. José Maria, com 33 anos, sucumbiu a uma rápida moléstia e lá se foi para a eternidade lavado

nas lágrimas da esposa. Do primeiro matrimônio deixara quatro filhos varões : Carlos Antônio, Lucas Antônio, que foi Barão de Santa Alda, José Maria e Benjamin, os quais foram educados por parentes paternos e se tornaram fazendeiros em Minas. Do segundo consórcio, deixara a jovem viuva com um filho nos braços, nascido no Rio de Janeiro a 25 de Maio de 1835 e que recebera do avô materno os nomes de batismo.

Adelaide Guilhermina chorou copiosamente o golpe da desgraça, a prematura viuvez ; e enquanto ela pranteava que tivesse sido tão breve um tempo que decorrera de um modo tão feliz e tão brilhante, d. Brígida sentia amargamente a perda de um genro tão ilustre. Em pouco tempo, porém, os acontecimentos tomaram rumos imprevistos. A juventude costuma esquecer depressa e a formosa senhora estava em plena primavera da vida, exuberante de mocidade e de saude. E um jovem médico, de airosa figura, que recentemente se formára na Academia Médico Cirúrgica do Rio de Janeiro, pôz facilmente em labaredas o coração de Adelaide. Foi uma exaltação sem termo nem medida. E nem termo nem medida tiveram igualmente o desapontamento e a indignação de d. Brígida, dotada de sentimentos aristocráticos, muito ciosa de costumes, muito apegada a tradições de família. A viuva de um magistrado da Côrte, em cujos funerais o próprio Trono se fizera representar, iria agora desposar um simples médico, sem outra fortuna que o seu futuro, sem outros brazões que o seu pergaminho ! ? Esquecia-se sua filha de que pelo lado paterno descendia de importante família do reino de Portugal, que seu pai, oficial valente e distinto, servira com lealdade ao rei D. João VI e com dedicação no reinado de D. Pedro I ; moço fidalgo com exercício na casa imperial, desempenhara sempre honrosas comissões e morrera heroicamente, com as divisas de major, honrando a gloriosa tradição de seus maiores. Que pelo lado materno, seus

tios avós o Padre Corrêa fôra íntimo do primeiro Imperador, d. Arcângela Joaquina merecera a dignidade de Dama honorária do Paço e o dr. Agostinho Goulão, que abraçara a causa da Independência, tivera assento na Assembléia Constituinte do Império. Seu pequenino filho era neto do Visconde de Congonhas, o brasileiro notavel pela competência e integridade, que fizera parte tambem da Constituinte, e fôra o primeiro presidente da província de São Paulo, onde durante três anos se destacara por atos de benemerência; e sobrinho-neto do Barão de Paraopeba, dono de uma das maiores fortunas de Minas, proprietário da fazenda Bôa Esperança, sita em Congonhas do Campo, rica em lavras auríferas.

Como poderia a neta dos Corrêas, a filha de um Fragoso, a viuva de um Monteiro de Barros, a portadora de nomes que preponderavam na magistratura, na política, nas armas, trocar seu nome pelo de um médico obscuro?

A jovem Guilhermina resistia, silenciosa à irritação materna... O destino é imutavel. O médico amava-a apaixonadamente, e a senhora, forte de ânimo, tendo vivido sempre no meio de grandezas, desprezou tudo isso, e casou-se afinal com o jovem médico pobre, que vivia apenas dos seus serviços e não tinha entrada no Paço imperial. Encontraram-se duas almas gêmeas e a vida lhes corria tranquila e prazenteira. A felicidade é, porém, quasi sempre fugidia. Aos dezesete anos incompletos, ao dar à luz o fruto do seu amor, foi Deus servido chamar a si a linda Adelaide Guilhermina. Na hora derradeira, que foi suave e curta, esteve amparada de seu marido inconsolavel e de sua mãe lacrimosa. A esta, que tanto a estremecera, deixava seu primogêdito; a seu angustiado esposo, deixava o filho que vinha de entrar no mundo.

O pequeno José Cândido, entregue aos cuidados de sua avó materna, único ente querido que lhe restava, foi seu constante desvelo por toda a vida.

D. Brígida administrava diretamente as suas propriedades agrícolas; sendo de físico franzino, revelou-se sempre de ânimo varonil. Montava bem a cavalo e costumava lançar o animal a galope fechado devorando as distâncias entre sua residência e as casas de suas primas e seus irmãos nas proximidades dos Corrêas. Após uma vida tão ativa, a intrépida viajeira resignava-se, aos oitenta anos, a fazer as mesmas excursões em liteira, conduzida vagarosamente por dois burros, um atrás, outro adiante... Finou-se na sua fazenda da Arca, em 1874, quando o neto já tinha quasi quarenta anos. Sobreviveu vinte anos a seu irmão o cônego Luiz, cêrca de um ano a seu irmão Tomás Goulão.

José Cândido Monteiro de Barros cursou humanidades na Capital, confiado à vigilância do avô paterno, o Visconde de Congonhas; mandou-o o avô depois para o Caraça, em Minas. Dali voltou para a Arca, homem feito, a residir com a avó materna. Aos vinte anos casou-se com sua prima d. Mariana Angélica Moreira Guimarães, enviuvando alguns anos depois. Mais tarde contraiu novas núpcias, com d. Deolinda Amália Cardoso de Lemos, sua prima tambem, e igualmente viuva.

José Cândido Monteiro de Barros foi até hoje o possuidor de maior extensão de terras do município; pertenciam-lhe as fazendas do Retiro de São Tomás e São Luiz, Engenhoca, Olaria, Rio da Cidade, Bemfica de Santo Antônio e Arca, algumas constituindo imensos latifundios.

Foi uma das figuras mais prestigiosas no cenário político e social de Petrópolis; acompanhou e estimulou a evolução de seu progresso. Tão grande era a sua influência que quasi se diria que era dono de todo o distrito do interior.

O governo imperial agraciou-o com o oficialato e a co-

menda da Ordem da Rosa e D. Pedro II nomeou-o Moço Fidalgo da Casa Imperial.

Apezar de suas naturais simpatias pela família destronada, Floriano confirmou-o no Comando Superior da Guarda Nacional, mantendo-o no posto ainda durante o período revolucionário, tendo o coronel José Cândido prestado reais serviços à causa das instituições.

Faleceu, na Engenhoca, a 13 de Abril de 1902, na idade de 67 anos.

De seu primeiro matrimônio, houve dois filhos varões, Antônio e José, que morreram infantes, um deles com 12 anos; do segundo não vingou tambem a prole masculina, mas apenas as filhas: — d. Adelaide, casada com o médico dr. Gabriel José Pereira Bastos; d. Ana, que morreu solteira; d. Maria Teresa, que casou com o dr. Manoel Edwiges de Queiroz Vieira; e d. Laura, que se casou com o dr. Gabriel Bastos, viuvo de sua irmã mais velha.

A's sras. d. Maria Tereza e d. Laura tocaram terras que faziam rumo um pouco abaixo da Engenhoca; justamente na linha divisória a viuva do coronel José Cândido, querendo ficar vizinha por igual das duas filhas, construiu para sua residência a excelente casa que, devido ao tipo da construção, ficou conhecida pela nome de «chalet», como ainda a designam.

As circunstâncias concorreram para fazer desaparecer da evidência, em Petrópolis, o nome de Monteiro de Barros, tão tradicional e divulgado em Minas e no Rio.

O atual dr. Gabriel Bastos, neto de José Cândido, e que dignifica, por seus merecimentos, a tradição recebida de ilustres avoengos, pretende reviver em sua terra o nome de seus maiores; e poz em dois de seus filhos os nomes de Lucas Antônio e José Cândido Monteiro de Barros Bastos.

A fazenda da Arca, com a sua habitação colonial capaz de abrigar muitas famílias, escondida entre montanhas num recanto desgracioso, dispunha de consideravel extensão de terras. Ali residiu muitos anos Cristóvão Cândido Fragoso, a que a tradição empresta notoriedade nas práticas do sobrenatural. Embora pardavasco, não tinha sido escravo. Criado porém por d. Brígida Fragoso, adotara, como de uso, os sobrenomes da família.

O primeiro comprador da propriedade foi o comendador Francisco José Fialho; e com o andar dos tempos foi-se fracionando o vasto território.

Ultimamente pertencia ao lavrador Luiz Cordeiro o sítio que fôra a séde da fazenda, com bemfeitorias que se limitavam a uma moradia de construção recente e à grande casa de páo a pique, cheirando a assombrações, a esboroar-se de abandono e de velhice. A seu lado subsistia ainda pequeno templo bastante arruinado, já desprovido do melhor de seus sagrados ornamentos.

Foi o sítio adquirido, há quatro anos, pela Mitra Arquiepiscopal do Rio de Janeiro para ali instalar uma estação de retiro espiritual, bem como de veraneio dos alunos do Seminário de Paquetá. Alcançou o preço de setenta contos de réis esse restante da fazenda, correspondente à quinta parte do que constituira o antigo território, em outros tempos vendido por trinta contos. Está situado a seis quilômetros da União e Indústria, seguindo-se pela estrada da Divisa, que principia próximo á ponte de Santo Antônio. D. Sebastião Leme, então arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, tendo passado uma temporada de verão na aprazivel Itaipava continuamente assediado por visitas do Rio, fez a escolha desse refúgio recuado da Arca, servido por caminhos péssimos, com ribanceiras perigosas, evidentemente com o objetivo de constituir uma efetiva estância de repouso, conseguindo pelo menos rarear os importunos... Fez desaparecer todos os

vestígios das antigas edificações. No mesmo ponto levantou majestoso edifício em estilo colonial. As amplas salas de estudo; os vários dormitórios divididos conforme a idade e o gráo de adiantamento dos discípulos, com capacidade para uns duzentos leitos; o refeitório; todos os departamentos cheios de luz e ar, despertam agradabilíssima impressão. Ali costumam alojar-se, de Dezembro a Março, cêrca de 120 seminaristas. A capela, instalada no corpo do edifício, recebeu a invocação de São Joaquim. Manteve, porém, D. Leme o nome bíblico consagrado pelo longo uso, intitulando-se a sua fundação: Seminário de São Joaquim da Arca.

E a renovação do ambiente afugentou as coisas sobrenaturais e vãs...

Ainda uma circunstância que nos parece digna de registro: Todos os descendentes dos antigos Corrêas, até onde alcança o depoimento contemporâneo, foram indivíduos de estatura mediana. Essa particularidade se observa ainda, invariavelmente, nas pessoas que atualmente são portadoras do sangue dos Corrêas.

CAPÍTULO XI

A FAZENDA DO PADRE CORRÊA

Do abundante patrimônio deixado pelo casal de Manoel Corrêa da Silva, partilhado somente em 1802, coube ao filho Antônio Tomás de Aquino, eclesiástico, a herdade apelidada com o seu nome de família e que êle já estaria administrando desde muitos anos.

Lançou raizes a versão, veiculada pelo erudito Henri Raffard, de que a fazenda dos Corrêas se constituira com os terrenos concedidos a Manoel da Silva Corrêa mediante carta régia de 5 de Janeiro de 1720, obrigando-se este a construir uma capela onde se diria missa aos domingos e dias santificados, e a dar hospedagem às autoridades em serviço entre o Rio de Janeiro e Minas. O próprio cronista, entretanto, recolheu e registrou a tradição apenas para não perdê-la de vista, mas sem garantir sua legitimidade, tanto mais que possuia e divulgou outras informações que a contradizem profundamente.

Compreende-se ter vingado a variante de que a sesmaria fôra conseguida pelo Corrêa, por ser a que lhe tornou o nome imperecivel; ela porém lhe tocou muitos anos depois de estabelecida.

Situada a fazenda precisamente em local que a tornava pousada inevitavel nas jornadas, quer de ida quer de volta, todos os viajantes recorriam à sua hospitalidade; constituiu-se assim, naturalmente, em ponto de pernoite de toda a

casta de funcionários, desde os vice-reis, governadores e capitães-generais, até os ouvidores, oficiais, escoltas e regimentos, com aprazimento aliás dos fazendeiros, na amizade e na intimidade, assim, com altos figurões da governança. A estância chegou a ser tão frequentada que houve necessidade de construir nova casa, mobiliada com toda a decência, com salas e quartos para acolher os viandantes, casa de que há muito desapareceram os vestígios. Da afluência de hóspedes proveio evidentemente a notícia que o dr. Antônio da Cunha Barbosa, trineto de Manoel Corrêa da Silva, divulgou há trinta e tantos anos, de que para a doação da fazenda, em sesmaria, fôra estatuída a obrigação de ser dada hospedagem às autoridades que por ali viessem a passar; o foral entretanto, como já vimos, não obrigava o agraciado a tão pesado onus.

O Padre Corrêa foi considerado um dos principais e por certo o mais inteligente lavrador do seu tempo. Temperamento resoluto, vivia em constante atividade, viajava frequentemente ao Rio, sabia selecionar e aumentar a produção. A propriedade manteve animado comércio com a capital e no decurso de mais de trinta anos sustentou um período verdadeiramente áureo, devido à sua competência. A pomicultura assumiu proporções notáveis em suas terras, que produziam tambem muita variedade de cereais, inclusive arrôs e trigo!

Com a transplantação da Côrte lusitana para o Rio de Janeiro, começa o Padre Corrêa a notabilizar-se pelos seus conhecimentos em agricultura e pelos seus sentimentos de fidalguia e liberalidade, o que lhe grangeia vastas relações e grande valimento. Afamados naturalistas, sábios escritores europeus, percorriam então grande parte do país. Muitos deles visitaram os distritos mineiros e estacionavam em sua propriedade, onde passavam dias agradáveis pelos obséquios do hospedeiro, surprezos de encontrarem um núcleo tão importante de trabalho e produção. De volta a seus países,

publicaram interessantes memórias de suas expedições científicas e não se esqueceram de registrar detalhes sobre tão culto fazendeiro. No dizer geral, o digno sacerdote era homem zeloso e hábil que dava favoravel impressão, de aspéto sempre jovial, vestido sempre de hábito, de sincera lhaneza no trato com poderosos e humildes. Já em 1809, — segundo apreciavel publicação do dr. Alcindo Sodré, — John Mawe, inglês, consignava que a fazenda possuia uma grande casa, capela, e estabelecimento de negros empregados na indústria de ferro doce sueco. Proclamando que o padre recebia os viajantes e hóspedes com as mais atenciosas finezas, confessou ter passado ali momentos deliciosos apreciando as boas plantações que se estendiam em grandes áreas. «Suas lavouras, cortadas por caminhos onde rodavam carros, pareciam-se com um verdadeiro jardim», — escreveram os sábios alemães Spix e Martius, que por ali passaram oito anos mais tarde, em Setembro de 1817, e observaram tambem que na região a sorte dos escravos era sensivelmente suave, «eram tratados com mui grande humanidade». Notaram que a fazenda se particularizava como um prodígio de trabalho metódico. Os trabalhadores empregavam-se uns nos serviços de lavoura e outros em consideravel indústria de ferraduras e outros artefatos de ferro e os produtos eram tidos como perfeitos e tinham compensadora aceitação. O dr. Johan Emmanoel Pohl visitou a propriedade na mesma ocasião e informou que o ativo sacerdote cultivava numerosa variedade de frutas e legumes, especialmente batatas de todos os gêneros. Theodor von Leuthold em 1819 constatou que a fazenda «Corrêa» era sobremodo povoada, pois encontrara ali quatrocentos escravos, entrando em conta todas as idades e ambos os sexos; e apreciara nas várzeas dos rios Piabanha e Morto importantes lavouras de cana de açúcar, maçãs, cerejas, pêssegos, morangos, marmelos, «contudo menos saborosos que os congêneres da Europa». O grande botânico Augusto de

Saint-Hilaire ali esteve no mesmo ano e teve ocasião de registrar: «O padre Corrêa aproveitou-se da temperatura moderada da serra para cultivar grande número de plantas de origem européia. O aspéto de um vale tão bem cultivado, no meio das montanhas agrestes e selvagens que o cercam, tem alguma coisa de surpreendente, que encanta». Tambem ali se viam belos trigais, segundo ainda Saint-Hilaire, que deixou mais o seguinte depoimento: «Após os marmeleiros estão os pessegueiros, que vi com frutos maduros. Na estação estival em que então nos achávamos, o padre mandava semanalmente para o Rio carregamentos de pêssegos que lhe produziam cêrca de dez mil cruzados». — Quatro contos de réis por semana, só em pêssegos! — O conselheiro Georg Henrich von Langsdorff, consul-geral da Russia, radicado em solo fluminense, proprietário da fazenda da Mandioca, na raiz da Serra, numa memória publicada em 1820 constatou mais a cultura de abricós, obtidos bem ao lado da canela, pimenta, cravo da Índia, nozes moscadas, chá chinês. Ainda hoje se encontra na região gigantesca árvore do chamado cravo da Índia. Possuia tambem a fazenda muitas plantas de quina e de anilina, de cujo produto não se cuidava. Conferindo ao empreendedor eclesiástico uma situação privilegiada como lavrador, acrescentou Langsdorff: «Com uma medida de arrôs plantada em suas terras obtem mais de quinhentas perfeitamente produzidas em terrenos altos, sem o menor preparo e sem a menor irrigação, sendo suficiente a humidade da terra, tanto mais porque no verão as chuvas são abundantes.» O major G. A. von Schaeffer em 1821 viu no Corrêa pêssegos, figos e uvas, «que produziam boas quantias de dinheiro no mercado do Rio».

Alexandre Caldcleugh, diplomata e mineralogista britânico, em Setembro de 1821 visitou tambem a fazenda.

Repitamos as palavras do dr. Afonso de Escragnolle Taunay resumindo o que o excursionista publicou: «O pouso



A Casa do Padre Corrêa (Quadro do Museu Imperial)

da primeira noite tomou-o em casa do Padre Corrêa, importante fazendeiro que possuia grande vergel de frutas européiaz e plantava muito milho. Ótimo senhor, dedicava real afeto aos seus escravos, por quem era adorado, e a quem vinculava as práticas da higiene. Assim, diáriamente, quando lhe vinham beijar a mão, deles indagava se naquele dia se haviam banhado. Como indústria anexa à sua lavoura mantinha o Padre Corrêa uma ferraria de animais, muito frequentada. Dele se despediu saudoso o viajante; e o bondoso Padre ainda o obsequiou no momento da partida, com uma bela galinha, já preparada para a ceia.»

O Padre Corrêa mereceu ainda referências dos ingleses R. Walsh, pastor protestante, e John Luccock, comerciante, do alemão G. C. von Eschwege e de alguns outros viajantes que tiveram ensejo de conhecer práticamente seus sentimentos de hospitalidade.

Cabendo-lhe o primeiro lugar na produção de frutas, procurou tambem a fazenda adatar e desenvolver, infrutiferamente, a cultura do café.

O brigadeiro Raimundo José da Cunha Matos, que ali estacionou alguns dias, em 1823, escreveu: «A fazenda do Padre Corrêa, agora conhecida por este nome e antigamente pelo de Posse, nos mapas anda com os nomes de Manoel Corrêa. Está assentada na confluência dos rios Morto e Piabanha, que teem boas pontes de madeira. No vale do Piabanha há uma vasta plantação de marmeleiros e pessegueiros, e outro tanto acontece na grande várzea do rio Morto. No prolongamento de um alto morro a cuja frente se acha situada a casa, está a oficina de ferraria, em que se trabalha em dez bigornas.» Consignou a existência de matas virgens nas montanhas. Salientou que as paisagens muito deliciavam a vista aos apreciadores da natureza, exaltando o encanto dos ipês, braúnas e araribás com as suas corolas amarelas,

roxas e vermelhas; registrou tambem a existência de plantações de cafeeiros nas abas dos morros.

Em 1880 ainda se observavam vestígios de extenso cafezal numa das encostas que ficavam nos extremos do Corrêa com a Samambaia. Aquelas paragens, que distam cêrca de dez quilômetros apenas de Petrópolis, já produziram café...

Não foi somente a expoentes notáveis da ciência e das letras, a altos titulares das armas e da administração, que o Padre Corrêa proporcionou excelentes dormidas e saborosos repastos, com oferecimento ainda, à despedida, de ótimos farneis. Êle dá hospedagem à propria realeza, — hospeda carinhosamente a principal família do alvorecer da nossa nacionalidade. O Proclamador e a Paladina da nossa Independência várias vezes recorreram ao acolhimento afetuoso de sua casa hospitaleira. O ardoroso príncipe que fundou um império e aos trinta e três anos já abdicara duas coroas, teve tudo quanto aprouve à sua fantasia; mas não chegou a ter um palácio de verão. Possuiu algumas chácaras de recreio, destacando-se a fazenda de Santa Cruz, então a doze horas da Capital, e que D. João VI muito preferia, ali passando os mêses de maior canícula; mas nenhum desses sítios podia-se considerar estância de veraneio.

D. Pedro pretendera seguir os hábitos paternos, frequentando aquela propriedade campestre, dotada de um casarão à guisa de palácio; cedo, porém, abandonou-a. Ali adoecera seu primogênito, falecido muito novo, como a confirmar a maldição que pesava sobre os Braganças de que os primogênitos não empunhariam o cétro, o que ainda aconteceu com a sucessão de Pedro II, cujo primeiro filho, e depois ainda outro, morreram em tenra idade.

Caminheiro corajoso, obedecendo a um carater tão

amigo de aventuras, entrara a escalar montanhas e a varar florestas, como a procurar o sítio ideal onde pudesse localizar a sua habitação de repouso. Encontrou-o, por fim, ao chegar ao alto da Estrela, quando, ainda príncipe-regente, se dirigia a Minas.

Foi na fazenda do Padre Corrêa, na casa cujos salões conservam, da época, as mesmas cúpulas e o mesmo soalho de táboas largas, encardidas pelo longo tempo, que o Príncipe manifestou seu encantamento pela beleza panorâmica das terras do alto que acabava de atravessar. Perante os fazendeiros das circunvizinhanças que ali compareceram para saudá-lo, manifestou seu projeto de construir no alto da serra um palacete onde encontrasse, com os seus, adoravel refúgio ao rigor dos estios cariocas. Essa notícia alviçareira despertou enorme entusiasmo aos habitantes da serra, por avaliarem a prosperidade que de tal empreendimento resultaria para a região. As simpatias do monarca se concretizaram desde logo. No regresso de Vila Rica, adquiriu por 2:400$000 a Antônio Corrêa Maia, no alto da serra, um terreno onde localizaria o seu pouso de verão, rodeado de uma flora que maravilhava pela exuberância, dotado de horizontes amplos e magníficos.

Não poude nunca, porém, o inconstante Bragança realizar a risonha fantazia de um palácio plantado na serrania, beijado pela brisa fagueira das alturas e de onde descortinasse o aspéto grandioso da longínqua região guanabarina.

Desde Março de 1822, poucos mêses antes do Sete de Setembro, até Março de 1831, poucos dias antes do Sete de Abril, Pedro I se acostuma a ter a fazenda do Padre Corrêa como ponto de pernoite, de recreio ou de cura. Frequentou-a durante todo o tempo de seu curto e extraordinário reinado.

Paula Mariana, terceira filha dos imperadores da Independência, atravessou pálida e enlanguescente sua curta

existência a que faltaram a alegria e a vivacidade proprias da meninice. Seu estado de saude foi sempre causa de inquietação para os pais.

Os contínuos acessos de febre obrigavam os esculápios do Paço a prescreverem mudança de ares, contando que a terapêutica do clima produzisse os resultados que a ciência não facultava.

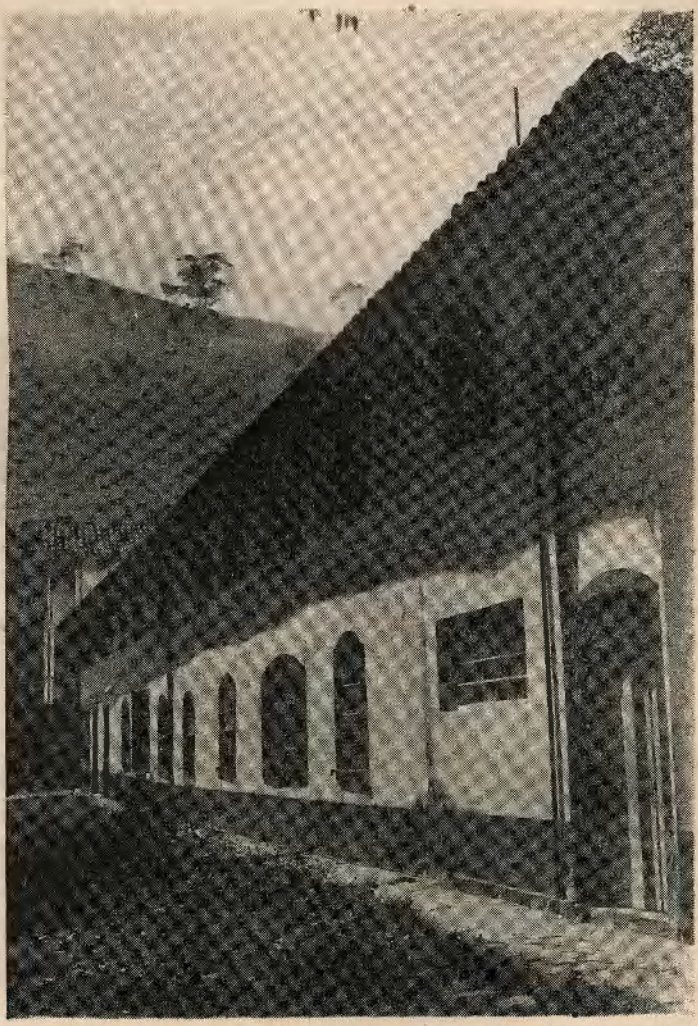
A solícita e aflita imperatriz D. Leopoldina abalou-se duas vezes a viagens incômodas como eram as de subir a serra, á estância do Padre, ali passando os escaldantes verões de 1824 e 25, demorando-se dois mêses, da primeira vez, na intimidade dos Corrêas.

São de Henrique Raffard os seguintes informes: «A família imperial foi por diversas vezes passar algum tempo na fazenda do Corrêa, de conformidade com as prescrições dos médicos, que se esforçavam por minorar os sofrimentos da princeza Paula Mariana, que padecia de uma inflamação crônica do fígado. Conjuntamente seguiam a sra. d. Mariana Carlota Verna de Magalhães, Condessa de Belmonte, e sua filha d. Maria Antônia, que assim foram tambem para a fazenda de Santa Cruz, o que se deu antes e depois das viagens para o Corrêa».

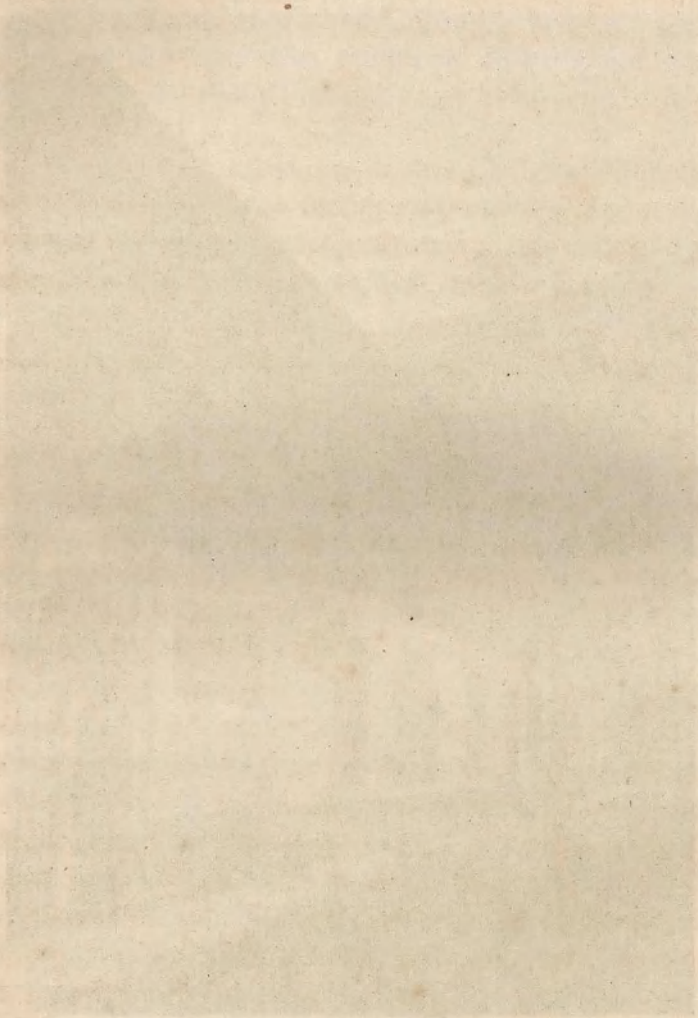
O reverendo R. Walsh, que qualificou benemérita aquela região do território fluminense, declarou tambem que na ocasião de sua passagem pelo Corrêa, em 1829, ali se esperava o Imperador que vinha visitar a filha.

A última temporada assinála-se no período de 4 de Dezembro de 1829 a Janeiro de 1830, entregue então a enferma ao carinho da segunda imperatriz.

Paula Mariana veio ao mundo a 17 de Fevereiro de 1823 e trouxe com a vida a causa que havia de destruí-la, uma inflamação do fígado. Ao pai, desde moço, sempre afligiram



Fachada principal da casa do Padre Corrêa. (Estado atual)



recrudescências hepáticas. A ama de leite que a criou, Maria Catarina Equey, robusta camponeza friburguense de 22 anos, foi a mesma que depois teve a honra de amamentar o príncipe herdeiro do Brasil, nascido a 2 de Dezembro de 1825.

O casal Equey veio para o Brasil em 1819 compreendido no contingente de suíços agenciados para formarem a colônia de Nova Friburgo.

Mestre Equey, serralheiro hábil, tendo sua mulher no Paço a amamentar uma princeza, não quiz saber de desbravar sertões, e ei-lo estabelecido no Rio com oficina de sua especialidade.

Pedro I ofereceu-se para ser padrinho do garoto plebeu, irmão de leite do pequeno herdeiro da coroa.

O casal suiço teve depois outros filhos, batizados todos pelas princezas, madrinhas de 6 e 8 anos, e o último teve por padrinho o pequeno imperador, então com oito anos. A antiga camponeza foi comadre e mereceu as atenções de três testas coroadas! Poucos teriam desfrutado tão invejavel distinção: comadre ao mesmo tempo da Rainha de Portugal e do Imperador do Brasil!

Essa imperial nutriz foi sempre amparada pelo filho de leite, conservando-se no Paço até morrer, aos 80 anos, quando êle já podia considerar-se um velho.

Estava em mui tenra idade a princezinha Paula quando foi entregue aos cuidados de d. Mariana Werna de Magalhães, que viera do Reino na leva de fidalgos que acompanhou D. João VI, e que acabou assumindo o papel de governanta do Paço, pondo e dispondo; coube-lhe a tarefa gloriosa de educar o espírito do herdeiro de um vasto império, incutindo-lhe os sentimentos de bondade e justiça que foram a sua melhor credencial para a posteridade. Quando Pedro I se retirou para a Europa, levando a filha mais velha para fazê-la

rainha de Portugal, ficava no Brasil uma família de quatro inocentes órfãos, de 5 a 9 anos, que passaram a ser filhos da nação.

Contava Paula Mariana oito anos. Fez a primeira comunhão aos nove.

Possuia tudo quanto era possivel imaginar, menos aquilo que mais desejava, a saude e os pais.

Órfã de mãe aos quatro anos, aos dez recolhia sua alma aos céos a refugiar-se na alma da santa que lhe dera o ser e que tambem muito sofrera. Guardou até morrer uma grande conformação.

Num dia de sol em labaredas, ao cair da tarde, exalou o último suspiro, apertando um crucifixo contra o peito, a 16 de Janeiro de 1833.

Morria rodeada de estranhos, o organismo minado pela tuberculose, no perfeito conhecimento do seu estado, sem uma queixa, sem um gemido. Foi sempre muito bondosa e docil e era considerada por todos como uma santinha, segundo o depoimento dos cronistas de então.

As crianças imperiais escreviam ao pai de 15 em 15 dias, mandando-lhe as provas do adiantamento de seus estudos. Mariana da última vez já não pudera cumprir o habitual dever.

Uma semana após o desenlace, escreveram ao pai dando parte de que os anjos tinham vindo buscar a irmãzinha doente, que fôra para o céo coroada de rosas brancas ; e o tutor José Bonifácio aditou em post-scriptum : — E' cruel mas a resignação, que atenúa aquilo que é injusto, faz o golpe mais suave. — «Durum ! sed levius fit patientia — quidquid corrigere est nefas !»

O soberano estroina tomára-se de familiaridade com os Corrêas e muitas vezes subiu as nossas paragens por desfastio, na companhia de seus amigos favoritos. Charles Ri-

beyrolles nos dá, de 1859, a seguinte passagem, transmitindo sua entrevista com o velho tropeiro José Antônio Furtado, que habitava a serra havia mais de sessenta anos e estivera investido durante certo tempo, pelo próprio D. Pedro, na guarda das terras imperiais: «O imperador vinha muitas vezes no correr do ano visitar o seu amigo o Padre Corrêa, que tinha sua fazenda mais alem»...

Ainda vive na localidade a recordação do hóspede imperial, perpetuando-a o nome do famoso Poço do Imperador, que merecia a sua especial predileção; até há pouco tambem o recordava o batismo do hotel, instalado na vetusta casa dos Corrêas, na qual ainda existe, aproveitado em sala de visitas, o amplo dormitório que costumava ser ocupado pela família imperial. (*)

João Loureiro, autor das «Cartas do Brasil», que se publicavam na imprensa de Lisboa, escrevia em 1828: «Agora foi o imperador passar o Natal à serra, devendo voltar no dia 27», de cuja notícia Paulo Setubal concluiu, nas «Maluquices do Imperador»: «E para evitar complicações, o monarca partiu para a serra dos Órgãos, para o sítio do Padre Corrêa...»

O chefe supremo do Brasil dignificou de um modo tão solene a família dos Corrêas, procurando passar no seu convívio o dia reservado por excelência para manifestações de júbilo na maior intimidade do lar!

«O Marquez de Abrantes», excelente biografia de Pedro Calmon, registra a seguinte passagem: «O Imperador aproveitou o verão, que ia rigoroso, para subir com a família a Serra do Mar, à procura de um regalado descanso na fazenda do Padre Corrêa, entre rochas e água, num ar montanhez».

O último dia de São Silvestre passado no seio da nacionalidade que fundara, o indômito libertador passou-o na his-

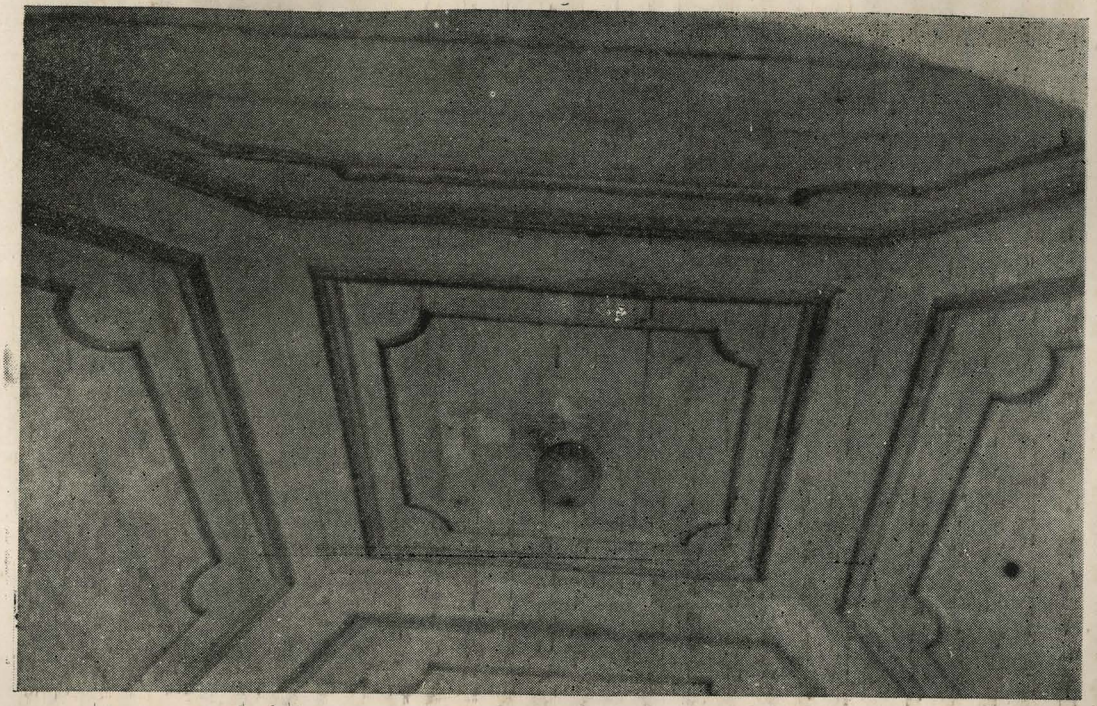
(*) O prédio está hoje ocupado pelo «*Sanatório D. Pedro*».

tórica fazenda, onde chegara a 30 de Dezembro, à hora do almoço, em ostentosa excursão a Minas, com acompanhamento de luzida comitiva composta do ministro da pasta do Império, médico, capelão, tesoureiro, camaristas, veadores, reposteiros e damas. A alvorada do ano bom de 1831, último de sua vida de Brasil, quando o destino já lhe preparava misteriosamente nova vida de lutas em Portugal, assistiu-a o imperador na casa dos Corrêas... Consta do «Diário Fluminense» da época, órgão que publicava o serviço oficial, o seguinte trecho: «Suas majestades continuaram a viagem partindo do Corrêa no dia 1° de Janeiro às 7 horas da manhã...»

E' crença, que vive ainda, que percorrendo Pedro I os sítios da Samambaia, descobrira uma nascente dágua que por sua limpidez e sabor lhe provocara louvores repetidos; e de então por diante, nas suas visitas aos Corrêas, mandava sempre buscar, para beber, a água da fonte predileta. Acrescentam, mesmo, as tradições, que D. Pedro mandara fazer a análise científica de todas as nascentes da Samambaia...

Conta-se tambem que o Bragança, ou os seus, agradecidos à hospedagem que recebiam, costumavam presentear os fazendeiros e traziam manjares feitos especialmente para obsequiá-los; o certo é que existem ainda em Petrópolis, guardados com carinho pelo sr. Ricardo Cardoso de Lemos, que descende de um ramo dos Corrêas, pratos de fina louça com o timbre do primeiro D. Pedro.

Outra anedota guardou a memória popular; a de que fôra numa das suas visitas às nossas plagas que o filho de Carlota Joaquina tomara gôsto pelo catereté, entre tropeiros



Detalhe do teto do Salão da Casa do Padre Corrêa, onde, segundo a tradição, dormiu Dom Pedro I.

e creoulas... A fazenda de Corrêas possuia, comunicando com a estrada de Minas, um rancho, muito grande, sobre esteios de madeira e aberto de dois lados, destinado aos passageiros e aos tropeiros. Ali se realizavam os sambas e os batuques. Vivia ainda em 1880, morando numa casa de páo a pique e této de sapê, um preto muito antigo chamado Bruno; inteligente, sabendo ler, contador de casos dantanho, justificava a estima geral que o envolvia. Fôra criado da fazenda de Santo Antônio e alforriado, ainda novo, pelo dr. Agostinho Goulão, que lhe dera tambem alguma instrução. Era o Bruno que ajudava à missa na capela da Soledade. Quando velhinho e reumático, recebia na sua palhoça os que o iam visitar, dirigindo-lhes, pernóstico, a saudação que aprendera no convívio com os padres: «Benedictus qui venit in nomine Domini»... Apezar da centena de anos que lhe pesava, mantinha ainda o renome de perito tocador de viola. Lembrava-se bem do tempo da fazenda entre 1820-1830, do tempo em que os «barbados» ainda apareciam aos bandos no alto das montanhas e faziam uma zoada dos diabos. Conhecera muito o imperador, que costumava à noite fazer os seus passeios suspeitos pelas redondezas e visitava o rancho, a apreciar as dansas que o seduziam. De uma feita, mandando às urtigas a linha majestática, pediu as chilenas a um tropeiro e entrou decidido na patuscada; cantava ao desafio, sapateava com tanta galhardia e batia tão bem as palmas como os dansadores consumados!

Seria interessante assistir-se a essas cenas bizarras em que o imperador do Brasil, num alpendre de tropeiros, à luz fumarenta de candieiros de azeite, cantava e sapateava com um belo sexo cujo matiz devia variar entre o jambo e a jaboticaba!

O cateretê imperial e outros episódios ficaram vivendo na lembrança do povo; o velho Bruno costumava contá-los ao grupo que se formava à sua roda, há mais de meio século,

no ponto onde a «União e Indústria» criara a primeira estação de muda dos muares que trabalhavam nas diligências...

O vetusto edifício dos Corrêas possuia no pavimento superior, uma varanda que servia de sala de jantar e se estendia por todo o lado da frente, sustida por quatro arcos e servida por dez janelas.

As sucessivas reformas fizeram desaparecer a varanda e alteraram a disposição da casa, que tem hoje a frente do lado oposto, isto é, do lado que era antigamente os fundos.

Quantas vezes, imóvel na varanda ampla, o neto de D. Maria I, a rainha de cérebro doentio cujo pulso firmou serenamente a sentença inexoravel dos implicados na Inconfidência, quantas vezes o trêfego realizador da Independência teria apreciado a árvore frondosa e gigantesca que conhecemos sob o nome quasi lendário de Tiradentes.

Não lhe passaria pela mente a significação que para o povo do logar aquele tronco e aquela fronde representariam ; e a admiração do Imperador faria dolorosamente reviver ao velho Padre Corrêa, seu reverendo hospedeiro, as cenas pungentes que presenciara trinta anos antes, o coração a sangrar de dor, a alma revoltada, quando da passagem dos conspiradores mineiros que vinham a pé, ao sol e à chuva, de uma longa viagem que ainda não terminara, destinados ao local do julgamento, e que à sombra daquela fronde sofreram acorrentados e algemados as brutalidades da soldadesca reinol.

E o Padre, dando livre curso à imaginação, veria surgirem outras cenas, um grande ajuntamento de povo por toda a extensão de um campo, avultando ao fundo altíssimo palanque onde a maldade humana armara o sinistro instrumento de

castigo supremo e onde um brasileiro, cavalgado pelo executor, pagava com a vida o crime de amar a pátria desassombradamente.

E proporcionáva-se o interessante espetáculo público como uma advertência, para que a ninguem nascesse outra vez o anseio da pátria independente. Tangiam cornetas e clarins, tocavam as fanfarras dos regimentos. As ruas apresentavam aspéto festivo, com desusado concurso de povo; as sacadas das casas exibiam largas colchas de seda. O vice-rei entendera tambem de solenizar condignamente, com tão empolgante acontecimento, o feito de Cabral, o descobrimento e posse formal do Brasil 292 anos antes; o poviléo ignorante divertiu-se...

E o Padre recordava tambem que a rainha, que punira tão duramente os idealistas brasileiros, condenando todos à morte, comutada a pena em degredo perpétuo menos para o nefando réo Joaquim José da Silva Xavier, essa magnânima senhora que merecera o cognome de «Piedosa», viera quinze anos depois refugiar-se no Brasil, a exibir durante nove anos a sua triste demência, alucinada talvez com o fantasma das suas vítimas.

E o velho Padre, a fronte enrugada pela reflexão, sentindo a seu lado o trêfego monarca, robusto, sadio e poderoso, a gozar o prestígio que lhe vinha da sua participação na independência, contente de viver, cheio de otimismo e de amantes, teria refletido amargamente nos contrastes da sorte, recordando o infortúnio que o destino impiedoso reservara ao precursor da pátria-livre, que sofrera a corda do carrasco. Tiradentes levado ao patíbulo entre escandalosos festejos, executado na forca pela façanha criminosa de participar de uma conjuração de cujos ideais sairia a pátria nova, enquanto seus companheiros seguiam, dispersos, a sofrer nas costas africanas a ignomínia das galés.

O Bragança galardoado pela façanha meritória de en-

cabeçar a revolução que realizou os mesmos ideais. Revolucionários ambos, a história a ambos identificaria como os vultos maximos da emancipação nacional; a providência lhes destinou, porém, prêmios tão impressionantemente desiguais. O precursor e o realizador; o mártir infamado e o herói glorificado. Um, merecendo o opróbio do cadafalso; o outro, a apoteose de um trono. E o Padre, o olhar como que perdido muito longe, se surpreenderia recitando uma oração pelos mártires que sofreram os tormentos do degredo e da forca...

D. Arcângela Joaquina da Silva casou-se, em 1777, com o capitão reformado José da Cunha Barbosa que tinha uma importante casa de negócio no Rio de Janeiro.

Nascera José da Cunha Barbosa em Lisboa em 1734, filho de Braz da Cunha e de Clara Maria de Araujo. Era tio do célebre patriota brasileiro cônego Januário, filho de seu irmão Leandro da Cunha Barbosa, português tambem. Teve o casal de José da Cunha Barbosa um filho e cinco filhas. O filho, cumprindo a condição invariavel nas famílias que se presavam, seguiu a vida eclesiástica: foi o cônego Alberto da Cunha Barbosa. As filhas vieram a ser esposas de comerciantes ou lavradores que se engrandeceram na escola do trabalho e da honradez, os dois primeiros brasileiros, os três últimos portugueses: Luiza, casada com José Joaquim Guimarães; Angélica, com seu primo Manoel da Cunha Barbosa, irmão do cônego Januário; Feliciana, com José de Miranda Marques; Maria Inês, com José Marques de Sá; e Ana Leocádia, com Antônio José Moreira Guimarães. Cinco casais que se dignificaram pelos exemplos nobilitantes que deixaram. Em sua numerosa descendência contáram-se muitas figuras que tiveram posição proeminente por seus merecimentos. D. Arcângela passara a maior parte de sua

vida no Rio de Janeiro, de onde eram todos os seus filhos. Enviuvara moça ainda. Quando já idosa, morou na fazenda do Corrêa. O Padre, seu irmão, despediu-se da vida antes dos setenta anos, em 1826.

D. Arcângela, não tendo podido conservar a situação agrícola da fazenda no estado de prosperidade anterior, manteve entretanto as tradições de fidalguia instituídas por seu irmão. Era a esse tempo senhora de mais de sessenta anos; dispondo de muita energia de vontade tornára-se notavel a benignidade com que tratava os escravos. Impôs-se à gratidão da família reinante. A veneranda fazendeira se extremara sempre em cuidados com a pequena princeza enferma. O imperador Pedro I consagráva-lhe sincera estima. As duas imperatrizes tratavam-na com muita intimidade. O pequeno Pedro II brincou no Corrêa com os netos de d. Arcângela.

Encontra-se nas «reminiscências de família» que o dr. Horácio Moreira Guimarães passou para o papel e conserva inéditas, o relato de um episódio que revela o forte carater de d. Arcângela. E' pena esse livro não seja publicado; suas páginas dispõem de um estilo tão primoroso que se leem com impressões de verdadeiro encantamento.

Certa vez o imperador pedira a d. Arcângela permissão para trazer sua amante a marqueza de Santos afim de passar uma temporada no Corrêa. A deliberação do monarca chocou em alto gráo seus rígidos princípios de moral; e sua resposta, dada com desassombro, valeu por uma formal recusa.

Foi durante a sua viuvez de três anos que se tornaram mais frequentes as visitas do imperador, enquanto esperava outra esposa, que só lhe convinha nova e formosa, e quando já iam arrefecendo seus entusiasmos pela marqueza de San-

tos. Estávamos então na época em que o ardoroso Bragança amofináva-se devéras com a viuvez prolongada.

O marquez de Barbacena, encarregado de arranjar-lhe noiva, fraquejava na difícil tarefa, tão eriçada de embaraços em razão dos deploraveis precedentes matrimoniais do pretendente. Circularam até boatos, nas côrtes européias, do próximo casamento do imperador com a célebre marqueza... Por isso mesmo, o imperial amante compreendera já a conveniência de afastá-la da Côrte ; e não lhe repugnaria a possibilidade de um definitivo afastamento.

E, sem dúvida, o primeiro passo seria aquele, fazê-la passar uma temporada no interior, a pretexto de tomar ares, e a excelente casa dos Corrêas, onde fôra sempre bem acolhido, estava positivamente a calhar...

Andava êle a ensaiar-se para a conversa, até que, acercando-se, atencioso, da velha fazendeira, ter-lhe-ia feito sentir o desejo de hospedar ali, por alguns mêses, pessoa que muito lhe merecia, ilustre dama de nobreza que viria acompanhada de seus filhos pequenos. D. Arcângela desconfiou, parecendo-lhe suspeita a tal senhora. E respondeu: — «Bem sabeis que esta casa vos pertence e estará sempre aberta às pessoas da amizade de Vossa Majestade. Apenas permitir-me-ei de indagar a quem iremos ter a honra de hospedar.»

— «Trata-se da sra. marqueza de Santos», informa o imperador.

A boa velhinha merecera a amizade franca da infortunada imperatriz, conhecêra-a intimamente, não ignorando as amarguras e vexames de sua vida conjugal. Ela não se cansava de pedir à excelsa Virgem do Amor Divino a paz, que não tivera na terra, para a nobre soberana do Brasil, dotada de tão sublimes virtudes.

Perdurava ainda viva a profunda veneração que sempre lhe tributara. Relembrou nesse instante o muito que a marqueza fizera sofrer à sua grande amiga ; e não teve um vis-

lumbre de transigência. Ela não poderia, de ânimo tranquilo, suportar a presença da desabusada paulista e dos filhos da sua mancebia com o imperador. E depois de um silêncio demorado, muito penoso para a altivez do soberano, respondeu com firmeza: — «A casa que abrigou D. Maria Leopoldina, suavisando-lhe momentos de aflição, não deveria servir de hospedagem à sra. marqueza de Santos; mas Vossa Majestade aqui manda e a sra. marqueza será servida com as honras devidas à sua jerarquia». E ajuntou, serena e digna, a cabeça levantada, encarando bem de frente o herói da independência: — «Mas Vossa Majestade far-me-á a graça de conceder que eu me retire antes que a senhora marqueza aqui ponha os pés».

— «Oh! Senhora, neste caso ela não virá.»

E a Domitila não veio...

Diante de tanta altivez e superioridade de caráter, D. Pedro reconheceu a leviandade em que incorrera, e continuou demonstrando à intemerata velhinha o maior respeito e amizade.

Episódio tão sugestivo já inspirou ao muito apreciado historiógrafo Viriato Corrêa a formosa crônica a que deu curso com o título de «As duas nobrezas». As duas nobrezas! A convencional, baseada na circunstância meramente dinástica, sem virtudes próprias, sem comedimento, que não se sujeitava a deveres de educação porque cingia uma coroa recamada de pedrarias. E a verdadeiramente digna, que tinha apenas o diadema de uns cabelos brancos!

Pedro I nomeou d. Arcângela Dama de Honra da segunda imperatriz e pretendeu conceder-lhe um título nobiliárquico, que a respeitavel senhora pediu licença para não aceitar. Essa despreocupação de honrarias tem sido aliás caraterística na família, dotada de sentimentos profundamente democráticos; exemplo frizante ofereceu o dr. José Agostinho Moreira Guimarães, neto de d. Arcângela, um ano mais velho

que D. Pedro II, seu companheiro de brincos infantis, e a quem o soberano, por decreto de 26 de Julho de 1881, conferiu o título de barão de Guimarães, que êle só registrou afim de não ser desagradavel ao amigo, mas do qual quasi nunca fazia uso.

Outro episódio se conhece passado entre a respeitavel senhora e o nosso primeiro D. Pedro, registrado tambem por «tradições de família», e que é assim relatado por Henri Raffard:

—«Comunicou-nos o dr. A. da Cunha Barbosa, competente para falar dos acontecimentos de sua família, saber de fonte segura que D. Pedro I em Dezembro de 1829 propoz à sra. d. Arcângela a compra dessa fazenda, encantado pelos bons ares e por nela gozarem boa saude as pessoas de sua família. Respondeu a veneranda senhora que, nutrindo bons desejos de anuir à sua vontade, contudo, se bem que a fazenda não estivesse vinculada, havia um compromisso de família de não a passar a mãos estranhas. Pediu então o imperador que lhe indicasse alguma outra nas imediações, e soube que talvez o dono da vizinha fazenda do Córrego Sêco pudesse satisfazer os seus intentos.»

Esta passagem vincúla de modo interessante a origem da cidade ao velho subúrbio engastado no segundo distrito e desculpa a vaidade com que o fundador do hotel D. Pedro estampava em seus cartões de propaganda: «Corrêas, berço de Petrópolis».

«Quando a família imperial regressou da fazenda dos Corrêas para a Côrte — rezam as notas históricas de Petrópolis, — o imperador D. Pedro I de passagem pela fazenda do Córrego Sêco, pertencente ao major José Vieira Afonso, perguntou-lhe se queria vender a fazenda e o custo dela, ao que o major respondeu afirmativamente, avaliando-a em 50.000

cruzados (20:000$000). Concordando no preço, o imperador concordou que se realizasse a compra, que foi efetivada por escritura de 6 de Fevereiro de 1830.»

O aprazivel local, de clima delicioso e opulentas paisagens, de fazenda tinha somente o título, pois não passava de um grande território sem culturas, coberto de magníficas florestas, possuindo apenas casa de moradia e pouso de tropeiros. A escritura de compra foi o alicerce da cidade imperial.

O território converteu-se numa linda e salubérrima estância de veranistas e finalmente numa das mais interessantes cidades do Brasil, cheia de vida e animação, revestida de aspeto majestoso, ostentando todo o conforto criado pela civilização. Tivesse porém a irmã do Padre Corrêa cedido às instâncias do imperador, e hoje, certamente, Corrêas, que não passa de modesto arrabalde encravado em montanhas maravilhosas, em suave declínio da serra de Petrópolis, à espera ainda dos melhoramentos mais essenciais, Corrêas gozaria certamente todas as vantagens de séde do município e ostentaria todo o garbo de cidade elegante, onde os diplomatas e as sumidades nacionais fizessem residência e onde passasse o verão o sr. presidente da República...

CAPÍTULO XII

A DECADÊNCIA DA FAZENDA

Por morte de d. Arcângela, pertenceram ao cônego Alberto da Cunha Barbosa e Ana Leocádia da Cunha Moreira Guimarães as fazendas Rio da Cidade e Olaria, confinantes; e a do Corrêa a Maria Inês da Cunha Marques de Sá.

Possuíram abundantes riquezas os herdeiros da veneravel matrona: o cônego Alberto, falecido alguns anos após a fundação de Petrópolis, deixou uma fortuna avaliada em oitocentos e cincoenta contos de réis. No domínio de José Marques de Sá e sua mulher Maria Inês decaíram as terras do Corrêa; já não havia o antigo número de escravos, trabalhando-as; cessára o prestígio que tanto engrandecera a histórica propriedade; já a exportação de seus produtos não impressionava pelo vulto e variedade.

Dêste casal houve diversos filhos, mas os apontamentos registram apenas os seguintes: — José Marques de Sá, doutor em medicina formado no Rio de Janeiro e bacharel em ciências físicas pela Faculdade de Paris; exerceu a clínica no Rio e grangeou renome justificado. — Maria Inês, que se casou com o comandante João Henrique Ulrick. — Ana Inês, que se casou com o dr. Francisco Ferreira de Abreu, barão de Teresópolis, diretor e catedrático da Academia de Medicina, professor de física e química das filhas de D. Pedro II, médico da Casa Imperial; representou o Brasil em vários

congressos científicos e pertencia ao Conselho da Coroa. — Antônio José Marques de Sá, comerciante; e Luiz Marques de Sá, lavrador.

O velho José Marques, legionário das hostes conservadoras, coronel da Guarda Nacional, deu adeus ao mundo pouco antes de 1845. Ficou administrando as terras seu filho Luiz Marques de Sá.

Acentuáva-se a decadência agrícola das terras que desciam da fazenda imperial até Pedro do Rio. Compreendiam cerca de vinte fazendas, umas à margem da estrada de Minas, outras comunicando-se com esta por caminhos fáceis. Baseavam sua fortuna na produção intensiva de frutas e cereais, com exportação valiosa para a capital do país. Não se prestavam, todavia, ao cultivo do café. Monsenhor Pizarro, no limiar do século, assinalou quanto prosperava a região de serra-acima, situação que se conservava ainda na época da Independência, mas que já se apresentava extraordinariamente decadente na época em que se fundou Petrópolis. Feriu-a de morte o desenvolvimento, cada vez mais intenso, do cafeeiro no vale do Paraíba. O rei dos nossos produtos, de cotações seguras e crescentes, encarecia dia a dia o braço trabalhador, com a alta do preço dos escravos. Alem disso, majorou e monopolizou o único meio de transporte, que era o lombo de animais. O período aureo do café desorganizou totalmente a região capaz de produzir apenas frutos e mantimentos, e que, afastada do centro de consumo, precisava de exportação rápida e não podia acompanhar o avanço constante de despezas que a rubiácea fidalga suportava.

O notavel polígrafo dr. Afonso de Escragnolle Taunay, digno continuador das glorias paternas, vem publicando há anos, nas edições domingueiras do Jornal do Comércio, páginas admiraveis que se leem com avidez porque deleitam e

instruem. Entre seus temas favoritos figura a obra altamente aproveitavel de divulgar as impressões que sobre o Brasil publicaram estrangeiros que nos visitaram antigamente.

Nessas relações de viagem a sua análise e o seu comentário são sempre oportunos e proveitosos, pelos esclarecimentos que fornecem.

Ultimamente nos proporcionou o ilustre diretor do Museu Paulista o resumo de um livro que em 1848 publicou na Europa o diplomata francês Julio Itier, de passagem pelo Rio de Janeiro em princípios de 1844. Vinte e tantos dias demorou-se no Brasil o diplomata, percorrendo a capital e jornadeando por uma parte das regiões fluminenses. Realizou em nossas montanhas uma viagem circular. Dirigindo-se ao porto da Estrela, escalou a serra de Petrópolis, percorreu o vale do Piabanha até encontrar, pouco acima de Pedro do Rio, a estrada de Santa Rita que alcançava o vale do Paquequer-pequeno. Percorreu quasi toda a extensão do município de Teresópolis e alcançou o porto da Piedade, no território de Magé, descendo pela estrada que começava ao lado do Dedo de Deus.

A narrativa de Julio Itier, sobre conter detalhes muito curiosos da vida de serra acima, focaliza tambem, com fidelidade, o aspéto decadente da zona percorrida no trecho que formaria boa parte do Município de Petrópolis.

Em toda a parte encontrou desconforto e semi-desertas paragens, o que o fez acreditar que era a mais angustiosa a situação dos fazendeiros da serra, que se descuravam do amanho da terra porque os lucros da produção eram incertos ou nulos, devido à alta dos transportes e da mão de obra. Os terrenos que tanto se prestavam à pomicultura em sua maior variedade, transformavam-se em pastos e em insignificantes lavouras. «Os milharais é que vicejavam; eleva-

vam-se as hastes da gramínea, por vezes, a mais de três metros e cheias de espigas em todos gráos da madureza».

As fazendas já não proporcionavam a hospitalidade de outros tempos. Passara o período da fartura... Algumas já estavam, até, abandonadas.

Atravessou a fazenda de Itamaratí sem fazer-lhe reparo. Sobre a Samambaia anotou, entre outras singularidades, que havia ali uma turba de mulheres ociosas e um bando de crias da casa.

Já estaria bastante desprezada a fazenda de Corrêas, à qual não consagrou, siquer, uma linha.

Não se referiu tambem à fazenda da Manga Larga, muito importante outróra. E' certo que a séde da fazenda ficava oculta da estrada de Minas. Mas igualmente silenciou quanto à fazenda de Magé, que tivera noutros tempos abundância de colheitas e dispunha de engenho, ferraria, e casa grande de moradia, assobradada, erguida à beira da estrada.

E' neste território que se acha localizada a Estação de Itaipava. Desenvolve-se hoje à sombra da montanha chamada de Magé um ótimo núcleo de residências de verão, que promete aumentar bastante ; recebeu o nome de bairro São José.

Do outro lado da estrada e do rio, por onde passou depois a União e Indústria, ficava a fazenda de São José do Piabanha, que possuia a ermida de São José, posta em outeiro e franqueada ao culto das redondezas. As terras de Magé, como as de São José do Piabanha, perderam seus nomes tradicionais ; continúa entretanto a igrejinha devocionando o orago, São José, nome que se perpetuará tambem no povoado veranista.

Passando pela fazenda de Sumidouro, onde houvera igualmente fartura de recursos econômicos e escravaria numerosa, classificou-a de «lugarejo miseravel, onde reinava a indigência».

A casa do Sumidouro, como a de Magé, ficava à margem esquerda do Piabanha. Na séde do Sumidouro uma ponte transpunha o rio ; e aí começava a estrada que ia ter ao lugar denominado Santa Rita, nos contrafortes dos Órgãos. No princípio desta estrada ficava o sítio do alferes Francisco Caetano do Vale, que dispunha de pastos, de um rancho para cargas e cangalhas e de pequena casa de hospedaria. Aí pernoitou o diplomata itinerante. Da atual Itaipava para baixo já o café se assenhoreava do solo, desflorestando as montanhas ; mas os próprios cafezais se mostravam da mais mesquinha aparência. «Falta de trato ? ou aridês do solo ? Era o que não sabia dizer o viajante, que supunha muito impróprios à cultura da rubiácea os setecentos metros da cota altimétrica da zona atravessada», — segundo expressão do dr. Afonso de Taunay.

O róseo diplomata francês, no primeiro dia, para almoçar na estalagem do vale do Córrego Sêco só teria de contar com o magro pitéo de uns palmitos doces, que mesmo assim precisariam ainda de ser colhidos na mata próxima ; salvou-o da situação um outro viajante cujos cargueiros vinham com as cangalhas opulentamente recheiadas e o convidou a compartilhar de seu farto repasto. Não conseguindo pousada para dormir na Samambaia, teve de pernoitar no rancho da Várzea do Urubú. No segundo dia só obteve, como jantar, nas «inhóspitas paragens» do Sumidouro, algumas bananas, encontrando, porém, milho suficiente para as alimárias. Chegou noite fechada aos domínios do alferes Caetano, sentindo rugir no estômago a «atra fome». Esperava ceiar à farta ! Que desapontamento ! Teve como petiscos da ceia apenas uma chicarazinha de café simples e ralo e uns biscoitinhos... «Cem vezes mais felizes as nossas bestas, que desarreiamos, apenas chegados, e deixamos pastar à vontade !» Bom homem era, entretanto o sr. Caetano. Cumprenos porém acompanhar mais fielmente o diplomata nas suas

impressões sobre o estalajadeiro, cingindo-nos ao esplêndido relato do dr. Afonso de Taunay: «... dava o que tinha, praticava a hospitalidade com todas as veras do largo coração. Infelizmente o que lhe atrapalhava a prática de tão louvavel e cordeal feitio era a absoluta escassez de recursos. E o ótimo homem contava singelamente ao esfaimado hóspede que colhia algum café, mas muito pouco. A geada lhe queimava os cafesaeszinhos. — Observei, relata o nosso Itier com ares de quem vai emitir grande e ignota verdade aos agrônomos de todo o mundo, notei que por toda a parte onde gêa, o caféeiro dá insignificantes colheitas. O milho era o que alimentava a vida parca do sr. Caetano. Mas cobravam-lhe imenso os tropeiros e embarcadiços para lhe levarem os produtos da roça ao mar e ao Rio de Janeiro. Assim, pois, era de franca penúria a situação dos fazendeiros do cume da serra; a mão de obra caríssima ia subindo, dia a dia, com a alta do preço dos negros. E os juros dos empréstimos à lavoura se tornavam simplesmente pavorosos. Aí veio um sentimento de equidade egocêntrica fazer com que o insatisfeito devorador de biscoitos perdoasse a má ceia ao pobre Caetano que dava o que tinha. — A uzura devora os infelizes lavradores, clamou-me o meu hospedeiro. E assim compreendi porque os há que, não somente, ai de nós! fazem os seus hóspedes ceiar um cafézinho ralo como tambem ceiam da mesma maneira!»

CAPÍTULO XIII

OS ÚLTIMOS PROPRIETÁRIOS DA FAZENDA

Voltemos porém ao histórico de Corrêas. Houvera sempre a deliberação de não vender ou amputar a propriedade, que se manteve na família, conservados carinhosamente objetos e tradições de seus antepassados, durante algumas gerações; mas o intransigente propósito entrara já a romper-se com o aforamento da Vargem do Urubú ao rancheiro Mariano. Mais tarde foram aforados outros sítios, entre a Vargem e a ponte do Pai Amaro.

O sistema territorial de aforamento, todavia, não prevaleceu em Corrêas.

Anos de amargo abandono experimentou a casa patriarcal. Em 1856 Luiz Marques de Sá a arrendava, bem como parte dos terrenos, à Companhia União e Indústria, quando esta começou a construir a estrada de macadame. A' margem do Piabanha, no sítio onde se fazia a travessia, criou a Companhia a sua primeira parada para mudança de animais.

A título de arrendamento a Companhia só possuiu as estações de Petrópolis e de Corrêas; o terreno de todas as outras constituia propriedade sua. A estação do Corrêa não se considerava de primeira classe, conquanto embarcasse bastante toucinho, batatas em quantidade, legumes e frutas. Carecendo de importância como núcleo de exportação, era en-

tretanto a base central da Companhia no território fluminense, porque ali fazia ela o depósito das carroças, tendo feito levantar em torno da velha casa de morada vastos galpões em que instalou oficinas que fabricavam carros e arreios. Em torno, pelas encostas e várzeas, a vista só alcançava extensas pastarias e plantações de milho. Construiu a Companhia, nos Corrêas, estrebarias com capacidade para seiscentos animais. No local onde agora se encontra o parque de eucaliptos e laranjeiras, havia o terreiro, bem ladrilhado de lages simétricamente dispostas, no qual ficavam as carroças vazias. Ainda hoje se descobrem restos desse calçamento. Os empregados da Estação de Corrêas ficaram acomodados no casarão legendário e nas antigas senzalas, que estavam dispostas em círculo na parte posterior da casa, e eram casotas bem construidas, tanto que algumas se conservaram até aos nossos dias. Emquanto as diligências ficavam nas estações extremas, as carroças vindas com carregamentos de mercadorias dos trapiches do Fragoso, ponto terminal da via-férrea Mauá, e das estações do interior, pernoitavam no Corrêa. A's vezes ali se abrigavam, em barracões e no porão da casa, mais de cem caminhões. A casa era então habitavel apenas no andar superior. As carroças atravessavam de um lado para o outro, passando pela atual sala de jantar.

O vetusto casarão, povoado de ratos e de lendas, começara por esse tempo a ganhar fama de assombramentos. Murmurava-se que as almas dos Corrêas antigos erravam a deshoras pelo seu âmbito, sofrendo com o desprezo a que fôra relegada a familiar moradia, que conservava reminiscências do convívio com príncipes e sábios e se transformava em abrigo de carroças e albergue de tratadores de animais...

Decaindo a situação econômica da Companhia União e

Indústria, deixou de vigorar, em 1865, o arrendamento que havia com a fazenda do Corrêa, ficando apenas de pé o aluguel de capinzais.

Alienado o domínio util da família, continuavam as terras produzindo, mas divididas em sítios de aluguel, ocupados e trabalhados por pequenos lavradores e criadores, quasi todos açorianos.

Luiz Marques de Sá, que se ligara pelos laços do matrimônio a Maria Adelaide Valente, voltou a residir no domicílio histórico de seus antepassados. Êle era um belo homem, elegante, robusto, a quem uma luzida barba andó emprestava aspéto de cativante distinção. Sua existência, decorrendo isenta de cuidados, foi relativamente curta ; talvez mesmo a ausência de preocupações lhe tenha sido desastrosa. Em 1868, não tendo certa vez o que fazer de mais sensato após a refeição, uma imprudência o obrigou a transpôr precipitadamente os humbrais da eternidade, indo ocupar um túmulo aberto no cemitério de Petrópolis. Seus bens ficaram entregues à viuva e pertenciam a duas filhas únicas do casal, Adelaide e Luiza, que se mantiveram solteiras e foram os últimos herdeiros da secular propriedade. Não continuou a família habitando por muito tempo a tristonha casa, enorme, silenciosa, lúgubre, que recordava continuamente o chefe tão prematuramente desaparecido. E a velha habitação foi ocupada pelo padre João Francisco de Siqueira Andrade, que subira às nossas montahas procurando no clima abençoado de Corrêas lenitivo ao mal que o abatia, traiçoeiro e pertinaz, que afinal o arrastou ao túmulo menos de quinze anos depois.

O velho subúrbio de Petrópolis orgulha-se de ter íntimamente ligada às suas tradições a personalidade varonil do benemérito sacerdote, sendo lícito admitir-se que devemos a essa residência acidental a escolha de Petrópolis para localização do Asilo de Nossa Senhora do Amparo que tanto valimento tem prestado, santuário onde a mensageira do céo que

todos nos habituáramos a tratar de «Mamãezinha» realizou durante mais de meio século o apostolado sublime instituido por seu tio venerando.

O Padre Siqueira, nascido em Jacareí, província de São Paulo, a 16 de Julho de 1837, era filho de Miguel Nunes de Siqueira e de Claudina Maria de Andrade. Em todas as fases de sua vida nos deixou exemplos os mais edificantes de intrepidez e de altruísmo. Entrando o Brasil em guerra com o Paraguai, o jovem sacerdote, que recebera ordens sacras um ano antes, seguiu para os campos de batalha, nomeado capelão do 7º batalhão de Voluntários da Pátria. Sua débil constituição, porém, não resistiria por muito tempo à áspera vida de campanha. Doente, salteado pela moléstia insidiosa, regressou à sua terra natal, de onde, em pouco, se transferia à capital do país. Aí o acolheu à sua chegada de São Paulo a sra. d. Ana Leocádia da Cunha Moreira Guimarães, na sua chácara das Larangeiras, onde êle foi tratado como um verdadeiro filho. Herdeira de boa nobreza, filha de d. Arcângela Joaquina da Silva, a inolvidavel matrona que não se arreceiára de contrariar o ardoroso Pedro I, era d. Ana Leocádia uma velhinha franzina em cujo rosto enrugado se descobriam os indícios de um caráter viril e doce ao mesmo tempo e a marca de 76 anos consumidos na prática de virtudes excelsas. Ali vivia nas Larangeiras aureolada pela veneração unânime de sua descendência numerosa. Dizem os seus contemporâneos que quem primeiro animou o Padre Siqueira na sua obra evangélica que se concretizou na criação do Amparo foi essa veneranda senhora, de espírito votado sempre à caridade, alma grande e cheia de ternura; bem como o induzira à escolha, para essa fundação, das nossas fagueiras estâncias, dotadas de clima apropriado ao estado de seu hóspede e onde ela possuia a fazenda da Olaria.

Veio, pois, o Padre Siqueira para a Olaria, a restaurar a saude combalida, passando-se depois para a casa dos Cor-

rêas. Embora tivesse encontrado em Petrópolis devotados cooperadores de sua empreza, muito lhe custou levá-la por diante.

Êle tinha o senso das realidades. Não desejava imprimir à sua casa a simples feição de recolhimento destinado a não deixar à míngua as meninas que lhe batessem à porta, compreendia a caridade sob a mais elevada fórma, queria educar as desvalidas para uma profissão e para o lar, habilitando-as com o preparo bastante para que no futuro pudessem viver honestamente de suas próprias aptidões, preparando-as para professoras e, as menos inteligentes, para criadas de servir, criando assim, no Brasil, o ensino doméstico e profissional feminino.

Consta que o Imperador não o estimulara nos seus elevados ideais e costumava considerá-lo visionário; julgando inviavel a organização do instituto nos moldes que pretendia imprimir-lhe o seu idealizador, o aconselhara a instalar de preferência um asilo que tivesse por objetivo acolher os orfanados da guerra, aproveitando para esse fim o velho casarão dos Corrêas.

O certo porém é que em 15 de Julho de 1868 o Padre Siqueira fez publicar o programa da obra que pretendia realizar. Êle conseguia, com a sua palavra evangelizadora, transformar a todos em adeptos da sua causa. De vários capitalistas obteve extraordinários benefícios, em donativos de dezenas de contos de réis; e da sua inflexivel força de vontade surgiu a pouco e pouco a benemérita instituição, inaugurada em 71 com o caráter de casa pia e estabelecimento de instrução.

Siqueira arrendara a casa e terrenos dos Corrêas à viuva Maria Adelaide Valente de Sá, ao preço anual de Rs. 1:400$000, conforme escritura de 13 de Maio de 1871, passada pelo tabelião Inácio da Gama Moret, da qual foram testemunhas João Van-Erven e José Candido Monteiro de Barros.

Criou ali, no mesmo ano, o «Colégio Científico São José» — Curso de Preparatórios — para rapazes, localizando-o no casarão da fazenda, que áquele tempo melhor guardava os índices da sua ancianidade, mas que ainda conserva a mesma cumieira, o mesmo soalho de táboas largas de quasi 200 anos atrás, a mesma capela cuja imagem padroeira recolhera as préces patrióticas de Tiradentes e as confidências amarguradas da primeira Imperatriz do Brasil.

Pretendia Siqueira, com os proventos do colégio auxiliar a manutenção do Asilo de Petrópolis.

Soube organizar o internato de molde a ministrar, com eficiência, o curso de humanidades, constituindo-o de professores competentes: padre Antônio José da Costa Machado, padre Eduardo de Souza Freire, padre João Sabino de Las Casas, José Loureiro de Albuquerque, John Moore e Narciso Batista de Oliveira.

Dois desses nobres educadores somente há pouco tempo se foram deste mundo. O venerando major Narciso Batista de Oliveira, decano dos professores petropolitanos, faleceu aos 82 anos de idade. Abandonara já o magistério, tendo-o praticado, com brilho inexcedivel, durante 58 anos. Era um profundo conhecedor de matemática, como tambem notavel filólogo, conhecendo a língua pátria admiravelmente, alem de versado no latim e no grego. Ocupava por último a cadeira de matemática do Colégio São Vicente de Paulo, onde era estimadíssimo. Sua longa vida representou modelo de elevação moral que devemos reverenciar

Monsenhor Las Casas, aos noventa anos celebrava, ainda, na capela do Hospital de São João Batista, em Botafogo, em cujo bairro residia; guardava memória perfeita de Petrópolis como era há sessenta anos passados, mantendo vivas as saudades dos bons tempos vividos entre as montanhas de Corrêas, que nunca mais reviu.

Resiste ainda, candidato ao centenário, o Getúlio Gon-

çalves, que foi copeiro do colégio... Vive do trabalho honrado : fabrica cestos, concerta varais e rodas de carroças, e no verão vende caldo de cana em sua rústica moenda. .

O internato alcançou o efetivo de cento e trinta a cento e cincoenta alunos. Famílias da Capital, de Minas e de nossa província mandavam para ali os seus meninos.

As superstições em torno do secular edifício transmitíram-se à criançada, que andava sempre de orelha em pé, vislumbrando coisas sobrenaturais em cada canto. A' boca da noite, tinham alguns alunos de ir acender as luzes do altar para em seguida realizar-se a reza do terço por todos os meninos e professores ; mas quem se animava áquela valentia se o espétro do último proprietário, com o seu porte de fidalgo, de botas de montaria e esporas, era infalivel áquela hora perambulando na capela ?

A famosa figueira, distante poucos passos, apavorava por sua vez a meninada, que via, à noite, a figura de Tiradentes pendurada de um de seus galhos, a debater-se, as longas barbas ao vento...

Padre Siqueira, homem de envergadura e atividade pouco comuns, dirigindo simultâneamente o Asilo do Amparo em Petrópolis e o internato de Corrêas, tinha de acudir principalmente aos muitos encargos para a estabilização daquela casa destinada a socorrer e educar as meninas desherdadas da sorte.

E desdobráva-se em atividade, ora num ponto, ora noutro, obrigando-se tambem a constantes excursões pelo interior, até Minas, na colheita de recursos destinados à benemérita instituição.

Dois amigos seus principalmente devem ser lembrados, que mais fraternalmente partilharam com êle vicissitudes e trabalhos : Francisco Castilho Nunes, que viajando continuamente na sua profissão de dentista, só de uma feita lhe trouxe donativos na importância de cincoenta e três contos de réis !

E Manoel José Moreira Guimarães, que colaborou tambem, eficazmente, na obra do Amparo, encarregando-se de maneira inteligente e útil dos serviços de propaganda.

Ao cabo de três anos de perseverança, Padre Siqueira transferiu o arrendamento dos Corrêas, vendendo o Colégio ao médico dr. José Holdret Rongel de Mendonça de Queiroz Carreira, cuja senhora dirigia nessa data um internato de meninas na casa vizinha, da Olaria.

O casal Carreira procurara tambem as saudáveis paragens como a salvação possivel para um filho único, José, atacado em plena puberdade do mal terrivel da tuberculose. A permanência na abençoada região restituiu ao rapaz a saúde fugidia, permitindo-lhe ainda formar-se em direito na Faculdade de São Paulo; faleceu, entretanto, pouco tempo depois.

Em ambas as fases do Internato São José, tiveram os proprietários como seu braço direito o padre Antônio José da Costa Machado, robusto talento, invulgar ilustração, um verdadeiro sábio, especialmente versado no estudo de História e de Filosofia, e que ainda hoje mantem no coração dos que com êle privaram uma admiração sem limites, testemunhando-nos sua comprovada competência e suas altas qualidades morais. Era, alem disso, de uma simplicidade de enternecer.

Todas as manhãs lá iam os meninos ao banho no Poço do Imperador; e era interessante de ver-se o bom reitor no meio daquela traquinada, tambem vestido à banhista, muito gordo e alto, integrando-se na alegria reinante, despreocupado como uma criança.

As memórias do tempo perderam os nomes e o destino vário de quasi todos esses rapazes, plenos de viço e de esperança, que há sessenta anos viveram como irmãos, congregados na casa nobre dos Corrêas, recebendo as lições de civismo, de força de vontade, de abnegação e de patriotismo

do grande Padre Siqueira e de seus nobres auxiliares. Poderemos mencionar apenas os seguintes: — Feliciano Penido, magistrado em Minas, e mais tarde advogado em nossa cidade durante muitos anos. — João Penido, político de destaque, mandado à Câmara Federal em diversas legislaturas como deputado mineiro. — Luiz Artur Detsi, petropolitano, proprietário do Colégio São Salvador, de Juiz de Fóra, lente do Ginásio Mineiro, secretário do Ministro do Interior Fernando Lobo, na presidência Floriano; duas vezes deputado por Minas, em cujo posto o vitimou a febre amarela, em 1898. — E o sr. Fernando da Rocha Miranda, personalidade de incontestavel relevo em Petrópolis e que nos dá ainda felizmente as graças do seu convívio.

O internato de meninos funcionou ainda durante cerca de três anos. Voltára a animação às salas da casa dos Corrêas. O imperador Pedro II, o conde D'Eu, outras personagens proeminentes, ali estiveram em visita. O dr. Queiroz Carreira liquidou por fim o internato, mudando-se para Petrópolis, onde continuou com o colégio de meninas, sob a direção de sua senhora.

CAPÍTULO XIV

QUANDO NASCEU PETRÓPOLIS

Seria interessante saber-se, à luz da tradição impressa e oral, quais os estabelecimentos que existiam desde as terras da fazenda imperial até à Várzea do Urubú, pouco antes da época em que os primeiros colonos germânicos chegaram às nossas terras, quando as palavras Petrópolis e Cascatinha soariam ainda sem nenhuma significação geográfica.

A velha estrada de Minas, alcançando a cumiada da serra, seguia ao longo do atual Palatino, então Córrego Sêco ; descia pelo Quissamã e alcançava os vales do Itamaratí e Piabanha, passando em frente das fazendas do Itamaratí, Samambaia e Corrêas.

Dois negociantes existiam no alto da serra, estabelecidos com o negócio de rancho, em casas rústicas onde residiam com suas famílias : Francisco Gomes Moreira, Manoel de Andrade e José Dias. Tinham freguesia certa para os gêneros de seu comércio, que se limitava a rapadura, fumo de rolo, milho e cachaça.

Já no vale da fazenda de D. Pedro II, o estalajadeiro Antônio Luiz Gomes explorava uma espécie de hospedaria situada à margem do Córrego Sêco, mais ou menos em frente ao local onde, quarenta anos depois, se construiria a Estação de Petrópolis.

Um ano e meio antes de se fundar Petrópolis o viajante

francês Júlio Itier consignava que a hospedaria chegara a decadência tal que só podia fornecer aos viajantes této e lenha...

A casa grande da fazenda, onde se acha hoje a Pensão Geoffroy, estava então ocupada por Júlio Frederico Koeler, o benemérito engenheiro alemão que a história de Petrópolis venera. Era êle arrendatário das terras imperiais, onde não tardaria a fundar o núcleo de colonos de sua nacionalidade. Na séde da fazenda existiam uma ferraria e um estabelecimento em seis lances, onde descansavam e se arranchavam as tropas que procediam do interior. O negócio estava sendo dirigido por um rapaz do Rio, Ricardo Narciso da Fonseca, que, doente do peito, encontrara a cura no clima de nossas montanhas. Trabalhara a princípio nas obras de reconstrução da estrada de Minas, no trecho entre o Itamaratí e Pedro do Rio; dirigira depois um rancho estabelecido no alto da serra e estava agora com o mesmo negócio ao pé da casa da fazenda.

Nas terras onde se estendem os bairros da Westphalia e do Retiro, que poucos anos depois receberiam os benefícios do progresso com a passagem da União e Indústria, nem picadas havia; dominava ali a selva espessa por onde serpeavam arroios, a floresta cheia, o sertão somente despertado pelo silvo das cobras e o guincho dos macacos.

O Itamaratí já não era própriamente uma fazenda e aliás como tal não chegara a florescer. Em ponto agradavel e elevado destacáva-se a residência senhorial, de sobrado, com varanda à frente, exatamente onde a Fábrica de Papel Petrópolis levantou suas importantes instalações. Estava a propriedade arrendada a Antônio José da Rocha Fragoso, que viera da Encruzilhada, na Paraíba do Sul, e ali montara engenho de cana e tinha alambiques para o fabrico de aguardente. Corria-lhe favoravel o negócio; para a sua engenhoca se carreava quasi toda a safra dos canaviais das re-

dondezas. Pernoitavam sempre, ali, vários lotes de burros. Ao lado da habitação havia extenso e largo telheiro onde se abrigavam as cargas, as cangalhas e a rapaziada das tropas.

Mais abaixo ficava o Rumo, local que separava o Itamaratí da Samambaia, zona que abrangia o atual bairro dos «Sobrados» e o sítio onde se acha a matriz de Cascatinha. Subsiste ainda daquele tempo pelo menos uma casa, bem à beira da estrada, apenas alterada na cobertura, que, de telhas, passou a ser de zinco. Ali havia, alem da casa, um rancho.

Naquela região que viria a ser a populosa Cascatinha, a simpática localidade hoje transformada em esplêndida colmeia de trabalho, limitava-se então a indústria a dois obreiros: um alfaiate numa casa e o sapateiro Domingos Ramos noutra, com sua mulher Brígida, casal de que há ainda descendentes. Viviam os dois operários na sua faina, a aviar encomendas de fazendeiros e tropeiros, costurando calças de ganga, camisas de zuarte e remendando botinões de couro crú com remontes e tombas.

Na mansão patriarcal da Samambaia, onde não se conhecia tronco nem vergasta, dominava o espírito bonachão do cônego Luís Gonçalves Dias Corrêa, que morava com seu compadre João Cardoso de Lemos.

Era este de nacionalidade lusa; instruído na arte de agrimensor, por ter sido piloto de navio mercante, trocara a vida do mar pela das nossas montanhas, onde exercera a princípio a função de piloto de medições de terras, tornando-se mais tarde lavrador e proprietário.

O eclesiástico, carater nobre e varonil, foi excelente guieiro de almas na obra de fundação de Petrópolis, tendo contribuído com o seu espírito de moderação e tolerância para que o grande Koeler vencesse sérios entraves que ameaçaram a estabilidade da nascente colônia. Os serviços

da Samambaia, em que se empenhavam escravos e servas, eram dirigidos por dois africanos inteligentes, de nomes Guido e Getúlio.

Recebia o padre de vez em quando a visita do brigadeiro Joaquim Mariano, que morava mais abaixo, ainda em terrenos da fazenda, num sítio denominado Pomar, e distraiam as horas jogando inocentes partidas de bisca ou de gamão.

Outras vezes montava no seu nédio ginete, transpunha o rio um pouco abaixo da Ponta dos Pinheiros, seguindo a trilha que conduzia à morada da Engenhoca, a cavaquear um bocado com o mano Tomaz Goulão, que tinha sempre uns casos chistosos a contar e umas piadas que provocavam gostosas gargalhadas. Dali seguia ele para a Olaria, o risonho recanto onde, nos nossos dias, o espírito arrojado de Francisco Serrador procuraria ensaiar a Los Angeles brasileira.

Constituia a Olaria o refúgio de verão da família do capitão Antônio José Moreira Guimarães, cuja esposa era prima-irmã do padre, um tanto mais nova do que ele ; e por ali se deixava ficar umas horas no agradavel convívio dos jovens primos e primas, rebentos do casal, que ele considerava como se fossem seus sobrinhos.

Na Grota-Funda, que ficava nas divisas da Samambaia com o Corrêa, havia, à margem da estrada de Minas e em frente à várzea onde depois se construiu o prado de corridas, a casa de pousada do rancheiro José Antônio Fintado com suas roças de cana e milho de todos os lados e os seus pomares de pessegueiros, damasqueiros, macieiras e pereiras. Dava pernoite aos viajantes e servia-os com sortimento de linguiça e bolacha. Passou mais tarde o local a ser conhecido como o sítio da Bela Vista. Foi nesse ponto que Inácio Ratton há vinte anos levantou espaçosa casa, com ex-

celentes cômodos, para servir de hotel aos amadores cariocas que quizesse vir de sábado para domingo assistir aos prélios no Derby Petropolitano.

No Corrêa morava a viuva Maria Inês Marques de Sá, prima-irmã do padre da Samambaia. Vivia com seu filho Luís Marques de Sá, ainda solteiro, esbelto mocetão na doce miragem dos vinte e cinco anos, que achava a vida deliciosa, ostentava o seu desempeno e a sua formosa barba negra e, temperamento sem propensão para canceiras, desinteressava-se de negócios e assistia à decadência de seus domínios.

A morada de seus veneraveis avoengos acabaria, setenta e tantos anos depois, cumprindo o destino imposto a muitas casas do interior: transformada em hotel, a que puzeram título significativo de homenagem ao primeiro imperador. E, hotel em local de clima, acabaria se convertendo em sanatório.

Mais abaixo, na zona dominada hoje pela estação de Nogueira, o rancheiro Mariano Dias Alves resistia à investida dos anos e sustentava a família numerosa com o rendimento da sua pousada e dos seus capinzais e milharais.

.. E assim corriam as coisas ao longo da estrada de Minas, nos bons tempos da fundação de Petrópolis...

CAPÍTULO XV

PERSONAGENS DE OUTROS TEMPOS...

Era de rija têmpera, baixote e gordo, o rancheiro Mariano Dias Alves, branco, de nacionalidade brasileira e que fôra almocreve nos tempos de rapaz. Permanecia ainda esquecida entre suas montanhas a futura cidade de Petrópolis, à espera da data auspiciosa de 1845, e já se achava instalado na Várzea do Urubú, à margem da estrada de Minas, aquele homem robusto, beirando os seus setenta anos, e ao qual Deus concedeu ainda vida bastante para assistir ao engrandecimento progressivo da cidade até poder admirá-la já na época em que deixava entrever os destinos gloriosos que lhe estavam assegurados. Seu negócio prosperava, comerciando com os tropeiros, vendendo-lhes milho, aguardente e forragens, naquele tempo em que o movimento de tropas era imenso entre o vale do Paraíba e a baixada.

Se a estrada de rodagem a macadame, aberta mais de um decênio após a fundação da colônia germânica, representou o carro do progresso passando pelos domínios do rancheiro, levou ao mesmo tempo a ruina ao seu negócio. A estrada mineira caíra em abandono ; as tropas vindas das fazendas com os produtos para embarque. percorriam apenas so ramais em busca das estações da «União e Indústria».

Possuindo meia duzia de escravos, converteu-se o rancheiro em lavrador e vivia então dos proventos das terras

cultivadas ; e há quarenta anos ainda ali mourejava, notavel pela sua longevidade, levando vida sem achaques. Alçou-se deste mundo em noventa e tantos, com 116 anos, e ainda lia sem usar óculos. Sua mulher sobreviveu-lhe ; mas afinal lá se foi aos 109 anos. Um filho, que trabalhou como empregado da Municipalidade de Petrópolis, festejou o centenário. Ótima recomendação matusalênica para os muitos descendentes do casal, que vivem entre nós...

Outra personagem da Petrópolis de antanho, de recordação bastante mais remota, nos permitimos de registrar : — Getúlio Luiz Gonçalves, preto forro, natural da Costa d'África, usando, como de regra, os sobrenomes do antigo proprietário.

Getúlio era de côr retinta, dessa negrura caraterística dos que recebem a primeira luz ao calor das plagas africanas. Muito pequeno, talvez ainda agarrado ao seio materno, atravessara o Atlântico incorporado a uma das levas arrebanhadas nas praias de Benguela ; e mãe e filho vieram engrossar o rol de «semoventes» da fazenda de Samambaia, que pertencia à viuva d. Maria Gonçalves Dias Corrêa, irmã do Padre Corrêa. Era inteligente e esperto. A servidão doméstida, o seu entendimento claro e vivaz, proporcionaram-lhe ocasião de grangear a benquerença da casa.

Obteve facilmente rudimentos de instrução bastantes para distinguir-se entre seus irmãos de raça e acabou exercendo sobre eles, no correr da vida, acentuada ascendência, considerado o mentor da pretalhada e seguido como a um oráculo infalível.

Contava menos de 30 anos quando a propriedade e todos os seus pertences couberam por herança ao cônego Luiz. Getúlio firmou-se na estima que lhe dispensava o dono. E ele que, pela sua valentia, de simples escravo escalara à posição

de feitor, passou, pela sua habilidade e lealdade, de simples feitor a uma espécie de mordomo ou de administrador geral. Alforriado por ato de benignidade de seu amo, enquanto viveu o padre foi ele o homem de sua absoluta confiança.

Realizava negócios, discutia e ajustava preços, consignava os produtos aos comissários da Vila da Estrela; e finalmente, numa caligrafia garranchosa, fazia os assentamentos que constituíam a escrituração comercial da fazenda.

Bilontra de marca, ficou meio estragado pela benevolência do padre. Desempenado e bem falante, ostentando bela trunfa artisticamente repartida ao meio, alisada e lustrosa à força de cosméticos, e um soberbo cavaignac que lhe emprestava ao porte a imponência de um altivo dignitário da Abissínia, ele era a irresistivel tentação do mulherio da sua esfera. Não procurou em toda a sua existência refreiar a incontinência do ardente temperamento; e a história registra que o intrépido africano teve sempre várias raparigas por sua conta e semeou filharada pelos quatro pontos cardeais.

O padre procurava muito naturalmente pôr um paradeiro aos desmandos, diligenciando salvar aquela alma transviada. E com o piedoso intento de conduzir a ovelha ao aprisco, estatuiu em suas disposições testamentárias que doava em usofruto ao antigo e fiel servidor uma parte do sítio dos Agriões com as suas terras cultivadas, o seu córrego de águas cristalinas e mais a linda casinha de paredes de adobe e cobertura de telhas, impondo porém a condição de que ele se unisse, pelos santos laços do matrimônio, a certa mucama predileta da casa, de nome Emerenciana. E quando o sacerdote fechou os olhos a este mundo para os abrir à luz eterna, o africano chorou-o com lágrimas da mais funda dor.

Depois, com a notícia do testamento, se a dentuça se lhe abriu, enternecida e grata, à dádiva do sítio, franziu se-lhe logo o cenho, carrancudo, à imposição do casamento.

As terras eram produtivas e a rapariga bem bonita e

comportada, não havia dúvida, mas o padre afinal exigía-lhe o impossível. Emerenciana fazia parte, já, do número de suas raparigas. Essa coisa de casamento iria derruir completamente o programa que se traçara na vida.

Não lhe quadrava a obrigação de estabelecer uma coelheira que pudesse ter o carater de oficial. Devia ser um compromisso íntimo, esse que o impossibilitava de atender à vontade do seu grande protetor; mas sabe-se lá agora, com precisão, os pensamentos que lhe fervilhavam na mente! O que é certo é que ele, que tinha comido o pão negro do cativeiro, não quiz experimentar a escravidão do casamento, mesmo nos braços de uma cabrocha muito mais nova, de bons costumes, e que alem disso possuia o cabelo corrido para cima das costas e a pele apenas um pouco mais carregada que a pele amorenada do jambo.

Decorreram anos. Getúlio trabalhava e prosperou. O cativo de outros tempos foi tambem senhor, chegando a possuir cinco escravos. Decidira resolutamente perder o sítio, embora continuasse a ambicionar as boas terras e a lamentar que o padre tivesse oposto à sua ambição aquela barreira intransponivel do casamento. Por fim, o destino entendeu de escrever no grande livro as últimas cenas da comédia.

Emerenciana enfermou gravemente. O fatal desfecho era já coisa esperada. E Getúlio, sempre ávido, sempre com o sítio de olho, achou que o acaso lhe oferecia a moeda com que poderia adquiri-lo, sem sacrifício da sua liberdade. Fez correr os proclamas e casou-se. A estranha cerimônia constituiu a triste farça de um homem reforçado e saudavel que se ligava, picado de ambição, a uma infeliz mulher que perdia, com o derradeiro alento, as últimas ilusões, levando para a outra vida a mais forte impressão das baixezas da alma humana.

Supoz o homem haver-se habilitado à posse do sítio dos Agriões, mas frustrou-se-lhe o plano, porque os herdeiros da

propriedade, opuzeram embargos. Alegando que defunto não póde se casar, invalidaram as pretenções de Getúlio ; vários testemunhos atestaram que no ato preciso do casamento já a noiva era um corpo sem vida. Perdeu Getúlio o sítio e entrou certamente a considerar que o fracasso lhe acontecia como um castigo de Deus. Ainda viveu alguns anos, indo afinal descansar, em 1876, das fadigas terrenas. Da sua numerosa progênie natural existem ainda por aí vários representantes, e entre todos se destaca o velho Getúlio Gonçalves, o mais antigo morador de Corrêas...

Outra figura episódica, de que ainda se recordam os que conheceram Corrêas há meio século : o general Barbosinha, cuja memória deve merecer o nosso maior acatamento.

Chamava-se Manoel Cunha Barbosa. Morou primeiro na Chacrinha, um sítio coberto de toda a sorte de fruteiras que ficava por trás da Vargem do Urubú. Depois procurou outro pouso, escolhendo o aprazível recanto conhecido pelo «sítio do Pai Amaro». Era bem o tipo antigo do veterano, empertigado no alto dos seus setenta e tantos anos, pele tostada nas difíceis jornadas impostas pela pátria, cabeleira basta e muito branca, longo cavaignac, o clássico distintivo dos inconfundíveis coroneis da campanha do Paraguai.

Sobrinho do cônego Januário da Cunha Barbosa, que ocupou no alvorecer da nossa nacionalidade lugar tão destacado, seu espírito se criara assim no ambiente empolgante da nossa formação política. Terminado o período das pelejas contra os inimigos da pátria, o bravo militar subiu a montanha e veio na paz do ambiente de Corrêas repousar o corpo e descansar o espírito, longe de adulações e de bulício.

Tendo enviuvado, sem descendência, vivia só, servido por dois negros, o Guilherme, carapina emérito na arte de

fazer pilões, cangas de boi, cochos, porteiras de coice e gamelas ; e o Braz, que era uma espécie de fac-totum pernóstico e letrado, e não perdia ensejo de escrevinhar o nome, assinando-se destemidamente : Braz da Cunha Barbosa.

A cama do general particularizava-se pela ausência de colchão ; ele dormia na táboa lisa... A' noite, costumava passeiar a cavalo, no seu cavalo preto, o Perereca. Para evitar esbarros, adatava muito bem ajustada à testeira do animal uma candeia de azeite afim de ir alumiando o caminho ; e lá aparecia ele de vez em quando montado no Perereca-farol, a iluminar a noite.

Mas uma vez a lanterna aqueceu a cabeça do animal, que entrou a pererecar, justificando o nome, desnorteado, aos corcovos ; viu-se o general em dificuldades bravas e não lhe valeu o adestramento dos impetuosos combates de cavalaria ; teve de experimentar o chão com o costado, registrando, por certo, a sua primeira derrota ! E o Perereca, pelas dúvidas, perdeu para sempre a função de ir afastando as trevas dos caminhos.

Morava o general numa casinha rústica, muito alegre, emergindo de profusa vegetação. O que entretanto a tornava fortemente original, era que as paredes estavam inteiramente revestidas, umas de bilhetes de loteria da Candelária, outras forradas com rótulos de caixas de fósforos Jonkoping e outras com os coupons que os condutores da antiga Carris-Urbanos destacavam e entregavam aos passageiros. E o que mais surpreendia era o quarto do general, todo forrado de selos do correio, porta, janela, tudo coberto das pequenas estampas postais que representariam sem dúvida uma fortuna. Bem justificada era a fama de esquisitão que o perseguia !

Escapo de inúmeros perigos guerreando em terras estranhas, veio a falecer em consequência de queda desastrosa sofrida ao fazer a baldeação, na raiz da serra, do trem

de Mauá para o da cremalheira; fraturou uma perna, tornava-se precisa a amputação, ao que não se submeteu, sobrevindo a morte poucos dias depois, na capital. E sua casinha dos Corrêas não tardou a ser invadida pelos apaixonados da filatelia e foi um desbarato heroico, um descolar de selos das paredes que não acabava mais. Houve um morador de Petrópolis que chegou a carregar uma folha de janela para retirar os selos em casa, com cuidado, um amantético que deixou coleções avaliadas em algumas dezenas de contos.

Alguns anos após o estabelecimento dos colonos alemães nas terras imperiais, destinadas a serem base de uma das mais lindas cidades brasileiras, tornava-se muito intenso o número de portugueses das ilhas, principalmente de São Miguel, que demandavam as regiões do interior. Radicaram-se por todo o vasto território do vale do Piabanha desde os Corrêas até alem de Pedro do Rio e espalharam-se pelas terras de quasi todas as grandes propriedades rurais que existiam nos vales dos rios tributários daquele.

Essas antigas propriedades agrícolas, pertencentes então quasi todas a herdeiros abastados que preferiam a vida da Côrte à vida ingrata dos campos, entravam já a desagregar-se, passando a constituir melhor negócio o rendimento cobrado a foreiros e a arrendatários.

A corrente de imigrantes açorianos, excelentes colonos de ânimo resoluto e robustez de atletas, fôra aliás provocada pelo Governo provincial, sempre empenhado em desprezar o braço escravo, e que mandara vir dos açores 150 trabalhadores, contratando-os para as obras da ponte metálica de Paraíba do Sul.

As levas se sucederam e dedicavam-se à lavoura e à criação de gado bovino e suino; mantinham extensas plan-

tações de cana, produto que negociavam a meias, por aguardente, nos engenhos das fazendas. Se nem a todos sorriram os favores da sorte, muitos prosperaram e atingiram não raro a abastança e a fortuna. E' tradição corrente que quasi todos os logarejos chegaram a ter população ilhôa muito superior à natural; tudo eram sítios por eles arrendados e onde se erguiam casas ladrilhadas de tijolo e cobertas de telha-vã.

Infensos ao escravagismo, os laboriosos portugueses de meia-viagem não utilizavam o elemento servil nos seus trabalhos. Eles representaram por muito tempo elemento preponderante e imprimiram usos e aspetos de cunho todo original, hoje quasi por completo desaparecidos. Se a terra exigia trabalho tenaz, era tambem pródiga e fecunda, e seus esforçados ocupantes eram lutadores cheios de saude e ambição; as estrelas, quando esmaeciam no firmamento, já os deixavam com o cabo da enxada na mão, e quando voltavam a luzir vinham ainda encontra-los na sua faina.

Terminada a tarefa, esqueciam as durezas da vida passando horas a fio nos seus descantes ao som da viola; quando não davam largas ao coração, vibrando em canções sentimentais e nos queixumes saudosos da santa terra distante, empenhavam-se nos cantares ao desafio. E os humildes poetas repentistas revelavam-se donos de um estro admiravel.

Ao domingo, guardado de obrigações, reuniam-se ora em casa de um, ora em casa de outro, e os bailes faziam-se ao som da harmônica e decorriam com entusiasmo e emendavam a noite com o dia. Entoavam ladainhas na casa do devoto a quem coubera a honra de guardar naquele ano a bandeira do Divino, mercê escolhida por sorteio no dia da grande festa de Pentecostes. Praticavam a devoção do Espírito Santo com todas as peculiaridades usadas nas suas ilhas, com a coroação de um menino, escolhido à sorte, e que acompanhava a procissão com ves-

timenta de príncipe, de bastão e corôa, seguido de uma guarda de honra; usança praticada nos Açores, mas que aqui não subsistiu por estar fóra da liturgia, que no tocante a coroações só reconhece a de Maria Santíssima.

Realizavam famosos leilões de prendas em que predominavam os vitelos, os leitões, o vinho, os artísticos bolos e as enormes roscas de pão doce.

Praticavam as cerimônias religiosas diante do altar improvisado, onde se ostentava variada coleção de oleografias devotas, encimadas pelo quadro principal, uma caixa envidraçada contendo curiosa efígie do Santo Cristo, rodeada de emblemas e símbolos, trabalho de muito lavor e minúcia de que os fabricantes das ilhas guardavam o segredo.

Puxava a ladainha o mais respeitavel do grupo; e um cântico de plangente e morosa resonância elevava-se nos ares, sem paridade com a entoação criada pela Igreja.

Hoje tudo isso pertence à recordação. A colonização sem o estímulo oficial acabou fracassando, a despeito das possibilidades naturais da região. Não era facil localizar-se o colono livre onde havia o trabalhador escravo. Foi escasseando a vinda de colonos, encaminhados para outras paragens onde por certo se lhes ofereciam melhores facilidades.

E hoje muito poucos existem que possam considerar-se da velha guarda, conquanto existam inúmeros descendentes que não encobrem os indícios de sua origem e que são afinal dignos continuadores dos exemplos de trabalho e honradez de seus maiores.

No futuroso Cuiabá, distrito de Itaipava, lá para as bandas onde começam as primeiras montanhas da cordilheira dos Órgãos, existe uma irmandade do Espírito Santo conservando acentuadas reminiscências do antigo elemento açoriano. Realiza os festivais atendendo quanto possivel aos encantos pitorescos da boa tradição. A seus esforços se deve a construção ali de uma igrejinha do Espírito Santo, levantada à

margem de uma estrada que vai ter ao interior de Teresópolis, a qual de certo ponto em diante não dá caminho para veículos, servindo porém ao trânsito de tropas cargueiras do município vizinho. O patrono do santuário é representado, no altar-mór, pelo próprio símbolo do primeiro sacramento da Igreja, a pomba alçando o vôo.

Nos limites do Alto Carangola com o Rio da Cidade outra irmandade existe com a mesma invocação, e igualmente mantida por elementos em maioria de origem açoriana. Ali acaba de ser erigida elegante capela consagradora do velho culto português.

No arraial do Bonfim, que fica no interior de Corrêas, subsistia até há bem pouco tempo uma outra agremiação de devotos dedicados tambem ao Espírito Santo, todos eles descendentes de ilhéus. Era tradicional esta irmandade; sua fundação datava de há muitíssimos anos. Realizavam-se as festividades em casa de um dos festeiros e a elas concorriam romeiros de longas distâncias.

Permitímo-nos de relembrar agora uma das figuras curiosas da Petrópolis de antigamente, a de um antigo morador da Samambaia.

Uns vinte anos após a fundação da cidade, dera em procurar de vez em quando estas alturas o muladeiro José Inocêncio de Oliveira Matos, que era de Tatuí, e procedia das feiras de animais de Sorocaba. Alma de bandeirante, lançava-se à aventura, em ausências de meses, numa vida semelhante à dos «cometas» que viajavam por conta das grandes casas comerciais importadoras e percorriam as zonas mais longínquas, acompanhados de numerosas mulas carregadas de amostras.

As tropas de José Inocêncio eram sua propria merca-

doria, representada por bem sortidas pontas de éguas, burros e cavalos. Por aqui se demorava temporadas, propondo e realizando compras, vendas, tramas e barganhas, discutindo andaduras e estampas, selecionando parelhas, assunto então acessivel ao entendimento comum e de interesse geral. Estávamos no tempo em que a *charrette*, o troli e a vitória predominavam ; em que a barata e os seis cilindros não entravam ainda em nossas cogitações ; naquele tempo em que se trocava facilmente uma besta arreiada por um escravo, em que a tração era representada pela própria força animal e não pelos H. P. De modo que o José Inocêncio era sempre bem recebido nas fazendas e arraiais, pela variedade de animais que conduzia ; e realizava ótimos negócios.

Afeiçoando-se a Petrópolis, acabou radicando-se definitivamente aqui.

Em 68 ou antes instalou se na fazenda de Santo Antônio, que se achava arrendada ao comendador Francisco José Fialho. Gozou da confiança e simpatia do comendador e teve a administração da fazenda durante vários anos.

Possuindo filhos em São Paulo, de nomes Antônio, Jesuino e Irineu, trouxe-os para sua companhia. Na capela da fazenda de Santo Antônio contraiu núpcias com uma senhora que conhecera no Rio, d. Carolina Rosa de Almeida Matos. Passou-se depois para mais perto, para a fazenda da Samambaia, que arrendou a 15 de Maio de 1874 à família da baronesa de São Vicente de Paula, então proprietária da casa grande de sobrado e de grande parte dos terrenos.

Era esforçado o antigo muladeiro, que, integrando-se nas nossas latitudes, conservou sempre, porém, o falar descansado peculiar à sua gente, contrastando com a atividade que desenvolvia e que lhe grangeou muita importância.

Temperamento combativo, sobressaiu nas lides políticas destacando-se nas hostes do major José Cândido Monteiro de Barros, que ostentava os galões do majorato desde 1865 e di-

rigia o partido conservador, enquanto o liberal evoluia e combatia sob comando equivalente, o do major Augusto da Rocha Fragoso. Obteve José Inocêncio igualmente a patente de major. Exerceu funções de autoridade policial durante muitos anos no distrito do interior do Município. Desempenhou tambem um cargo na Câmara Municipal. Josê Cândido, seu compadre, foi seu constante amigo, facilitando-lhe negócios, auxiliando-o com recursos. Não chegando a ser possuidor de grandes cabedais, teve porém muitas terras: quasi todas as da fazenda do Itamaratí, compradas à viuva d. Hermínia Cândida Rosa de Menezes em 1879; uma pequena parte da Samambaia, comprada, em 1880, a d. Maria Joaquina Moreira Bastos, herdeira de João Antônio Xavier; e vários lotes do Retiro, tomados de aforamento ao major José Cândido.

A cara de José Inocêncio não chegou nunca, diziam, a conhecer o fio de uma navalha; e sua barba, branca e fechada, acabou assumindo as proporções bíblicas das grandes barbas dos patriarcas.

Ele era meão de altura; e a barba caía-lhe às regiões do umbigo e daria material para várias tranças. Mas o major a usava à moda de cavaignac, passava-lhe constantemente a mão, enrolava-a e metia serenamente o rabicho na cava do colete.

A balda velha de negociar em animais, entretanto, não a largou de todo; estabelecido na Samambaia, onde viveu quinze anos, continuou mandando vir de Sorocaba magotes de bestas e cavalos. Continuaria a ser forçosamente um dos fornecedores de animais da Imperial Empreza de Transportes que fazia o serviço de diligências entre a raiz da serra e a cidade.

Obteve da mordomia do Palácio exclusividade de fornecimento para os produtos de seu negócio: frangos, galinhas e perús, cabritos e leitões, lenha, hortaliças e frutas.

Assim tambem fornecia o milho e o capim para a cavalhada do palácio, que era numerosa. Quando a família imperial subia, acompanhava-a sempre não pequena comitiva composta de fidalgos da intimidade do paço; e o palácio consumia gêneros como se fosse um verdadeiro hotel.

Diariamente subia da Samambaia uma carroça conduzindo os fornecimentos. O major José Inocêncio gozou assim da atmosfera da côrte e poderia perfeitamente adotar em seus cartões comerciais, se os usasse, a fórmula consagradora: «fornecedor da casa imperial», que era aliás a preocupação e a melhor reclame dos lojistas e industriais da cidade.

Quando à chegada do inverno descia a família imperial, ficava o fornecedor com a guarda da cavalhada, que ele recolhia aos pastos da Samambaia. Não teve a surpreza e o desgosto de assistir à descida precipitada de seus imperiais fregueses, quando interromperam o veraneio de 89: chamara-o Deus a seu seio pouco tempo antes. Fôra sua propriedade, toda a área dos atuais bairros da Cascatinha, Itamaratí e Quissamã.

A Cascatinha assenta quasi toda em antigas terras do Itamaratí, ocupando apenas uma pequeno parte das fazendas da Samambaia e do Retiro. Toda essa área ele vendera em 23 de Junho de 1885, ao preço de quinze contos de réis, sendo cinco à vista, cinco a quatro meses e cinco a seis, à Companhia Fábrica de Tecidos Petropolitana, que começou tendo aqui como diretor residente o engenheiro Eduardo dos Guimarães Bonjean, que dirigiu o levantamento e a montagem da fábrica, deixando nome memoravel em nossa terra.

O Imperador, que já possuia parte do chamado Quissamã por compra feito em 1854 a Joaquim Carneiro de Mendonça, naquele mesmo ano de 85 comprou a José Inocêncio o que a este restava no Itamaratí. Negócio ao preço de vinte contos de réis, pagamento em prestações mensais de cinco contos,

superintendente da Fazenda Imperial o comendador major Manoel Gomes Archer, mordomo da Casa Imperial o barão de Nogueira da Gama.

Compreendia a área quatro milhões de metros quadrados começando nas cumiadas da serra do Itamaratí até às divisas da antiga Córrego Seco. Era a região excelente, hoje bastante populosa, onde havia a casa da fazenda e onde se encontram o Poço das Fadas, no ribeirão de Uricanã, e a Grande Cascata, e a Gruta Paulo Emílio, no rio Itamaratí, recantos há muitos anos desprezados, mas que constituiam, naquele tempo, dos mais apreciaveis de Petrópolis, constantemente procurados pelos forasteiros para excursões e convescotes.

CAPÍTULO XVI

IMPRESSÕES DO PRETO GETÚLIO

Figura evocativa de um passado que vem de muito longe, tem sempre uma passagem interessante a referir o velho Getúlio Gonçalves, cujo tipo vetusto, inconfundível, resistindo ao tempo, isolado no mundo, faz lembrar um pouco o velho buriti solitário, perdido na campina, último sobrevivente da floresta.

Abordamo-lo uma vez, há tempos, em sua casa de negócio, — especialidade em caldo de cana, quitanda e cestos de taquara, — quando ele acabava pacientemente de trançar as varetas de bambú dando por concluído mais um samburá.

Avivando-lhe a memória, provocando recordações, fomos recolhendo pouco a pouco casos velhos da sua longa existência.

— «Então, tio Getúlio, é certo que conheceu o padre Luís Corrêa, da Samambaia, o primeiro vigário de Petrópolis ?»

— «Não cheguei a conhece-lo, que ele morreu no ano em que eu nasci ; mas fui criado na Samambaia e só ouvia falar dele com louvores. Não era um padre santo, isso não ; mas foi um santo homem, um verdadeiro padre pela bondade do coração. Conheci seus irmãos Tomaz Goulão, da Engenhoca, e d. Brígida, da Arca. Esses, é verdade que os conheci já velhos, mas conheci-os bem. D. Brígida comportava em seu todo pequenino uma alma grande e dera sempre

provas de muita valia. Seu marido tinha sido fidalgo da côrte de D. Pedro I; era ele quem, nos dias de grande gala, ia a cavalo guardando o lado direito do coche do Imperador.

Encarregado de limpar estas serras de uma horda de ladrões audazes, que eram então o flagelo das fazendas e das estradas, morreu baleado num tiroteio.

D. Brígida montava a cavalo feito homem e andava sempre armada de chicote; ai daquele que lhe faltasse com o respeito devido.

Lembro-me bem que quando ela morreu vieram de carruagem uns parentes de Petrópolis, que pararam aqui nos Corrêas, e o Padre Siqueira lhes forneceu cavalos para continuarem a viagem, porque os caminhos para a Arca eram maus e só a cavalo se podia chegar à casa da família.

— Se conheci o general Barbosinha! Pois se ele era meu padrinho! Morava ali p'ra baixo num sítio onde muitos anos antes vivera um carpinteiro velho que era conhecido por Pai Amaro e que legou o nome ao lugar. Há tambem quem trate esse ponto de Praia-mar, por causa de uma volta que o rio faz ali.

Quando a Grão-Pará atravessou os Corrêas para ir até São José, andou por aqui uma febre de reformar o nome dos velhos lugares; quizeram tambem mudar aquele, mas afinal continuou vingando o nome sempre usado, com muita alegria para o general, inimigo de inovações. Era um velhote bem disposto, brincalhão, que dava confiança a todos, não diferençando os humildes dos graúdos.

Como não tinha o que fazer, chegava à perfeição de recortar palavras dos jornais e formava depois notícias engraçadas. Uma vez ele deu-me um jornal em que se lia direitinho, como se tivesse sido escrito mesmo pela folha: «Levou uma coça o sr. Getúlio por ser um moleque muito sem vergonha».

Minha madrinha foi d. Deolinda, mais tarde esposa do

coronel José Cândido. Foi ela que me fez empregar de copeiro no Colégio do Padre Siqueira, aqui nos Corrêas.

Trabalhei para o Padre Siqueira e para o dr. Queiroz Carreira ali na casa velha da fazenda, onde dei, às escondidas, muito pão com manteiga a meninos que depois fui conhecer homens importantes.

Sempre que atravesso a ponte de ferro do Piabanha lembro-me de um desastre daquele tempo e que teve um fim que ainda hoje me impressiona.

Estavamos na copa eu, o Firme, (que era então o copeiro porque eu tinha largado o emprego) e um outro que trabalhava tambem na casa. Pobre Firme ! Criado aqui mesmo nos Corrêas, cheio de força, em plena mocidade, alegre, e tão animoso sempre ! Por isso mesmo o destino o colheu nas suas malhas.

Chovera muito ; um forte pé d'água devia ter caido lá para os lados do Alto da Serra e a chuvarada devia ainda ser pesada, porque o rio engrossava como nunca vi. Não havia ponte nesse tempo. A ponte velha, ainda dos tempos do Padre Corrêa, já há muito tinha sido carregada por uma enchente muito forte.

Os arrendatários da Companhia União e Indústria fizeram uma ponte ligeira, uma espécie de estiva em ponto grande, que tambem foi destruida pela serventia constante e pelas enchentes, isto antes de acabar o arrendamento.

Nos últimos tempos as carroças de cargas, que já eram poucas, não pernoitavam mais na séde da fazenda ; ficavam na Estação sem transpor o rio.

Havia carroças que vadeavam o rio, mas eram de outras serventias, principalmente de carregar capim.

Nos tempos do Colégio São José atravessava-se o Piabanha numa barca, que deslisava na água sem se desviar da rota, porque corria presa a um cabo de corda grossa, dos que se usam nos navios, ligado às duas margens. O próprio pas-

sageiro fazia a embarcação percorrer a distância de uma borda à outra ; mas a barca virou algumas vezes, forçando os tripulantes a tomarem banho sem querer, e substituiram-na por uma jangada sobre quatro barris, presa tambem por um arame com carretel deslisando pelo cabo. Depois o Estado fez levantar no mesmo local da antiga travessia, a ponte metálica que está hoje servindo.

Naquele dia, a barca, escorregara na corrediça para o meio do rio, e a enchente, aumentando sempre, já a levantara à altura do cabo. Havia quem quizesse atravessar para a banda de lá, que era o lado da estrada de rodagem. Mas como vencer as águas, se o único meio de transporte não estava ao nosso alcance ? Foi quando o novo copeiro, levantando-se, declarou que se lhe dessem um martelo de cachaça, colocaria em tres tempos a barca na margem de cá. Num gesto decisivo, encaminhou-se para o rio. Nenhum de nós se atrevia àquela proeza, era muito arriscado, porque a água continuava a subir e a velocidade a aumentar ; mas ele não teve medo.

Enganchou as pernas no cabo e foi deslisando, deslisando em direitura à barca, com as águas estorvando-lhe os movimentos. Eu ainda lhe disse : «Segura-te bem». Estava já muito perto, bem no meio do rio, quando tivemos um arrepio de horror : o pobre rapaz perdera o equilíbrio e batia em cheio com a cabeça na embarcação, ficando desacordado, com metade do corpo para o lado de dentro. Houve um corre corre, não podíamos perder tempo ; alguem dispoz-se a salva-lo, fazendo o mesmo percurso apoiado na corda. Mas nesse momento o infeliz desprendia as pernas do cabo e desamparado, se precipitava na água. Foi um relâmpago ; e lá se foi tragado na correnteza, carregado para nunca mais aparecer, sem que tivessemos podido fazer alguma coisa por ele. Aquilo me impressionou. Pobre Firme ! Tão forte, tão cheio de vida, desaparecendo daquela fórma !

Não acredito em coisas extraordinárias, mas o Firme dera em aparecer, dizem que reclamando a mortalha.

Depois, o dr. Carreira, acabou com o colégio de rapazes e passou para ali o de meninas que a senhora dele mantinha na casa da Olaria; e mais tarde, tambem esse deixava de existir.

Já se passaram mais de cinquenta anos e ainda me parece ver a diretora, que era uma senhora magra e espigadinha, em contraste com o marido, entroncado e baixo...

Empreguei-me na Samambaia, que estava então com o major José Inocêncio de Oliveira Matos, e trabalhei ali muitos anos.

Mas muitas vezes, quando atravesso a ponte do Piabanha, vem-me ao pensamento aquela cena terrivel em que o corpo do meu companheiro da mocidade balançou na beira da barca e sumiu no mergulho para a enternidade...»

«Eu era rapazote quando houve a guerra contra o Paraguai. Tempos brabos aqueles! A rapaziada vivia anciosa, sempre de orelha em pé, — negro que não andasse direito era mandado para a guerra. Nasci de mãe escrava, mas vivi sempre livre, porque não fui matriculado. A guerra não era brincadeira; iam muitos e não se via ninguem voltar. Não me metia muito medo a idéia das fuzilarias e das marchas forçadas, mas afinal essa coisa de ir assim para o desconhecido, com as emboscadas e as maleitas, é que me fazia fugir.

Morava para lá de Pedro do Rio, no lugar hoje conhecido por Cedro, um certo tenente Luiz Mariano dos Santos com quem ninguem queria conversa, de quem todos fugiam. Ele era dono de uma fazenda chamada Santa Rita e trabalhava por conta do Governo como subdelegado de polícia. Em Petrópolis antigamente só havia dois distritos, o da cidade

e o da roça. Todos estes cafundós que o sr. conhece por aí afóra formavam o segundo distrito... Pois esse homem, que usava cavaignac, — acaboclado, alto, reforçado e astucioso, — vivia só a pegar gente, sem dó nem piedade, numa caçada sem descanso. Era um horror. Viajava constantemente para a cidade e coitado do rapaz que ele apanhasse desprevenido pelo caminho ; para aquele homem quem andasse na estrada devia ser malandro e tinha que ir para as fileiras. O que aliviava um bocado é que o major José Cândido possuia um coração sensível, ficava com pena dos rapazes e às vezes estragava o trabalhinho e as manobras do outro. Eu andava à solta, a cruzar as estradas, sem cuidar da vida, mas nunca me puzeram a mão em cima. Tambem mal aparecia ao longe um carro na estrada, quem é que me encontrava ? Botava sebo nas canelas e ia-me embrenhando por esses matos e bibocas que ninguem me pegava mesmo. Havia em Petrópolis uma outra autoridade que era terror da negrada em idade de botar a farda, o capitão Augusto da Rocha Fragoso, que depois foi major. Esse era mais firme, quem ele apanhasse não largava, tinha que ir mesmo pegar no *páo furado*...

... Se conheci o Imperador ? Mas muito... Pois se eu trabalhei anos a fio como empregado do major José Inocêncio e era o carroceiro que todos os dias levava as mercadorias ao palácio... Conheci muito esses príncipes. Tambem via o Imperador às vezes nos espetáculos. Havia sempre cavalinhos na cidade ; ora fiavam na Bacia, ora onde hoje está o mercado e até onde está a Estação... Circos bons de fato, como o dos Irmãos Pereira, o do Perí e outros. Hoje o divertimento não vale nada, mas naquele tempo era importante, distinto, e todas as famílias assistiam. O Conde d'Eu costumava muito ir e o Imperador tambem. Ainda me lembro

que uma vez havia uma prova muito arriscada. Exibia-se a «Rainha dos Ares» e o programa dizia assim em letras grandes: «maravilha das maravilhas». Uma artista, nova e bonita, atirava-se de um trapézio lá do alto e vinha por ali abaixo que parecia um foguete. Uma outra ficava de cabeça para baixo, com o corpo balançando no espaço, os pés presos em argolas e os braços estendidos; e deveria segurar a companheira na queda, pelos calcanhares. No picadeiro estava a rede esticada, nas mãos dos casacas-de-ferro. O Imperador lá estava no seu camarote de luxo, apreciando.

A charanga parou, só se ouvia um silêncio na platéia.

Pois o trabalho falhou, a tal das argolas não aguentou a outra, que foi cair na rede, amassou o nariz e ficou toda ensanguentada. O Imperador ficou muito impressionado e foi logo saindo. Mas o espetáculo continuou; os ferimentos não foram grandes e no final a moça ainda figurou na pantomima. Parece que estou vendo isso tudo como se fosse hoje. Bons tempos que não voltaram! A vida é assim mesmo, tudo tem seu tempo e a gente deve ir sempre se acostumando. Mas como ia dizendo, eu era já então rapaz de uns trinta anos e ia todos os dias ao palácio.

Não se ia pelo caminho velho, a antiga estrada de tropas, porque estava em máu estado. Da Samambaia atravessava-se para a União e Indústria, passando se sobre o Piabanha por uma ponte de madeira que foi carregada por uma enchente fortíssima, como nunca vi tão grande, a primeiro de Janeiro de 1895. A chegada da carroça era sempre novidade para a criançada do palácio, que a rodeava. Falei muitas vezes com os filhos da Princesa, D. Luís e D. Pedro, que me encomendavam gaiolas e passarinhos. Depois, a vida fez seu giro, eles viveram no estrangeiro e eu tenho sido de um tudo por aqui. Trabalhei uma porção de anos com o major José Cândido Monteiro de Barros.

Tive família numerosa. Girei com olarias por minha

conta, fui capineiro, carapina e lavrador. Cidadão eleitor tambem. E cabo eleitoral. Gozei da confiança política de José Cândido. Trabalhava para o partido conservador, mas a certa altura virei para o partido liberal. Foi uma tentação dos demônios : nada aproveitei e perdi a amizade do major.

Bom coração o dele, incapaz de fazer mal a uma mosca. Fez falta à pobreza aquele homem ! Tenho pelejado na vida, ora aqui, ora ali, mas sempre apegado a estas redondezas.

Da política conservo recordações amargas...

Já não posso trabalhar ao tempo, na roça ; o reumatismo assalta-me logo sem piedade. Vou tenteando a vida, trabalhando no verão com a moenda de cana, fabricando cestos no inverno.

Passados tantos anos, o príncipe D. Pedro veio residir em Petrópolis. E certo dia, mandei-lhe uma carta, paramentei-me todo e animei-me a ir visita-lo. Pois ele me recebeu muito bem. Recordou-se bem do antigo carroceiro da Samambaia, disse que apreciava muito a visita, fez-me muitas perguntas, lembrando coisas do tempo em que ele era garoto. Convidou-me a que voltasse. Mas não tive coragem. Lá a gente da casa, que não me conhecia, era capaz de pensar que eu ia pedir dinheiro. E eu fôra visita-lo apenas para ver se ele ainda se lembrava do rapaz que lhe levava coisas quando ele andava de calças curtas... Pois tratou-me muito bem, mandou-me sentar, apertou-me a mão duas vezes, — repetia o velho Getúlio, enquanto se levantava do tamborete e começava a limpeza da sua moenda veterana, retirando calmamente, pensativo, o bagaço de cana que ficara metido e preso na engrenagem.

CAPÍTULO XVII

REMINISCÊNCIAS...

Desejamos registrar ainda outras passagens que constam tambem do repertório da localidade.

Não foram só Pedro I, o marechal Hermes da Fonseca e o dr. Washington Luís os chefes de Estado que apreciavam as paisagens do Poço do Imperador, o recanto pitoresco de Corrêas. A D. Pedro II tambem apraziam os passeios até a essas agradaveis paragens e o Poço foi algumas vezes visitado por ele.

Seria imperdoavel não incluir nesta galeria ilustre uma outra personagem que tambem muito se afeiçoou ao legendário sítio, o grande sociólogo dr. Alberto Torres. Há pouco menos de 30 anos, ele viera passar uma temporada num sítio de Itaipava, a refazer-se com o clima benéfico das nossas altitudes. Indo uma vez, com sua família, passear aos Corrêas, embelezaram-se de tal modo com o lugar, que dias depois mudavam-se para ali, passando a ocupar a casa que havia em melhores condições e que ficava bem próxima do Poço do Imperador. Para essa mudança foram decisivos os empenhos do sr. Joaquim Zeferino de Souza, sempre perseverante em despertar o progresso de Corrêas, atraindo elementos que pudessem contribuir para o seu objetivo. Ali morou cerca de um ano o notavel pensador fluminense.

Sendo mentalidade das mais poderosas e festejadas, não

tinha porém o menor orgulho do seu valor; e a cordialidade com que tratava a todos no lugarejo grangeou-lhe geral estima.

Voltando aos passeios de D. Pedro II, recordaremos certo episódio sucedido há uns cinquenta e muitos anos e que bem particulariza a proverbial bonhomia de S. M. e a familiaridade com que tambem ele se punha em contacto com a gente humilde. Corrêas representava então um escasso povoado, simplesmente agrícola. Não era mais que picada, conhecida pelo caminho do Bonfim, a bela estrada que atualmente consideramos a avenida aristocrática da localidade, por ser a mais transitada pelos forasteiros em busca do Poço do Imperador e por estar engalanada de moradias luxuosas, quasi nenhuma de aluguel, servindo apenas de residência estival de seus abastados proprietários. Entre a picada e o rio Morto, no local aformoseado pelo parque e vivenda dos Monteiros, fazia-se criação de porcos; e havia ali grande mangueira com várias dezenas desses preciosos animais, alem de um moinho de fubá e modesta casa onde morava o Veríssimo, um mulato de barbaças que administrava o sítio. A' beira da União e Indústria, no ponto da travessia do Piabanha, que se efetuava em barcaça, existia a estação das diligências. A esse tempo ainda se pagava na União e Indústria o imposto de pedagem, tributo cobrado pelo trânsito de carros e animais.

Da «barreira» do Retiro para cima o trânsito era livre, porque até ali chegava o perímetro da cidade.

Depois que se liquidou a empreza construtora da importante rodovia, encampada pelo Governo geral, foi arrematador e arrendatário da estrada Mr. William John Morrit, que Mariano Procópio, numa das suas viagens à Europa, engajara na Inglaterra para trabalhar na Companhia. Tivera sempre a seu cargo a direção do serviço dos carros. Desaparecida a Companhia, Mr. Morrit fez um contrato com o Governo, pas-



O *Poço do Imperador*

sando a explorar o serviço das diligências de passageiros em todo o percurso de Petrópolis a Juiz de Fóra, com a obrigação da conserva da estrada e o direito à cobrança do imposto de barreira. Quando o inglês desistiu da tarefa, passou a ser contratante o major Augusto da Rocha Fragoso, que tomou a empreitada somente de Petrópolis a Entre-Rios; e esteve com o serviço, mantendo a conservação com zelo elogiavel, até 1886. Depois a estrada esteve algum tempo em abandono completo. Já não havia barreiras, já não se pagavam taxas; mas começavam a surgir, pequeninos, espaçados, traiçoeiros, os precursores dos caldeirões que costumam ser o suplício dos viajantes.

Apareceu porém um outro contratante, que restabeleceu os serviços de conserva e de barreira. Em 10 de Junho de 1887 o sr. Fernando da Rocha Miranda firmou dontrato por 3 anos com o Governo geral para o perímetro do quilômetro 3 ao 49, de Petrópolis a Areal, contrato renovado por igual período com o Governo Provisório, em Setembro de 1890. O distinto sr. Miranda, que ocupa há muitos anos o cargo de escrivão da 1a. Coletoria Federal de Petrópolis, foi o último arrendatário que teve a União e Indústria no nosso município. Os pontos de pagamento de barreira ficavam no Retiro, em Bonsucesso, em Santo Antônio, Pedro do Rio e Areal; e cobravam-se as seguintes taxas por dez quilômetros de trânsito ou fração: dez réis por dez quilos de carga, duzentos réis por veículo, cinquenta réis por cavaleiro, vinte réis por animal solto. Si se pagava a tal barreira, a verdade porém é que se viajava muito bem, sem trancos nem barrancos. Passou depois a estrada à administração do Estado do Rio e ultimamente à do Ministério da Viação.

Mas afinal passemos ao caso sucedido num dos passeios de Sua Majestade aos Corrêas.

O Imperador raramente passeava com o Conde d'Eu. Sua Alteza, porém, costumava tambem fazer excursões até

àqueles lugares, umas vezes a cavalo, outras de carruagem. Pois uma vez o Imperador, e mais o genro, viajando de carro, saltaram na estação das diligências afim de atravessarem na barcaça para o lado do povoado. O príncipe de França, muito simples no trajar, descuidado mesmo, com uma calça mais suspensa que a outra, aparecendo um cordão solto da ceroula, tinha positivamente o aspeto de um burguez. Seguiram a pé em demanda do recanto histórico, que o ilustre pai de S. M. notabilizou com os banhos que aí tomava. No sítio do Veríssimo estava a leitoada a conhecer praticamente até onde póde chegar a maldade humana ; experimentava a humilhante prova da qual um triste porco sai reduzido à categoria de capado. Os impiedosos tratadores empenhavam-se, risonhos, no seu nefando mistér, ao passo que os suinos protestavam vigorosamente contra o ignobil atentado. Dir-se-ia que se realizava ali o mais ruidoso motim provocado pelos indignados habitantes do cercado...

Despertada a atenção dos imperiais caminhantes, quizeram estes assistir ao bárbaro serviço Transposta a porteira, saudados reverentemente pelo pessoal, aproximaram-se da mangueira e ficaram observando o desenrolar dos acontecimetos. De vez em quando o Veríssimo apontava para um leitão de melhor estampa e avisava aos tratadores : «Olá, esse não, esse fica para barrão».

Para perto do Imperador foi-se chegando um negrinho de seus dez anos, tambem muito interessado em apreciar a tosa dos bacorinhos. O molecote devia ter encarado com um mixto de assombro e de respeito a figura austera e serena do monarca. Decerto já lhe teriam dito que aquele homem alto, de testa enrugada e porte majestoso, era o que mandava em toda a gente ; e quando ele resolvia uma coisa, todo o mundo tinha de obedecer-lhe. E o pretinho teria por certo reparado quão diferentes eram as barbas bem pentea-

das de S. M. e a barbaçana do Veríssimo, em que havia terra e moravam lêndeas e carrapatos.

De vez em quando lá se eximia à provação mais um feliz porquinho, à ordem do Veríssimo: «Esse tambem, separem para barrão».

Tinham os homens mutilado o último desgraçado, quando o Imperador, sizudo e terminante, ordenou, apontando para o negrinho: «Agora esse». E o desalmado tratador, de faca em punho, avança resoluto para o mísero que, na impossibidade de fugir, cai de joelhos diante do Imperador, trêmulo, lívido, lamuriento: «Nhônhô! tenha pena de mim, pelo amor de Deus, me deixa eu ficar tambem para barrão! Eu quero ser barrão!»

Nem todos aceitam a autenticidade desta brincadeira feita pelo Imperador com um pretinho. Homem de muita gravidade, Pedro II, embora bastante afavel, seria incapaz de uma pilhéria desse gênero...

Outras pessoas querem admitir que a época do acontecimento teria sido muito antes, quando o Imperador contava apenas uns trinta anos; e o fato teria se passado numa ocasião em que o monarca fôra visitar a Samambaia, viajando pela estrada mineira que, por Quissamã e Itamaratí, descia à Cascatinha. Mais ou menos na confluência do Itamaratí e Piabanha, ondulações do terreno formavam uma espécie de poço e havia nesse ponto um extenso curral de porcos, pertencente a João Cardoso de Lemos, dono da Samambaia. O Imperador conhecia João Cardoso; costumava cumprimenta-lo, e às vezes lhe falava, quando se encontravam nas ruas de Petrópolis. Segundo esta variante da anedota, João Cardoso é que teria dito, apontando para um leitão listado: «reserve esse para barrão». E Getúlio Gonçalves, o primitivo preto desse nome, é que exercia o mistér de suprimir o sexo aos bacorinhos...

CAPÍTULO XVIII

O RETALHAMENTO DE CORRÊAS

Desaparecido o colégio São José, muitos anos ficou mais ou menos abandonado o veterano prédio, hoje rodeado de vistosas vivendas, mas que a esse tempo apresentava aspeto verdadeiramente constristador, tendo apenas à sua roda as vastas senzalas em ruinas e as derruidas dependências da «União e Indústria», ainda existindo, dispostas em seguimento ao edifício, grande número de cocheiras, assim como os tanques que serviam de bebedouro aos animais. As sombras de veneraveis defuntos, como é de rigor em toda a casa velha, continuavam a aparecer com frequência, a assustar os vivos. A viuva Maria Adelaide Valente de Sá e suas filhas, dominando os nervos, justificando o nome de Valente, costumavam residir na casa de quando em quando. Ficara sempre envolta em certo mistério a morte repentina de Luís Marques, que se fôra para outro mundo na plenitude da vida; e os fâmulos vislumbravam constantemente o seu vulto umas vezes recostado na varanda, outras vezes na capela, ou passeando o porte afidalgado pelos salões interminaveis, a chamar a esposa pelo nome...

Várias famílias de lavradores ocupavam os vales e encostas do antigo território, cultivando legumes e, notadamente, pêssegos, figos, morangos e marmelos, que eram vendidos a varejo em Petrópolis ou exportados para o Rio. Não havia ali engenho de aguardente, mas apenas moinho de

fubá, tocado pelo rio Morto. O rés do chão da casa solarenga estava ocupado por um tal Antônio do Pico, apelidado com o nome da ilha de sua origem. Este cuidava de numerosa plantação de cana e negociava o produto no sítio da Olaria, que possuia engenho um pouco abaixo do ponto onde hoje estão assentes os pavilhões e a piscina Serrador, tão procurados e apreciados pelos forasteiros. O ilhéu entregava os carros carregados de cana e recebia em troca metade da aguardente produzida. A viuva Marques de Sá (d. Nhãnhã como a tratavam) era criatura dotada de carater nobre e afetivo e nunca os necessitados apelaram em vão para a sua generosidade. Simples e ingênua, porém demasiado inexperiente, foi empobrecendo até conhecer dificuldades e privações. Muitas riquezas acumuladas durante gerações possuia a casa dos Corrêas. Objetos de arte, finíssimos cristais, prataria, candelabros de bronze, espelhos, pesados moveis patriarcais de madeira desenhada e couro lavrado, de tudo foram as herdeiras de Luís Marques se desfazendo a resto de barato. Por último, o notavel leito de jacarandá esculturado, com pés de garra e cabeceira alta, que costumava ser ocupado por D. Pedro I, movel de que muita gente ainda se recorda, tambem esse desapareceu. E o mesmo destino tomaram outras preciosidades históricas e várias relíquias existentes na capela, bem como a bibloteca da fazenda, rica de obras raras e manuscritos de valor. E começou tambem o desmembramento do fertil território que desfrutara de tão justo renome. As terras limitando com a Samambaia, apanhando várzeas dos rios Morto e Piabanha, foram vendidas, em 87, ao visconde de Cruz Alta, moço fidalgo da Casa Imperial. Cabem-lhe as primícias da idéia de se organizar em Corrêas um prado de corridas de cavalos convenientemente aparelhado, isto ainda nos derradeiros tempos do Império.

Aquele turfman apaixonado lançara nesse pedaço do

solo petropolitano a semente que havia de rebentar em árvore batida sempre pelas intempéries.

Pretendia montar o prado na várzea do rio Morto, proximo à linha da estrada de ferro, então Grão-Pará, mas o terreno era acanhado para todas as localizações e a pista teria de alcançar as duas margens do rio, com a inconveniência das pontes. E estava o visconde nessas disposições, quando José Antônio Martins da Rocha, geralmente conhecido pelo apelido de Juca Rocha, outro turfman arraigado e firme, profissional acatado, o dissuadiu desse intento.

Pensou depois, o visconde, em aproveitar as terras para a montagem de uma fábrica de tecidos, utilizando a força hidraulica do rio Morto ; mas acabou vendendo-as à municipalidade, que as comprou com o propósito de instalar ali o Matadouro Municipal, transferindo-o do bairro da Westphalia.

Corrêas era então afastado lugarejo com meia duzia de vivendas, ladeadas de chácaras extensas.

A mudança, porém, não chegou a realizar-se, por ter vingado o critério de que o ponto para o matadouro deveria ficar mais recuado ainda, lá para as bandas do Rio da Cidade, na Vargem dos Pinheiros ou no Buraco da Onça, de modo que não tivéssemos de assistir diariamente à incursão de boiadas nos mais proximos subúrbios da cidade. Continuou entretanto o matadouro no local primitivo, encravado na zona urbana, substituído há alguns anos o velho pardieiro sem estética por uma construção suntuosa. Olhando-se para o elegante edifício, cheio de grandeza e harmonia, rodeado de ciprestes, coroado por imponente zimbório lembrando a majestade de uma torre, e tendo como emblema, pregado à frontaria, a cabeça simbólica de um boi, a gente recebe, instintivamente, a impressão de estar num lugar sagrado do velho Egito, diante de um monumento digno de respeito profundo, onde se celebram ritos veneraveis, dedicados ao culto do boi Apis...

Dos terrenos adquiridos, foi depois vendida a área que ficava no vale do rio Morto e que era destinada ao descanso e pastaria do gado ; ali se ostenta hoje a magnífica propriedade Monteiro.

A parte em que seria construido o matadouro, à margem do Piabanha, entre a linha férrea e o rio, ainda hoje pertence à Prefeitura, que a converteu e aproveita em capinzal.

Houve, parece, a abençoada intuição do surto de progresso que Deus prometera ao risonho vilarejo, que escapou de se converter em reduto de urubús e em foco de emanações desagradaveis...

Entre 1910 a 1815, o sítio que é o atual parque dos Monteiros, então de propriedade de Joaquim Zeferino de Souza, estava arrendado ao dr. Henrique Morgan Snell que ali praticou em larga escala a cultura de orquídeas e de várias plantas de adorno, de que fazia regular comércio.

O sr. Zeferino vendeu o sítio ao sr. Roberto Veiga e este, pouco depois, ao sr. Manoel da Silva Monteiro.

Nos princípios da República, em pleno domínio do «ensilhamento», Juca Rocha, animado com o dinheiro facil de mil e um negócios, comprava ao coronel José Cândido Monteiro da Barros a várzea pertencente à fazenda da Engenhoca, terreno baixio que muito deu que fazer para aterrar e nivelar, e em que montou o *Derby Petropolitano*. Andou gastando cerca de quinhentos contos de réis, na época em que o dinheiro corria a rodo e por isso mesmo pouco valia, chegando as coisas a terem valor triplo do que tinham outrora.

O abandonado campo de corridas, à margem da União e Indústria, hoje coberto de mato, nos lembra que Petrópolis já

esteve fortemente vinculada ao turfismo brasileiro, e vale por uma das mais brilhantes tradições petropolitanas.

A quantos, contemplando seus muros já tão fustigados pelo tempo, dentro dos quais assistiram cheios de emoção ao desdobramento de pugnas brilhantes, não se lhes enche a alma de gratíssimas recordações, revivendo episódios a que se associaram momentos felizes que não voltam !

CAPÍTULO XIX

A CASA DA FAZENDA

Não parou o desmembramento da fazenda do Corrêa. Joaquim de Oliveira Chagas e Antônio Augusto de Oliveira Matos compraram o sítio do Calembe, nos fundos dos prazos aforados da Vargem do Urubú. Manoel Rabelo Muniz adquiriu o sítio da Ponte ; e longa várzea entre a foz do rio Morto e a estiva do Pai Amaro, comprou-a Jerônimo Ferreira de Oliveira. A séde da fazenda e os terrenos restantes, ainda em consideravel extensão, sofreram uma execução judicial ; vendidos em hasta pública, foram arrematados por Domingos de Souza Nogueira, que teve na compra sociedade com Joaquim Zeferino de Souza. Por esse tempo estavam as terras tão profundamente desvalorizadas que os preços alcançados nos pareceriam irrisórios hoje. Maiores vicissitudes teriam experimentado as bondosas senhoras Marques de Sá, se um irmão de Luís Marques, doutor em medicina, José Marques de Sá, falecendo em Paris, senhor de grandes cabedais, não tivesse deixado à cunhada, em usofruto,um excelente predio no Rio de Janeiro, ocupado por uma firma comercial, à rua da Quitanda ; era o rendimento do aluguel que por fim as amparava. D. Maria Adelaide Marques finou-se em 1915. Sua filha sobrevivente, Luisa Gúdula Marques de Sá, faleceu a 10 de Setembro de 1931, no Sanatório São José, a cujo caridoso abrigo há muitos anos se acolhera. Durante muito tempo a

lendária moradia dos Corrêas pertenceu ao sr. Joaquim Zeferino de Souza, assinalado, sem favor, o pioneiro do progresso local. Há cerca de vinte anos exibia o vetusto casarão mais fundamente a ação molestadora da sua longa ancianidade. Parte da cumieira abatera ; esteios carcomidos ameaçavam ceder. Várias restaurações lhe foram feitas. E o arruinado edifício serviu de habitação a pessoas da família do visconde de Vilela, que ali fizeram uma vilegiatura de retemperamento físico. Ali passou tambem proveitosa temporada de cura o sr. Roldão Barbosa, que agradece ao clima eficaz da abençoada região a reconquista rápida da saude que lhe fugia.

Em 1918 voltou o solar dos Corrêas a ser por algum tempo serventia da estrada de rodagem União e Indústria. A grande estrada encontrava-se desde muitos anos em abandono completo e em condições de trânsito verdadeiramente deploraveis. Por iniciativa de Nilo Peçanha, na segunda presidência fluminense, foram executados melhoramentos de certo vulto no seu leito, adaptando-a ao trânsito de automoveis. Ficou o casarão por conta do Estado e passou a servir de depósito de materiais e de escritório da comissão encarregada das obras, de que era diretor o dr. Oscar Weinschenck, então prefeito de Petrópolis.

Pouco depois a velha casa, que já fôra uma espécie de hospedaria fidalga em tempos de fastígio, se transformava no Hotel D. Pedro, sendo Stilpen & Cia. a sua primeira firma, constituída de Antônio Coelho Duarte, Artur Stilpen e Mário Lemos. Dois anos após, em fins de 1921, dissolvida a firma, outra sociedade lhe sucedia, sob a razão de J. Rocha & Cia., composta de José Rocha Júnior, Joaquim Zeferino de Souza Júnior e Eugênio da Cunha Vila Verde, sociedade que, no verão de 23, deixava de existir. Passou o negócio a pertencer a Antônio Machado, o qual, decorridos dois anos mais,



Hotel Dom Pedro

realizava tambem a compra do predio e respectivo terreno. Tendo vivido sempre no Rio de Janeiro, dedicando-se ao comércio de fumos, o novo hoteleiro subira para Corrêas em Maio de 22, declarado tuberculoso em segundo gráo... Nas muitas horas de vagar que a vida de estalajadeiro sem movimento lhe facultava, arvorou-se em escritor da roça, procurando aprofundar-se na longa história, cheia de vicissitudes, do casarão em cujo âmbito procurava refazer-se do desastre que para ele constituira sua cruel enfermidade; e andou espremendo laboriosamente do bestunto as crônicas sem leitores que se reunem neste livro...

CAPÍTULO XX

EVOLUÇÃO DE CORRÊAS

Corrêas, o retiro aprazivel de Petrópolis que os mais fantasistas costumam considerar a dádiva mais preciosa da natureza ao território fluminense, não passando de simples vilarejo do interior, possue, contudo, configuração topográfica de cidade, espraiando-se a povoação em todas as direções, comunicando-se por diversas estradas, e desdobrando-se em bairros residenciais fadados a infalivel progresso, por terem a irmana-los o mesmo traço forte de união, que é a igualdade do clima. Nada tem que se assemelhe a esses clássicos lugarejos da roça desenvolvidos ao longo de um arruamento ou nas visinhanças da estação da linha férrea, tão tristes na sua rusticidade. Corrêas não tem, nem de longe, esse aspeto. As moradias humildes ficam ocultas aos visitantes, localizadas em bairros afastados. Tem-se por isso a impressão de que ali só mora gente dinheirosa. A localidade já dispõe de todos os recursos de iniciativa privada, apta portanto a acudir às necessidades dos que a procuram como estância de veraneio ou de cura.

Ha cerca de vinte anos, quando se reorganizou o Derby Petropolitano por iniciativa de um consórcio empreendedor chefiado por Inácio Ratton, predominavam ainda ali as moradias de condição modesta, havendo apenas umas três ou quatro famílias de certa importância social. Quem pro-

curasse ali morar, chegava a desanimar, porque, sendo o comércio insuficiente e as comunicações difíceis, havia falto de quasi tudo.

O sr. Joaquim Zeferino de Souza procurava, entretanto, por todos os meios, fazer desaparecer todas essas dificuldades. Proprietário do melhor núcleo de terras, que eram as da séde da fazenda, ele contribuiu de modo eficaz e decisivo para os primeiros surtos do progresso local. Construiu e animou a construção com facilidades especiais oferecidas aos compradores, vendendo-lhes os terrenos a baixo preço e mediante o regime de prestações. Abriu estradas à sua custa, hoje enfileiradas de predios que fornecem ótimos impostos à Prefeitura; canalisou águas; manteve durante largo tempo uma linha de bondes puxados a burro, entre Corrêas e o Pic-Nic, mais com o objetivo de facilitar a vida dos moradores do que com a mira em lucros, que primaram sempre pela ausência; empenhou-se sempre com denodo por medidas tendentes a beneficiar a terra de sua adoção.

O funcionamento do hipódromo de Corrêas representou período aureo para o lugarejo. Milhares e milhares de pessoas foram ter àquelas paragens pela primeira vez. Imensa romaria se encaminhava todos os domingos para ali. A casa das apostas registrou algumas vezes somas superiores às do prado da Mooca. E muitas e muitas famílias de destaque na sociedade carioca, que conheceram Corrêas através seu campo de corridas, vieram depois a ser proprietários ali.

Inácio Ratton, que muito apreciava Corrêas, contribuiu assim de modo vantajoso na obra da sua evolução.

A excelente casa da Boa Vista, por ele construida para hospedar os aficionados no nobre esporte, lá está, bastante modernisada e ampliada, ao centro de magnífico arvoredo, em aprazível elevação de onde se descortina vistoso panorama, justificativo do nome do local, servindo de séde ao Sanatório Boa Vista.

Todavia, somente de há uns quinze anos para cá entrou a acentuar-se o desenvolvimento da localidade; existiam então apenas umas dez a doze habitações capazes de servir a famílias de certo trato. Alguns moradores, porém, se destacavam no empenho de impulsionar Corrêas na senda do progresso. Joaquim Zeferino de Souza, que desde muito tempo se constituira andorinha única e perseverante, diligenciando sempre por sacudir o marasmo dominante; Henrique Gonçalves da Cunha, de saudosa memória, bom amigo da terra, considerando-a a mais opulenta maravilha de Petrópolis, sempre disposto a apregoar os seus encantos e a reclamar para ela as atenções governamentais; José de Carvalho Júnior, personalidade prestigiosa, empenhando-se sempre em arredar entraves, pleiteando sempre eficientemente os elementos essenciais ao evoluir do povoado; o dr. Gabriel Bastos, médico dedicado e competente, oriundo de uma família em que a lhaneza e a bondade teem sido a nota acentuada, se extremava afim de proporcionar a cura aos que procuravam o lugar para alívio de seus males. Amando com entusiasmo seu torrão natal, colaborou resoluto na obra de seu progresso, tendo sido até hoje o que mais predios construiu. E gradualmente foram sendo couseguidas a agência postal, a escola pública estadual, a rede telefônica, a luz elétrica particular.

O Ministro Oscar de Teffé edificava para sua residência estival a construção que viria a ser a mais típica de Corrêas, o Castelo de São Manoel, onde se encontra ainda reunidas tantas e tão preciosas obras de arte antiga. Manoel da Silva Monteiro, o chefe miliardário da casa Hime & Cia, criava, dentro de um parque suntuoso, a sua vivenda de repouso, que era todo o seu encanto e que sua família conserva com carinho.

Na entrada do verão de 1919 a corajosa iniciativa de Antônio Coelho Duarte inaugurava o Hotel D. Pedro no velho

casarão que desde os tempos das capitanias se habituara a hospedar as personagens gradas que transitavam para o interior. Antônio Coelho Duarte, que já descansa na paz dos justos, foi um dos maiores amigos de Corrêas ; tornando-se propagandista dos seus encantos e privilégios, dispondo de vasto círculo de amizades, ativo, empreendedor, conseguiu atrair muitos e muitos capitalistas que adquiriram terrenos e foram outros tantos propugnadores do seu objetivo.

Irineu Marinho, o notavel jornalista, enquanto construia e embelezava a sua magnífica vivenda Heloisa, mantinha no seu grande vespertino, «A Noite», a secção «As nossas estações de verão» em que fazia o elogio de Corrêas como estância de repouso, de cura e de recreio, e repisava a necessidade de uma estação, água, luz, calçamento, condução...

Francisco Serrador, com o seu singular espírito de iniciativa e grande confiança no futuro reservado ao lugarejo, adquiria a propriedade Teffé e desenvolvia ativa propaganda para a venda de terrenos. Com a deliberação de promover a cidade cinematográfica brasileira, tornou ainda mais atraentes os pitorescos aspetos naturais do sítio São Manoel, transformando aquelas encostas e vales em deslumbrantes alamedas, ladeadas hoje de artísticas moradas e jardins luxuosos.

O dr. Bento Borges da Fonseca criava, para servir-lhe de residência, à margem da União e Indústria, um dos mais interessante e confortaveis palacetes de Corrêas.

O sr. Cesar Lopes construira em recanto de incomparavel beleza, sua aristocrática vivenda, em cujo interior os detalhes do conforto denunciam bom gosto, arte e originalidade. A imponente residência, cercada de árvores numerosas e jardins em flor, costuma prender a atenção dos forasteiros que por ali passam em demanda do Poço do Imperador.

Domingos Nogueira Filho abria em seus terrenos ampla avenida que em pouco tempo se ornamentava de um lado e do outro de excelentes casas de moradia. O dono do hotel

D. Pedro, que no ofício de hoteleiro de clima já garantiu sua entrada no reino da glória, mantinha um serviço permanente de reclame que lhe consumiu muitos contos de réis. Anunciava abundantemente na imprensa carioca; e durante todo o ano remetia, pelo correio, aos moradores do Rio, milhares e milhares de prospetos com a preocupação absorvente de conservar sempre em moda a palavra «Corrêas». Se ele não podia prometer no seu casarão o conforto que se encontra nos bons hoteis, vingava-se em fazer poesia com as excelências do lugar: — «Quereis ter vosso organismo retemperado? Fazei uma temporada em Corrêas. Não tardareis a recuperar as forças e a alegria». — «Gozai vossas férias em Corrêas. Juntareis o util ao agradavel». — «O ar vivificante de Corrêas é o mais poderoso tônico do organismo; remoça os velhos e robustece os moços». — «O sol aproveita a todos, mas o clima de Corrêas só aproveita aos que lá se encontram...» — «As flores renascem com o frescor da primavera. A saude renasce com o clima de Corrêas». — «Passar uns tempos em Corrêas equivale a prolongar a vida por alguns anos». — «Veraneai em Corrêas. Lucrareis no bolso e na saude». — «Uma temporada em Corrêas torna os homens virís, as mulheres formosas e as crianças robustas»... Só lhe faltou proclamar que o ar miraculoso de Corrêas faz nascer os dentes às velhas, que a sombra sagrada da Figueira de Tiradentes possue qualidades curativas, infalíveis na cura da calvície, que as águas do Poço do Imperador extinguem de uma assentada os pés de galinha e os babados do pescoço, ou que os feiticeiros da terra possuem amuletos prodigiosos e simpatias que provocam sonhos certos para se ganhar no bicho...

E o simpático lugarejo foi espalhando o seu casario elegante pelos vales, pelas encostas e à volta de seus montes verdejantes, assumindo feição tão pitoresca que o entusiasmo do inolvidavel Henrique Cunha o considerava a Petrópolis de Petrópolis.

Corrêas, se já foi a séde do turfismo fluminense, ainda poderá vir a ser a séde da cinematografia nacional, possibilidade ainda nos desígnios de Francisco Serrador.

Sua escola pública é quasi um grupo escolar, tão numerosa é a frequência.

Quando o governo estadual, há cerca de trêze anos, procurou executar a benemérita medida do ensino primário obrigatório, foram recenseadas em Corrêas 364 crianças de 8 a 14 anos de idade; duzentas crianças recebem atualmente, naquela casa, os benefícios da instrução. Poucas professoras terão tido um trabalho tão árduo e incessante como a de Corrêas, d. Carmen Lussac Do-Coutto, verdadeira missionária do ensino, anjo tutelar das crianças e queridíssima de todos os moradores. Auxiliada por duas adjuntas, executa a sua missão com uma inteligência clara e realizadora, com uma perseverança e energia dignas de louvores, prestando os mais relevantes serviços à população.

Corrêas dispõe de um atrativo que muito a valoriza: são os banhos ao ar livre... O Poço do Imperador, o Poço dos Ferreiras e a Piscina Serrador apresentam diariamente, na quadra do verão, aspeto surpreendente pela movimentação e pela alegria viva que a todos comunica. São aliás as únicas diversões que a localidade póde proporcionar... Para aqueles encantadores pontos se encaminham romarias de banhistas, de manhã e à tarde, emprestando ao lugarejo uma fisionomia particular, de recanto balneário; e essas festas são promovidas não só pelos veranistas locais como por alegres caravanas que ali aparecem, formadas aqui na cidade, e que ali passam horas e horas num divertimento ameno e sadio. Na Piscina Serrador quasi todos os anos se realizam interessantes banhos à fantazia por ocasião do Carnaval...

CAPÍTULO XX

O CLIMA DE CORRÊAS

As paragens que abrangem Corrêas e Itaipava, imunes de umidade atmosférica e de alternativas perigosas de frio e de calor, são inquestionavelmente, dos arrabaldes de Petrópolis, os mais bem fadados pelo clima. Procuradas a princípio apenas por famílias que preferiam atravessar a temporada calmosa em ambiente amavel que não tivesse as obrigações mundanas que a vida impõe nas cidades elegantes, foram sendo aconselhadas por uma boa parte dos médicos do Rio e cada vez mais procuradas por enfermos do aparelho respiratório, convalescentes e enfraquecidos em geral. Acabaram adquirindo justificada fama com a constatação de verdadeiros prodígios curativos.

Em Janeiro de 1931, o médico dr. Valois Souto, que é um destemido realizador, a quem o dinheiro não tem servido para uma vida de regalos, mas tão somente para ativar o fogo sagrado do trabalho, inaugurava o «Sanatório de Corrêas», monumento imperecível que, perpetuando-se, lhe perpetuará o nome.

Bem avisado andou o notavel cientista brasileiro localizando seu suntuoso estabelecimento nesse ambiente vivificante e ameno do alegre vale do Piabanha, no recanto admi-

ravel em que o ar revigorante nos retempera as forças, dando-nos sensações de bem estar, e que já no alvorecer da nossa nacionalidade os bons esculápios do Rio de Janeiro proclamavam excelente, garantindo que «para lá do alto da Estrela, umas duas léguas e tanto mais para o interior, já na descida para Minas Gerais, existiam umas terras montanhosas pertencentes a um certo Padre Corrêa, cujos ares eram bons e salubres, o alívio para as enfermidades febrís, a salvação para as doenças do peito»... E a principal família desses tempos procurou as paragens beneméritas como bálsamo aos padecimentos de uma filha...

O «Sanatório de Corrêas», de custo muito superior a dois mil contos de réis, está perfeitamente à altura da uossa civilização e da nossa cultura científica; verdadeiro hotel para doentes, pratica os métodos de cura da tuberculose em uso nos mais importantes sanatórios suiços e alemães; é inegavelmente o primeiro do Brasil e provavelmente da América do Sul. Vive constantemente lotado, mesmo na quadra mais ingrata do inverno.

As instalações nos proporcionam constantes oportunidades de admiração. Foi o próprio dr. Valois Souto o construtor do edifício. Seis anos consumiu na definitiva realização de seu ideal. Seis anos de tenacidade, de energia, de ação.

Tendo ido à Europa estudar a organização hospitalar, poude apreender todos os ensinamentos da experiência; e ele, que leva o espírito de minúcia aos mínimos detalhes, nada esqueceu afim de dotar sua casa com os requisitos que plenamente se ajustassem às menores exigências. Tudo ali se completa, tudo está tão sábiamente disposto que se tem a impressão de que o doente, por mais exigente, se sentirá naquela casa como em seu próprio lar.

Vem tambem a propósito relembrar o quanto se esforçou o dr. Valois para adaptar seu terreno, de topografia in-

grata, acabando por dar-lhe a agradavel feição que atualmente possue, justamente no ponto que oferecia peior aspeto e que agora predispõe favoravelmente o forasteiro logo à entrada da localidade.

Se o holandês «fez» o território de sua pátria, pondo a seco os pântanos que formam hoje imensos campos produtivos, póde-se dizer que tambem o dr. Valois Souto «construiu» os terrenos que pisamos logo que transpomos o portão do parque.

Ele despendeu pacientemente muito tempo em serviços de remoção de terra, rasgando na montanha do Catitú a ampla esplanada onde ficou, em privilegiada posição, o edifício; e elevando quasi a dois metros do nivel da estrada a área, que era profunda buracada convertida em charco na época das águas, habitação de sapos e sementeira de mosquitos, e que ostenta hoje denso bosque de eucaliptos e artístico jardim delineado segundo os moldes mais modernos e que são de um impressionante pitoresco.

Transformou como idealizara aquele trecho; e o sítio, que ao ver geral era a que menos se prestava para localizar o Sanatório, foi mais tarde considerado escolha das mais propícias e felizes, com todas as vantagens da proximidade da estrada, sem nenhum dos seus inconvenientes. Situação excelente, ponto de boa aeração, não tem a monotonia dos recantos por certo muito bucólicos mas que acabam fatigando e enervando. Proporciona aos hóspedes o espetáculo variado que oferece o trânsito na principal artéria fluminense, mas ali não chegam ruidos nem poeira, e fica ao resguardo de prejudiciais correntes de ar, de face para o nascente, banhadas de sol por muitas horas todas as dependências e defendidas do sul pela montanha.

Daquela eminência feita para o remanso e a cura, das suas varandas e dos seus solários, respira-se vida a plenos pulmões.

Hausto vivificante de oxigênio nos invade, o espírito se encoraja tocado de serenidade salutar, o corpo se enrija com o influxo de novas energias. E nos embebemos comovidos na contemplação do horizonte extenso, sob um céo sem névoas, esplêndido e risonho; a paisagem ampla e variada se estende ao nosso enlevo num âmbito que vai desde a cadeia de montanhas da Samambaia, onde alguns picos desafiam as alturas com os seus soberbos perfis graníticos, até perder-se no fundo azul escuro emoldurado pelas longínquas penedias do Bonfim.

A 31 de Dezembro do mesmo ano (1931) deixava da existir o Hotel D. Pedro, cujo funcionamento tanto servira, ao menos nos primeiros tempos, para estimular a evolução do importante núcleo climatérico de Petrópolis. Continuava entretanto com suas portas abertas o tradicional estabelecimento: apenas, não podendo fugir a uma imperiosa contingência, transformava-se na «Pensão-Sanatório São Geraldo», habilitando-se assim a receber francamente a classe de hóspedes que por último mais e mais se avolumava. Nesse sentido, foram adotadas todas as precauções higiênicas para que nenhuma contaminação se tornasse possível, tendo sido a casa dotada de aparelhagem de esterilização e de desinfeção e dos demais requisitos capazes de satisfazer as exigências indispensaveis a uma estância de cura.

No último trimestre de 1932, o vasto e confortavel Sanatório Infantil, instituição que honra sobremaneira a benemérita Cruzada Nacional Contra a Tuberculose, realizava sua inauguração oficial, recebendo em suas enfermarias o pri-

meiro contingente de crianças pobres, atacadas de tuberculose curavel.

Está o edifício construido em favoravel situação intermediária de Corrêas e Itaipava, fronteiro à Estação de Nogueira, nas proximidades do sítio onde há cerca de dez anos o dr. Ernesto Crissiuma Filho iniciou o levantamento de grande casa para doentes, — o Sanatório Pedro II, — cuja construção, em cimento armado, ficou, entretanto, abandonada. Nestas obras foram empregadas algumas centenas de contos de réis; elas se acham concluidas até à lage que fórma o soalho do primeiro andar.

Dias antes da transformação operada no antigo hotel de Corrêas, seu proprietário concedera ao «Jornal de Cascatinha», a 20 de Dezembro de 1931, uma entrevista concebida mais ou menos nos seguintes termos e que vale perfeitamente por uma «exposição de motivos»:

«Efetivamente, no próximo 1º de Janeiro desaparecerá o nome de D. Pedro da velha casa dos Corrêas, que passará a chamar-se a Pensão-Sanatório São Geraldo. Aliei-me ao dr. Gabriel Bastos, o abalisado clínico de Corrêas e Itaipava, que tem sabido converter a profissão em verdadeiro sacerdócio. Ficar-lhe-á entregue a direção médica do estabelecimento; ele saberá orienta-lo com o devotamento e as luzes que todos lhe reconhecem.

Bem tardiamente, aliás, me convenço de que em localidades consagradas por clima sanatório não é possivel manter-se um hotel que queira viver limpo de doentes e precise funcionar durante todos os meses do ano. Pelejei muito e de ano para ano aumentavam minhas dívidas. Não me era possivel remar contra a maré. Realizei verdadeiros prodígios de equilíbrio financeiro nesta difícil vida de hoteleiro de

clima, diligenciando não aceitar doentes, procurando recèber apenas pessoas sãs ou somente enfraquecidos e tendo sempre contra mim a fama de estar com a casa cheia de tuberculosos. Fama aliás um tanto justificada, porque a triste verdade, tristíssima, é que a casa teve quasi sempre uma maioria de doentes «encobertos»... Veses sem conta tive necessidade de pedir duas palavras em particular a um ou outro hóspede mais «declarado» e despacha-lo sem piedade, enquanto o desgraçado vociferava: «este homem supõe que eu estou tuberculoso»... Quantas veses, na salinha de entrada do hotel, tive de dizer a «veranistas» que pediam aposentos e que pelo aspeto denunciavam logo seu estado: «mas não tenho no momento um único quarto disponivel», estando no entanto com a casa vazia...

Equilibrando-me durante tantos anos, estou até meio convencido de que fui de circo na anterior encarnação...

Não deixarão de acusar-me de privar a pitoresca localidade de seu único hotel de veranistas, como se eu o fizesse por prazer...; para esses, o fato assumirá influência alarmante na finalidade do simpático lugarejo. A verdade, porém, é que o número de sãos que nos procura vem naturalmente rareando de ano para ano, enquanto que, com o mesmo objetivo, o número de doentes aumenta progressivamente.

Desde há muitos anos surgem, volta e meia, nos jornais do Rio, notícias, reportagens, impressões, anúncios sobre Corrêas; todas essas publicações repetem mais ou menos o estribilho: «excelente estação de repouso e de cura...»

Veja-se o depoimento do «O Globo» de 13 de Junho deste ano, em artigo subordinado ao título «O Brasil e a tuberculose»: «O conceito climatológico de Corrêas vem, não de boletins forjados por inescrupulosos para negociações lucrativas, mas, da onda desmedida de doentes aí curados, os

quais exponenciam de fórma inadjetivavel as suas propriedades curativas.»

Repare bem: «onda desmedida de doentes ali curados»... E os médicos do Rio, especialistas da tuberculose, vão mandando para aqui os seus clientes... A substituição do hotel por um sanatório se realiza, assim, naturalmente, por força das prpórias circunstâncias. Mas não tardarão de certo a surgir por aí pequenas pensões familiares em condições de hospedarem forasteiros que procurem Corrêas apenas como lugar próprio para descanso. Desobrigadas não só das despezas impostas a um hotel, como do penoso sacrifício de aguentarem os longos meses do inverno, poderão certamente auferir resultados compensadores.»

CAPÍTULO XXII

ÚLTIMAS PALAVRAS

Em Agosto de 1932, Corrêas inaugurava faustosamente, entre manifestações de júbilo, seu elegante templo católico, higiênico e confortavel, perfeitamente condizente com o ardor religioso da população e com a estética urbana da localidade. A cruzada mereceu o apoio, o concurso de muita gente, traduzidos em serviços prestados obsequiosamente, em doações monetárias, algumas vultosas, e em prendas para leilões, em materiais de construção, em mão de obra oferecida pelos operários. As subscrições, as quermesses, os festivais, tômbolas, espetáculos teatrais, resultaram sempre coroados de êxito apreciavel.

A boa vontade popular, sobranceira ao regime de aperturas que a todos avassalava, franqueou quanto pôde recursos à Comissão Construtora, como consequência tambem da aplicação honesta que ia sendo dada a esses donativos. Por isso tambem, o empreendimento, efetivando-se dentro de dois anos apenas, e realizando-se igualmente na fase mais aguda de inquietações e embaraços de toda a ordem que o país tem atravessado, caraterizou-se como um acontecimento digno de admiração, pondo em evidência a vitalidade do povoado de Corrêas, que, unido e diligente, procura solidamente realizar seu natural desejo de crescer. Foi sentindo o calor desse movimento de ação religiosa e social, que melhor compreen-

demos o segredo do animador florescimento a que chegou o esplêndido arrabalde. Progresso inteiramente conseguido à revelia do amparo oficial, não esqueçamos. Corrêas progride e aumenta, enriquece de ano para ano o cabedal tributário do Município, à espera ainda, porém, de que tenham solução os seus mais instantes problemas de iniciativa governamental.

Pertence à mentalidade vibrante de Carlos Maul a crônica intitulada «A história de há dois séculos, a dois minutos da civilização moderna», publicada no «O Imparcial» de 5 de Janeiro de 1928, da qual nos permitimos copiar os seguintes períodos: «A dois passos do bulício elegante de Petrópolis, há um arrabalde que é um contraste vivo com a séde do município a que pertence: Corrêas, com esse nome por uns clérigos que ali possuiram fazenda importante. A antiga Córrego Seco que Pedro II povoou em 1845 de colonos germânicos é uma cidade moderna, sem aquele encanto de lendas e mistérios que os séculos atribuem às coisas. Petrópolis nasceu com a primeira estrada de ferro e desfrutou de facilidades de comunicação com a metrópole, tão rápidas que a fizeram um quasi subúrbio do Rio. Existem ainda muitos dos que lançaram os seus fundamentos. Outra é a situação de Corrêas, na outra vertente da serra da Estrela, ao lado dos Órgãos, de cujas pedras e grotas manam as águas cristalinas de vários rios tributários do Piabanha. As residências de luxo, as casas opulentas espalhadas pelas várzeas e trepadas pelos morros não conseguiram apagar ou diminuir o prestígio de um edifício que carrega sobre os seus muros o peso de quasi dois séculos e de uma árvore, a famosa figueira de Tiradentes, que durante mais de duzentos anos espalha sombra

à beira da estrada que já teve outrora fóros de estrada real, única via de ligação entre a capital do país e os Estados do centro.

Ainda está para ser escrita a monografia de Corrêas, com a evocação dos espisódios palpitantes que envolvem os seus lugares célebres, a maravilha da sua natureza cheia de fascínio e impregnada de mistérios, a lembrança do rio Morto com o poço em que Pedro I se banhava com os fidalgos da sua intimidade, enfim, muita coisa inédita e desconhecida que se prende à formação da nossa nacionalidade...»

Humberto de Campos escreveu, certa vez, que a história literária reclama, ainda, um capítulo que deveria intitular-se: «A utilidade dos livros mal escritos».

A monografia de Corrêas sai, afinal, a lume. Formada de retalhos a que faltou por vezes um encadeamento razoavel, demasiando-se em detalhes supérfluos e em passagens banais, composta em linguagem corriqueira, ela poderia enquadrar-se, todavia, com uma classificação indulgente, no curioso capítulo a criar-se na história da literatura.

E quando nem mesmo aí se admitisse, neste livro, alguma utilidade, decorreria esta, então, da circunstância de se destinar a respectiva vendagem a auxiliar a conclusão da igreja de Corrêas.

ALCINDO SODRE'

CRÔNICAS PETROPOLITANAS

FAZENDA E PALÁCIO IMPERIAL DA CONCÓRDIA

Logo após haver adquirido a Fazenda do Córrego Seco e outras terras adjacentes, resolveu Dom Pedro I denominar as novas propriedades de Fazenda da Concórdia e de pronto mandou projetar nesse lugar a construção do Palácio Imperial da Concórdia.

Com a Abdicação, desfizeram-se todavia os planos do Imperador. O nome de Concórdia não pegou às propriedades, nem ao Palácio, construído mais tarde pelo filho.

Com efeito, seguindo-se à compra do Córrego Seco em 6 de Fevereiro de 1830, adquiriu Pedro I um terreno a Correia Maia no Alto da Serra, e a 28 de Maio de 1830 passava a ser dono de um sítio e casas de Vicente Ferreira e Cunha, (genro do Major Vieira Afonso) contíguos ao Córrego Seco.

Sabia-se, por uma crônica do dr. Júlio Delamare Koeler, aparecida na «Gazeta de Petrópolis» em 1893, que Pedro I, em uma de suas visitas a Correias, ao chegar no alto da serra da Estrela, e tendo apreciado o panorama que dali se descortina, manifestara o desejo de construir um palácio no lugar, adquirindo para isso um terreno a Antônio Correia Maia.

Realmente, a notícia oficial dessa compra acha-se consignada no Livro 28 da Mordomia da Casa Imperial, Registos de Decretos e Ordens, página 67, deste teor: «Hei por bem Authorizar ao Gentil Homem da Minha Camara João da Rocha

Pinto para proceder á compra de um terreno pertencente a Antonio Correa Maia, e sua mulher cito ao Alto da Serra da Estrella para Propriedade Minha Particular, e para celebrar a competente Escriptura, e todas mais solemnidades indispensaveis para legalidade deste acto.»

E à página 66 verso, do mesmo Livro, o seguinte : «Hei por bem Conceder a João Chatel e a sua mulher para morarem no lugar do Corrego Secco, na Minha Fazenda da Concordia, nas cazas que comprei a Vicente Ferreira e Cunha, em quanto Eu não Determinar o contrario ; e Sou Servido Pôrlhes a seguinte condição : que o ditto João Chatel, e sua mulher, e filhos (se os tiverem) quando lhes for ordenado o despejo, nenhum direito poderão alegar para eximirem-se nem para exigirem pagamento algum ainda que tenhão feito bemfeitorias, huma vez que isto aconteça sem concessão Minha e por escripto. O Meu Guarda Roupa José Maria Velho, encarregado interinamente da Superintendência das Minhas Imperiaes Quintas e Fazendas, o tenha assim entendido e executado. Palacio da Bôa Vista aos quatorze de Maio de mil oitocentos e trinta. (Com a rubrica de S. M. o Imperador)». E póde-se até saber que foi pelo preço de 400$000 esta última aquisição conforme o registo no Livro 58 da Mordomia, página 1 verso : «Despeza da compra a Vicente Ferreira e Cunha de um sitio e cazas que tinha na Imperial Fazenda da Concordia».

Com a publicação destas notas, presumimos trazer mais uma achega ao esclarecimento do que significa esse nome de Fazenda da Concórdia, de que foi o dr. Nereu Rangel Pestana o primeiro a cuidar, em comentário recente, no «Jornal de Petrópolis», quando entre outras referências lembrou o documento classificado no Arquivo do Castelo d'Eu, sob o nº 4132 — «12 de Março de 1830 — Pezerat — Resumo do orçamento da construção do Palácio Imperial da Concórdia». O francês Pedro José Pezerat, tenente de engenheiros, era ar-

quiteto dos Paços Imperiais, e deixou o Brasil em 1831, a serviço de Dona Maria II.

Pelo que se acaba de ler, não póde haver dúvida que Dom Pedro I pretendeu dar às suas propriedades do Córrego Seco e ao Palácio projetado para o local, o nome de Concórdia.

Qual teria sido a razão desse nome ? Em 1830, pareciam esgarçar-se as nuvens da borrasca política do país. O Imperador conseguia algumas reconciliações e nos arrebatos de seu espírito sonhou em conseguir a concórdia entre a nação e o trono. E assim, a sua fazenda, e o seu Palácio, teriam o expressivo nome de Concórdia...

BOULANGER NO CÓRREGO SECO EM 1835

Luís Aleixo Boulanger, esteve no Córrego Seco em 1835. O conhecido professor de caligrafia e desenho de Dom Pedro II, veiu ao sítio geográfico da atual Petrópolis em tratamento de saude, e poderia ter-se hospedado em casa onde se achava um irmão do mordomo Paulo Barbosa. São essas as curiosas revelações de duas cartas que se acham nos manuscritos da Coleção Boulanger no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A primeira missiva, dirigida pelo artista francês a Paulo Barbosa, tem a seguinte redação :

«Corrego Secco, 9 Mars 1835.

Monsieur et ami.

Voici un tableau que j'ai fait ici pour l'anniversaire de S. A. la Princesse D. Januaria. Je viens vous prier d'avoir la bonté de le présenter à Son Altesse avec mes félicitations respectueuses et de vouloir bien, en même temps, mettre aux pieds de S. M. I. et de S. A. la Princesse D. Francisca l'hommage de mon profond respect.

Je profite de cette occasion, Monsieur, pour vous remercier des témoignages d'amitié que vous n'avez cessé de me donner depuis près de 9 ans que j'ai le plaisir de vous connaître. Je ne négligerais rien pour cultiver cette amitié qui, je l'espère, ne fera que se fortifier avec les temps.

L'air pur que l'on respire dans ces montagnes et dont la fraicheur rapelle le Printemps d'Europe, a déjà bien amélioré

ma santé, vers la fin du mois j'espère avoir le plaisir de vous voir.

Recevez, je vous prie Monsieur et ami, l'assurance de mon sincère attachement.

L. A. Boulanger.»

Dois dias depois, tinha esta resposta:

«Rio, le 11 Mars (à 2 heures de l'après midi) 1835.

Monsieur

Je viens de recevoir votre lettre et le tableau que vous envoyez à son A. I. Je me ferais un devoir de lui remettre aujourd'hui même, car j'y vais diner. Les nouvelles de votre santé m'intéressent beaucoup et je vous félicite de commencer à gagner des forces; je regrette seulement que vous ne soyez chez mon frère, car il serait bien content de vous revoir et ses enfants auraient bien gagné de vous fréquenter.

En attendant, mon cher ami, disposez de la bonne volonté de votre ancien ami et obligé. P. Barbosa.»

Nesse ano de 1835, achava-se arrendada a Fazenda do Córrego Seco, e devéras interessante é a circunstância de achar-se aqui em tratamento de saude tão expressivo personagem como foi Boulanger, prestando depoimento sobre «o ar puro que se respira nestas montanhas, cuja frescura lembra a primavera da Europa». Alem de mestre do Imperador menino, foi ele Escrivão dos Brazões e Armas da Nobreza e Fidalguia do Império, e apreciado artista cujo lapis não só traçou as linhas fisionômicas de numerosas pessoas, como executou variados trabalhos de outra natureza.

No próprio Córrego Seco realizou ele o quadro que segundo a referida carta se destinava à Princesa D. Januária, e pena será que se não possa identificar o trabalho em apreço.

Por outro lado, a missiva de Paulo Barbosa fala num seu

irmão, em casa de quem lastima não se tenha hospedado Boulanger onde «as crianças teriam bem aproveitado a convivência do artista».

Qual seria essa casa, bem como sob que teto teria sido agasalhado Luís Aleixo Boulanger no Córrego Seco, são dois dificeis problemas a despertar os cuidados dos pesquizadores históricos.

ENCHENTES E MÁGICOS

Reviver o passado, apresenta, na maioria das vezes, um motivo de prazer. Lembrar fatos de antanho, ocorridos em Petrópolis, é quasi sempre um encantamento para os nossos espíritos amantes desta querida cidade, tão rica das mais lindas tradições.

As enchentes estivais são acontecimentos periódicos da vida petropolitana. O rápido transbordamento dos rios, invadindo casas do centro comercial e destruindo pontes, é um incômodo espetáculo revestido porém de belos aspetos e pitorescos episódios. A população se alvoroça, e grande é o número de curiosos que procura logo percorrer a cidade para ver os efeitos da enchente.

Terá por isso um sabor especial a reprodução de um comunicado, impresso na edição do Jornal do Comércio de 30 de Dezembro de 1851 e referente a um transbordamento do rio Quitandinha, na véspera de Natal, naquela noite, já lá vão noventa anos ! em que o nosso Dom Pedro II veiu tambem para a rua apreciar o efeito das águas : «A' tarde e ao anoitecer de 24 do corrente, houve tanta chuva depois de grande trovoada em Petrópolis, que os canais, apezar de terem sido muito alargados em sua maior extensão depois da grande enchente de 6 de Março de 1850, tomaram tamanha porção dágua que transbordavam em alguns lugares ! muitos páus que desceram com a força da corrente foram de encontro à ponte fronteira ao Palácio da rua da Imperatriz, o que represando as águas traria piores resultados se não fossem as

providências que imediatamente se deram, apezar da chuva que caía abundantemente e da escuridão da noite. Estiveram logo presentes o vice-diretor e alguns empregados da Colônia, com muitos trabalhadores, e os engenheiros Rivière e tenente-coronel Galdino. O sr. presidente da Província conservou-se junto à ponte, assistindo a todos os trabalhos enquanto duraram. E nada disto admira, porque S. M. o Imperador dignou-se descer de seu Palácio, e veio por si mesmo ver os estragos que a enchente fazia, demorou-se muito tempo perto da ponte, manifestando a maior solicitude por todas as providências tendentes a desembaraçar que, no caso da chuva aumentar, por alta noite, corressem algum risco os habitantes de Petrópolis. Felizmente, depois de alguns trabalhos que se fizeram com o socorro de archotes, as águas tiveram livre a corrente, e começaram a baixar. A's 10 horas da noite terminaram estes trabalhos.

Até ao presente não consta que ocorresse a menor desgraça, quer aos habitantes, quer ao número extraordinário de viajantes que subiu em carruagens e seges a serra, na força da chuva e da trovoada».

Se as enchentes constituem um traço da fisionomia urbana de Petrópolis, os caprichos dos deliciosos invernos serranos, se repetem desde os tempos imperiais. Noticiando a permanência da Princesa Isabel nesta cidade, no decorrer de Maio de 1877, o mesmo Jornal do Comércio, a 26 de Maio daquele ano, acrescentava : «Na manhã de 25, caíra sobre a cidade grande quantidade de gelo da espessura de uma moeda de cobre. Em alguns lugares, um pouco retirados do centro da população, os campos ficaram cobertos de uma camada de gelo».

E por falarmos da Princesa, ocorre-nos lembrar um interessante espetáculo, não mais espetáculo da natureza, mas verificado em palco de teatro.

Com a monotonia e singularidade do cinema de nossos



Trecho da rua da Imperatriz (hoje Avenida 7 de Setembro) vendo-se à esquerda velha Matriz antes de possuir torre, e à direita a ponte fronteira ao portão de pedestres do Parque Imperial, ponte esta mencionada na grande enchente de 1851.

dias, quanta saudade evoca aos que conheceram e apreciaram boas e variadas representações de teatro, a referência a trabalhos da mais fina prestidigitação.

Em Maio de 1876, Sua Alteza a Princesa Isabel como Regente do Império, na ausência do Pai, em viagem pelos Estados Unidos, comparece, em companhia do Conde d'Eu ao teatro de Petrópolis, para apreciar o grande artista francês Faure Nicolay.

Não havia um camarote desocupado, e a platéia estava cheia. A fama acompanhava o artista recem-chegado da Europa para os palcos do Brasil.

Faure Nicolay trazia consigo um album com os mais significativos manuscritos: do imperador da Rússia, oferecendo-lhe um relógio e um anel ornado de diamantes; da rainha da Prússia, e sua filha a grã-duquesa de Bade, testemunhando-lhe admiração pelo seu talento; do Sultão da Turquia, oferecendo-lhe a ordem de Médjidié; do Rei da Suécia, felicitando-o pelos extraordinários trabalhos feitos no castelo de Estocolmo; do Visconde de la Ferrière, atestando as três sessões dadas perante Napoleão III, e nas quais deu provas de inteligência e habilidade notaveis.

Apresentado o artista, voltemos ao espetáculo petropolitano, com a presença da Regente do Império. A's 8 horas subiu o pano. E conforme disse o sr. Cesar Augusto Ribeiro, em crônica do *Diário do Rio de Janeiro*, de 19 de Maio de 1876, o sr. F. Nicolay assombrou a assistência! «O espelho mágico, a Multiplicação, o Magnetismo, Alta Magia Humorística, o Sono Magnético, a Mala dos índios e a Pesca chinesa, deixaram os espectadores confundidos.

E nos desabafos de seu entusiasmo descritivo, disse o cronista: «E' preciso não esquecer uma coisa:

As nações que amam o progresso, a liberdade e a civilização, teem obrigação de proteger a arte. A arte é nobre. Os seus fins são grandiosos: mover o sentimento e despertar

a idéia! A arte, palavra sublime! encerra em si nomes distintos. Nomes tão distintos que talvez não haja outros que se lhes possam comparar! Quem vale tanto como Rafael, Murilo, Miguel Ângelo, Mozart, Rubens, Verdi e outros? O Faure Nicolay póde figurar tambem na galeria desses homens célebres!

Póde, deve figurar! O talento é nobreza! A ciência é a fortuna! Tudo o mais, ouro, nobrezas, pergaminhos, é nada, é zero!... Aceite, Mr. Faure Nicolay como prova de minha afeição e admiração profunda que voto ao seu talento, estas poucas frases, que, se não são ornadas de flores retóricas e de pomposos encómios, são verdadeiras, são sinceras!»

E já que falamos de crônica, sejam estas linhas encerradas com interessante trecho de outra, estampada no «*Jornal do Comércio*» de 7 de Abril de 1880. Falando da vida em Petrópolis, diz, a certa altura, a colaboração:

«O primeiro espetáculo, maxime aos sábados, é o que por gracejo aqui se chama — *o bois*. O francês ou o viajante que houver admirado as magnificências do *Bois de Boulogne*, ouvindo designar com este nome a entrada de Petrópolis, ao chegar passará por curiosa decepção: Em lugar de um vasto parque, com lagos, grandes árvores e jogos de água, verá o mais triste dos subúrbios, dois quilômetros de rua sem um jardim, com poucas casas e triviais, e por detrás delas uns morros escalvados sofrivelmente feios. As flores que enfeitam o tal *bois* são as moças, e são elas que sem modéstia assim denominaram este lugar de passeio.

Desde a garganta, estende-se por Vila Teresa longa fila de carros com passeiadores, parados, à espera dos da serra, que deixam desfilar, examinando curiosamente quem vem. São famílias que ali vão esperar o pai, o marido, o irmão *ou o primo*, que passaram a semana na côrte, mas este objeto é secundário; o principal é a exposição de *toilettes* suntuosas,

de carruagens de luxo, de cavalos de raça. Nesta reunião se encontra o primeiro especimen da *fidalguia* que acompanhou o Imperador.

Agora a fisionomia da cidade está mudada. Alguns ricaços trouxeram da côrte os seus trens e parelhas; moças e moços cavalgam finos ginetes: os bebés da gente rica montam bonitos pequiras; o luxo campeia.

Nos grupos que passeiam a pé, se vê de tudo, vestimentas despretenciosas, trajos modestos, ricos toilettes: ninguem sai de manhã, que não encontre meia dúzia de ranchos de moças. Está a cidadezinha realmente faceira: as ruas principais são alamedas de árvores piramidais, bordando rios bem canalizados: as casas pela maior parte teem na frente bem cultivados jardins: animado o quadro pelas flores vivas e dotadas de locomoção, há muito o que encante à vista.

Outra especialidade é que o Imperador, que na côrte nunca sai senão de carruagem seguida de piquete de cavalaria, aqui anda sempre a pé, vai a pé tomar a sua ducha, a pé andava nos dias de carnaval, quando umas moças tiveram a ousadia e a imensa honra de quebrar alguns limões de cheiro nas sagradas costas de S. M. o Imperador».

E aí está, como o manusear de jornais velhos, nos proporciona, seguidamente, o indelevel prazer de descobrir notícias e crônicas com os mais sedutores panoramas evocativos.

NEM AUTÓGRAFO, NEM COMENDA!

O hábito de pedir e colecionar autógrafos não nasceu em nossos dias. E quanta gente não teria tido o desejo de possuir um autógrafo do Senhor Dom Pedro II ?

O Imperador do Brasil, como é notório, era um personagem conhecido e apreciado nos centros culturais da Europa. Muito mais, porém, do que se supunha, o nome do nosso monarca teve uma divulgação verdadeiramente universal. O número de pessoas, de toda a parte do mundo, que a ele se dirigia, enviando-lhe sobretudo livros, revistas e relatórios, é realmente impressionante. Os livros de ofícios da Mordomia da Casa Imperial, hoje recolhidos à biblioteca do Museu Imperial, conteem uma relação abundante de agradecimentos a tais ofertas. Lá se encontram desde os nomes do grande escritor inglês John Ruskin e do francês Leroy Beaulieu até o do diretor do Observatório Astronômico de Batávia, nas Índias Orientais Holandesas ! A par disso, nomes ignorados, e assuntos frívolos, que sem embargo, mereceram a sua protocolar resposta.

A significação do fato, estava todavia, na popularidade mundial do sr. Dom Pedro II. E como curiosidade, vamos mencionar um episódio epistolar em torno de um autógrafo. Uma dama americana desejava possuir a assinatura do Imperador do Brasil. Imagine-se o empenho de uma senhora, habitante de um país onde essas coisas assumem o carater

de requintado capricho, em obter o autógrafo do único monarca continental, e que se chamava Dom Pedro II!

Para ser bem apreciado o expediente usado e a sua consequência, vamos reproduzir o texto do ofício, que a propósito, o Barão de Nogueira da Gama dirigiu ao nosso Ministro em Washington: «11 de Janeiro de 1886 — De ordem de Sua Magestade o Imperador, digne-se V. Ex. de agradecer à Catharina Hagerthy a lembrança de offerecer-lhe a moedinha que se devolve com a carta junta, mesmo sem Sua Magestade Enviar-lhe o Seo autographo, que não costuma mandar, porém cujo desejo de possuil-o tambem Agradece».

Se esta desejava um autógrafo, havia gente que pensasse talvez em «pescar» uma comenda. O Imperador, porém, pressentindo os intuitos, sabia esquivar-se, de um modo, ou de outro. Aqui está o que, certa vez, foi mandado dizer ao nosso ministro em Londres, sr. conselheiro Barão de Penedo, na mesma data do ofício anterior: «De ordem de Sua Magestade o Imperador, digne-se V. Ex. de agradecer ao sr. Salomon Hurwitz a lembrança de offerecer ao Mesmo Augusto Senhor um antigo manuscripto descoberto em Jerusalem, e e que já se acha nessa Legação, conforme V. Ex. communica em seo officio de 7 do mez findo. Si por esta offerta o sr. Hurwitz fallar a V. Ex. em obter alguma condecoração, V. Ex. lhe dirá com toda a conveniencia que Sua Magestade não Póde Conferir condecoração por tal motivo».

De seu retiro de Petrópolis, e respondendo a numerosa correspondência que do estrangeiro lhe era dirigida, Dom Pedro II, em termos compativeis. sabia como responder: Nem autógrafo, nem comenda!

PEDRO II E A IGREJA DE SÃO PEDRO DE ALCANTARA

No Livro 55 da Mordomia da Casa Imperial vamos encontrar, em 21 de Dezembro de 1885, um ofício em que o Imperador determinava o acompanhasse para Petrópolis o confessor de Suas Majestades, Monsenhor dr. Pedro Peixoto de Abreu e Lima.

Não pretendemos apreciar a religiosidade de Dom Pedro II. Registando inicialmente esse simples episódio de se fazer acompanhar pelo confessor da família em 1885, desejamos tão somente registar fatos. Se, como chefe de Estado, julgou de seu dever assistir devidamente os colonos protestantes de Petrópolis para a prática de seu culto, e em outras circunstâncias julgou manter-se sob o imperativo da lei na Questão dos Bispos, o fato é que, no terreno religioso, sua ação principal foi a favor da Igreja romana. Assinalamos um acontecimento de 1885, ligado a Petrópolis, para nos reportarmos a outros, muito distanciados daquele, e tambem respeitantes a esta cidade.

Assim foi que, por ocasião do Decreto Imperial de 16 de Março de 1843, estabelecendo a fundação de Petrópolis, determinou Sua Majestade que fosse demarcado um terreno para nele se edificar uma igreja, com a invocação de São Pedro de Alcântara, que seria o padroeiro de Petrópolis.

E' conhecida a participação do monarca na ereção da definitiva Matriz de São Pedro de Alcântara, onde hoje re-

pousa o seu corpo, desde a doação do terreno e os grandes festejos oficiais do lançamento da pedra fundamental (1). A pequena e modesta primeira matriz de Petrópolis, localizada em face do Palácio, na atual avenida 7 de Setembro, teve desde logo o amparo de Dom Pedro II, no decreto n. 243: «Sendo indispensavel nomear-se um Thesoureiro que receba não só as quantias que Eu Houver por bem conceder para a obra da Igreja de S. Pedro de Alcantara em Petropolis, como tambem para arrecadar o producto das diversas subscripções a que ora se procede, e occorrer ás despezas da mesma obra, e concorrendo na pessoa do doutor Antonio Alves da Silva Pinto os requesitos necessarios para bem desempenhar estas funcções; Hei por bem nomeal-o thesoureiro da sobredita obra, esperando do seu conhecido zelo e probidade que bem desempenhará as sobreditas funcções, regulando-se pelas instrucções que com este baixa assignadas por Paulo Barbosa da Silva, do Meu Conselho e Mordomo da Minha Imperial Casa, o qual, o tenha assim entendido, e faça executar. Paço da Boa Vista, em onze de Setembro de mil oitocentos e quarenta e cinco. Vigesimo quarto da Independencia e do Imperio. Com a rubrica de S. M. o Imperador — Paulo Barbosa da Silva».

E pouco depois, o decreto n. 246: «Desejando Eu dar, alem do que já tenho decretado, uma somma mais consideravel para a factura da Igreja de São Pedro de Alcantara de Petropolis, Hei por bem conceder, a beneficio da mesma, tudo quanto devem ao cofre da Minha Imperial Casa D. Anna Senhorinha, viuva de Placido Antonio Pereira d'Abreu, e José Maria Corrêa de Sá: portanto — Mando a Paulo Barbosa da Silva, do Meu Conselho official-mór e Mordomo da Minha Imperial Casa que faça as communicações necessarias ao Thesoureiro daquella obra, e expeça as necessarias ordens para

---

(1) Vide *Centenário de Petrópolis*, Vol. 3, pag. 89.

o cumprimento deste, assim como que promova quanto em si couber, uma subscripção para o andamento da dita obra, pelas pessoas tementes a Deus, e que mui voluntariamente quizerem subscrever para tão santo e piedoso fim. Paço da Boa Vista, vinte e cinco de Setembro de mil oitocentos e quarenta e cinco, Vigesimo quarto da Independencia e do Imperio. Dom Pedro II — Paulo Barbosa da Silva».

A MEDIÇÃO DA FAZENDA IMPERIAL

As terras adquiridas pelos Imperadores na Serra da Estrela, constituiram a que se chamaria Fazenda Imperial de Petrópolis. O núcleo inicial foi a Fazenda do Córrego Seco, seguido da aquisição de terras do Alto da Serra e de Ferreira e Cunha, todos três comprados por Dom Pedro I. Mais tarde, Dom Pedro II receberia a doação da Quitandinha e compraria terras do Itamaratí, Morro Queimado, Velasco, Retiro e outras.

A doação da Quitandinha foi aceita pelo decreto imperial n. 262, assim concebido: «Hei por bem autorizar a Paulo Barbosa da Silva, do Meu Conselho, official-Mór e Mordomo da Minha Imperial Casa a acceitar a escriptura de offerta e doação que me fizeram o Major Julio Frederico Koeler e sua mulher D. Maria do Carmo Rebello de Lamare, da Fazenda denominada Quitandinha annexa á Fazenda outróra denominada Corrego Secco, e hoje Petropolis. O mesmo Mordomo o tenha assim entendido e cumpra. Paço da Boa Vista, em quatorze de Maio de mil oitocentos e quarenta e seis. Vigesimo quinto da Independencia e do Imperio. Dom Pedro Segundo. Paulo Barbosa da Siva.»

Por decreto de 15 de Março de 1849, o Imperador abria o credito de 2:000$000 para compra de um terreno a Tomás Gonçalves Dias Goulão (Retiro). E a 1 de Fevereiro de 1851, era determinado que «o Thesoureiro entregue a Mariano Procopio Ferreira Lage, cessionario de Joaquim Carneiro de

Mendonça, Eduardo Carneiro de Mendonça e sua mulher, a quantia de 8:000$000 por conta da compra dos terrenos da Fazenda de Itamaraty». (1)

Constituida a Imperial Fazenda de Petrópolis, dúvidas surgiram sobre seus limites e alguns confrontantes disputavam com a Fazenda a posse de certos trechos de terra. Essa circunstancia forçou a medição judicial da Fazenda, de que temos notícia pelos relatórios do então Superintendente da Fazenda, José Maria Jacinto Rabelo, que vamos reproduzir. O relativo a 1854, diz o seguinte :

MEDIÇÃO DA FAZENDA

Pela minha participação de 23 de Outubro de 1851, sabe V. Exa. que no dia 7 de Agosto desse mesmo anno teve principio o processo de medição judicial d'esta Fazenda ; agora tenho a satifação de poder asseverar a V. Exa. que no dia 25 do corrente terminarão-se os trabalhos de demarcação das terras de Petropolis, com a cravação dos ultimos marcos, recebendo do advogado da causa os autos conclusos no dia 30 para os apresentar a V. Exa. antes de correr os tramittes necessarios.

Dos autos se vê que durante a medição apparecerão algumas reclamações de confrontantes sendo estes o Tte. Coronel Carlos José Moreira de Barboza, morador no Pilar, a Viuva D. Feliciana Angelica, moradora no Inglez, Joviano Varella, e José Teixeira de Lemos. Estes dous ultimos vierão com os seus requerimentos de embargos protestos etc., e os os dous primeiros contentarão-se de ajuntar aos autos os titulos pelos quaes julgarão-se com direito á parte de terrenos por onde correu a medição, protextando que não querem contestações judiciaes ; porque descanção na Alta justiça do

(1) Atos registados nos Livros da Mordomia da Casa Imperial, recolhidos à Biblioteca do Museu Imperial.

Augusto demarcante e na propria de seus delegados. He conveniente apresentar aqui a opinião do Advogado a respeito para perfeito conhecimento de V. Exa. Na minha muito humilde opinião o Exmo. Snr. Conselheiro Mordomo deve com maior urgencia possivel resolver qualquer cousa definitivamente sobre as pacificas reclamações deste (Tte. Cel. Carlos José Moreira de Baboza) e da viuva do Inglez.

O Tte. Cel. se contenta que submetão-se seus titulos ao conhecimento de jurisconsultos da intima confiança de V. Exa., e que V. Exa. resolva qualquer cousa á vista do parecer dos mesmos; sendo que, se este for a favor de suas reclamações, se proceda a huma demarcação de lemites de suas terras com a Fazenda Quitandinha. Quanto á viuva nada direi, porque ella já se dirigio pessoalmente a S. M. o Imperador; e a respeito finalmente dos dous embargantes Joviano, e Lemos, eu os espero com toda a confiança no meu posto: o que convem principalmente he toda a urgencia sobre as reclamações dos dous primeiros para entrarmos na qúestão dos embargos dos dous ultimos.

As vantagens resultantes da medição são incalculaveis, e não obstante o aparecimento destes dous oppositores, ainda assim estou convencido de ter ella marchado regularmente sempre com cautellas, onde a vastidão das terras, foi chegar a pontos mui distantes, e seus limites definirem-se com innumeros confrontantes.

Diz o engenheiro da medição que o perimetro ou contorno geral das terras da Fazenda, incluida a do Valasco pertencente á Fazenda Nacional abrange huma extenção linear de 22.737 braças (7 1/2 legoas) e 18:292:797 braças quadradas.

Para os interesses da Casa Imperial urge que V. Exa. delibere sobre a grande quantidade de terras virgens e incultas que ficarão d'entro dos lemites da Fazenda, seguindo-se o mesmo systema de aforamento já adoptado.

A despesa athé hoje realisada com os trabalhos da medição paga pela Thesouraria da Casa Imperial Rs. 4:257$975 tendo-se adiantado com os suprimentos das Obras mais a quantia de Rs. 1:588$780, faltando ainda a pagar-se aos juizes, escrivães, e pequenas despesas de transportes e comedorias; sendo de equidade remunerar-se ao Advogado se por ventura for julgado seu trabalho perfeito.

No relatório de 1856, prosseguia o Superintendente Rabelo:

Uma outra providencia importantissima foi sem duvida, a da medição das terras de toda a Fazenda; e a simples intuição basta para fazer crer da utilidade de similhante medida; e tambem dos muitos embaraços e difficuldades que cercarião a superintendencia para difinir os limites da Fazenda de Petropolis até então desconhecidos; conseguindo realizar aquillo que os seus antecessores não se animarão a fazer em tempos quiçá mais favoraveis. A confusão em que antes existião todas as terras devião trazer graves prejuizos aos interesses da Casa Imperial: S. Exa., como verdadeiro Juiz, melhor pode avaliar do beneficio que obtiverão todos os interessados limitrophes, na confrontação e diviza das terras, pela certeza e segurança de seus verdadeiros dominios; evitando contendas e fucturas questões de limites; utilizando por de mais um favor sem despeza ou lesão.

Estando de posse dos titulos de posse e compra das terras da I. Fazenda de Petropolis foi um dos meus primeiros cuidados avaliar sua total superficie; e convencido de que ella se extendia a uma maior distancia e extenção do que era conhecido, consultei a este respeito o Engenheiro da superintendencia Azeredo Coutinho, que por sua informação corroborou a minha opinião e me forneceu valiosos dados para uma aviventação de rumos divizorios que se não concluio pelas oppozições que logo se apresentarão, a despeito

do mutuo accôrdo e intenção amigavel com que foi principiada. Foi porém bastante o ensaio prático para me induzir a propor a medição judicial, como unico meio de cortar todas as duvidas, e attingir ao verdadeiro fim; e minha razoavel aprehenção, de que as raias da Fazenda se extendiam a pontos até então desconhecidos, ficou hoje evidenciada pelo processo e marcha da medição judicial. Do augmento de superficie legalmente obtido resulta um maior numero de prazos, para serem aforados, e conseguintemente crescerá o ramo da Receita, logo que se afore estes novos prazos, convindo lembrar a V. Exa. que no Archivo da superintendencia existem 370 requerimentos de varios individuos sollicitando este aforamento.

Releva poderar, Exmo. Snr., que muitos dos prazos aforados pela Casa Imperial nos quarteirões Simmeria, Palatinato superior e Suisso, todos para o lado extremo e divizorio das terras, ficarão ou cortados ou fóra das linhas de separação do limite geral com hereos confrontantes: acontecendo tambem que uma grande parte dos prazos aforados por Thomaz Gonçaves Dias Goulão (in bone fide) nas terras do Retiro, ficarão d'entro d'esta Fazenda: o meio de sanar esta imprevista circunstancia me parece facil; quer rezolva a Casa Imperial tornar effectivo e válidos os titulos de aforamento que passou; quer não: no primeiro caso só o poderá conseguir pela compra das terras; e no segundo por meio da indemnização dos foros cobrados. Para previnir a segunda hypótheze, tenho-me abstido de cobrar os foros dos prazos que, n'estas circunstancias, pendem de uma decizão fuctura.

Do adiantamento do processo da medição judicial, que seja dito de passagem, teve principio a 7 de Agosto de 1854, e terminou a 25 de Junho de 1855, está S. Exa. perfeitamente informado, e não ignora que os meios brandos e amigaveis, recommendados por V. Exa. para com os vizinhos confrontantes têm sido adoptados, preferindo-se a decizão arbitral

como a mais consentanea e favoravel que a Augusta Casa Imperial poderia outhorgar; sendo logo abraçada pelos hereos enteressados Ten. Cel. Carlos José Moreira de Barboza, José Teixeira de Lemos e D. Feliciana Angelica Roiz, com a unica excepção de Joviano Varella que antes preferiu pleitear a cauza; posto manifestasse agora recentes desejos de conciliar-se.

Consultado por mim o advogado da causa, por parte da Casa Imperial, é elle de opinião contraria á conciliação que propõe Joviano Varella, como lesiva aos interesses d'esta Fazenda; e para habilitar S. Exa. no conhecimento do que elle expoz, copiarei textualmente o que escreveu-me sobre tal objecto.

> «Faço hoje (16 de Setembro do corrente) entrega dos autos com a resposta aos embargos de Joviano; por mais aturado exame que agora tenho feito das escripturas, certifico não ter elle direito algum ao que pede, e por isso convem na acomodação que, segundo me dice, propoz elle para não lhe fazer concessões; seria lezar o Imperador: V. Exa. entretanto, como mais conhecedor do terreno, procederá como julgar bem. — Sou, etc., — D. R. Callado.»

Pelo que fica expendido vê V. Exa. que só pende a questão com Joviano Varella, para a final sentença de julgamento, pois que todos os demais confrontantes adoptarão a decizão arbitral. O mesmo Teixeira Lemos, que antes protestou contra a medição, pedio esta decizão, tendo os arbitros por sua parte Francisco Xer. Barr. e Cappm. José Pedro de Ar.º Mattos, e os da Fazenda Imperial Azeredo Coutinho e José Joaquim da Nobrega decidido a questão a meio; isto é: perder Teixeira Lemos uma parte, e a Casa Imperial outra. A mora e procrastinação do processo judicial, sabe V. Exa. que me não é dado obviar, pois bem de seguir os tramittes



O Palácio Imperial com todas as suas dependências aos fundos : Casa dos Semanários, Cavalariças, Casa do Mordomo e Arquivo.

O Diario tambem dou hoje as suas declarações a que ligamos o maior valor. (Cruz dos Bemmandos)

que a Lei estabeleceu em Juizo. Confio no actual Advogado d'esta cauza, o Bacharel Dario Raphael Callado, que substituiu a Ignacio José Nogueira da Gama, muito certo de qu'elle adiantará, por essa parte, a sollução final do processo judicial. Mao grado meu teve elle de auzentar-se por algum tempo, porém asseverou-me ser breve a sua demora, e em todo o caso não aguardarei a sua volta, se antes for mister providenciar.

Chamo a attenção de V. Exa. para as terras denominadas VELLASCO, de propriedade nacional, que, encravadas na Fazenda de Petropolis, ficarão demarcadas involuntariamente pela medição das da Casa Imperial, visto confrontarem com as terras da — Quitandinha —, Morro Queimado — e Córrego cêco. D'esde o primitivo estabelecimento da Colonia de Petropolis, prezumo que uma grande parte das terras de — Vellasco — foi invadida pelos colonos situados em terras da Casa Imperial, talvez pela ignorancia dos justos limites que então existião geralmente confundidos; mas prezentemente, que as divizas são conhecidas, julgo na minha muito humilde opinião opportunidade de levar-se a effeito a ideia que me conste já ter partido em tempo preterito por parte da Casa Imperial, propondo ficar com estas terras, dando em troca outras á Fazenda Nacional. Dest'arte reconhecido o augmento da renda da Fazenda pelo crescimento das edificações particulares que de fucturo muito hão de concorrer para o interesse geral; não poderei ser tachado d'exagerado, se dicer que o quadro ligeiramente esboçado se aprezenta brilhante para a Fazenda de Petropolis, d'esde que principiar a aforar as novas terras que ainda tem devolutas, satisfazendo-se as obrigações do aforamento, cabendo-me a satisfação de ter preparado esse lisongeiro porvir.

E por fim, dizia Rabelo no relatório de 1857:

Conforme a minha participação de 30 de Dezembro ultimo, tem V. Exa. sciencia d'estar incluida a espinhoza tarefa

da medição das terras da I. Fazenda de Petropolis, julgada em favor da Augusta Caza Imperial e ao aprazimento dos reclamantes; sendo desprezados os embargos de Joviano Varella. Está assim terminado o pleito na primeira instancia, e só por parte de Joviano ha possibilidade de appelação. Cumpre, pa. collocar as couzas em seus devidos termos, que V. Exa. mande extrahir sentença e se proceda a demarcação das novas linhas divizorias entre as fazendas do Inglez, Matto-Grosso e Galvão com a Casa Imperial, em conformidade da decizão dos arbitros, logo que findem as ferias. D'est'arte diffinidos os verdadeiros limites das terras da Fazenda, fica claro o beneficio alcançado, d'evitar fucturas questões de dominio e diviza das terras, pela confuzão em que antes existião; aproveitando tão salutar medida aos interesses da Casa Imperial e de todos os vizinhos, confrontantes da Fazenda.

Releva ponderar, Exmo. Snr., que muitos dos prazos aforados, anteriormente pela Casa Imperial, nos quarteirões — Simmeria —, Palatinato superior — e Suisso —, todos para o lado extremo e divizorio das terras, ficarão ou cortados, ou fóra das linhas de separação do limite geral com os hereos confrontados; acontecendo tambem que uma grande parte dos prazos aforados por Thomaz Gonçalves Dias Goulão (nas terras do Retiro) ficarão d'entro da Fazenda de Petropolis: o meio de sanar esta imprevista circumstancia; já no passado Relatorio, tive a honra de ponderar a V. Exa., segundo minha humilde opinião, e para a qual chamo a attenção de V. Exa.; e bem assim sobre as terras do — Vellasco —, de propriedade nacional, que estando encravadas na Fazenda de Petropolis, ficarão demarcadas accidentalmente pela medição das da Casa Imperial; visto confrontarem com as terras da — Quitandinha —, Môrro Queimado e Córrego-secco.

Applaudindo o feliz rezultado da medição judicial, cum-

pre-me declarar que, ao bom direito e justiça da causa, e ao zello desinteressado e intelligencia do Bacharel Dario Raphael Callado, e Engenheiro J. J. da Nobrega, advogado e engenheiro da medição, se deve a terminação d'ste importante processo judicial.

A INAUGURAÇÃO DA "UNIÃO E INDÚSTRIA"

O vale do Piabanha teve o destino de atrair a construção das melhores estradas que deveriam ligar a metrópole a Minas Gerais. Do «atalho do caminho novo», de Bernardo Soares de Proença, passaria à estrada União e Indústria, completada em nossos dias pela rodovia Rio-Petrópolis. Os melhoramentos da pavimentação da União e Indústria, de modo a adata-la às atuais condições de trânsito, não desfiguraram no entanto a sua fisionomia primitiva, podendo ainda ser apreciadas, em todo o seu traçado, as magníficas obras de arte que de maneira singular caraterizaram a excelente estrada de Mariano Procópio, vivamente amparada pelo Imperador.

Tem assim um sabor especial a notícia de sua inauguração, inserta no Jornal do Comércio, de 20 de Março de 1858:

«Como se tinha anunciado, foi inaugurada ante-hontem a primeira secção da estrada contractada com a companhia *União e Indústria*. Offerecemos aos nossos leitores a seguinte e breve relação dessa bella festa industrial.

A's 8 horas da manhã partirão de Petropolis SS. MM. e AA. II. acompanhados de seus semanarios. Seguião-os as pessoas convidadas em duas diligencias ião o Sr. ministro da fazenda e sua senhora, o Sr. presidente da provincia e seu secretario: no da segunda os Srs. conselheiro Pedreira, chefe de policia da provincia, commendador Ferreira Pinto,

presidente da companhia da estrada de ferro Mauá, e Luiz Armond, de Barbacena, um dos principais accionistas da companhia União e Industria.

No principio da Westphalia fôra levantado um arco de folhagens e flores, no alto do qual via se por emblema um carrinho de mão, em que se apoiavam pás, alviões e outros instrumentos usados pelos constructores de estradas. De ambos os lados brilhava o distico: «Vivão SS. MM. Imperiaes».

Bem proximo desse lugar lia-se em uma lapide a seguinte inscripção: «Sob a alta protecção de S. M. Sr. D. Pedro II e na augusta presença de S. M. a Imperatriz a companhia União e Industria inaugurou os trabalhos desta estrada no dia 12 de Abril de 1856».

No Retiro os cabeços da ponte eram guarnecidos por quatro columnas tambem de folhagem e flôres, tendo cada uma delias uma bandeira em que se lia:

Viva S. M. o Senhor D. Pedro II.
Viva S. M. a Imperatriz.
Viva o progresso da Nação Brazileira
A' barra do Rio das Velhas.

Na pedra da Samambaia, que foi o ponto que mais dificuldades offereceu a construcção da estrada, sendo até necessario empregar escadas para dar principio aos trabalhos, achava-se outra inscripção assim concebida: «A companhia União e Industria contractou a construcção desta estrada em 19 de Março de 1856, sendo presidente da provincia o conselheiro Luiz Antonio Barbosa».

Um arco semelhante ao primeiro estava levantado em frente do Salto.

Na estação de Pedro do Rio, ornada de grande numero de bandeiras, como muitos outros pontos da estrada, uma banda commercial executava em um coreto brilhantes peças de musica.

A's 10 horas da manhã ali chegarão SS. MM. e AA. II., sendo recebidas pela directoria da companhia, camara municipal e delegado de policia da Parahyba do Sul. o Sr. Dr. Aprigio Ferreira Guimarães, e subdelegado do 2º districto da freguezia de S. José do Rio Preto, o Sr. Roberto Malpas, levantando aquelle os vivas a SS. MM. e AA., que forão correspondidos com ardente enthusiasmo ao som do hymno nacional, e subindo ao mesmo tempo ao ar numerosas girandolas.

Em seguida foi servido o copo d'agua offerecido pelos Srs. commendador Ferreira Lage e Dr. Mello Franco a SS. MM. e AA. II., que se sentarão a uma mesa que estava no topo da sala collocada sobre um estrado. Mais de duzentos convidados forão servidos na grande e esplendida mesa que lhes era destinada.

Ao levantarem-se SS. MM. e AA. II., o Sr. commendador Ferreira Lage dirigio-lhes as seguintes palavras de justo agradecimento: «Senhor! Permitta V. M. I. que em nome da companhia União e Industria agradeça a V. M. I., a S. M. a Imperatriz e a SS. AA. Imperiaes a honra que se dignarão fazer-lhe assistindo á inauguração da 1a. secção da estrada a seu cargo»; terminando com novos vivas a SS. MM. e AA. que forão logo depois e no acto de se retirarem SS. MM. repetidos pelo Sr. delegado de policia, e sempre com enthusiasmo por todos correspondidos. A's 3 horas da tarde S. M. o Imperador e sua augusta familia estavão de volta em Petropolis.

A festa industrial terminou algum tempo depois da retirada de SS. M., sentindo-se todos os convidados vivamente penhorados das obsequiosas attenções que receberão e do esmero com que forão tratados.

Alem desta breve noticia pensamos que os nossos leitores estimarão receber as seguintes informações sobre o estado da estrada e situação da empreza União e Industria.

A 1a. secção da estrada começa no alto da serra Villa

Thereza e termina em Pedro do Rio, tendo a extensão de cinco leguas, achando-se completamente acabada, com a unica excepção da ponte grande do Piabanha, cujos pegões de cantaria aliás se achão promptos, esperando-se de Inglaterra a ponte de ferro de 160 palmos que ali se mandou construir e em lugar da qual serve por ora uma ponte provisoria.

A estrada é quasi toda macadamisada, acompanhando sempre a margem do Piabanha: apenas em alguns pontos tem o declive maximo de 1 por 33: a sua largura é de 36 palmos até a ponte do Retiro, e dahi a Pedro do Rio não excede de 32.

A 1a. secção da estrada conta 4 pontes, 3 de ferro e 1 de madeira: todas porém solidas e perfeitamente construidas.

Sómente a 10 de Abril proximo fechava-se o prazo marcado para a conclusão de todos estes trabalhos; os esforços porém da diligente directoria da companhia, composta dos Srs. commendador Ferreira Lage, presidente, e Dr. Coelho de Castro, secretario, e a efficaz coadjuvação do Sr. Mello Franco permittirão que desde já pudesse ser franqueada ao publico a 1a. secção.

As diligencias para passageiros e carros de transportes de cargas começão hoje a trabalhar regularmente. Por enquanto achão-se apenas em serviço duas diligencias, uma para 16 e outra para 8 pessoas; em breve porém devem chegar outras duas de Inglaterra.

A companhia União e Industria acertou de regular o seu serviço pondo-se de acordo com o da estrada de ferro de Mauá, e encarregando á sua directoria a direcção geral dos transportes da Prainha á raiz da serra, de modo que quem sahir da côrte ás 6 horas da manhã, achar-se-ha ao meio dia em Pedro do Rio, e ás 6 horas da tarde na Parahyba do Sul.

Muito portanto ganhão com a 1a. secção desta estrada as communicações de alguns pontos do interior com a ca-



A rua Barão do Amazonas, e ao fundo o atual Palace-Hotel

capital ; mas isto nada é á vista dos resultados que nos promette a continuação da estrada.

Vão continuar os trabalhos na 2a. secção, de Pedro do Rio ao Parahyba, em uma extensão de 7 leguas. Do Parahyba ao Parahybuna deve estender-se por 5 leguas a estrada, que tambem está sendo já executada. Do Parahybuna ao Juiz de Fóra a companhia tem já promptas 7 leguas de estrada, que se ligão ás 16 que vão do Juiz de Fóra a Barbacena. Espera-se que dentro de trinta mezes se achem concluidos todos os trabalhos, fruindo as provincias do Rio de Janeiro e de Minas Geraes os bellos e preciosos fructos que lhes promette uma excellente estrada de rodagem, extensa de 40 leguas, tendo por extremos de um lado Barbacena e do outro Petropolis.

Se então (e breve chegará a época desejada) a companhia União e Industria colher os resultados que espera, e que devem coroar os seus esforços, suas azas se abrirão para maior vôo, e se fôr devidamente auxiliada, licito é suppôr que esta linha de communicação tão importante se prolongue até á barra do Rio das Velhas, onde começa a franca navegação do rio S. Francisco, e vá assim ligar-se á estrada de ferro do Joazeiro na Bahia com immensa utilidade de não poucas provincias do Brazil.

ADMINISTRAÇÃO ALBINO

Dos diretores da Colônia de Petrópolis que mais se distinguiram pelo brilho de sua administração está o Coronel Albino. Um comentário da época, bem focaliza o seu trabalho e a situação local na data respectiva:

Em abril do anno proximo passado annunciárão duas folhas diarias que estava nomeado director da colonia de Petropolis o Sr. tenente-coronel Alexandre Albino de Carvalho, em logar do Sr. Azeredo Coutinho, que se achava encarregado pelo governo da provincia da direcção de importantes trabalhos em Nictheroy.

O nome do Sr. tenente-coronel Alexandre, como um militar distincto e brioso, já nos era conhecido, assim como a energia e resolução de seu caracter.

Para logo portanto nós nos congratulámos com a colonia pela acertada escolha que fizera o governo da provincia, e pela convicção que nutriamos de que a mudança por que acabava de passar a administração de Petropolis reduzia-se a uma questão de nome; mas que o zelo e intelligencia que até então presidião seus destinos, continuavão sem interrupção na pessoa do novo director.

O primeiro acto do Sr. tenente-coronel Alexandre veiu convencer-nos que, alem das qualidades distinctas que já lhe conheciamos, possuia elle bastante fundo de justiça.

No mesmo dia em que assumiu a administração da colonia, o novo director dirigiu-se á ponte defronte ao palacio,

que a esse tempo ainda não se achava de todo concluida; e, depois de examina-la minuciosamente, rendendo os devidos elogios ao Sr. Azeredo, pediu-lhe, como que querendo dar-lhe um publico testemunho de sua consideração, que concluisse a sua obra, visto como, fazendo ella honra á intelligencia de seu autor, não desejava distrahir parte alguma da gloria que lhe era devida.

Não temos, e nunca tivemos, a menor disposição para lisongeiro. Somos, sim, eminentemente amigo da justiça, e nos desvanecemos muito, sempre que temos occasião de rendê-la ao merecimento de um patricio nosso, de um Brasileiro.

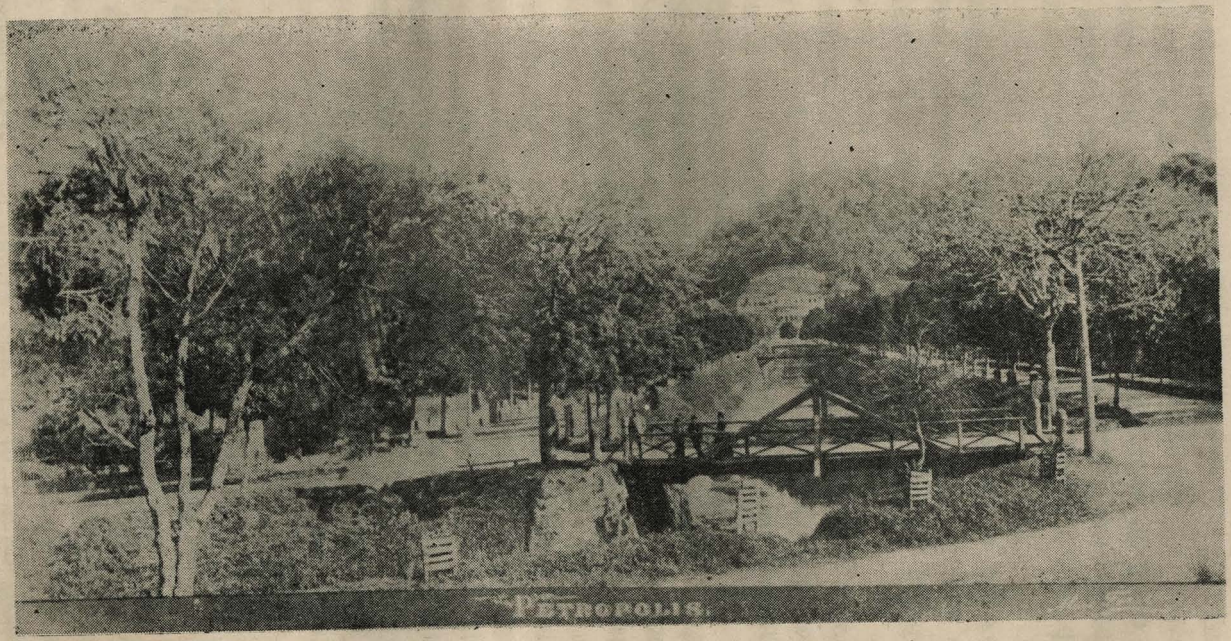
Relevem-nos pois as pessoas a quem nos dirigimos, se no decurso de nossas reflexões temos contrastado a modestia que tanto os distingue.

A satisfação que dahi nos resulta não é o unico motivo que determina o nosso procedimento; existe alem delia uma necessidade indeclinavel, pela obrigação que nos impuzemos, de expor com lhaneza todos os factos.

Demais, a gloria é partilha da virtude, e o louvor um incentivo com que esta se nutre. Entre os serviços feitos pelo Sr. tenente-coronel Alexandre, no curto espaço de dez mezes, principiaremos pela nova casa da directoria, a qual, apezar dos mesquinhos meios de que o director dispõe, acha-se decentemente montada, e por tal fórma distribuida e regulada a escripturação entre os empregados, que faz honra á sua intelligencia. Se o director, em suas vistas de progresso, fôr coadjuvado pelo governo da provincia, como sinceramente acreditamos, terá Petropolis em bem pouco tempo de apresentar consideraveis melhoramentos.

O chafariz da Praça Municipal, e nova matriz, e alguns outros edificios importantes, são trabalhos que, segundo nos consta, devem começar-se em bem pouco tempo.

Petropolis já se resentia da falta de um matadouro publico, porque, á proporção que a sua povoação se augmen-



Rua de Dom Afonso, hoje avenida Koeler, vista da nova Matriz

tava consideravelmente, multiplicavão-se os açougues na principal rua, a denominada do Imperador; e, como não houvesse um lugar destinado para a matança do gado, os individuos empregados em semelhante officio o exerciam nos seus quintaes; dahi os inconvenientes que são bem de prever-se.

A acquisição porém desse matadouro era um negocio bem difficil, attentas as circumstancias financeiras da camara municipal da Estrella, e o preço fabuloso por que são vendidas as terras em Petropolis.

Entretanto o Sr. tenente-coronel Alexandre conseguiu remover essa difficuldade, obtendo, por ordem do governo da provincia, a compra de um bello terreno, cuja localidade e disposições naturaes nada deixam a desejar.

Segundo estamos informados, o terreno custou á provincia seis contos de réis, isto é, um preço muito razoavel, á vista das compras que ha dous annos a esta data teem sido feitas.

Informão-nos tambem que o director promove com igual empenho a acquisição de outros terrenos para o cemiterio publico, necessidade não menos urgente, á vista do progresso com que vae marchando a edificação de predios nas vizinhanças do actual. O lugar, que para esse effeito nos dizem que está designado, satisfaz todas as considerações que devem ser attendidas, principalmente a respeito da hygiene publica.

E' mais uma difficuldade vencida pelo director.

Só nestas duas compras, que acabamos de mencionar, obteve o diretor da presidencia talvez mais de doze contos de réis, que, a não ser a dedicação e o zelo que o animão pela prosperidade da colonia que lhe foi confiada, tinhão de sahir da pequena consignação; ou então, o que é mais provavel, continuaria Petropolis por muito tempo ainda sem esses consideraveis beneficios. Já anteriormente o Sr. te-

nente-coronel Alexandre havia conseguido do governo da provincia alliviar a mesma consignação do ordenado de um conto e duzentos mil réis, que por ella recebia o engenheiro da serra, o Sr. major Marcondes. A verba destinada para as obras de Petropolis é de seis contos mensaes, inclusiveis os ordenados dos empregados da directoria, feitores e burgomestres, o que tudo, pouco mais ou menos, deve montar mensalmente a um conto e quinhentos mil réis.

Deduzida essa importancia da consignação de seis contos, fica a quantia liquida de quatro contos e quinhentos mil réis, com a qual o director, nos poucos mezes de sua administração, tem feito as seguintes obras: — O pontilhão da rua do Imperador, em frente á praça do mesmo nome; um não pequeno numero de boeiros de pedra de alvenaria nas ruas de Joinville, D. Affonso, D. Januaria, D. Francisca e da Imperatriz; um grande empedramento no alto da rua do Cemiterio, contendo a meio um boeiro, cuja falta tornava intransitavel aquelle lugar no tempo das aguas; um outro na rua dos Mineiros, que occupa toda a largura da rua; o grande boeiro da garganta, obra feita ha muitos annos, e que, em consequencia das grandes chuvas de maio do anno passado, ficou todo arruinado, alem de outros pequenos de madeira em differentes lugares. Notaremos tambem o empedramento de uma consideravel extensão na Villa Theresa, proxima ao alto da serra; a conclusão do rebaixamento da garganta sobre rocha viva; o prolongamento da rua do Imperador, adiante do hotel Suisso; varios concertos de caminhos, inclusive o da presidencia em guasi toda sua extensão, e immensos outros trabalhos, de que não podemos fazer aqui menção, porque seria longo detalha-los.

O Hospital, por exemplo, as duas igrejas catholica e protestante, a casa de detenção, o quartel do destacamento policial, soffrêrão todos mais ou menos reformas, e estão consideravelmente melhorados. A respeito do hospital, hoje con-

vertido em casa de caridade por uma resolução da assembléa provincial do anno proximo passado, julgamos de justiça não omittir as informações que colhemos, e que muito abonão a intelligencia e zelo do habil facultativo que o dirige. A' pericia e desvelos do Sr. Dr. Thomaz da Porciuncula, medico desse estabelecimento, deve elle os recursos vantajosos de que hoje goza; porque consignando-se no orçamento provincial uma verba de quarenta contos annuaes, pouco mais ou menos, para as despezas com as casas de caridade da provincia, o Sr. Dr. Thomaz, segundo somos informados, foi o primeiro que apresentou a idéa da conversão acima dita, e não descansou emquanto não obteve a sua realização. Com este verdadeiro beneficio obtido pelas diligencias e bons officios do Sr. Dr. Thomaz, o hospital da colonia goza hoje de immensas vantagens, e preenche satisfactoriamente todas as condições de uma verdadeira casa de caridade. Póde-se calcular em trinta, termo medio, o numero dos doentes que diariamente se utilisão dos beneficios desta pia instituição, entrando nesse calculo não só os doentes da colonia, como tambem de varios lugares vizinhos. O estabelecimento tem, além da enfermaria das mulheres, mais tres divisões: uma para os escravos, os quaes pagão cada um mil e duzentos réis por dia; outra para os doentes pobres, e a terceira finalmente para aquelles que podem pagar, os quaes são recolhidos em quartos separados, mediante uma diaria de mil e seiscentos réis, ou de dous mil réis. A botica do estabelecimento está tambem sob a immediata inspecção do facultativo, e a sua receita mensal regula de duzentos e cincoenta a trezentos mil réis.

Não temos a fortuna de cultivar relações de amizade com o Sr. Thomaz, o que porém não nos impede de render-lhe os merecidos louvores pela sua aptidão, e pelo desinteresse com que se presta aos soffrimentos da humanidade neste seculo em que prima o egoismo.

Ignoramos qual a gratificação que percebe o facultativo da casa de caridade de Petropolis. Dizem-nos que seus antecessores vencião um conto e duzentos mil réis annuaes, e tinhão casa que lhes dava a superintendencia; porém que, por occasião da entrada do Sr. Dr. Thomaz, essa gratificação foi consideravelmente reduzida. Se assim é, só podemos explicar esse facto pelo lado da economia, e não entrando em nossos calculos dirigir censuras a pessoa alguma, e muito menos metter a mão, como vulgarmente se diz — em seara alheia, — limitar-nos-hemos a observar que a grande sciencia da economia publica não consiste em gastar-se pouco dinheiro, e que um empregado da ordem do Sr. Dr. Thomaz, cujos serviços ao estabelecimento que dirige são geralmente reconhecidos, não se encontra com muita facilidade.

Temos concluido a primeira parte, isto é, aquella que diz respeito ás diversas administrações que tem tido a colonia de Petropolis desde 1846 (data de sua fundação) até o presente, da melhor fórma que nos permittiu a nossa limitada intelligencia.

Resta-nos o desenvolvimento e demonstração das proposições enunciadas na segunda e terceira parte.

CRONICA FEMININA DE 1869

Na época imperial, comprazia-se já o belo sexo em possuir um jornalzinho próprio, onde as nossas damas exercitavam frequentemente a pena. Editava-se na Côrte, e tinha o nome de «Jornal Para Todos». Petrópolis serviu de inspiração a várias crônicas femininas, e no número de 27 de Março de 1869, apareceu uma, assinada simplesmente por C, cuja reprodução deve despertar interesse. Ei-la:

«Bastante dos nossos leitores e muitas das nossas gentis leitoras não conhecem talvez a poetica e amenissima Petropolis, ou lá não foram este anno passar a estação calmosa.

Na firme crença, pois de ser-lhes agradavel vamos, narrar fiel, contar tim tim por tim tim, o que vimos, apreciamos e admiramos na bella *cidade de Pedro*.

Chegados apenas, ainda bem agradavelmente impressionados pelas doces recordações que dalli trouxemos, falta-nos quasi animo para descrever a vida européa, as festas, as harmonias, os supremos encantos, que hospitaleira e risonha, offerece a pittoresca Petropolis.

«Narrador feliz, que escreves para seres lido por olhos de azeviche, de esmeralda azues-celestes, diz-nos uma voz intima — a do dever, — começa tua invejavel missão». E eu enceto-a.

Parecerá talvez singular começar por onde deveramos terminar, mas, impressionaveis como somos, estamos ainda vivamente revoltados pelo acabamos de ouvir na ponte de Mauá, na côrte.

Depois de termos ao som de todos os hymnos, que encerra uma manhã de Março, na serra; depois de havermos deslisado, por assim dizer, pela soberba estrada, tão artisticamente aberta nas montanhas que estendem-se de Petropolis á Fabrica de Polvora; depois de termos enlevado olhos e coração nas riquezas infinitas da magestosa Guanabara, trazendo gravadas, no seio d'alma, recordações immorredoras, eis-nos saltando na ardente capital brasileira; eis-nos assaltados *in continenti*, mal tinhamos desembarcado por uma alluvião de perguntas de curiosos novelleiros, umas e outros mais ou menos ociosos, mais ou menos indiscretos, e o que é pasmoso, eis-nos sorprehendidos por uma praga de novidades, por uma centena de — dizem — sem merito improvisados, sem esforço refutados.

E o que ispira, o que anima os enfadonhos novelleiros? Não diremos que os movem sentimentos, que não apraz-nos nem mesmo aqui citar.

Apezar porém de tudo quanto commentam ou improvisam, a vida nas montanhosas e verdejantes regiões de que nos occupamos, é mais a realização de dourado sonho de imaginação superior do que o vegetar mesquinho, attribuido aos fugitivos da capital pela malidicencia e pela descortezia.

De manhã, o somno sob telas de lã quando morre-se abafado na côrte; mais tarde, nas horas medias do dia, as visitas, com intimidade acolhidas, com delicia extrema realisadas; ao declinar do sol, quando o poente derrama nos horizontes suas galas e suas purpuras, essa peregrinação á serra, onde uns vão esperar parentes e amigos ausentes, outros *ver esperar* os que ahi levam sentimentos mais doces do que a curiosidade; todas essas elegantes equipagens, todos esses cavalleiros, perfeitamente montados, toda essa elite trajando de gosto, mas homenagem á verdade, sem pretenção e sem luxo, apezar do que affirmam os — dizem — esse passeio aprazivel, em que, já o dissemos, uns vão consolar o co-

ração, apressando-se a saudar entes queridos, outros vão encantar a vista extasiando-se ante os fulgores irisados da tarde ; essa excursão (passeio ao *Bois*, como ahi chamam) e, momentos depois, a leitura de cartas intimas, impregnadas umas de saudade e affecto, outras cheias de noticias, e encerrando mil perguntas ; tudo isso e as noites frescas, tão frias a ponto de fazer esquecer que se está em pleno verão ; todos esses gozos, todas essas festas... eis o que certamente excita os gratuitos inimigos da inoffensiva Petropolis.

E tem razão os pobres *desgraçados !* porque tem motivo sobejo para perder a tramontana todos aquelles que não podem ir gozar durante o verão as delicias que encerra esse céo aberto, essa encantadora Petropolis, que comtudo não é Baden, nem jamais poderá sel-o. Porque Baden, a graciosa cidade da Germania, sentimental e poetica, e ao mesmo tempo prazenteira e feliz ; Baden, plantada entre montanhas e bosques, lá á borda do Oelbach, e que, alguem disse, parece ter sido o sitio destinado ao repouso ; Baden, cortejada durante o estio, quando — unica certamente no mundo — ostenta todas as riquezas de seu solo feliz, todos os thesouros, que a aristocracia, a elegancia, a literatura, a arte e a sciencia consagram-lhe ; Baden, o Eden a que concorrem não só o europeo, mas tambem o americano e o asiatico ; Baden, que altiva, mas gentil, magestosa, porém suave, recebe os cultos de todas as nacionalidades, visitada por soberanos e principes, pelas summidades e pelos genios, não tem igual no mundo !

E Petropolis, embora mais opulenta de vegetação, e querida pela sociedade brasileira, encrustada nas calidas regiões da America do Sul, se faz lembrar a cidade allemã, nem por isso assemelha-se muito a esse festivo oasis.

Entretanto, áquelles que não podem visitar o paraiso germanico, Petropolis offerece uma residencia tão agradavel quanto divertida.

Quem passeiar no seu jardim publico, no centro do qual ergue-se tão sobranceira, tão poetica, essa cruz ahi erigida em memoria da primeira missa alli celebrada outr'ora ; quem percorrer suas alamedas sombrias, ao som das musicas festivas, rodeiado da elite do Rio poderá acaso deixar de enamorar-se da faceira Petropolis ?

Quem não poder enlevar-se embalado pela musica de concertos quasi divinos, cercado da elite do mundo, lá na primeira cidade de aguas, por que hade gozar dessa natureza esplendida, desse clima temperado e ameno da nossa formosa Petropolis ?

Pena é que, aos domingos, seja esse jardim completamente invadido por uma profusão de sybillas affrontando os serafins da sociedade fina, que alli reunem-se ; sim, é certamente para lamentar que uma nuvem de amas, apoderando-se dos assentos e entulhando as ruas do jardim, quebre, por assim dizer, a harmonia do bello espectaculo que apresenta, frequentado por todas as familias ali residentes, o passeio da praça Coblentz.

Perdoem-lhes, porém, minhas senhoras, essas mulheres conduzem ou acompanham vossos filhinhos, vossos irmãos, ou amiguinhos, e todos esses entes queridos, com seus sorrisos do céo, com seus meigos olhares, parece-me estarem a pedir-vos indulgencia para as boas mulheres que delles cuidam.

E tirem desforra, quando voltarem para o Rio, reunindo-se em qualquer dia da semana no magnifico Passeio Publico da capital do Imperio, que tanto faz lembrar o *Parque Monceau*, em Paris, e cuja espaçosa varanda tanto recorda os classicos terraços de Veneza ! Oh ! podera eu conseguir o que lembro, e o Rio de Janeiro, que não tem hoje um ponto de reunião para as familias que o habitam, ficaria possuindo um verdadeiro attractivo que bem concorreria para quebrar a monotonia desta cidade.



Trecho da rua Teresa, vendo-se á esquerda o antigo Solar Araujo Maia, ainda alí existente.

Não hesitem. As tardes de Maio são tão esplendidas! Possam ellas convidal-as a realizar na capital o que em Petropolis tão facilmente conseguio-se.

Assim como alli abrem-se tão elegantes e confortaveis salões, porque não hade se estabelecer, na côrte, os divertimentos do campo?

Ninguem perderia com a reproducção das distracções da serra da cidade, como nada se perde com a reproducção das festas da côrte nas montanhas.

A proposito, folgamos annunciar aos nossos leitores que uma *esperançosa* festa campestre ali realizar-se-ha, sob a singella denominação de matinée dansante no dia 29 do corrente.

Organisada e dirigida por um grupo de distinctos cavalheiros, da sociedade elegante que este verão refugiou-se em Petropolis, essa festa, asseguramo-lo, hade estar magnifica e brilhante.

Della daremos, nós que fomos graciosamente convidados a concorrer a esse adeos a Petropolis, uma minuciosa narração.

Estivemos em mais de um salão elegantemente ornado e frequentado, e, temos prazer em dizel-o, causou-nos satisfação extrema encontrar longe da capital essa distincta sociedade que constitue seu mais bello ornamento.

Sabe-se que a estrada de ferro de Mauá vae suspender suas viagens: esta medida é o golpe de morte para Petropolis.

Destruir no dia seguinte o que com tanto esforço conseguiu-se na vespera. E' incrivel!!

Eliminar-se Petropolis de uma população nacional e estrangeira, verdadeira palmeira no meio do deserto, quando os ardores de Dezembro a Maio abrasam a cidade do Rio de Janeiro...

Temos fé que a barbara sentença será revogada por

vontade superior, e que um esforço bem louvavel salve a descuidosa e risonha Petropolis, loira nympha do Rheno, desertada de lá dessas poeticas regiões da phantasia, reclinada em brandos coxins de verdura e rosas, expandindo-se nas montanhas da America, aos fulgores dos sóes tropicaes, e scismando, alta noite, ao sonoro murmurio das aguas do Piabanha, enlevada nas scintillantes irradiações da Cruz do Sul.»

IMPRESSÕES DE 1872

Das inúmeras e periódicas crônicas que sobre Petrópolis foram escritas, notadamente na imprensa do Rio de Janeiro, não será só a natureza e qualidade do assunto que apresentam curiosidade. Há tambem interesse pelo que se teria dito sobre Petrópolis para o efeito das comparações cronológicas. Desta maneira, vamos reler as seguintes impressões, estampadas nos A pedidos, do Jornal do Comércio, de domidgo, 11 de Fevereiro de 1872, assinadas por X :

«Chego de Petropolis, onde nunca tinha ido, e onde passei cinco dias ; não posso conter o meu enthusiasmo e deixar de bater nos peitos e dizer — *mea culpa,* por ter só agora ido ver a bella e risonha cidade. Tenho querido dar a mim mesmo uma desculpa por não ter ha mais tempo visitado este ameno clima, e nenhuma descubro a não ser a seguinte : sou Brazileiro, tenho vivido sempre debaixo deste calor, que, se deixa livre o espirito, pelo menos abate o corpo, tolhe o movimento e só lembra repouso no circulo limitado do lidar de todos os dias ; tenho vivido, como quasi todos os Brazileiros, na cidade onde nasci, onde tenho ganho a vida, onde morrêrão meus paes, e onde nascêrão meus filhos, mal conheço os arrabaldes do Rio de Janeiro, e julgava indigno de minha curiosidade tudo o que não era o centro da côrte ou grandes cidades do velho mundo.

Atacado de uma febre perniciosa, devido ao rigor da estação calmosa que atravessamos, deu lugar a que meu medico me mandasse convalescer fóra da côrte, e que eu pro-

curasse o ar vivo e puro das montanhas ; lembrando-me Petropolis, immediatamente preparei-me, e parti resignado a aborrecer-me durante o tempo que alli estivesse, e resolvido a encurtar a ausencia ; nada disto aconteceu, principiei logo por gostar da barca que nos conduzio a Mauá, o seu asseio, a prohibição de fumar-se no salão de 1a. classe, onde se achão as senhoras, a cortezia dos empregados, e mesmo dos passageiros, tudo revelava que se viajava no meio de boa companhia ; em Mauá tomamos o trem do caminho de ferro, que nos levou á raiz da serra em 20 minutos, onde tomámos uma commoda berlinda, e apezar destas baldeações, que tornão a viagem variada, dentro de tres horas e meia achavamo-nos em Petropolis, apeando nos á porta do hotel de Bragança ; mal observei o que se passava ao redor de mim, onde e no meio de que gente estava, porque tive de, primeiro que tudo, tomar posse de mim mesmo, sentia-me já outro homem, os meus pulmões sorviam um ar de que já tinhão perdido a memoria, sentia o sangue gyrar-me rapido nas veias, erguia a cabeça involuntariamente, sentia-me agil, emfim mais moço, parecia-me que mão formosa affagava-me o rosto e anediava-me os cabellos, era a brisa viva e fresca das montanhas azues, no meio das quaes, como em um berço, se reclina a graciosa e elegante cidade de Petropolis.

Descrever esta formosa cidade com seus canaes debruados de relva e ensombrados de copadas arvores de um e outro lado, a architectura ligeira e variada de suas casas e dos elegantes e graciosos chalets, a belleza dos seus passeios, o doce murmurio de suas cascatas, o jardim arborizado que chamão Passeio Publico, emfim tudo que ha de bello e agradavel n'um canto privilegiado da terra, ficaria além de meu esforço ; basta dizer que os habitantes da côrte, durante esta ardente e perigosa estação, podem alli viver felizes e satisfeitos, gozando de uma temperatura de 20 gráos abaixo daquella que existe na côrte, principalmente os estrangeiros

que abordão ás nossas plagas, esses poderão fazer uma idéa da nossa luxuriante vegetação, da prodigalidade da natureza para com o mappa immenso do nosso Brasil.

E não ha alli só natureza, tambem existe a mais amena sociabilidade; distracções diversas, segundo a idiosincrasia de cada um; durante o dia um club reune os homens, e nos sabbados um esplendido baile, que é frequentado pelas familias dos socios; nos domingos e certos dias da semana uma companhia dramatica franceza representa comedias e dramas; em outros dias, no immenso salão ultimamente construido no hotel de Bragança, os artistas italianos Marziali, Pons, Escalante e outros dão concertos, assim como o celebre prestidigitador Mr. Faure Nicolay, que tem alli obtido immenso successo, nas suas diversas representações; toda a sociedade elegante da côrte acha-se em Petropolis, todos vivem e gozão como lhes apraz, o luxo ostenta-se vaidoso, a simplicidade brilha na sua elegancia e propriedade, todos gozão descuidosos do *qu'en dira-t'on*, e eu, que tambem quero viver, e que gosto do que é bom, vim á cidade somente para arranjar meus negocios e levar toda a minha familia para tambem gozar desse novo eden lá do alto das montanhas, que se chama Petropolis.»

RUA DE BRAGANÇA N. 8

Petrópolis, como soi acontecer na vida de todas as cidades, tem tido fazes de valorização e queda no preço das propriedades imobiliárias. Na época atual Petrópolis está em febre ascendente de valorização, e cresce de ano para ano o número e o valor das novas construções de casa.

No entanto, Petrópolis jamais perdeu o privilégio de estar em dia com o requinte das habitações nacionais nas diferentes épocas de sua vida.

Assim é que, há sessenta e seis anos, Petrópolis possuia imoveis dignos de menção. O Jornal do Comércio, de 14 de Março de 1876, anunciava o seguinte leilão de casa, que existiu onde boje se encontra a floricultura próxima ao Asilo do Amparo, na atual rua 1º de Março:

M. S. PINTO / competentemente autorizado / FAZ / LEILÃO / de uma bella casa de / SOBRADO / SITA A' RUA DE BRAGANÇA N. 8 / EM / PETROPOLIS / Esta casa, de um nobre aspecto e construida com solidez, foi ha pouco tempo reedificada ainda com mais gosto por sua proprietaria, que se esmerou em pôl-a ao nivel das mais lindas daquella pitoresca cidade, e conseguio que fosse sempre habitada por distinctos personagens de reconhecido bom gosto.

O terreno é foreiro, como todos os daquella cidade, e tem 10 braças de frente e 40 de fundo mais ou menos.

Tem o casa um gradil de ferro dourado em todas as 10

braças, espaçoso jardim á ingleza com bonito lago, e 10 a 15 braças de comprimento, portão de entrada com alpendre e saguão lageado de marmore.

Ao lado direito fica a grande sala de jantar com linda varanda em todo o comprimento, feitio de chalet; desta sala passa-se para um extensa varanda envidraçada de vidros de côres, e d'ahi para a cozinha, com dois fogões, um de ferro e outro de alvenaria.

Deste mesmo lado ficão dous quartos para criados, despensa, cocheira, estribaria para 4 animaes, agua de mina e de poço com bomba de alta pressão.

Ao lado esquerdo tem uma larga sala de espera, quarto de banho com chuveiro e escada posticula.

Estes compartimentos ficão no pavimento terreo; entre a casa, cozinha e estribaria ha um lindo jardim á ingleza com repuxo.

Nos altos tem a casa 6 janellas de grades de ferro dourado, com largos espaços, e para elles se sobe por uma magestosa escada de dous lances com balaustres envernizados com elegante patamar.

Tem dous grandes salões de 30 a 40 palmos quadrados, tres quartos com janellas para o jardim, platebande á moderna com balaustres, vasos e figuras.

O madeiramento do tecto é inteiramente novo, com telha franceza.

Todas as peças do sobrado são forradas de rico papel dourado e finas pinturas e todas esteiradas.

A propriedade está livre e desembaraçada de qualquer onus ou hypotheca, e antes das ultimas obras já ella rendia 3:000$000. Está no caso de servir para um collegio ou hotel e brevemente terá a vantagem de uma estrada de ferro, que já foi concedida.

O leilão terá lugar no armazem do annunciante / 26 RUA DO VISCONDE DE INHARMA 26 / HOJE / TERÇA-FEIRA 14 DO CORRENTE / A'S 11 HORAS DA MANHÃ.»

A
FUNDAÇÃO DE PETRÓPOLIS

PARECER DO SR. MAX FLEIUSS

A FUNDAÇÃO DE PETRÓPOLIS

A respeito da data da fundação de Petrópolis, a COMISSÃO DO CENTENÁRIO teve oportunidade de receber do sr. Prefeito Municipal cópia autenticada do parecer do ilustre confrade sr. Max Fleiuss, secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Tal parecer foi elaborado por solicitação do exmo. sr. Ministro da Justiça para atender a uma consulta que lhe fora feita, relativa ao assunto em apreço.

De posse do momentoso trabalho do sr. Fleiuss, remeteu aquele titular ao sr. Interventor Federal no Estado do Rio uma cópia do mesmo, tendo o Departamento das Municipalidades daquela unidade federativa transmitido, por sua vez, à Prefeitura Municipal de Petrópolis, o contexto do referido parecer.

A propósito do citado Decreto Imperial de 16 de Março de 1843, teve a COMISSÃO DO CENTENÁRIO DE PETRÓPOLIS o grato prazer de verificar o seu registro no «Livro IV de Registros de Decretos da Casa Imperial», vol. 33 dos Papeis da Mordomia, pag. 134, onde tem o número 155. Esses volumes, provenientes do Arquivo Nacional, acham-se agora recolhidos à biblioteca do Museu Imperial, por determinação do exmo. sr. Presidente da República.

Dando agasalho ao parecer do presado confrade sr. Max Fleiuss nas páginas de seus *Trabalhos*, a COMISSÃO DO

CENTENÁRIO DE PETRÓPOLIS acredita encerrar assim, definitivamente o assunto em questão.

PARECER:

«A questão da fundação de Petrópolis não foi objeto de nenhuma deliberação por parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E' certo que na nossa *Revista*, tomo LVIII, parte II, encontra-se o curioso trabalho do nosso saudoso consócio H. Raffard, sob a epígrafe «Jubileu de Petrópolis». Nessa memória o autor, não obstante mencionar integralmente o Decreto de 16 de março de 1843 e reportar-se às instruções de 30 de outubro do mesmo ano (pgs. 50, 51) preferiu adotar, como data da fundação, o dia 29 de junho de 1845, no qual chegaram os colonos alemães no antigo Córrego Seco, já então denominado — *Petrópolis* — em atos oficiais do Governo Provincial.

Mas o próprio Raffard, assim falando, à pg. 62 do aludido trabalho, deixou bem claro seu pensamento, frizando que com a chegada dos colonos, no citado dia, ficara «efetivamente fundada a *colônia* de Petrópolis».

Ora, a *colônia,* isto é, a implantação daqueles estrangeiros em local que ainda não lhes pertencia e lhes fôra determinado pelas autoridades do país, processou-se por meio de aforamentos perpétuos, que tambem se fizeram a nacionais, na conformidade com as disposições estatuidas no Decreto e instruções de 1843. E as próprias cartas de aforamento, passadas aos colonos e demais foreiros, desde o início sempre se referiram textualmente ao Decreto de 16 de março de 1843 e instruções do mesmo ano. Assim os próprios títulos, mediante os quais esses colonos e primitivos foreiros ao fixarem

ou houverem suas enfiteuses em Petrópolis, assentam sua origem no Imperial Decreto de 16 de março de 1843, que neles é mencionado e, em verdade, demarca o início da fundação de Petrópolis.

Aliás, o próprio Raffard, à pag. 55, não deixa a menor dúvida quanto à existência de PETRÓPOLIS antes da chegada dos colonos, com efeito, assim descreveu o referido autor:

> «Petrópolis pouco se adiantou em 1844, em consequência da falta de habitantes e da dificuldade dos caminhos, e os trabalhos da serra continuaram com lentidão, por falta de operários.»

Portanto, já existia, já iniciava seus primeiros passos, lutando com dificuldades de braços para as obras dos caminhos e da serra, que exatamente se tornavam as mais urgentes e necessárias ao desenvolvimento local.

E são ainda do mesmo Raffard, à pag. 56 as seguintes observações:

> «Em 1844 deu-se começo ao barracão da rua do Imperador (onde em 1893 se achava ainda a repartição de obras públicas) para acomodação dos empregados do povoado e repartição de obras, sendo acabado tal qual ainda hoje se vê.
>
> «Nesse mesmo ano procedeu-se à demarcação de diversos prazos de terra, sendo alguns apurados e outros dados pelo Sr. D. Pedro II a certos homens notaveis pelos serviços prestados ao Estado.
>
> «Em janeiro de 1845 chegaram cerca de 40 pretos enviados da Fazenda de Santa Cruz, para serem empregados nas obras preliminares do Palácio Imperial, etc.
>
> «Em fevereiro deu-se começo às obras do pa-

lácio (provavelmente os alicerces), sendo primeiro mestre o português Manoel de Almeida, debaixo da direção do major Koeler.»

Não há, portanto, como desconhecer ou contestar: — antes de chegarem os colonos já se iniciara a fundação de Petrópolis. E começara com um plano bem definido e delineado nas instruções de 1843, que desde logo ficaram as normas para as construções, arruamentos, plantios de árvores, qualidades e dimensões das calçadas fronteiras às construções, captações de águas pluviais, canalização de rios, etc., plano verdadeiramente adiantado para a época, que se observou e que bem valia como código de posturas para o nascente povoado e vindoura cidade.

Ao demais, para provar-se que a fundação de Petrópolis se iniciara anteriormente a 1845, basta atender-se às disposições do ato governamental da Província do Rio de Janeiro, que, em 29 de março de 1844, *criou «a subdelegacia de polícia, que se denominara do 2º distrito ou de Petrópolis»*, e determinou a criação ali de um juizo de paz.

Não é crivei que se criasse uma «*subdelegacia de polícia*» e um «juizo de paz» em localidade onde ainda não houvesse moradores ou não estivesse fundada... E tais criações, note-se bem, fazia o governo da Província Fluminense exatamente *um ano e três meses antes da chegada dos colonos.*

Isto posto, venho justificar, em face dos documentos citados, a minha opinião respeitante à fundação de Petrópolis, oriunda do Imperial Decreto de 16 de março de 1843. Sou, assim, partidário da *Comemoração do Centenário de Petrópolis em 1943*, colhendo plenamente

justificados os atos das autoridades petropolitanas, que assim tenham resolvido.

Quanto ao Magnânimo Imperador, não foi somente o principal fundador de Petrópolis, que dele houve as terras e teve a honra de usar-lhe o nome : foi o grande realizador, o maior e o mais entusiasta dos *petropolitanos de coração,* que nunca a esqueceu e, mesmo do exílio, sempre lembrou-a carinhosamente.

Queira o meu Amigo ler os estudos da *Comissão do Centenário* e do Instituto Histórico de Petrópolis e, à luz dos documentos ali coligidos e estudados, há de ver quão honestamente teem sido estudados tais assuntos por diversos membros daquela *Comissão* e citado Instituto, aos quais tenho a honra de pertencer.

(a) DR. MAX FLEIUSS»

DOCUMENTOS

MORDOMIA DA CASA IMPERIAL
REGISTROS DE DECRETOS — III — 1840-45 VOLUME 32

Pg. 105 — 1845 CLXXXII — 15 de Janeiro — Tendo ordenado a construcção de nm Palacete na Minha Imperial Fazenda de Petropolis pelo plano que me apprezentou o Mordomo de Minha Imperial Caza o Conselheiro Paulo Barbosa da Silva, feito pelo Major Julio Frederico Koeler, a quem encarrego da execução da sobredita obra, Hei por bem authorizar ao sobredito Mordomo a mandar dár ao dito Major a quantia de tres contos de reis por uma vez, para occurrer ás primeiras despezas, das quaes deverá dar contas em forma, assignadas e verificadas pelo escrivão e apontador da mesma Obra, e mestres respectivos, ficando elle sempre com esta quantia adiantada para ir occorrendo ás despezas da Obra, emquanto as férias não forem pagas, devendo o dito Major regular-se em tudo o mais pelas ulteriores ordens que pelo sobredito Mordomo, Eu houver por bem Determinar. Paço da Bôa Vista aos quinze de Janeiro de mil oitocentos e quarenta e cinco, vigesimo quarto da Independencia e do Imperio — Dom Pedro II — Paulo Barbosa da Silva.

Pg. 107 — 1845 CLXXXVII — 13 de Março — Hei por bem authorisar a Paulo Barbosa da Silva, do Meo Conselho, Official Mór, e Mordomo da Minha Imperial Caza, a mandar pagar a quantia de quarenta e um conto dous mil setecentos cincoenta e oito reis, ás pessoas constantes da relação que baixa no verso deste, assignada pelo referido Mordomo, o qual o tenha assim entendido e cumpra, Paço da Bôa-Vista em treze de Março de mil oitocentos e quarenta e cinco, vigesimo quarto da Independencia e do Imperio — Dom Pedro II — Paulo Barbosada Silva.

Relação a que se refere este Decreto :

Ao Major Julio Frederico Koeler, importancia da féria de Jornaes, e materiaes para as obras em Petropolis 5:605$946.

Pg. 108 — 1845 CLXXXVIII — 3 de Abril — Hei por bem Authorizar a Paulo Barbosa da Silva do Meu Conselho, Official Mór e Mordomo da Minha Imperial Caza, a assignar com vinte acçoens de quinhentos mil reis, para a companhia Petropolitana. O mesmo Mordomo o tenha assim entendido e cumpra. Paço da Bôa-Vista em tres de Abril de mil oitocentos e quarenta e cinco, vigesimo quarto da Independencia e do Imperio. Dom Pedro II — Paulo Barbosa da Silva.

Pg. 108 — 1845 CLXXXIV — 10 de Abril — Hei por bem Authorizar

a Paulo Barbosa da Silva do Meu Conselho, Official Mór e Mordomo da Minha Imperial Caza, a mandar pagar a quantia de dezanove contos duzentos e setenta e um reis, ás pessoas constantes da relação que baixa no verso deste, assignada pelo referido Mordomo, o qual o tenha assim entendido e cumpra. Paço da Bôa-Vista, dez de Abril de mil oitocentos e quarenta e cinco, vigesimo quarto da Independencia e do Imperio. Dom Pedro II — Paulo Barbosa da Silva.

Relação das despezas a que se refere este decreto :

Ao Major Julio Frederico Koeler, importancia da féria e Jornaes, materiaes para as obras em Petropolis, Março 4:488$389.

Pg. 110 — 1845 CXCII — 17 de Maio — Hey por bem Authorizar a Paulo Barbosa da Silva, do Meu Conselho, Official Mór e Mordomo da Minha Imperial Caza, a mandar pagar a quantia de vinte e sete contos novecentos quarenta e cinco reis ás pessoas constantes da relação que baixa no verso deste assignada pelo mesmo Mordomo, que assim o tenha entendido e cumpra. Paço em dezesete de Maio de mil oitocentos e quarenta e cinco, vigesimo quarto da Independencia e do Imperio. Dom Pedro II — Paulo Barbosa da Silva.

Relação das pessoas a que se refere este decreto :

Ao Major Julio Frederico Koeler, despezas que fez com o Palacete de Petropolis em Abril 3:006$626.

Pg. 111 — 1845 CXCIV — 5 de Junho — Hei por bem Authorizar a Paulo Barbosa da Silva do Meu Conselho Official Mór, e Mordomo da Minha Imperial Caza, a mandar pagar ao Major Julio Frederico Koeler, a quantia de tres contos quinhentos e oitenta e seis novecentos trinta e nove reis, importancia de despezas feitas com a obra do Palacio de Petropolis no mez de Maio ultimo. O mesmo Mordomo o tenha assim entendido e cumpra. Paço da Bôa-Vista em cinco de Junho de mil oitocentos e quarenta e cinco, vigesimo quarto da Independencia e do Imperio. — Dom Pedro II — Paulo Barbosa da Silva.

Pg. 113 — 1845 CXCVIII — 3 de Julho — Hei por bem, etc.

Ao Almoxarife do Paço da cidade :

Idem pelo que deo aos colonos de Petropolis 500$000.

Pg. 113 — 1845 CXCIX — 17 de Julho — Hei por bem Authorizar a Paulo Barbosa da Silva, do Meu Conselho, Official Mór e Mordomo da Minha Imperial Caza, a mandar pagar ao Major Julio Frederico Koeler, a quantia de seis contos trezentos e setenta e tres mil seiscentos trinta e tres reis, importancia das despezas feitas com a obra do Palacio de Petropolis no mez de Junho ultimo. Paço da Bôa-Vista em dezesete de Julho de mil oitocentos e quarenta e cinco, Vigesimo quarto da Independencia e do Imperio — Dom Pedro II — Paulo Barbosa da Silva.

ÍNDICE

Comissão do Centenário de Petrópolis 3

ANTÔNIO MACHADO

Corrêas

Resenha de suas origens e de sua evolução..... 7
Cap. I — Rio da Cidade 15
Cap. II — A lenda do Tiradentes 21
Cap. III — Capelas Históricas 33
Cap. IV — Quem foram os Corrêas..... 39
Cap. V — A Capela de Corrêas..... 49
Cap VI — A Fazenda de Santo Antônio 65
Cap. VII — A Fazenda da Olaria... 73
Cap. VIII — A Fazenda da Samambaia 89
Cap. IX — A Fazenda da Engenhoca..... 101
Cap. X — A Fazenda da Arca 105
Cap. XI — A Fazenda do Padre Corrêa..... 121
Cap. XII — A decadência da Fazenda 143
Cap. XIII — Os últimos proprietários da Fazenda 149
Cap. XIV — Quando nasceu Petrópolis..... 159
Cap. XV — Personagens de outros tempos 165
Cap. XVI — Impressões do preto Getúlio..... 179
Cap. XVII — Reminiscências 187
Cap. XVIII — O Retalhamento de Corrêas... 193
Cap. XIX — A Casa da Fazenda... 199
Cap. XX — Evolução de Corrêas..... 203
Cap. XXI — O Clima de Corrêas..... 209
Cap. XXII — Últimas palavras..... 217

ALCINDO SODRÉ

Crônicas Petropolitanas:

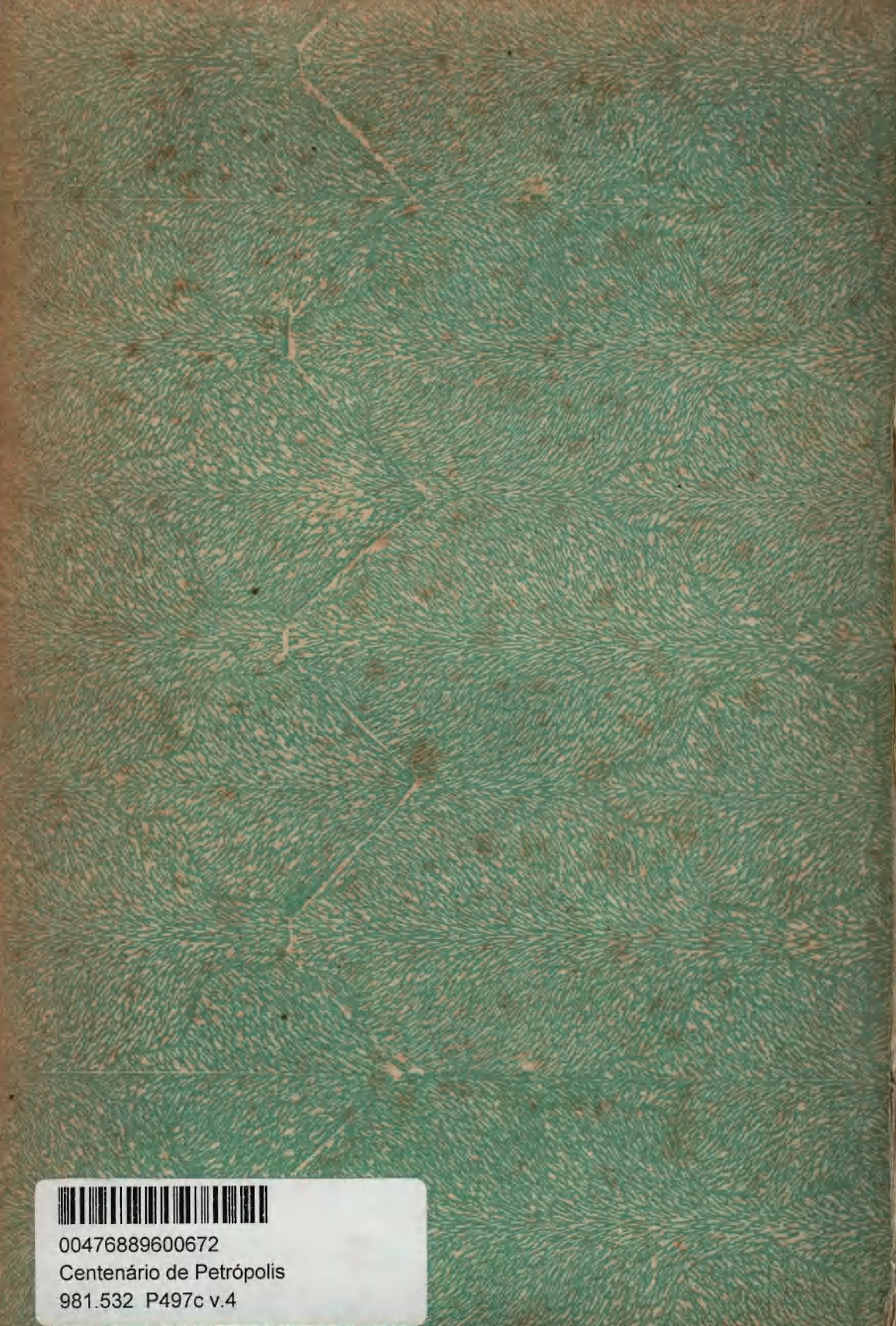
Fazenda e Palácio Imperial da Concórdia..... 223
Boulanger no Córrego Seco em 1835..... 227
Enchentes e Mágicos 231
Nem autógrafo, nem comenda !..... 237
Pedro II e a Igrejá de São Pedro de Alcântara 239
A Medição da Fazenda Imperial 243
A inauguração da «União e Indústria»..... 253
Administração Albino..... 259
Crônica Feminina de 1869..... 265
Impressões de 1872..... 271
Rua de Bragança n. 8..... 275

MAX FLEIUSS

A Fundação de Petrópolis (Parecer)..... 277
DOCUMENTOS..... 285

MUSEU IMPERIAL - Biblioteca

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Tipografia Ipiranga, de Armando Martins, no anno de 1941.



00476889600672
Centenário de Petrópolis
981.532 P497c v.4